BAYJU
LISBOA

OS GATOS

F438g

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO MENSAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 4 — Março a Junho de 1890

163064
29/10/19

PORTO
CASA EDITORA ALCINO ARANHA & C.ª
91 a 95, Rua do Bomjardim, 91 a 95
FILIAL EM LISBOA
75, Rua dos Retrozeiros, 75

Typ. da Casa Editora ALCINO ARANHA & C.ª

SUMMARIO

A TRAGEDIA D'UM HOMEM DE GENIO OBSCURO — RAZÃO DE SER D'ESTA MONOGRAPHIA — CHEGA MANOEL A LISBOA, E DO SEU FUROR POR SARDINHAS FRITAS — JÁ NÃO HA PATACOS FECUNDOS! — PRELECÇÃO NO GREMIO, A UNS BRAZILEIROS — INTERVEM JULIÃO A EXPLICAR A SUA CARREIRA DE HOMEM PUBLICO — TYPOS QUE SUPPONHO CELEBRES — O *toilette* É UMA DAS MAIS ALTAS CONCEPÇÕES HUMANAS SOBRE A TERRA — A D. DOMINGAS DO VIOLÃO — PEÇA HISTORICA, EM BENEFICIO — A ALIMENTICIA-CHIMICO-LITTERARIA — DE COMO A TRAGICA HELIODORA GALARDOOU A POESIA — PROVA-SE COM FRANCISCO DE HOLLANDA, QUE EM TODOS OS TEMPOS HA SIDO A COUVE, O ESTEIO DA

ARTE — A PEÇA E OS CRITICOS — O THEATRO POR DENTRO — AS VIUVAS DEVEM PÔR NO PRÉGO OS JAZIGOS DOS MARIDOS — PRIMEIRAS DIVAGAÇÕES D'UM MELANCHOLICO: SUAS LEITURAS, MYSANTROPIA, E REGRESSÃO DO SER MORAL — FESTIM COM MUSICA DE CAMARA — ESSA TARDE — PRIMEIRAS FALHAS MENTAES DE MANOEL, E ANALYSE DAS SUAS FORMAS DE CEREBRAÇÃO ARTISTICA — CARTA EM QUE SE PINTA NITIDAMENTE «UM DUPLO» — DIAS DE TRISTEZA E DE MISERIA — PHENOMENOS D'ECHOLALIA — FUGA RETROSPECTIVA, EM QUE SE TRACEJA A ADOLESCENCIA DO BOHEMIO, SUAS ESTRAVAGANCIAS DE CARACTER, E TENDENCIAS PARA A NEVROPATHIA SENTIMENTAL — FORMAS DA SUA IRONIA, E AMOSTRA DAS SUAS SATYRAS — DE COMO ESSA SENSIBILIDADE QUAZI DOLOROSA, É INCAPAZ DE REALISAR UMA OBRA VALIDA — ESBOÇO PARA UMA HISTORIA DO AMOR MYSTICO EM PORTUGAL — ACCENTUA-SE O FRACCIONAMENTO MENTAL; ALTERNATIVAS DE HUMOR E INTERÇADENCIAS DE TRABALHO — NA SUA ESTHETICA, COMO NA SUA VIDA, SOBRESALTOS DE LOUCO — FIGURAÇÃO SINTHETICA DO SEU ESPIRITO — A CONVALESCENÇA: BONDADE DE MANUEL, SEU PANTHEISMO, E DEBILIDADE IDEOLOGICA — INQUIETAÇÕES COM FOR-

MA D'ACESSO, E PRIMEIRA IMPULSÃO SUICIDA — EM QUE A SUA PSYCHOPATIA TOMA CARACTER CLINICO — A REVISTA DE PORTUGAL: *Fradique Mendes* É O CONSELHEIRO ACACIO A SERIO — RAZÃO PORQUE NÓS COMPRAMOS QUINTAS — ESBOÇO D'UM DYPSOMANIACO HEREDITARIO — DELIRIO ALCOOLICO, COM ALLUCINAÇÕES D'OUVIDO, E PERVERSÕES DO SENSO MORAL — A VAGABUNDAGEM D'ELLE NAS RUAS — ROUBOS PARA BEBER — LISBOA CRIMINAL — IMPULSÕES HOMICIDAS: ACORDA EM MANOEL UM SER SANGUISEDENTO — A CATASTROPHE, ENTRADA EM RILHAFOLLES, E MORTE — ESSA MULHER DE NEGRO — EM QUE O LACRIMEJANTE PRATAS LEVANTA O PONTAPÉ, Á ALTURA D'UM ARGUMENTO SCIENTIFICO.

Manoel appareceu em Lisboa, *(a)* quando a bem dizer já ninguem esperava por elle. Passára aquella esbandalhada phase da vida litteraria, posta em vóga por Murger, Gustavo Planche e Gerardo de Nerwal, com dormidas no desvão das escadas, e utopias sublimes

---

(a) A morte de José Paes de Figueiredo e d'Antonio José da Costa Montenegro, dois officiaes de marinha que eu adorei, e de quem, nos livres annos da escola fui confidente e camarada, pôe-me a reflectir que hoje os trinta annos são já uma velhice, e que eu tenho bem o direito d'ir buscar ás recordações o assumpto das minhas paginas, sem discriminar em pontos, o trama litterario, de certos epitaphios.

Mercê de não sei que mysanthropia moral que me faz desconfiar dos homens a cuja evolução não assisti, resulta que não podendo eu já fazer amigos novos, transformo os velhos como que em projecções do meu proprio ser,

no fundo dos meios grógs: vida reles de casacos voltados, colchões no prego e iscas de figado. Já por aquelle tempo decrescia no Martinho a terrivel phalange dos revoltados á Byron, e entrava a achar-se um tic pulha nas attitudes procuradas, nas vozes de chibato, nos olhares revoltos, e mais artificios de que até alli os homens de lettras se revestiam em publico, por fugir ao molde burguez da outra gente. Não sei que folhetinista fizera a apotheose da agua fria—e viu-se o espectaculo d'uma litteratura correndo aos banhos publicos, e distinjindo como uma botifarra de recruta, por modo a não ser mais reconhecida

---

e assim cuido moedal-os, com a minha estima fraterna, em outras tantas modalidades do estranho animal que em mim se agita, por forma a me produzir a illusão de que vivendo entre elles, realmente eu não vivo senão comigo mesmo.

Inda que isto pareça jactancia, devo contar que houve no meu cyclo muitos seres d'excepção, cuja luminosidade interior, desarmada das combinações focaes que dão publicidade, nem por isso deixou de chispar genio, e cujo inauditismo artistico raro foi que não produzisse maravilhas, minusculas embora de fabrica—porque ás organisações exageradamente emotivas não se comprazem obras

pelos seus familiares. Manoel, o phantastico Manoel das noitadas com ceias de bacalhau por quatro e meio, o bohemio de grenha convulsiva, casacão côr d'alambre, barba d'ephebo, e a mais vermelha bocca de baby, veio ao Tejo n'um periodo esteril que sacrificava ao bezerro de ouro, já entre os jornalistas se ia generalisando a usança d'uma certa frescura em roupas brancas. Aquella brusca figura toda nervos, pousando ante as situações difficeis n'uma certeza anticipada de successo, e altiva como se viesse de berço real, com luvas claras todos os dias e não dando nunca pelas cambaduras dos tacões, almoçando uma espe-

---

fortes, e tanta é a sua delicadeza, que ellas se estancam nada mais do que a sentir-se viver.

Das creaturas predestinadas que digo, raras havia porem viaveis para a vida, e as que não teem morrido a sonhar combinações chimericas d'ideias com palavras, as que se não teem sumido suptriciamente pelos paquetes d'Africa e d'America, pelas malapostas e caminhos de ferro da provincia, soada a hora de liquidar a mocidade, por ahi andam como eu, revolvendo da phantasia adolescente os ultimos brazidos, vendo o horisonte esfriar nas tintas do outono perto, e lançando emfim aos echos mortos, a confissão terrivel.—Que de tempo perdido!...

rança de jantar, jantando uma phantasmagoria de ceia, ceando uma incerteza d'almoço, e por ventura acabando a noite a fumar uma reminiscencia de charuto—aquella brusca figura escandalisou pelos cafés o olho glacido dos que saboream o seu rhum depois de jantar, espapaçados na vida, entre um charuto e um conhecido.

Manoel mal conhecia em Lisboa sujeito que se permittisse o deboxe de habitar casa, ou ter dois casacos. Os amigos que contrahira em annos de bohemia, eram como elle, pobres viajores noctambulos das ruas, dormindo pelas escadas, idealisando a que saberia fran-

Entre os intimos dos intimos, e os irregulares dos irregulares, que n'uma camaradagem de quinze annos eu aprendi a considerar como organisações intangiveis de saboyanos cantantes, de poetas febris, e de foragidos semi-deuses, destaca a personalidade estranha que por conveniencias de familia sou forçado a envolver no pseudonymo de Manoel, e cuja monographia propositalmente expurgo dos episodios e nomes que podessem levar remorso á alma d'um pobre velho repeso de haver sido o verdugo de seu filho, e á tibiez d'um bronco que ignorou sempre a supremacia mental e a selectissima cultura do encantador rapaz que victimou.

gão com ervilhas, e indo nos dias gordos cear em sociedade o fricassé d'algum gato surprehendido em amores illicitos, nos escaninhos d'um becco esfumacento.

E parado a orientar-se, como remexia superfluamente as algibeiras, com uma cara de desgosto de familia, veio-lhe á memoria uma fortuna, seis annos antes, aquella noite em que metendo a mão pelos forros d'uma japona comprada a ferros velhos, encontrára cinco tostões, subitamente. Tão fecundos são os leitos dos pobres, que a filharada rebenta em cada nove mezes, d'um gomo — só os fundos falsos dos velhos jaquetões não sabem conceber da mão cubiçosa que os viola, uma carinha sequer, de cada vez! Nos jornaes d'Inglaterra lêra um caso... era um mendigo que recebeu d'um rico não sei que moedasita de cobre, por signal tirada d'uma bolsa onde estivera a telintar com libras d'oiro fino. Reparou elle que a moeda tinha no centro como que uma singular dilatação — Defeito de cunhagem talvez, disse consigo: e dirigia-se

cantando, para a taberna mais perto, quando um estalido se lhe produz na mão fechada... era a moeda de cobre, que engravidada pelo oiro da bolsa do ricaço, acabava de ter um bom successo de carinhas novas, tudo em prata!

Ah, raio de vida! N'estes deliquescentes paizes do meio dia, a fecundidade sustava-se não só no oveiro das mães, mas assim na barriga dos patacos — o ultimo dos quaes fecundo, tinha sido o sr. D. João VI.

Mas coração ao largo! O ponto agora era procurar um rumo certo. Subiria ou desceria a rua? Era a hora dos theatros. Uma população phrenetica entrechocava-se, gralhando. Elle ouvira dizer que se frigiam em Lisboa sardinhas ricamente... Folheou então os seus apontamentos, quiz saber onde ficava o Gremio; e como lh'o indicassem, enfiou pela escadaria, na compostura que se lhe afigurára mais independente.

Ia atravessando salas sobre salas, folheava jornaes, examinou as horas no relogio do salão verde, admirando em amador, o magnifico Mephistopheles de bronze que o encima; e como a obsessão das sardinhas fritas o roia, elle,

retocando na face um pequeno ar spleenetico, quiz saber se o visconde já tinha chegado.

— Qual visconde quer V. Ex.ª dizer? perguntou o creado.

— O visconde. Ora não conheces tu outro!

— Mas aqui vem muitos, meu senhor.

— Pois é um desses.

— Ah, esse não veio cá hoje.

Á roda d'uma banca, n'um gabinete forrado de cretone, velhotes trinchavam o problema das colonias, com o vagar de quem não faz tenção de o resolver, emquanto mais longe, dois brazileiros se absorviam a criticar uma gravura emoldurada a oiro na parede.

Manoel saudou muito cortez, os cavalheiros; era magnifico, com o seu cache-nez no sitio da camisa, o sobretudo amarello abotoado, a mão napoleonicamente occulta na abotoadura do peito: e foi-se aos brazileiros com passo lento, tendo o monoculo na orbita, finamente. D'aquelles dois ratões, um era secco, radiculoso, rolando os olhitos dubios — iris amarellas n'uma sclerotica de sangue — e ta-

manha bocca, tamanha, que ao gargalhar dir-se-hia degolado. E quanto ao segundo, era pequeno, côr de abobora coberta, a cabelleira bicuda no pincaro e toda aparada egual por baixo das orelhas—o que lhe dava o aspecto de passear coifado por uma borla de reposteiro. E Manoel, bamboleando as pernas, ficou-se a analysar tambem o quadro, com um soberbo aplomb d'entendedor.

—Guerra di moiro! grunhiu por fim o homemsinho, rompendo a contemplação do seu collega.

E o degolado, acquiescendo—já viu?

Manoel que se acercara de mais perto, estrangulou de proposito um frouxo de riso, imperceptivel e superior. O radiculoso tinha-se voltado, e abria a enormissima dentuça como um leque.

—Hen?

—Mas é o Rapto das Sabinas, meus senhores, não confundir... disse o bohemio. Era uma agua-forte ingleza, bem mordida, n'um grande vigor anatomico de desenho. E ante os dois philisteus boquiabertos, Manoel parecia decidido a explicar a passagem historica. Disse turporosamente a fundação de Ro-

ma, sua infancia como cidade, as primeiras leis oraes, a falta de mulheres. Na lenda da loba amamentando Remo e Romulo, foi pathetico, e citou a Rua do Ouvidor... Os brazileiros, vá d'enxugar os olhos marejados!

—Um momento, seu moço, disse o côr d'abobora coberta. Me consinta que apresente outros patricios chegados no paquete. Hen?

Os que estavam cavaqueando em torno á banca, tinham-se levantado todos em cerimonial, puxando os punhos.

—Agora nos explique Sabinas, regougaram os brazileiros ao mesmo tempo.

Manoel fel-os sentar em filas paralellas, passou os dedos pela trunfa com modos d'inspirado, e n'um bello movimento, estendendo o chapeu:

—Dois tostões cada pessoa. Vae principiar!

Quando á porta da sala uma voz prerompeu em exclamações—Oh Manoel! Oh scellerado! Era Julião, o jornalista Julião que sou-

bera elevar-se pelos seus artigos politicos; Julião que despachado official de secretaria, as suas contas pagas, liquidada a bohemia, começara a frequentar a sociedade de cabello á ingleza, luvas estranhas, e o secretariado perpetuo de todas as associações de beneficencia.

Julião afigurava-se um ideal de fortuna intrepida a todos os desempregados que roiam as unhas á porta dos botequins.

Uma vez no pinaculo, tornara-se affectuoso e tolerante, desdizendo aquelle republicanismo de quando, sem camisa, era eximio em coser collarinhos de papel á gola de casacos sem forro, e tombas de ceról na gaspeadura de botinas estrompadas.

Abraçaram-se.

—Como eu estou contente em te apanhar aqui! esplodiu Julião. Onde moras tu?

O outro declarou-lhe então que não morava.

—Que? fez o gentleman, procurando fingir-se admirado. Mas onde é que almoças?

—Eu não almoço...

—Bem! Vejo que ainda continuas a erguer-te tarde. Mas pelo menos has-de dizer ao teu amigo aonde jantas.

—Mas se eu nem janto! tartamudeou o bohemio, em geito funebre.

—Diabo! falla baixo. O peor é eu não ter comigo uma de seis.

Já Manoel alisava com mimo a bellissima fazenda do par-dessus de Julião.

—Este casaco, no Roma, deita pr'alem d'oito mil reis. Riquissimo traste! Quem ficou sem elle, não haverá por acaso outro que m'endósse, pelo mesmo preço?

—Vamos cear, exclamou subitamente o burocrata. E elles sahiram.

—Diz primeiro o que teus feito, fez o bohemio passando o braço ao pescoço do gazeteiro.

—Ando por hi a construir o meu nicho, como posso.

—Eis a questão difficil.

—Oh, difficil! A sinceridade com que nós discutiamos a vida, um livro, um homem, em tua casa, aquellas noites... Ninguem esfarrapou ainda uma besta com mais pujante hombridade, do que cá estes dois sarrafaçaes!

—Ricas tareias, sim senhor! disse Manoel.

—Ah, que tolice que eu fiz em me crear aversões nos condiscipulos bem nascidos!

Que m'importava a mim que elles fossem cretinos ou prodigios? Devia prevêr que seriam esses os futuros mandões cá do paiz. E agora, nenhum d'elles me perdôa as insolencias que lhes disse, quando a regra pratica seria captar-lhes as boas graças de começo, afim de lhes explorar a prosapia, a seu tempo. Nós fizemos de quasi todos inimigos irreconciliaveis — e a exemplificar, Julião citava nomes — Não pódes calcular a velhacaria que eu tenho gasto para reconduzir a mim as figuras que molestei outr'ora, de parceria comtigo! Parece que d'aquelles trinta e seis asnos sahiram trinta e seis mil conselheiros influentes, que estão de sentinella a todos os cargos que eu desejo, e se atravessam na porta de todas as aspirações a que eu ouso erguer a vista.

— Mas com o teu talento, é esmagal-os!

— Qual esmagal-os! Riso na bocca, e vá de fingir que se lhes não percebe a má vontade. Por mim, estou aclimado. Summo respeito ás reputações feitas, fallo sempre do governo em termos comedidos, sei exaltar como ninguem os actos dos ministros, manejar o sygillo partidario como poucos; e não largo d'olho nem um só dos bons logares que me convem.

Accrescentou em vóz rancorosa — quando um dia estiver de cima. . . — e fez com a mão o gesto d'um cutello descendo para ferir.

— Em resumo, disse Manoel, para se ser alguma coisa cá na terra, é indispensavel deitar ao mar toda a vergonha.

Entraram n'uma taberna. Julião quiz peixe, emquanto Manoel com ares bicaes, abria com uma canja regada a Termo tinto.

— Mas que vieste tu fazer a Lisboa? É emprego?

— A provincia enfastiava-me: depois, li nos jornaes que se ia abrir um curso de violoncello. . .

— Optaste pela musica, bravo! E estás matriculado?

— Eu não. E tu?

— Ouve. Porque não escreves tu alguma coisa? No meu jornal pagam os folhetins a tres mil reis. Dois por semana. Oito por mez. É um auxilio, que diabo!

— Uf! repugna-me assignar a obra de toda a gente. Entre a intrepidez dos meus ideaes

artisticos, e a mesquinharia dos meus recursos picturaes, ha um abysmo d'impotencia de que não quero dar prova aos meus contemporaneos. E todavia, acreditarás?... mau grado esta inania, os meus nervos porejam umas selectas impressionabilidades... Tão finas, tão finas, que até me incham as pernas só de pensar que podia esmagar-m'as o americano.

E como o outro ria:

—Já agora só adquiro habitos de trabalho quando o meu velho morrer. Com o que elle me deixe, comprarei um moinho e...

—Em conclusão, serás sempre um vagalundo.

Pozeram-se a fallar nas frescatas antigas, o chinquilho da Horta das Tripas, calotes ao biilhar, desavenças por esses bairros de vicio, e das raparigas que lhes resvalavam ao leito, sem prazer, espaucadas nas loucuras do vinho.

—Aquelle Rodrigues torto, com um ar velhote? disse Manoel.

—Tinha ordem de me seguir em litteratura a seis annos de distancia: por forma que assignava com o nome todo, os meus artigos velhos. E entrou a ser admirado, segundo penso, porque o vejo agora de luvas.

—E o Forjaz dos lausperennes?

—Desgostoso de haver assistido a um jantar, sem fazer mão baixa nos talheres, suicidou-se. Era a sua primeira bôa acção, pobre rapaz!

—Ouço que vinha d'excellente familia.

—Sim, o pae furtava lenços.

—Vá mais coelho. Está copioso.—E elles regalavam-se, bebendo copos sobre copos. Ambos cambaleavam á sahida. Manoel, sifflando a Marselheza, dava encontrões nos policias. Julião chorava de ternura, e propôz fazerem uma excursão ao theatro das suas antigas rapaziadas.

—Mas como tu mesmo estás mudado! tartamudeava Manoel, de queixo prezo. Até já usas collarinho.

—Meu càro, o toilette é uma das mais altas concepções humanas sobre a terra. O que eu gosto por exemplo, d'uma casaca...

Ficou-se o outro um instante, com um desdem no beiço descahido. Mas transigiu afinal:

—Uma casaca, vá... sendo bem preta.

No Arco do Bandeira deram com a legendaria republica d'estudantes, ao pé do arco, transformada em casa de penhores. D'alli tinham sahido estranhas cabeças, aptidões singulares, farçadas tragicas.

—O que será feito d'um Santos? disse um d'elles.

—O que roubou a Dolores a um ferrageiro. Só uma hespanhola romantica abandonaria assim a riqueza, para vir jantar a um cuté sopas de chá.

—Tanto a adorava elle, o pobre tonto, que se pôz a colleccionar os caroços d'aseitona que ella cuspia, á sobremeza.

—Desengana-te. Não ha poesia mais bella do que a fome.

—Dos outros, é certo... posta em verso, depois d'uma boa ceia no Tavares.

Na Mouraria nem tinham podido reconhecer o predio onde haviam residido mais de tres annos, sendo patroa uma D. Domingas, senhora opiniosa que tocava violão. E occorreu-lhes um gato miguelista que ella tinha, e fôra imolado com batatas fritas, por uns liberaes da Polytechnica.

—Politica! disse Manoel philosophicamente.

—Que será da filha? perguntou Julião. Redondinha, appetitosa, d'uns acanhamentos infantis... Em termos que Julião surprehendeu-se a deitar-lhe namoro, ás escondidas de Manoel, que na ausencia de Julião fazia o mesmo.

—Pelos mezes fóra, como a creatura ia nutrindo, foi na casa da patroa um reboliço...

—Intervem um boticario com pilulas. Historia de rir!

—Que será d'ella, coitada?!...

—Ouvi que fugira com um bilheteiro da Rua dos Condes, que lhe batia, por conselho dos medicos.

Iam por uma viella da Mouraria. Davam onze horas. Alli os predios eram esguios, as escadas fuliginosas, a luz soturna. Lamas pardas abafavam o ruido dos passos, e sahiam vozes roucas das mansardas, rumores de guitarra das tascas, e altercações dos cantos, onde explosia a meudo alguma obscena interjeição. Ás meias portas, esmagadas de vicio, as raparigas dormiam sob reverberos de petroleo, atravessadas na soleira como cadellas, a cabeça cahida de lado, sobre os dois braços em ninho—e algumas estremunhadas, com

vermelhão nas olheiras, erguiam machinalmente a cabeça á passagem d'elles, chamavam-nos sem desejo, por fome, e, resignadas, tornavam a adormecer na mesma postura d'escravas em leilão.

Uma pegajosa tristeza sahia de todo esse immundo bairro de povo, com frontarias rachadas, janellas vesgas, choros de creanças, e gatos inverosimis, reflectindo em circuito o problema d'umas cabeças de sardinha, que ninguem lhe atirava ao meio da rua.

—Tudo acaba, suspirou Manoel com um peso no peito. Lisboa já não é Lisboa. Vae um copinho d'aguardente?

Uma noite, sahia o bohemio do MARTINHO, viu o largo cheio de carruagens, e muita gente acotovelando-se á entrada de D. Maria. Foi-se ao cartaz: ia uma tragedia original, em beneficio d'uma actriz. Leu a distribuição dos papeis... o inimitavel Pontes fazia de rei, o talentoso Praxedes fazia de valido, o seductor Conceição fazia de conspirador; e quantoga damas, além da beneficiada, a quem tinham

distribuido o papel de rainha Conegundes, figuravam umas quatro, todas com titulos da maior pompa e gana aristocratica. O nome da beneficiada era-lhe desconhecido; mas a tragedia, firmada por um ganimedes que accumulava os louros de poeta tragico com os emolumentos de escrivão da Bôa-Hora, deu-lhe uma d'estas sèdes de theatro a que propendem os imaginativos longo tempo exilados dos fócos litterarios.

Essa noite, o toilette de Manoel, sem ser grandiloquo, mantinha todavia um certo estylo sobrio e digno. Tinha por exemplo uma gravata magnifica còr de dorso de vibora, confeccionada em horas d'ocio sobre os destroços d'um lenço d'abafar; tinha um collarinho alto, de verdadeiro panno, com bicos revirados, á principe de Galles; e quanto a calçado, presenteara-se com um surprehendente par de botas d'elastico, das que os ferros velhos chamam de sombra, em rasão de se não poderem passear ao sol, sem eminente risco de se derreter a rezina que lhes disfarça as roeduras.

Como fazer, porém, para pagar-se o regalo d'um logar na platèa? Tinha sete vintens no

bolso do colete. Era já tarde para correr ao jornal de Julião.

E cogitava o meio de haver a entrada, quando uma voz por traz disse — oh illustre! Deparou-se-lhe o Pratas, indio esqueletico que fazia o seu latim pela trigesima reprovação.

Vinha em chapeu de palha, no inverno, um rodilhão de *cache-ne*: supprimindo o collarinho, capa á hespanhola... — Que era feito?

Referiu que se fizera homem pratico, e que sem alijar o latim, tinha montado uma empreza de futuro.

— Homem, diz lá, fez Manoel.

— A ALIMENTICIA-CHIMICO-LITTERARIA, informou Pratas. — Tres secções!

— Primeira...

— Jantares para fóra, a tostão, quatro pratos. — E contando pelos dedos — primeiro prato, batatas; segundo prato, feijão; terceiro, feijão com batatas; quarto, batatas com feijão. Já tu pódes vêr...

— Formidoloso!

— No dia 31 de todos os mezes, offerece a empreza, como brinde, um beef de vacca, incluindo o molho, o qual é sorteado pela lote-

ria da Misericordia, e tem sahido quasi sempre aos senhores assignantes da provincia.

— O pagamento, adeantado, já se vê...

— E quanto a vinhos, uma bem fornecida cava no edificio.

— Vamos á segunda secção, disse o bohemio.

Pratas tossiu — É a mais nobre! Versa sobre toda a especie de trabalhos litterarios, artigos de fundo, poemas, testamentos falsos, necrologios em prosa e verso... Especialidade em cartas anonymas, garantindo-se o suicidio de quem nas receber.

— Mas dir-me-has quem corre o risco especial d'esses commettimentos?

— Um cavalheiro edoso e da maior respeitabilidade, que, entre outras habilitações, conta a de vinte annos de degredo em S. Thomé.

— Por essa forma, deves navegar em oceanos de fortuna.

— E a vapor.

— Bella palavra! Ora eu tinha vontade d'ir hoje ao theatro. Deixa pois vêr d'ahi uns dez tostões ao teu amigo.

— Isto é, fez Pratas, os valores de que disponho, são por emquanto nominaes. Cem mil reis nominaes, dez tostões nominaes...

Desataram a rir.

—O grande canalha! disse Manoel. E o indio confessou que o abordára, na mira tambem d'um convitesinho á representação.

—Uma ideia. E se versejassemos á beneficiada, pedindo cadeiras? Com um pseudonymo catita, *mascara de setim*...

Foram ao MARTINHO escrever. Pratas encarregava-se de fazer chegar a mensagem aos pés da diva; Manoel seria o poeta.

—Soneto parnasiano!

—Chama-se-lhe pae dos pobres.

—Pae, não achas forte?

—Elle dizem que a fealdade inverte os sexos.

—É talentosa?

—Como um corno. Agora se lhe alludires á virtude, não te esqueças de fallar nas pyramides do Egypto.

—...*Astro ou chimera, de turgidas mamellas*... ia escrevendo Manoel.

—Assim pões os astros entre os mamiferos, meu burro!

—E é rigoroso. Se os astros não tivessem mamas, como querias tu que existisse a *via lactea?*

Em dez minutos o soneto estava prestes, sonoro, empenachado de hyperboles, e a escorrer grandiloquencias da escola junqueiriana. Pratas foi copial-o para uma folha de velino, e voltava d'alli a pouco com uma chave de camarote, ao botequim. Áquella hora já não havia logares no camaroteiro; os contractadores especulavam.

—Vamos fazer as coisas como principes, disse Manoel. De quem descendes tu, Pratas amigo?

—Todas as familias de Goa pretendem derivar d'Affonso d'Albuquerque... á excepção da minha, que teve o seu berço nas proprias barbas de D. João de Castro.

—Épico tempo em que os guerreiros, d'entretidos com os hecatombes dos cercos, desdenhavam d'espiolhar-se com unguento rozado composto! Neto dos Castros, baixa pois da sanha hierarchica dos teus, e entre a vil raça dos contractadores que ahi formigam, procura vèr se algum rico nos dá pelo camarotesinho as cinco coròas.

Foi-se o mestiço, e a pouco trexo volvia com uma sterlina, d'essas do jubileu. De gozo esthetico os dois pulavam, inquirindo se a

cabeçorra de velha, em relevo cunhada sobre a libra, acaso seria a maravilha artistica de que fallam os criticos d'arte, sob o epitheto de Venus de Milo.

Pratas não se cançava d'exclamar maravilhado:

—E haver pessôas que teem aos dez d'estes *bijoux* nas algibeiras!...

—Toca a arranjar um ramilhete agora, para a diva. Do que ha-de ser?

—Querendo alliar o util ao agradavel, proporia uma couve, toda circumtornada de florinhas campestres. Em todos os tempos ha sido a couve o esteio da arte.

—Dil-o Francisco de Hollanda no seu manuscripto dos pintores.

—Porque emfim as flores passam, e a couve fica.

—Mas como a praça da Figueira está fechada, opino que á falta de repolhos, adquiramos no Neves, modestamente, um ramo de rosas.

—Toda a rosa tem para mim o defeito de ser mais ou menos araujа. Emtanto, vae. E se te consente o animo, compra tambem um pacotesinho de Kentucky. Acreditarás que ha

quinze dias me privo de fumar — por não ter troco?...

Expansivos, felizes, foram-se installar no gallinheiro d'alli a pouco, com as algibeiras atochadas de sandwiches. Era o segundo acto, e n'uma vista de carcere, o Praxedes offerecia a vida ao Conceição, que se torcia entre ferros, farfalhando versos de repulsa ao seu rival. Dois guerreiros ao fundo, armados de couraça e com sapatos de liga, passeavam; e via-se á porta um pagem, fazendo gestos de saca-rolhas com o dedo que metera no nariz.

— Senhores, a rainha! disse uma voz.

Logo as gambiarras aclararam mais a scena, e feita uma invasão de fidalgos com tochas, pela gradaria aberta da masmorra, a beneficiada entrou coberta d'ouropeis, o que fez rebentar na platea uma ovação. Manoel tinha-se erguido, affirmando-se na actriz com o lorgnon.

— Mas d'onde conheço eu esta pimpona?

—É a filha da nossa ex-hospedeira D. Domingas, disse o Pratas. Achal-a bôa?

—A cara antiga. É sempre o mesmo eu, á flôr do rosto.

A um gesto da princeza, os fidalgos sahiam levando as luzes: já Conceição tombára de borco sobre o catre, emquanto Praxedes silvando cinmes, com o bigode a despegar-se-lhe d'um lado, fazia carantonhas de possesso por traz da gradaria mal cerrada. Era a grande scena d'amor do segundo acto. Vozes faziam *sss*... com fetichismos litterarios, preparando-se para o gozo d'escutar a versaria pernalta d'esse lance: e a rainha de verde, com um diadema de lata sobre caracoes de Santa de provincia, avançou de vagar para o prisioneiro, tendo um rolo de papel na mão convulsa.

«... *A que venho, sabeis, duque de Gaya*
Oh pirata da costa!
Que alliciaes gente do mar, gente da raia,
Contra a rainha, cujo amor se espraia
Como uma pouca de bósta.»

O Conceição virara-se, e gesticulando como quem tira fitas da barriga, dizendo gutural-

mente as rimas, em mugidos de boi ranhoso que quer vacca:

«Leonor, Leonor, minha alma estúa
Porque fallas de mim como d'um cão?!
Melhor me fora te tivesse núa,
Crudelissima rainha que estaes crúa,
E contra quem blasphema toda a Rua
Das Portas de Santo Antão!»

Foi indiscriptivel o effeito. De todos os lados, furibundas vozes clamavam pelo auctor, entrecruzavam-se os *sss* impacientes, e o Conceição penhorado, deixando a postura scenica primeira, desceu risonho, a escorrer em carmim, á bocca do proscenio, apresentando a collega pelas pontas dos dedos, como nos idyllios bordados a matiz das almofadas. Dos *fauteuils,* das frisas, coisas prestigiosas sahiam, apotheotisando o genio audaz do dramaturgo: e mesmo o nosso grande critico soltou a phrase:

—Tirante os Jeronymos, a unica manifestação artistica, etc... que depois ficou como *cliché* da suprema admiração litteraria.

De roda, ao cahir do panno, trinta mil

opiniões martyrisavam os ouvidos, pisadas em disputas d'asneiras, de ninguem saber qual verberar. A *coterie* do auctor erguia os braços d'assombro ante o original golpe de mão do dramaturgo, que á força de talento, diziam, soubera alcançar do ingrato thema historico effeitos d'uma pujança scenica incomparavel.

Pratas entre os criticos, chocava Manoel com os seus ares de familiar n'aquelle meio de lettras e casacas.

— Pois sempre vos digo! opinava um de double-capa, a suar oleo de bacalhau pela faceira. Sempre vos digo que este mariola calça n'esta peça o verdadeiro cothurno de Sophocles.

— Chamar cothurno a um chinello é myopia, discrepava outro côr de mineral, e com uma risca androgyna no penteado — Oh meu camello! pois tu não vês que tudo isto são bonecos de cordeis? Esta rainha é das iscas, que não de Portugal, e mesmo arrastando brocados se reconhece que ata as meias com uma guita. E depois os versos. *Oh pirata da costa!* Que burro!

— O que o drama me pareceu foi revolucionariosito. O rei é capaz agora de lhe dar a Conceição.

—Seria tornar muito capellista essa venera.

—Vamo-nos, disse Manoel cada vez mais enfastiado, e com uma nausea do drama e mais da critica. Pratas fel-o subir á caixa do theatro, queria apresental-o á diva, empurrar-lhe a timidez para as aventuras de bastidor, tirar-lhe o pello. Emquanto trepavam, o indio confessou que sem taxar de sublime a creação da filha da sua ex-hospedeira, se decidira comtudo a achar-lhe um tal ou qual folego artistico. —E boa mulher que está, o grande estupor! Forte, roliça...

—Hum! Uma nutrição d'escarros engulidos. Dava um Rubens d'alfurja, quando muito.

—A Lopes alcoviteira diz que a póde arranjar por libra e meia, afóra as toalhas.

—Eis a grande escola da actriz, essa dança do ventre que se babuja nos queixos do primeiro avulso que lhes paga.

—Amigo! objectou Pratas, entre sacerdotal e caviloso: na cama, não ha programma.

Á entrada no palco, um bombeiro fez-lhes apagar os cigarros. Muitos homens corriam de

ponta a ponta, rolando para fóra de scena a mobilia do acto que findára, emquanto outros davam ordens para os mesaninos do theatro, lá riba, d'onde mysteriosas roldanas faziam descer pedaços d'architectura e de floresta.

No ambito do palco, vasto como uma praça, meio ás escuras, confusamente atulhado de bastidores, de mastros, escadinholas, cordas, gambiarras, coisas desconnexas chocavam-se em silencio, por entre amontoados de mobilias fingidas, lustres rolando sobre carriolas, carpinteiros a ajustar lonas pintadas: e pelos cantos, entre personagens de capa á hespanhola e chapeu mólle, entre casacas e vultos d'elegancia, fallas roucas e gentis *minois* d'espectadores amigos do tablado — principes e fidalgos de theatro iam e vinham, telintando espadins, plumas nos gorros, deploravelmente borrados de vermelhões, nankins e pós d'arroz. Era grotesco, era phantastico. Quando iam a voltar por traz d'um mastareu da scena, uma voz irritada gritou-lhes que fugissem: Pratas ergueu os olhos: um panno de fundo descia, com uma trave no debrum inferior, que por um instante não esborrachou a

cabeça de Manoel. Em todos os sentidos, timbres electricos soavam para o acto. Fóra de scena! Fóra de scena! Por uma porta de vidros, ao fundo, a comparsaria golfava já vestida, gingando os calcanhares com bordos de fadistas, e á proporção que o bico de gaz da entrada lhe batia de chapa, via-se o exotismo dos typos, a gibosidade grotesca das figuras... sob capacetes de folha, matacões mal humorados, um suor animal musgando o estofo dos gibões no sitio dos sovacos, ou tristes pernas cambando sob meias de riscas duvidosas...

De passagem, inverosimis conversas faziam voltar a cabeça aos dois amigos. Era a uma porta, o galã Conceição a debater-se, com desculpas humildes, entre duas contas que um sapateiro e um alfaiate tinham entregado á vigilancia d'um preguista. Era n'um desvão, longe das luzes, a creatura triste de bigodes, branca, indigente, que todas as noites, desde o principio da epocha, vinha saber quando lhe seria levada uma pecita: e todas as noites abalava corrida de vergonha, evitada de todos, cada vez com os tacões das botas mais roidos, e sempre a querer impôr-se um ar victorioso, a dar-se *allure*, a affectar despreoccu-

pação e felicidade, e com adeusinhos ao ponto, e chamando ao contraregra *seu nobre amigo*.

Perto da escadinhola que leva ao urdimento, onde o indio ficou emquanto Manoel descia ao *foyer* com o illustre Julião, discutia-se parece, a miseria d'alguem familiar na casa: era uma mãe d'actriz morta, que conhecera a abundancia, diziam, e que o Praxedes tinha encontrado a mendigar nas ruas, decrepita e coberta de piolhos.

No grupo, a commiseração do caso provocára o expediente d'um peditorio com que valer á mulher, que por modos já não tinha casa nem familia.

Quando uma vóz:

— Mas ella diz que ainda tem alguma coisa! Ainda tem o jazigo do marido. Trespasse-o!

Pratas voltou-se. Um reposteiro franzira-se. Oh D. Heliodora! Era a rainha que ouvira as ultimas palavras da conversa, e dizia aquillo da porta do camarim, com a voz secca de scena, rolando baixo uma arieta do *Barba Azul*.

Acaba-se n'este ponto a patuscada, e petrefica-se na bocca do bohemio o estribilho do riso, como um vapor de respiração que a frialdade congelou na bocca d'um clarim. Embalde d'aqui por deante o humor cynico de Pratas, fatalista por indole como todos os mestiços do Oriente, deligenciará ás vezes aspergir-lhe a melancholia com burrifos de chacota, a vêr se arranca essa doentia flôr de sensibilidade aos marasmos em que a afundára a magua de não ter mais papel nas republicas bohemias d'estudantes.

Embalde os poucos amigos que elle não affastou de si com uma ferroada do seu estylete ironico, lhe hão-de gritar que todo o consolo da vida assenta na consciencia de ser util, e na tortura de conceber e parir uma obra perduravel. Os que interessados em estender um remo a esse naufrago da alegria, conse-

guem dos poderosos a promessa de qualquer pequeno logar onde elle ganhe a vida, breve são sustados nos seus disvellos, pela desdenhosa frialdade com que o necessitado se recusa a trabalhar em postos inferiores. Á sua altivez todas as posições sociaes são deprimentes, des'que, pelos contactos grosseiros, o façam acordar da sua bella indolencia imaginativa, e d'esses restos de poemas de que a sua ingenua e vagabunda adolescencia o fez heroe.

Os dias, gastava-os nas bibliotecas a folhear volumes desconnexos, livros de hieraldica, narrativas galantes do grande seculo, chronicas d'ascetas, manuscriptos de loucos e alchimistas: a recompôr sobre os velhos armoriaes genealogias complicadas; a dissecar de processos do Sancto Officio a modalidade hysterica de systhemas nervosos que os inquisidores tinham feito queimar por bruxaria: e d'uma tal gestação de phantasmas sahiam pezadellos, escorrencias mentaes todas de larvas, aquatintas de delirio, gestos macabros, todo o lado inquietador dos cerebros *blasés*, que se comprazem em ver invertido, no entanto conservando uma lucidez aguda na lon-

cura, e á propria libertinagem exigindo gozos talhados dolorosissimamente em prevaricações do amor e da natureza.

O que havia na sua alma d'encanto, era precisamente esta dosagem de mysterio e de volupia, de cerebração offemanica e de preguiça muscular, de paragens de vida e d'accelerações de desespero, que inutilisando-o para a lucta, affastando-o cada vez mais da estrada commum, quasi que para assim dizer o tornavam alvo das agressões de todas as grandes e pequenas coizas da existencia, e perseguido pela natureza, como infractor da grande lei de conservação da sociedade.

Começou a passar as noites pelos altos, pelas praças, á beira dos caes, por esses campos, em vagabundagens soturnas, cuja phantasmagoria interior o alcool rubescia. N'essas viagens, como se amortecia n'elle a sensação do eu, como se fazia n'elle a regressão do ser a uma especie d'impersonalidade anonyma, de herbivoro e massa bruta—de cuja inercia só uma ou outra vez o instincto religioso erguia os braços!

E assim elle se deixava rolar na fatalidade do seu destino, como n'um banho hypno-

tico, raro acordando o espirito da genése de sombras que era a sua forma de cerebração fecunda, p'ra se desesperar no remorso d'essa vida de lazarone e cão vadio, a que resvalára.

Todos se transformavam e subiam á roda d'elle. Das primeiras ás ultimas camadas, a mesma inquieta ancia de collaboração na vida regular, de trabalhar por esta ou aquella coiza util, de progredir sem descanço, ou ir acalentando os desesperos da miseria pelos confortos da mediania comprada a peso de legitimos sacrificios. Todos, todos subiam; só elle não! E aos seus olhos humilhados, aquelles seres d'esforço, subalternos mas heroicos,—a actriz sobretudo — davam-lhe mau grado o seu orgulho, uma escruciante inveja, uma dòr contundente, uma aspera saudade do quer que fosse.

Constantemente se exprobrava então a ociosidade inutil, e aquella falta de reacção que o fazia aceitar sem revolta as situações mais deprimentes. Porque afinal, não era elle excepcionalmente dotado, cheio de talento e de

seiva, percepção facil, espontaneidade, maleabilidade, resolução?—um rapaz que chegaria ao que quizesse! Trinta vezes lançava a limpo o seu projecto: encarregar-se da escripturação d'alguma casa, enfronhar-se em politica, ter um jornal de combate, traduzir, escrever para o theatro, ir aos concursos de consul, ser amanuense... Ponto fixo: adeus vagabundagem!

Essas noites nem dormia. Lembrava-lhe o tormento de se levantar cedo, quando fosse empregado! E logo pela manhã, com uma coragem turbulenta, sahia a offerecer trabalho pelos escriptorios; indagava na Arcada os logares vagos, mettia requerimentos, pedinchava aos antigos condiscipulos cartas de recommendação...

Porem, o que elle concluiu, quinze dias volvidos sobre a primeira tentativa de ganhar o seu pão, foi que a vida era uma pavorosa guerreia de rapozas contra lobos, e grande risco corria quem se emaranhava n'ella, despetrexado de manha ou dente agudo. A surpreza de tudo ser um contrabalanço d'interesses ferozes, debatidos a sangue frio n'um panno verde, foi accrescentando ao mau estar d'es-

sas peregrinagens uma ponta de horror, que nem sequer já perdia tempo em disfarçar-se. Começou a chocal-o a desprezivel condição dos pretendentes seus collegas, a subserviencia dos cargos, a nullidade dos chefes, e a solercia desdenhosa dos protectores. E orgulhoso, afrouxava de sollicitude, té um dia reentrar nas suas leituras prohibidas, pela descoberta do livro de MEIBOMIUS, *Utilité de la flagellation dans les plaisirs de l'amour et du mariage*, n'um volume que pertencera a Alvaro do Carvalhal, e que o poeta fizera encadernar na pelle do ventre d'uma tricana que tinha sido sua amante.

Já por esse tempo lhe haviam chegado as primeiras crises d'estomago, as primeiras emblações instantaneas d'ideias, os primeiros sobresaltos de tendões; e eram n'elle a toda a hora desfallencias, incapacidades de permanencia em qualquer esforço, uma transmutação de caracter com facilidades de choro e riso sem causa impulsional justificada...

No typo d'algarvio, branco de cera, idealmente puro como a afilada gravação d'um camafeu, a sua belleza tinha transcendencias extaticas, uma pacificação de tinta luarenta,

macerada, esfallecida d'insomnia; e dava a impressão d'um d'estes insexuaes no gosto da Seraphita, cujo mysterio desorienta, — por terem tudo que faz sonhar, sublinhado por tudo que faz soffrer.

O medico que primeiro o examinou, um camarada, não podendo dar nome a essa serie de perturbações que para assim dizer inda não tinham raiz inamovivel, áparte as prescripções hygienicas, aconselhou-lhe paternalmente o casamento, que sobre ser dos sacramentos o mais fecundo, era até, em certos casos, o mais proficuo de todos os meios de therepeutica.

Elle sorriu-se.

—Sim, o casamento dá tudo. Até dizem que já uma vez deu filhos legitimos.

Do fundo da provincia, todas as semanas vinham cartas de mulher sollicital-o: sempre a mesma supplica d'uma celeste e resignada creatura, a pedir-lhe que fosse, e vencesse afim o orgulho proletario que o separava d'ella, impondo o oiro como argumento contra a felicidade de dois espiritos fadados pr'a se unirem.

D'estes bilhetes, elle quasi que nem abria

a maior parte, raros o enterneciam, e se n'algum demorava a vista por mais tempo, era com uma tristeza suicidante e sem hallizas, com uma prostração de desejo, e absorpções cerebraes em que havia talvez o remorso d'uma insufficiencia organica, inconfessavel.

Á medida que os mezes corriam sobre os mezes, como a miseria crescia, e o pae lhe fechava a bolsa, exasperado pelos seus desregramentos, Manoel começou a viver d'expedientes, pedia a este, pedia áquelle, «até amanhã» e não pagando nunca. Pensou em morrer, mas era cobarde, e á ideia d'um revólver tinha suores frios por todo o corpo. Uma atonia dolorosa aniquilava-lhe de todo as ultimas energias do caracter. Não córaria mesmo quando alguem o esbofeteasse; cuspissem-lhe na cara, e era capaz de limpar o ultrage, chamando estoicamente mal creado ao agressor. Assim foi vendo retrahirem-se os ultimos fieis, voltarem-lhe a cara os ultimos conhecidos.

Tomou medo aos policias, a multidão dava-lhe vertigens, era-lhe cruel a luz do sol; quanto o pozesse em evidencia o martyrisava.

Os rapazes que o conheciam de vista, ou por acaso tinham ouvido contar a sua historia, fizeram d'elle por fim uma especie de malandro engraçado, de canalha poeta, a quem se iam referir todas as anecdotas velhacas e todas as historietas macabras que corriam sem rubrica as salas dos cafés e os atrios das escolas. E com tal processo a calumnia ia-o combalindo no seu terrivel vagar, amachucando um pouco todos os dias, inventando hoje um *truc*, outro amanhã, até fazer do bohemio, por fim de tempo, um ser de hospicio, poetico e perverso, depravado e ideal, confinante ao louco pelos inauditismos agudos do caracter, e tangente ao monstro pelas vezanias reconditas de ser physico.

Em dezembro do anno passado, estavamos quatro uma tarde, em minha casa, resmoendo com um *petit-blanc* de rompeiro e moscatel, o bolo de natal que minha mãe mandara da provincia, quando subitamente vimos

Manoel fazer-se livido, levar as mãos á garganta, estrebuchar e cahir desamparado ao meio do chão. Era um attaque hysterico formal, mas quando voltou a si estava léso da perna e braço esquerdos. Transportal-o pr'a casa era impossivel. Mesmo Pratas declarou que o pobre rapaz nem casa tinha: e convencionámos então que eu o guardaria commigo, tomando nós tres o encargo de o velar té o pae vir.

A junta que se lhe fez, já n'essa noite, decidiu ensaiar a suggestão contra a paresia; mas o ensaio nada deu, e vinte e quatro horas depois, como a nevrose accentuava em toda a a linha o seus caracteres de grande mal, reconhecemos que á falta de movimento no lado esquerdo, viera juntar-se anesthesia de quasi todo o corpo, cabeça e pescoço excepto, a ponto de se lhe trespassar a pelle com alfinetes sem o doente accusar a menor dòr. Todas as tentativas de transfert foram inuteis, e quanto ao estado mental, era uma cadeia de furias espumantes, alternadas de marasmos que a allucinação enchia de pavores. Nos periodos de repouso, notámos que o doente perdera a reminiscencia da vida anterior, e que nenhum

dos amigos poude por elle ser reconhecido, apezar dos esforços que todos faziam para reintegral-o na mentalidade dos dias normaes. Nove dias assim foram, terrivelmente gastos a espreitar a invasão d'essa estupidez n'essa carcaça, e a encolher os hombros perante as virtuosidades scientificas dos experimentadores, que trazendo das Revistas medicas a paixão de todas as extravagancias, se esqueciam do enfermo, para só verem n'elle um *sujet* de laboratorio e amphitheatro. Uma manhã, depois d'um periodo de somno relativamente sereno que Pratas velou enrodilhado aos pés da cama, n'um velhissimo gabão que eu lhe emprestei — uma manhã tivemos todos um sobresalto d'alegria, ouvindo Manoel pronunciar nitidamente algumas palavras.

Approximámo-nos da cama: a face era tranquilla, o olhar direito, crepuscular no entanto um tudo nada; e posto que braço e perna continuassem entorpecidos, sentia-se bem que a consciencia antiga despertava, como d'um sonho mau, balbuciando coisas tiradas da lembrança.

Ao almoço fallou sobre os jornaes; que ia de novo?

— Annuncia o *Seculo* que se trespassa uma camada de piolhos em bom uso...

Quiz a janella aberta: estava um dia supremo, vivo de sol, com tintas loiras d'inverno sobre os montes; e da nossa barraquita do pateo do Martel, a meia encosta de S. Pedro d'Alcantara, o seu olhar bebia os philtros da manhã vindos do largo, impregnados de rumores de trabalho e sons de realejo, e tão suasores d'alegria, tão fundamente esthesicos de força redemptora, que cada um de nós sentia em si vagamente a obsessão de ser o rei de tudo, e esbracejava na casa com movimentos de seiva similares dos que devem ter as arvores, quando aspiram da terra os materiaes das primeiras folhas.

De feito, ao fim de tantos dias d'angustia, essa aberta de convalescença embriagou-nos. Improvisou-se um festim. Pratas foi a correr comprar á praça um ananaz; Julião trouxe marcellas; Novaes, um pintor, fez correr um vinhão do seu paiz. Mas o delirio foi quando eu appareci com *foie-gras*, vitella fria e manteiga fresca! Improvisaram-se discursos, fizeram-se sandwiches; e como no dizer de Julião todo o festim sem musica é incompleto,

logo o engenhoso Pratas se offereceu para hillariar os cavalheiros com o seu conhecido truc acustico—consistindo em executar de cocoras o *spirito gentile,* n'um cornetim soprado á custa dos alores intestinaes—de cujo motu-continuo o proprietario da ALIMENTICIA-CHIMICO-LITTERARIA havia o dom.

Esse dia tivemos um vislumbre d'esperança: o doente sorria um pouco; desapparecera a anesthesia dos grandes pannos d'epiderme, para se circumscrever sómente a certos pontos; e n'essas ferias de riso, petisqueiras, cigarros meio fumados, anecdotas, pantomimas, mais uma vêz a vida correu facil, sem horas, n'uma adoravel cheia de preguiça e bem estar.

Ás duas horas, quando os de medicina vieram, o exame porém em vêz de confirmar melhoras no enfermo, ao contrario, fez resvalar o mal para um caminho que se nos afigurou carregado de presagios.

Desapparecera com effeito a anesthesia, mas a pupilla esquerda tinha uma sensivel dilatação sobre a direita, a locução tropeçava em dois ou tres cacophatons que elle queria expungir debalde, e que voltavam implacavel-

mente, chronometricamente, á embrulhar-se-lhe na lingua; certas lettras haviam sido eliminadas da pronuncia, e quanto aos dedos, tinham pequenos tremores convulsivos nas phallanges, parageus, crispações, faltas de força, semelhantes ás que ficam nas mãos de certos velhos, na manhã seguinte ás grandes bebedeiras.

Quando os medicos se foram, eu e Pratas olhamo'-nos trespassados.

—Sabes? disse o indio. Lembra um parente meu que morreu de paralysia geral.

—Ahi começas tu já a agourar!

Dinheiro não havia. O pae, avisado por um telegramma, redarguira que não tinha filhos, e que o deixassem morrer no hospital como a canalha.

—E se implorassemos o auxilio d'essa mulher que lhe escreve?

Mas o alvitre foi immediatamente abandonado, visto como a esmola melindraria o enfermo, vinda d'um cofre que elle sempre afastára de si com repugnancia.

Que fazer pois? Nenhum de nós se sentia capaz d'uma resolução. Pratas lacriminoso, abria imprecações contra o destino, desafiava

Deus na sua omnipotencia, esfalfava em lamentações o pobre cavername. E a tarde morria com pequenas nuvens no ar correndo manso, bassas d'um lado, oiradas d'outro ; e dos altos ceus claros, cantantes, uma paz outonal vinha á paysagem, como catechisando-a para os longos desterros do inverno proximo.

Da cidade, por baixo, em trepidações continuadas, vózes, gritos, gorgeios de pardaes, rumores de trens, fundiam os seus haustos n'uma maré sonora em praia-mar: e para alem do vále, nos outeiros da Graça e do Castello, os alaranjados da luz passavam de vagar a leves roxos-terras, a azues violetas, que iam embaciando gradualmente as perspectivas, perturbando a visão rigorosa dos detalhes, substituindo a gravura pela mancha, n'uma agonia de crepusculo doce que nos recordava dolorosamente um cabo d'existencia.

—Vá, toma coragem! Se começas a chorar pr'ahi como uma velha, quem queres tu que lhe véle a cabeceira? De mais elle descança, pódes ir vèr, está a dormir...

Fomos pé ante pé. Descançava effectivamente, immovel, mas com os olhos abertos, uma baba gommosa a escorrer-lhe em fio da

bocca tremula, e na face uma tal deshumanisação d'intelligencia, uma tal rigidez na morte da vontade, que se nos afigurou aos dois que elle era outro, e que uma alma d'animal inferior se lhe substituira no involucro material, ao ser antigo.

— Pergunta-lhe se está melhor.

O indio repetiu as minhas palavras — Hen? fez elle.

E virava a cabeça, esparvoado. Explicámos-lhe de novo a pergunta: desejavamos saber se tinha allivios.

— Qual? E como Pratas viesse na necessidade d'elle dormir um pouco, com uma vóz singular, começou a dizer que *o outro não deixava*. *(b)* A noite correu assim, sem dormida

(b) Já muito antes, esta duplicidade mental que o doente vinha de trahir pela pergunta — Qual? — e pela resposta de não poder dormir, *porque o outro não deixava*, se viera revelando, vida integra fóra, a ponto de ser elle o proprio a constatar a estranha situação moral proveniente d'esta coexistencia de duas pessoas dentro da mesma, uma contrariando geralmente os dictames da outra.

Tomar por exemplo uma resolução, começou a ser para elle, desde um certo tempo, uma coisa escruciante. Em dois minutos, o mesmo acto se lhe antolhava redem-

nem treguas aos cuidados. Pratas a cada instante saia a vêr se elle dormia, e por lá ficava a espreitar-lhe o aniquilamento. Eu fazia por lêr as lições, mas o espirito fugia-me, por cima das lettras dançavam-me coisas funebres; e horas sobre horas o meu pobre Carcel allumiou, n'esse casebre d'artista, a primeira horrorosa noite d'uma serie que talvez podesse explicar a falta de fé do meu caracter, e no meu humor a ausencia da alegria.

Desde essa noite, a sua vida foi uma alternativa d'estados obtusos e abertas de razão,

ptor ou prejudicial, comforme o eu em scena. Recusava e reclamava alternativamente a mesma coisa; e nos ultimos mezes quazi que não procedia senão por contradicções.

Impossivel emitir uma palavra, realisar um acto, sem a palavra, o acto opposto, deixarem de vir logo destruir-lhe o effeito inicial.

A consciencia d'esta batalha esfalfava Manoel de coleras impotentes, que iam da loucura furiosa até ás lagrimas. Porque estas alternativas de *sim* e *não*, não prejudicavam só os actos magnos da sua vida; desciam até aos

que eu me prohibo de historiar aqui hora por hora, sabendo como esse lugubre diario só me torturaria a mim, sem maiormente intensificar a impressão do publico, por dôres de que elle só costuma apreciar a essencia litteraria.

Nos periodos a que por falta de melhor termo continuarei a chamar lucidos, a primeira coisa que feria os intimos de Manoel, era essa perda do instincto aristocratico, esse *afaisissement* das altas elegancias estheticas, essa enublacão da sua presciencia do *raro* em arte, que na vida normal faziam d'elle uma especie de grande principe e governador das coisas do espirito, e popularisavam os seus ditos, como mordentes visões de certos inexprimiveis recantos do caracter.

actos pueris, chegavam mesmo a complicar-lhe os actos automaticos, como vestir um casaco, avançar uma perna alem da outra, virar a cabeça para a direita ou para a esquerda . . .; e a cada momento eram monologos, indecisões, ensimesmações desesperadas, onde se sentia o estrector da vontade agonisante.

Entre os papeis topados na sua mala, um esboço de carta para um medico amigo, põe este phenomeno do fraccionamento mental, com uma intensidade lucida e eloquente.

Inda que no seu cerebro tivessem ficado immunes, como outr'ora, o senso pictural de certos aspectos sociaes, e o poder amplificador dos grotescos, por via da anedocta talhada a bistouri, comtudo as faculdades parallelas a esta baixavam, revertendo em somnolencias do instincto perante o criterio superior de certos problemas, em indifferenças por livros que antigamente haviam feito os seus extasis de Fra-Angelico nomada e pagão, em egoismos ferozes de creança, em rancores de perseguido, e teimosias d'animal desconfiado que não vae...

Para concentrar a attenção, era-lhe agora preciso um esforço enorme, que fragmentava o seu ser, descorrelacionando-o do uni-

« . . . des'que cheguei, diz elle, o meu espirito está cheio d'ideias hypocondriacas. Passo os dias a examinar-me e a ouvir-me viver. Quero que me digam que estou doente, que tal remedio me faria bem: e apenas condescendem, fico attonito e julgo que vou morrer sem apelação. Á comida é peor. Devo comer ou não devo? Se me dizem que devo, não como; e assim, resistindo á fraqueza que me prostra, levo dias e dias em abstinencia, a dizer a mim mesmo que nada d'isto aconteceria, se eu comesse. Tudo me cança, tudo me aborrece.

sono physiologico, e atirando para o macabro os restos d'ideação boiantes na maré de loucura que se lhe sentia crescer dentro do craneo.

Começou a desconhecer certos aspectos, a não responder senão com monosyllabos, a odiar os camaradas, a suspeitar das conversas, a não poder supportar grupos no quarto, a ter vergonha de si proprio, e a resvalar d'elle mesmo para uma hediondez animal que me obrigava a chamar-lhe estupido, e a maltractal-o como se elle já não fôra meu amigo! O que ha n'isto de horrivel é eu não poder admittir que elle abdique assim da supremacia mental em que me acostumei a vêl-o, e por cuja fascinação me era infinitamente doce a

Não posso estar um instante a pensar na mesma coisa. Estar em casa apavóra-me; andar na rua sobrexcita-me.

A minha ideia fixa agora é sahir de Lisboa, mas perguntem-me para que, não sei responder.

Nunca effectivamente me passou pela cabeça o que poderia eu ir fazer para fóra de Lisboa, visto como não tenho saudades da familia, estando, como estou, n'um periodo d'egoismo, que me não deixa vêr ninguem fóra de mim.

subalternidade. As suas concentrações ferozes, as suas immobilidades egoistas, essa rigidez cadaverica de membros com tremores isolados de mãos e pés, essa marmorisação de face em que certos tics de palpebra põem sarcasmos — tudo isto, oh miseravel de mim! tudo isto, por mais que eu faça, inda não pude crer fosse doença, e debalde affasto de mim a suspeita infame de que o que este demonio quer é affligir-me, sabendo como eu estou lasso, e como morrerei de dôr se elle morrer!

Na minha ancia de lobrigar nos seus olhos a luz do lampadario da ideia que bruxuleia, ora digo para mim que essa apathia é coisa transitoria, e que ainda o verei d'ella bro-

Ha cinco mezes que não escrevia a meu pae e aos meus amigos. Hontem esprobraram-me severamente esta seccura, sentei-me á banca: e pude notar então que á indifferença antiga, veio ajuntar-se uma verdadeira incapacidade. Tudo impossivel, agarrar na penna, reunir ideias, traduzil-as em palavras, lançar n'um simples bocado de papel a minha assignatura . . . Se consigo encher uma pagina, rasgo-a de prompto, convencido de que iria dar com ella uma demonstração d'idiotia.

Fallam-me, e antes de responder, começa a passar-se

tar transfigurado, em assumpções de genio: ora n'um desespero insondavel, penso que se me fechou de todo o relicario magnifico da sua alma, e que o monstro que ahi está n'esse *fauteuil* não é mais Manoel, senão a larva acephala, o embrião vital originario d'uma cadeia de seres inquietadores, que tendo na sua primitividade todos os vicios da terra, fecham o cyclo da vida — por um sarcasmo da materia, a quem eu já nem ao menos sei dar fôros de organisada!

Arrastal-o d'alli, coisa impossivel.

As nossas magras bolsas apenas podem

em mim uma serie de phases contradictorias. Primeiro, fico commovido, silencioso, n'uma afflicção, como se *me tivessem roubado as palavras que ia a dizer*. E agito-me na cadeira, volto e torno a voltar a cabeça, os meus olhos querem alguem que me dê hausto . . . Emfim, lá comsigo articular a primeira palavra, começo uma phrase, quando de subito, outro silencio me corta a locução — e eu experimento então alguma coisa, como se por dentro das guellas alguem me tivesse preso a lingua.

pagar-lhe o tractamento electrico e hydroterapico, e prover sem falhas a caprichosa alimentação que elle apetece. O pae nem já responde ás nossas cartas. Os amigos insinuam que o deixemos ir morrer a Rilhafolles, e vão debandando á formiga, Julião na testada, dando a entender que lhe não mendiguemos mais o concurso, n'esta misericordia de lhe fecharmos os olhos n'uma atmosphera d'affectos, longe da infamia da assistencia publica, que faz dos hospitaes grandes museus do Louvre d'agonia.

Em tal penuria pois, como fazel-o passear de carruagem?

E todavia a tipoia tornou-se o grande methodo de tractamento do Pratas, o unico meio

---

Em todos os outros actos, a mesma turbação, a mesma indecisão. Convidam-me a dar um giro? eis-me perplexo, atordoado, sem saber que fazer: e só no fim de muito me decido, mas então com uma especie de furia; e ahi vou, ahi vou, incapaz sem um sacrificio novo, de me deter em qualquer ponto, e não sabendo evitar os obstaculos, dando encontrões nas pessoas—e assim horas e horas, sempre no mesmo sentido, sempre no mesmo passo, que não ha supplica, nem chacota, nem ameaça, que me obriguem a parar!

de cura que elle preconisa, citando Hypocrates, com a sua auctoridade de latinista trigesime-reprovado, e pelo qual diz que ha-de fazer a ultima tolice, o pobre Jau!

De feito, com estes dias d'outono, a floração da ideia como que desabrocha espontanea, mesmo da grande noite hyperborea dos loucos, e culpa seria não levar o nosso querido inconsciente a vêr cahirem no campo as folhas mortas, e a dulcificarem-se os ceus sobre a religiosidade d'esses restos d'estação descendo á cova. Mas de cada vêz que Pratas vae consultal-o acerca do passeio, elle attonisa-o com o seu invariavel *Qual?* dito n'uma voz rouca de ventriloquo, e fica a mascar a coisa horas e horas, sem lhe prestar attenção, sem lhe

Para me deitar, tomar um banho, a mesma interdicção d'impulso e a mesma duplicidade de criterio, tripudicando sobre a mesma cachexia de vontade.

Que perna hei-de avançar primeiro para o leito, que pé meterei primeiro n'agua?

Já a coisa se realisou, e ainda eu fico a debater comigo o acto cerebral que lhe deu causa, a dizer se não teria sido melhor proceder no sentido *a*, antes do que no sentido *b*, e isto com uma especie de remorso intoleravel, que me não larga, e me pésa no peito, e se me der-

prestar sentido — *um passeio de carruagem . . . um passeio de carruagem . . .* — e tem assim o ar d'um papagaio tristonho, que tivesse aprendido a fallar á força de castigos.

Uma noite em que os seus olhos pareciam mais profundos, e a lingua menos presa, eu tive a ideia de proceder com elle como as mães procedem em geral com as creanças, ensinando-lhe o vocabulario syllaba por syllaba, a vêr se rehavia para a sua bocca, a gymnastica de pronuncia que a doença atabalhoara e pervertera. Agarrámos n'um livro, e eu ia-lhe fazendo dizer cada palavra em syllabas separadas, que elle seguia docil e humilhado, modulando a dicção ao sabor da minha vóz, e pondo na phrase, ao fim d'este preparo, a intenção que eu desejava que elle desse. Tinhamos feito assim umas quinze linhas, quan-

---

rama em crises d'angustia por toda a rede dos nervos convulsivados.

Volto-me e torno-me a voltar na cama, perseguido por esta obsessão, de cuja puerilidade eu sou o primeiro a rir, mas tão forte que ás vezes levanto-me para recomeçar, e assim estou de pé horas e horas, exposto ao frio do quarto, e pedindo a Deus que alguem me venha fazer metter na cama . . . »

do elle me tomou o livro das mãos, e começou a dizer alto a passagem «... *e quanto mais alguem adeantar em espirito, tanto mais graves cruzes acha muitas vêzes; porque a pena do seu d...*»

— Vá! *Des-ter-ro:* DESTERRO. Anda.

Mas em vão tentou dizer a palavra, e como os meus olhos se faziam duros, vi-o fazer de repente um esforço horribilissimo, ter carphologias destruidoras nos dedos, deformarem-se-lhe na bocca os sons, sahirem-lhe ruidos gloticos dolorosos, uivos em vêz de syllabas, nada de perceptivel, nada de humano; e o livro foi parar ao meio da casa, e rompeu a chorar n'uma especie de grunhido que me foi a prova cabal da sua perda, e que eu nunca mais na vida esquecerei.

... Fujo de casa, a porta fica aberta, e correndo pelas ruas, a minha cabeça tresvaira, e parece-me que não sou eu que vou, mas a cidade que se desvia de mim como d'um doido. Porque elle comprehende ainda, e só está partida a fibra cerebral que liga a percepção á forma d'exprimir. De modo que as minhas durezas teem-no amargurado ainda mais do que os seus máles; a parte martyrisante da

sua doença tem sido talvez a minha atrocidade; e elle morrerá na suasão da minha desestima, cuidando que só me interessou a sua pathologia exotica d'artista, e que o que eu quiz foi gosar o seu caso como um espectaculo de sensação deliquescente, que irei divulgar aos prélos, d'essa infamia litteraria saccando o dinheiro com que me hei-de pagar nos caffés, a submissão d'outras camaragens menos puras.

Pratas ao menos é leal: pois se não escreve! — e esse que eu tanta vèz argui de cynico, ao menos esse sabe interpetrar como um santo a biblia da amizade, e fazer florir na sua paciencia de cão tisico, essa flòr elysea da honra que eu prostibulei nos trinta mil graneis da minha copia litteraria.

Tudo o que eu sei da sua vida me faz então reconstruir d'um jacto clinico, n'essa hora maldicta, a historia pittoresca aliaz, de mais um degenerado, um d'esses fulgurantes cimos d'intelligencia — phase nobre das grandes nevropathias — que sustados dão genio, mas cuja evolução desfecha quazi sempre pela imbecilidade e pela morte.

Filiação hysterica e infancia convulsiva, ex-

travagancias e predilecções da puberdade, o que elle me contava out'ora das botijas de genebra bebidas por seu avô, dos extasis mysticos de sua mãe reclusa n'um mosteiro, d'uma irmã meningitica, e do tio jurisconsulto, homem notavel, apunhalando depois d'uma noite d'amor, a mulher com quem vivia — de tudo isto eu ia fazendo uma especie de sarça, d'onde elle brotava, como um d'estes escauzellos moraes que são no alambique das raças, os ultimos distillos da vida coherente.

Via-o creança, aos nove annos, com uma figurinha d'aguarella, fina de carnes, os cabellos sem pigmento, as unhas longas, a vóz avelludada e com demóras sentimentaes em certas inflexões — amando a solidão e as musicas plangentes, colleccionando estampas de castellos, terrivel no amor como no odio, e d'uma volubilidade tal na phantasia, que era impossivel prendel-o a uma lição por meia hora, sem elle cortar o assumpto com estravagancias de mimo e *enfant gaté*. A educação da mãe havia-o feito excessivamente religioso; tinha a feminilidade da igreja, o nervosismo do incenso, paixões quasi physicas por ima-

gens, sentido este que nunca se lhe apagou de todo, e que a reclusão de Campolide exasperou a um mysticismo de fazer inquietações aos proprios padres.

N'esta reclusão do collegio, o thedio da vida, a emulação de continuo posta a tractos, a *surmenage*, a enclausura, a obediencia passiva, os desenxabimentos da comida, etc., não fizeram senão esfuriar n'esse corpinho espurio, como serpes, os factores que a hereditariedade pozéra d'alicerce á fixação do seu typo adolescente. E assim aos quinze annos, emquanto a figura de Manoel tinha as dolencias d'um fim de raça, falho e perfeito como estes *pantoums* da poesia symbolista, o seu processo mental trahia os vicios inherentes ao preparo da educação sobre a organisação, viciadas ambas.

Por exemplo, a attenção tinha caprichos; excessivamente contumaz p'ra certas *causas*, exigua n'outras, té á lastima. O labor da sua celula cerebal, posto que intenso, era na mór parte dos casos pouco amplo. No raciocinio, os assumptos d'imaginação davam-lhe fulgurancias: mas para os outros vinha a fadiga logo esfumaçal-o. — E como sobre isto a von-

tade era frouxa, ou quasi nulla, as quebras do seu caracter sahiam impreteriveis: uma especie de perda d'acção moderadora nos reflexos, uma especie de falta de coordenação nos acto psychicos—as duas determinantes da loucura moderna, que todos os annos levam aos hospitaes trinta ou quarenta mil desgraçados perigosos.

Na Polytechnica, cá fóra, o pouco dinheiro, a muita sensibilidade, instinctos de luxo, curiosidades por tudo—desejar muito e poder pouco—transformaram-lhe os sentidos em outras tantas fontes de tortura. E essa riquissima veia, que transverteria, educada, em obras vivas e nervosas, os azares da miseria, a falta de methodo no esforço, lhe perturbaram o curso facil, dando-lhe desproporções enormes entre o *concebido* e *o feito*, e inquinando-lhe a limpidez com estravagancias, que n'elle foram a causa determinante da catastrophe. D'aqui derivou talvez a sua antipathia invencivel pelos ricos, e a sua timidez ante algum d'esses grandes fanfarrões da sociedade, escriptores lançados, homens de *sport* e de politica, cuja presença só lhe dava calafrios, e cujo solerte *aplomb* lhe provocava depois as

extraordinarias *boutades* que faziam os amigos rir ás gargalhadas. *(c)*

Essas *boutades* eram um desforço e uma explosão; desforço da timidez humilhada, explosão do humor tomando o riacho antigo. Na escola, o seu desdem chocava os camaradas; fallava pouco, respondia ás troças com sangues frios terriveis de desprezo; e a conversar, alguma vez, sentiam-no bem pairar n'uma região de coisas superiores, d'ideias altas, d'onde descia só para confessar os typos, e espargir por elles a sua piedade curiosa de sonhador impertinente. Esta natural altivez tinha-lhe feito entre os rapazes, antipathias invenciveis, chamavam-lhe o *philosopho,* apupavam-no. E elle sahia das aulas com

(c) —*Os vencidos da vida.*

Duzia e meia de ratões que se ajuntaram para envelhecer, supportando uma vez por semana, a sensaboria dos vinhos do *Braganza,* e a chateza deprimente dos *menus.* A' sobremeza, habitualmente, os vencidos da vida dizem mal, com mais ou menos verve—o que é uma vingança licita, na bocca d'individuos de quem se tem dito mal, sem verve nenhuma.

Um terço é celebre, o outro dá-se ares de o ser, e emfim o ultimo faz um fundo de comparsaria pagante.

um imperioso asco de tudo, uma ancia de se *renovar* na multidão das ruas, d'expurgar da memoria a idiotia dos condiscipulos, as ideias de calcados dos mestres, a servidão do ponto, a porcaria dos amphitheatro, reentrando em si mesmo, como n'uma poetica nave, de cujos magnificos abysmos sahiam a recebel-o, visões hamleticas, e ideaes de vida ultra-intellectual e ultra-perfeita.

São d'este tempo os seus estudos sobre o amor mystico em Portugal, de que lhe achámos na mala alguns capitulos, verdadeiras maravilhas d'analyse revelada, de visualidade psychica, que deixam vêr a religião dos claustros como um resultado do eunuchismo catholico, que assombrando e pervertendo as

destinado a fazer valer o talento *maquillé* dos outros dois. Mal humorada sempre, a opinião publica, ao ler no TEMPO as descripções dos seus banquetes, pergunta o que é que esse grupo pretende, e intenta, e mira longe. A resposta é simples. Os vencidos da vida, quando juntos, o que pretendem é jantar; depois de jantar, o que intentam é digerir; e digestão finda, se alguma coisa ao longe miram, tanto póde ser um ideal, como um *water-closet*. Não ha portanto rasão p'ra sobresaltos. Que os vencidos da vida jantem em paz. E se a obscuridade os consola das amar-

relações sexuaes, creou uma especie de delirio affectivo, por vezes erotico, filho do amor esteril e do medo. Taes estudos, completos e levados a publicidade, fariam por si sós, de Manoel, o mais estranho evocador d'almas de que poderiam orgulhar-se as lettras portuguezas, se não fôra séstro d'este divino irregular, uma volubilidade extrema d'ideias, e as grandes ferias d'indolencia que elle dava ao seu espirito, mezes e mezes, e lhe faziam perder, durante estes claros da acção, o fio d'analyse sutilima que primeiro o guiara, nas *recherches* da obra projectada.

Estas intermittencias de trabalho eram já um começo de nevrose, e por causa d'ellas perdeu Manoel na escola uns poucos d'annos.

---

guras soffridas na via publica, fiquemos n'isto — a historia nem sempre fixa os nomes dos que bebem Champagne.

— Nas casas ricas, quando o marido é velho, os pequenos parecem-se quasi sempre com o cocheiro ou com o trintanario. Não é verdade que isto explica a paixão das altas classes, por cavallos?

— Hontem, em casa da Irène, uma das raparigas chorava, toda em lucto. Tinha-lhe morrido a mãe, n'uma al-

Quem com elle privasse, poder-lhe-hia já notar no todo, o quer que fosse d'um inicio morbido, que o fazia escapar da vulgaridade, e destriçar salientemente entre os demais. Sósinho, fallava alto, discutindo comsigo, gesticulando furiosamente a um lado e outro. Os espelhos tentavam-no: era frequente encontral-o a esbravejar deante d'elles, por esta necessidade que teem os cerebralmente duplos, de desdobrar o physico em dois tambem — como uma especie de lisonja aos seus instinctos vaidosos de psycopatas.

Nos periodos d'indolencia, o seu humor era ainda mais desigual do que nos outros.

A uma verve tumultuaria, verdadeiramen-

---

deia de Hespanha. Um de nós quiz ir com ella, e como a creatura se recusava, a patrôa, amimando-a: *vae, é para urissas*. Eis a moderna theoria da fé.

— Maria ha dias, disse-me: quem me déra ser bisexual! Eu vá de rir. — Para ter filhos, sem ter que lhes aturar o pae, ajuntou ella. A maior parte das esposas pensam isto.

— O amor do camponez á terra, vem-lhe talvez dos

te estonteadora, d'um encanto que chegava a parecer feitiçaria, subito, succediam-se periodos de marasmo, crepusculos intellectuaes com sobrelaivos de perseguição e delirio religioso; e eram concentrações de horas e horas, mutismos lassos, calafetamentos para o exterior quasi ferozes, jornadas erraticas com dormidas ao acaso, monomanias de livros e paysagens, namoros a monumentos e velhas bugigangas — melhor: toda uma fuga ao thedio, toda uma obsessão de dar vasante, pela marcha, pelos olhos, pelas palavras ao vento, á sua sezão mental deixada improductiva.

Nunca se poude saber ao certo, se elle, defendendo tal coisa era sincero, ou o fazia

---

pés descalços. O sólo far-lhe-hia brotar raizes, das plantas, e ligal-o-hia assim, indeclinavelmente, aos mysterios do humus germinante.

— Todos os irmãos de minha mãe cavaram a terra, e ha poucos annos ainda, o coveiro de V... era um parente meu. Vem d'aqui por certo o meu odio aos ricos. A' primeira abordagem, não posso fugir de pensar que ha na fortuna d'elles, superfluo, o quinhão da minha familia miseravel.

*

por simples artimanha de *blagueur*; já porque vinte e quatro horas depois, a sua defesa muita vez transmutava em agressão, já por os seus enthusiasmos serem tão curtos, que era impossivel interessal-o, passada a crise, n'uma questão qualquer, a bem da qual elle houvesse queimado, horas antes, os ultimos cartuchos.

Na sua esthetica, como na sua vida, sobresaltos de louco. A sua cabeça tinha necessidade d'um continuo labor de coisas enthusiastas: sómente esta sucessão de primores, jámais elle a poude concatenar n'uma obra só, n'um livro amplo; eram bocados de genio, mas avulsos, fragmentos d'esculptura com que não podia fazer-se uma gran-

---

—F., despachado professor da Escola Polytechnica! A sua cadeira deve ser de rodas, como a de todos os paralyticos.

—Definição de prostibulo: curso completo de mulheres, só para homens.

—Oração d'um arruinado: tornai, meu Deus, em fontes de desgraça, o dinheiro com que eu paguei as minhas dividas!

de estatua. *(d)* E a synthese do seu espirito, achei-a uma vez no frontespicio das TOQUADES, de Gavarni: a Loucura voltando entre as mãos um craneo, por cujos buracos se evola um enxame de borboletas.

Mais trinta dias assim passam, em alternativas d'esperança e desespero, a seguir e esse fio da vida ephemera do nosso pobre amigo, ora coleante, como com incerto carreiro que leva a

---

(d) Entre os esboços d'obra que lhe achámos no espolio, havia coisas absolutamente maravilhosas, que o pae queimou, n'um roldão de furor sacrilego e boçal. Citarei uma noite d'Alcacer-Quibir, depois da batalha celebre; e os commentarios ao livro de Jacob Sprenger, MALLEUS MALEFICORUM, especie de ferocissimo codigo que impõe á igreja a exterminação pela fogueira, de todos os individuos colhidos em delicto ou suspeita de feitiçaria e damnação. Por contraste, direi tambem d'um começo de romance erotico, abrindo n'umas latrinas publicas, com este episodio humano e desopilante: um caloteiro refece a despejar-se com voluptuosidade, n'um dos cubiculos, e receben-

uma caverna, ora sumindo-se de subito, sem nenhum de nós contar d'achal-o depois, entre as brumas da sua razão estrebuchante, mais além.

Os duches frios, que nos faziam encolher os hombros, a mim e a Pratas, lassos de todos os dias lh'os darmos, sem melhora; a morfina, que ás noites lhe applicavamos, sem conseguir para elle, uma hora de lethargo; todo esse jogo de meios preventivos da morte, ao fim de dois mezes d'ensaio, lá apasiguou afinal a carcaça do triste nevropotha, e com a tornada do somno, os passeios matinaes, as refeições a horas inflexiveis, eil-o restituido

---

do ao mesmo tempo, pelo buraco da porta, a descompostura d'um credor, apertado da bróxa até á alma.

A' catilinaria do somitego, retruca o caloteiro de dentro, espeidorrando-se, e o dialogo vae n'um galope de clifufas phantasistas, té que o judeu perdido, larga nas calças o tripo extracto de si proprio, ao som da galhofa de toda a clientella do estabelecimento.

O descriptivo da noite d'Alcacer, depois da derrota sebastianica, li-o a correr em meia hora, mas posso affirmar que nunca em litteratura alguma do mundo, o horror foi dado com tamanha expressão potencial, como n'essas quarenta paginas de catastrophe, que a noite do deser-

de leve a uns esbocos da sua primitiva individualidade. Reflorira-lhe um pouco o fascias cadaveroso, já começavam a interessal-o os velhos livros, e havia no seu olhar esse fundo de melancholia serena, que é na convalescença como um *angelus*, chamando os hypnotisados da morte, á vida activa. N'esse renascer, estrebuchante ainda, dos que estiveram prestes do sepulchro, a bondade, como guarda, para assim dizer, uns restos de transfiguração da outra vida: é um antiphonario de perdão para todas as miserias: vê-se a vida como um immenso carcere, onde já é castigo o ter nascido, quanto mais sofrear ainda o ho-

---

to aliena com todo o mysterio dos seus espantos, e todos os uivos dos seus chacaes. Era incomparavel e estranho! —Goya e Edgar Poë, com mergulhos na mais profunda chacina da tortura, e deformidades de visão onde se via latejar, monstruoso, o feto do assombro, arrancado por furiosas mãos, ás entranhas menstruaes do innarravel.

Sob o imperio da acuidade pictural que move a scena, no espirito do artista, a prosa deforma-se, quebrando as moldagens consagradas, fugindo de proposito ao rythmo musico, para reduzir-se a esquadrões de phrases rapidas, tumultuarias, bruscas, vozeantes, sem apparente ordenação grammatical na formatura, e no entanto horriveis

mem, nas mil asneiras em que elle intenta diluir a sua torpeza originaria.

N'esses longos e solitarios passeios em que se comprazia a sua immensa nostalgia, muitas vezes descobriamos n'elle, extasis mysticos de padre primitivo, e religiosidades d'uma inexprimivel evocação ao ser erratico, que é a alma invisivel de tudo, e ainda hoje, a unica fonte de consolação dos desgraçados. Por vèzes, bem sei, este sentimento afalcoava do seu grandioso pantheismo, para idolatrias pueris por coisas microcosmicas — a ecclosão d'uma fiór, o idyllio de duas andorinhas n'um beiral,

d'expressão como Medusas, d'uma desesperada energia em que as palavras deixam de ser sons para ser formas, e estas organismos, e estes funcções, e estas tecidos palpitantes, com sangue, cheiro, uivos, circulação, fibra nervosa e tempestades.

Oh fulminante, sublime, unico! Inda me recorda a pintura tumular d'essa paysagem do deserto, o ceu pesado de vapores, a roçar pelas areias os seus listrões de ventre typhico, e a leste os dois leitos de rios podres, com penedias onde os abutres crucitam, por cima dos altares do acampamento em destroço, cambaleando de bebedos, por haverem comido os olhos fermentados dos cadaveres.

Na planura em sombra, toda ululante de rumores

uma varina levando á cabeça um filhito, sentado na canastra—e eram por isso interminaveis soliloquios, versiculos da *Imitação* debitados em melopeas de monge tropego, coisas de que não podiamos rir sem o fazer chorar, e que nos aterravam, pela suspeita de que exasperadas, poderiam lançal-o n'alguma crise de monomania religiosa.

Por certo o seu espirito inda era lucido, como outr'ora; lucido mas fraco.

Elle proprio era consciente d'essa anemia ideologica, que o fazia prender-se á camada cortical das coisas, e ficar ahi, sem maior in-

---

que suam funebre, ha calafrios de vida phantasmatica, galopes de corceis batendo as armas d'incertos cavalleiros, vózes que nas trevas se chamam, sem resposta, ladainhas e delirios, ralos d'agonia e canções da soldadesca, a quem o medo talvez tirou a razão, antes da vida. Sob o calor asphixiante, vaga, em baforadas, esse cheiro de defuncto e sangue podre, que incita á copula, dizem, a soldadesca. E de quando em quando, um relampago mostra de repente os ladrões arabes, avançando em bandos alvadios, d'alfange nu, para escorchar á revelia os moribundos: e por cima, bebedos de carnagem, fornicando e comendo sobre a morte, cada vez mais, os abutres turbilhonam, n'uma festa d'animaes gozosos da tortura humana...

ventario, como um parasita no tronco d'um carvalho. E era curioso marcar na sua intelligencia o accesso vesperal d'ennublação, prevêr a sua inquietação ao acercarem-se do dia, certas horas; vêr como certas conversas atormentavam n'elle, certas obsessões, e como o ritornello morbido da sua razão, respondia, com uma nitidez da camara escura, á simples suggestão mental de certas paysagens e de certos sitios. Em Collares, n'um dia de mar grosso, almoçando nós na praia das Maçãs, uma manhã, vimol-o de repente erguer-se como um doido, ir contra uma vaga altissima que vinha, lá do largo, rebentar em cachões na areia, a poucos metros. Fôra instantaneo aquillo, mas houvemos que nos metter pela terra adentro, porque o terror só lhe passou, depois de termos perdido de todo, a vista d'agua.

Apesar da melhoria sensivel, a sua fraqueza muscular era completa, os accidentes dyspépticos subsistiam, impedindo o trabalho, tirando-lhe o apetite, aggravando a sua mysantropia mais e mais. Quando uma tarde, como eu o via não largar co'a vista a garrafa que estava sobre a meza—perguntando-lhe se desejaria um pouco de cognac—elle, instan-

taneamente afogueado, declarou, cingido a mim, que o seu grande desejo era beber. Tinha a certeza de que só bebendo, se restabeleceria.

Esta ideia de beber não o largava; luctára contra ella com todas as forças da sua razão, mas impossivel; e a bebida tornava-se-lhe n'um d'estes desejos poly-celulares, poly-vitaes, contra que se não póde reagir, sem sossobrar.

Emquanto estas coisas dizia, com uma vivacidade estranha de palavras, eu vasava-lhe um calix de vagar, de que elle bebeu primeiro, a medo, algumas gottas, e em seguida tragou sofregamente, até ao fundo. Acendemos cigarros; Pratas, que trouxera de fóra um numero novo da *Revista de Portugal*, abria-o de vagar, repassando com as pontas dos olhos, uma ou outra pagina do *Fradique Mendes*, ultima obra philosophica do Eça, de que o indio leu com emoção, os bocados mais profundos. Por essa leitura soubemos que o parlamentarismo e o constitucionalismo estragavam em Portugal, a cabidella de frango, e que *Fradique* começara a interessar-se pela Historia, por a tia lhe haver dado em pequeno um pataco, para bolos. A necessidade que

tem cada um, de possuir quintas, explica-a elle... «por nos prendermos mais, pelo forte vinculo da propriedade, ao solo augusto d'onde um dia tinham partido, levados por um immenso tumulto d'ideias grandes, os buscadores de mundos...»—Hein? É conselheiro Accacio do melhor. Já os meninos ficam sabendo porque foi que o Estevão d'Alcochete comprou na sua mocidade, Pancas... foi por Vasco da Gama ter embarcado em Belem, no seculo XV, para a viagem da India.

—Que vem a ser então este *Fradique?*

—A condensação, n'um typo de caixeiro, das ideias, das apreciações litterarias, e das pedanterias juvenis dos homens do *Cenaculo,* que envelhecendo, e chegando a cargos officiaes, deram a philarmonica dos vencidos da vida. *Fradique* é uma especie de Ramalho Ortigão, que tendo lido todos os livros, visto todos os mundos, e conhecido todos os homens, descambia a dizer asneiras sobre as coisas que viu e percorreu. Uma alcofa de trapos com pretensões *bric-à-brac;* dois terços de crevetismo, por um d'estado comatoso, o todo servido dentro da geographia do Elyseu Reclus, por uma especie d'esqueleto satyrico.

—Moralidade: nada entristece mais do que a senectude precoce d'um homem de genio.

—Amen. Vá fóra o livro, e mandemos o auctor de presente a Brown-Sequard!

—Accede, comtanto que vocês me deixem a garrafinha de cognac.

A esta palavra, os meus olhos cahiram na garrafa: vi então que Manoel estava bebedo, e que o nivel do licòr descera quatro dedos.

A embriaguez vitalisára porém completamente o meu amigo, endireitando-lhe o tronco, fazendo-lhe o olhar relampejante, a loquella facil, o gesto impetuoso, e por todo elle uma lucida e maravilhosa resurreição d'intelligencia. Essa noite andamo-la toda pelas ruas, invectivando os predios mudos, espantando com mephistophelicas preguntas, os guardas-nocturnos e os policias. Manoel, a cada paragem nossa, eclipsava-se um instante, e depois vinha, baforando a cachaça, demolir comnosco as instituições. Á uma hora, já a sua exaltação era terrivel, uma irritabilidade dura contra tudo, e saccudidos de vóz, com bruscas suspensões de respiração curta e de demencia. Por evitar desaguizados, queriamos leval-o p'ra casa, e elle reagindo, a tremeli-

car nas esqueleticas pernas d'aranhiço, cahia de prostração nos bancos, e logo de golpe, levantava-se, indo d'uma conversa a outra, puxando-nos, sem conseira nas coisas que dizia.

A madrugada, na cama, foi convulsa. A todo o instante brados, que o estavam enterrando vivo, entre ninhadas de ratos: *e que o outro morrera;* porém elle, Manoel, antes queria apodrecer em pé, fóra da cova.

O cognac foi atirado á rua, apenas chegamos a casa, e por desvial-o do alcool, combinou-se vigiarmo-lo noite e dia, não o deixando sósinho um só instante, nem consentindo tão pouco que elle trouxesse real nas algibeiras.

Mais uma vez as severidades de Pratas, que a dedicação tornára em carcereiro, conseguiram esconjurar o perigo, por uns dias. E na salinha d'estudo, phallansterio de mocidade pobre, de quem os livros eram os unicos amigos, em quanto um sahia, ficava o outro de sentinella ao nevropatha, manhãs e noites, lendo-lhe passagens, buscando distrahir-lhe o espirito perplexo, ancioso, e como que á espera sempre d'uma catastrophe inevivel.

Entretanto, uma tal vigilancia sobre o enfermo, não podia ser, por muito tempo, absoluta, previsto como, as exigencias da vida nos forçariam a andar por fóra, em trabalhos de lições e bibliotecas. Afrouxámos pois de rigorismo, quando havia já uns dias que Manoel não fallava em bebida, parecendo ter voltado ao seu typo normal de convalescente. Haviamos notado, é certo, que elle, com aspectos de tranquillo durante o dia, accusava ás approximações da noite, um exaspero evidente, uma preplexidade muda e desconfiada. Estas perturbações d'ordem emotiva porém, com quanto referentes a lezões profundas do systhema, não tinham fixado até alli um typo de *cerebral,* inquietante, por onde fazer diagnostico seguro. E se nenhum de nós se illudia quanto á possibilidade de vermos Manoel reposto na primitiva validez, todos acordavamos comtudo, em que, evitando-se as crises, não seria muito ter esperança de o vermos ir vegetando, valetudinariamente, inda alguns annos.

Restituimos-lhe então pouco a pouco a liberdade, certos de que, não tendo elle dinheiro, em pouco poderia exceder-se lá por fóra.

De mais, approximavam-se os exames, e com elles um sobrecarrego de trabalho esmagador. Manoel, que durante quazi todo o dia ficava a lêr, deitado sobre a cama, chegada a noite, agarrava no chapeu e ia-se embora, tornando a casa só por altas horas. Em parte, n'estes dias d'estudo por atacado, a ausencia d'elle constituia para nós um beneficio. Meia noite dada, eu e Pratas fechavamos os livros, iamonos deitar, deixando aberta a porta; por fórma que Manoel entrava muita vêz, sem nós sentirmos. Como a vida nos não sahia de dentro das folhas dos tratados, em pouco reparavamos na ordenação da nossa residencia. Pela manhã, vinha uma mulher limpar o pó, mudar a roupa, trazer a comida, sem nós mais querermos saber d'aquillo que fosse estranho ás disciplinas que estudavamos. Antes de sahir, uma ou outra vêz, Manoel vinha ao meu quarto — Queres alguma coisa de fóra?...

Havia quasi sempre trocos sobre a meza, elle escolhia uma pequena placa p'ra cigarros, dizia até logo, e dava ás pernas. Todavia, apezar das nossas preoccupações, tempo depois d'elle começar a sahir só, entrou Pratas a reparar que elle bebia, só recolhendo a casa

manhã clara, e n'um estado de devastação que mettia medo. N'elle, o caracter das allucinações antecessoras do somno, era mais do que nunca, depressivo, d'uma mobilidade extrema, filiada em illusões acusticas medonhas, gritos d'alarme, interrogatorios de magistrados, accusações de roubos e d'estupros, fulminantes injurias, avisos de ciladas — coizas d'infamia, cuja terrifica surpreza subsistia até no estado de vigilia, a ponto do indio lh'as não conseguir tirar da cabeça, horas e horas. Essas vozes mentaes, acordavam então de roda d'elle, visões d'apocalypse, carnagens barbaras e flacidas de monstros, repetilidades primitivas, cortejos comicos e obscenos: eram regimentos, ratos, viboras, anões, fugas de fetos, autos de fé com frades e com santos, coisas de todos os mundos, de todas as epochas, de todas as turgencias lobregas, filiadas nos actos da sua vida e nas suas leituras, debruçando porém o strabismo do olhar, sobre um universo de horror, d'onde a sua imaginação achimisava, a cavallo na morte, a essencia da tortura.

Tinham-lhe começado outra vez as ancias de dinheiro, viamol-o sahir de casa com em-

brulhos, descer a escada de manso, e chegando à rua, virar-se de repente a vêr se era espreitado. Dentro de pouco, o fato que vestia, estava ignobil, sem botões, esfarpado nos cotovellos e na orla das calças, manchado de nodoas de poeira, miseravel. Não tinha roupa branca, desleixava os mais pequenos pudores do aceio corporeo, o cabello crescera-lhe, como uma juba de faminto: e era Pratas quem, todas as manhãs, maternalmente, deligenciava metter uma pouca d'ordem n'esses andrajos.

D'uma vez, necessitando eu de fazer uma visita, fui procurar a um armario, a andaina preta, e vejo com espanto que quasi toda a minha farpella de reserva, desapparecera. Calças de verão, casacos d'abafar, velhos coletes, uma casaca rica que o alfaiate trouxera, dias antes, tudo levara sumiço! Intrigado sobre o caso, corro a uma grande mala de viagem, sacco p'ra fóra as gavetas da roupa, e como no armario, vi os cacifros da mala despejados. D'um pequeno enxoval de linho que minha mãe me mandára, nos principios do inverno, nem uma camisa sequer, nem uma toalha. Voara tudo, e generalisado a livros e

a pequenas bugigangas d'escriptorio, o inquerito que fiz, mostrou-me fraudes identicas ás da roupa. Era pois certo, estava roubado, e não fôra mister esquadrinhar muito, p'ra conhecer o auctor d'aquellas infracções. Resolvi no entanto manter segredo, e aguardar as coisas com coragem.

Passava de quatro dias já que Manoel não vinha a casa. Pratas, a quem eu perguntava, a mendo, novas d'elle, respondia ao acaso palavras de desculpa, com uma placidez fria de mais p'ra ser sincera. Uma noite, vinha do Hospital, por S. Domingos, quando a dois passos, sahe d'uma escada um vulto dubio, que se põe a marchar aos zig-zagues, cosido aos muros, e dando mostras d'uma singular agitação. Era Manoel, conheci logo, e fui-me atraz d'elle, mais por defendel-o d'alguma agressão inopinada, de que por averiguar de perto os seus desregramentos.

Era já tarde, os transeuntes raros, e lugubre e baixa a luz dos lampeões.

De quando em quando, o seu vulto surgia

n'uma zona luminosa do asphalto, passando como um animal medroso, a correr, n'essa ilha clara; e eu via-lhe a configuração dobrada de cachetico, os andrajos, os gestos de macaco no esgrimir dos braços convulsivos. A distracção d'alcoolico atirava-lhe c'o peito aos candieiros, fazia-o esbarrar nas arvores, e constantemente soava a sua tosse rouca, interrompendo-lhe o monologar monomaniaco! Se o rojar das suas solas rotas cessava, é que lobrigára a policia: detinha-se então, pegado ás arvores, acachapado ás esquinas, na sombra, em attitudes de fuga e de suspeita: ao fim do que seguia, cada vez mais derreado, cada vez mais inquieto, á procura, não sei, do quer que fosse, que não achava, que não vinha, que lhe furtava as voltas, e lhe esgotava a paciencia, tornando-lhe ainda mais febril a gesticulação dos braços, a tosse mais teimosa, e as palavras da sua aravia torva, mais plangentes.

Fizemos d'este módo alguns kilometros — a treva comia a cidade, n'um silencio de maxillas desdentadas, onde as perspectivas ruiam, sepulchraes — e elle, seguindo sempre a via sacra da aguardente, entrava n'uma taberna,

entrava n'outra, para sorver sem paladar, d'um trago, o que lhe davam. Á proporção que a hora ia, as ruas tinham na fuligem nocturna, calafrios de vida criminal, e de redor das tabernas claudicavam sombras de *rodeurs,* que bebiam ou viam beber, aguardando com olhos de mocho, o acaso d'uma desordem, pr'a roubar. E toda essa gente abordava Manoel como um companheiro de *public-house,* tendo com elle familiaridades hediondas, disputas, exigencias, que se resolviam pagando elle a bebida a tres e quatro, dando dinheiro aos mais impertinentes, e deixando-se injuriar e bater pelos mais fortes. A sua peregrinação seguia sempre; mal se arrastava já, rez-vez dos muros, e como os outros, epileptisado n'essa especie de loucura circular, que a escoria humana tem, chegada a hora de fechar a ultima bainca. Por vezes, n'um regueirão de sombra, eu via formarem-se *complots* de typos sordidos, sociedades de crime eventual, que fallavam baixo alguns minutos, destacavam emissarios por qui, por lem, caras inquietas, mascaras de bouzos frustes, com barbas nas orelhas, beiços raxados, strabismos demoniacos; e todas essas anatomias rachiti-

cas de seres falhos, promettidas da *morgue*, com pedaços de carne vil entre rasgões de brigas traiçoeiras, enchiam a minha alma de medo, debruçando-a, semi-louca, sobre um mundo d'infamia inegualavel.

Duas horas da manhã. Já não havia coito onde beber. E Manoel, que ficára minutos apoiado a um candieiro, arrancou-se de novo á somnolencia, e foi andando alem, pela Avenida, té se abater n'um banco, o que fez estugar o passo a dois vultos lentos que o seguiam.

Emboscado n'um canto, eu vi então um d'esses seres chegar-se, circumvagar a vista a ver se era seguido, e bruscamente, entabolar dialogo com elle — dialogo que evidentemente era disputa — porque d'alli a nada os dois luctavam, e o ladrão começou a revistar-lhe as algibeiras.

Rapido aquillo fôra, e mais velózmente ainda eu contravim no meio d'elles, a tempo de derribar o agressor, com uma bengala. Mas passada a scena, quando á tornada p'ra casa, o meu desespero ergueu sobre Manoel, imprecações (perdida a noção da sua irresponsabilidade absoluta) a historia que se lhe seguiu

foi bem mais tragica, e subjugou no meu espirito a piedade, mercê do desgosto horrivel que me inspirava a sua abjecção.

Com um terror de cão preso, que o chicote retalha, entranha adentro, o desgraçado, de joelhos a mim, teimava em supplicar que o não levasse á esquadra de policia.

A reclusão seria a morte, e o terror da cadeia dava á sua supplica, angustias sobrehumanas, que nenhuma das minhas palavras conseguia acalmar.

—... porque sequestrarem-me a liberdade, é manterem-me constantemente em face de mim proprio, dizia elle; e seria medonho, seria medonho! porque eu bem sinto alguem que me faz guerra, uma guerra horrorosa, que me obriga a *fugir-me,* a desertar de mim mesmo, sem que esse alguem me largue um só instante.

Foi *elle* que me obrigou a roubar-te... eu não podia mais: ás tardes, aquella sede vinha-me, e nada a apasiguava senão alcool: era uma coisa maior que as minhas forças, que saltava por cima da minha razão e da minha honra — cada subterfugio para illudil-a, enfurecia-a; eu sentia-a pular, gritar, tramar

dentro de mim — Cala-te! soffre! era impossivel! — Para illudir-me, bebi caffé, a agua tinha na minha bocca um gosto amargo; e então perdi a comida, eram dôres asphixiantes nas guellas, queimaduras no estomago, sedes e horrorosas visões de genebra a toda a hora! E um dia, foram-se vocês deitar, veio-me nitidamente uma coisa em que eu scismava havia muito: ir-me a vocês e matal-os. Que eu odiava-os. Não me davam dinheiro! andavam constantemente a vigiar o que eu fazia! O que eu soffri, para não cortar as goellas d'esses Pratas!...

Foi então que me decedi a roubal-os, p'ra beber. O *outro* é que me suggeriu este projecto. Tu sabes!... as medalhas que Pratas guardava no fundo da mala, as estatuetas d'oiro de familia, as cobertas indianas... vendi-lhe tudo; o pobre sahia, e evitava d'encarar-me; vi-o chorar, tão triste, elle que por coisa nenhuma se desfaria d'aquellas reliquias, que soffreu privações, só por nunca tocar n'aquellas coisas... Mas vocês fujam, vocês nunca se vão deitar senão fechando a porta. Que esta coisa persegue-me: e se o *outro* vier, quem os defenderá da *sua* ferocidade?

Avança o tempo. A nossa esperança é morta para sempre. Já não ha meio d'impedir que elle resvale á degradação, primeiro que morra! Continuar em casa o tractamento hygienico, injectar-lhe morphina ás horas dos accessos, seguil-o por toda a parte, como se segue uma creança, para que, tudo isso? Os medicos acabam de pronunciar solemnemente o veredictum. É um dypsomaniaco, com impulsões homicidas, hereditario, incuravel, a caminhar para o terminus com uma rapidez vertiginosa e delirante. O unico meio d'impedir n'elle as desordens, seria enclausural-o; mas sobre não termos dinheiro para o confiar á casa de saude, ambos receamos de que a prisão seja um avanço á morte, e isto enregela-nos! Porque nenhum de nós acredita ainda que elle morra, e sofreriamos tudo, só para vêr subsistir de pé, grotesco embora, esse phantasma que nem já é sequer o mausoleu d'um espirito, e cujo orgulho Deus podia ter feito castigar d'outra maneira, que não d'esta, descido á condição d'um monstro esfuriado.

E todavia, este estado de coisas não póde proseguir. Os visinhos revoltam-se, escaceia o dinheiro, e passa de nove dias que nem eu,

nem Pratas, conseguimos folhear uma lição. Ha duas semanas, ainda os seus dias eram relativamente socegados, e embora a allucinação explodisse, pelo meio do somno, os seus vozidos, comtudo a madorna lá vinha sellar-lhe a bocca, e apasignar-lhe um pouco o inferno intimo. Agora vemol-o constantemente ralar como um damnado; a anciedade precordial cyanosa-lhe as mãos, afila-lhe o naris, marbrisa-lhe a epiderme com suores glaciaes de paroxismo... — sempre a pedir que o não abandonemos, a supplicar lhe não façamos mal, a ameaçar-nos, a dizer-nos injurias; e com medo de tudo, da casa que nós mandámos edificar de proposito, sobre um poço, dos rumores da rua que se lhe afiguram tramar contra a sua vida; e como um condemnado á morte, a cada instante, salta da cadeira, perguntando se não subia alguem, para o matar.

De resto, nunca lhe foi possivel dar a estes terrores, uma causa material e coherente. Está persuadido de que tudo quanto faz é mau; e por exemplo, recusa-se a comer, porque comendo, incorreria n'um peccado grave; recusa-se a fallar, porque fallando, denunciaria a

sua vida aos que o detestam. E as suas mãos tremem, as arterias teem spasmos, sente formigueiros pelos membros, dôres fulgurantes no tronco; e acocorado, com suores frios nas palmas e nas fontes, eil-o a debater co'as vozes interiores, o seu delirio de perseguido, assustadoramente movel, e que a todo o instante zimbra d'ameaças essa pobre cabeça, liquifeita.

Tambem, a nossa interferencia na sua vida acabou. Não nos escuta. Cada palavra nossa, mais lhe azinma o sombrio rancor que lhe inspiramos, e se ainda tem memoria e attenção com que enraizar, no que lhe resta de cerebro, uma ideia forte, essa ideia homicida, sabido, cinge cada vêz de mais perto, os nossos passos. Porque só vê em nós duas testemunhas presenciaes que poderiam perdel-o, fallando, e não se convence de que a nossa afeição não esteja envolvendo, hypocritamente, uma cilada, que é mister que elle evite a todo o transe. Elle proprio se apercebeu da reviravolta que o seu espirito fez, movendo-nos chacina; sustinha-se a principio, fugia de casa,

deixava-nos... Agora, esses mesmos esforços deixaram d'agital-o, calou-se na sua alma a voz compensadora, que lhe gritava—Não, não farás tal! E assim o vamos vendo aprestar-se para o *grande acto*, vencer as exitações, vencer a cobardia, e nas horas d'impulsão, rangendo os dentes, ascuarem-lhe das pupillas errantes, contra nós, sentenças assassinas. Á proporção que elle se perde, o seu caracter de louco desmuda-se dos pequenos pudores, que uns restos de senso moral inda lhe davam.

Quando o crepusculo vem, vae-nos ao quarto, encara-nos minutos: seguidamente ao que, toma o que encontra, cadeiras, livros, roupa, frascos, instrumentos, desatando a fugir depois, carregado, té ao ferro velho da esquina, com quem negociámos o lhe fornecer por dia, alguns tostões. Arranjado o dinheiro, começa a orgia, orgia de damnado, furiósa, dolorosa, a dessedentar com lava a inextinguivel sede que o devora.

Todos os alcools lhe servem: bebe a agua de colonia dos meus frascos, a tintura de canfora do Pratas, o espirito de vinho das lampadas de caffé... Dos objectos miudos que nos tira, enche os bolsos do frak, e pelo ca-

minho vae deitando fóra alguns, que mais lhe pesam. Nas casas de prego, recebe o que lhe dão, sem discutir, e ás vêzes vae-se embora, deixando os penhores sobre o balcão, sem aceitar a esportula do preguista.

A sua ideia fixa é a taberna. Vae para lá com soffreguidões quasi sacrilegas, sem olhar para traz, colado aos muros como um gato cravo perseguido, e como se receasse perder a vêz no bebedoiro. Todos os malandros da rua são seus intimos; velhos e novos, é elle apparecer, correm-lhe empóz, e são labutas, pedidos de dinheiro, arrastadas brutaes aos cantos lobregos, onde elle lhes larga tudo, com a cobardia d'um sonambulo, deixando-se espancar, roubar, sem dar tino das violencias de que é alvo. Acabado o dinheiro, é quando a sua sede esfuria, a toda a ancia. Para beber, então, todos os meios lhe servem, desde pedir esmola na rua, té vilipendiar-se ao taberneiro, por qualquer pequeno copo d'aguardente.

Pouco a pouco, vem-nos chegando noticia do que elle pede emprestado em nosso nome, a pretexto de termos fome, d'estarmos doentes, d'estarmos presos. Já a nos-

sa dedicação sua vergonha, no juizo das pessoas que elle implora; uma odiosa lenda circula — e desde essa hora, não ha meio de reagir e ter coragem! Nem eu, nem Pratas, conseguimos lêr uma palavra; perdemos ambos o apetite de comer, a conversa pára-nos na bocca, o somno foi-se, e os dias são para nós seculos de carcere, longos, sinistros, cortados d'inquietações e pesadellos. Porque trinta vêzes deliberámos fazer constatar a sua loucura por peritos, entregal-o á policia, a que o interne, e outras tantas, aterrados da enfermaria commum de Rilhafolles, adiamos para mais longe essa resolução suprema, sentindo a nossa estima fundir-se, em bagadas de lagrimas, essa estima d'infancia, feita de condescendencia e de ternura, de que elle já nem commungará sequer, a pura hostia.

Mas então, as suas impulsões, até alli recluídas em estado de projecto, entram a ferroal-o d'instantaneas vertigens; e porque o acobarda a rua, é contra nós que elle acula as gemedoras hyenas do seu odio. Uma manhã, subitamente, a duplicidade mental desapparece, vae-se o ser timido, e o campo fica inteiramente livre, ao *outro*.

O facias mudou; é alguma coisa d'um morto, galvanisado pela peçonhenta raiva d'uma vibora. Tremem-lhe as pernas, mal respira d'angustia, mas tem rompantes em que a musculatura se crispa sob a escandencia da labareda má que lhe avolcoa o peito, desde o diaphragma até á bocca. As mãos teem carfologias raclantes, furiosas, iras d'estrangular, quebrar, torcer: nada lhe escapa, dá pontapés nos raros moveis que inda restam, arrojou-se á mulher que entrava com o almoço; e a lingua prende-se-lhe outra vez—a echolalia accentua-se—por forma que a sua vóz diz coisas d'innocente, n'um estribilho lento, quasi doce, emquanto a sua acção desencadeia ameaças inconscientes, vesanias de besta féra a substituir-se ao homem, não tendo mais a enfreal-a, os reprimentes aços da razão.

Esse dia é-me impossivel ficar em casa, amoedar a minha nervosidade no quantum

de resignação dos outros dias, assistir sem crucifixão de mim proprio, ao seu martyrio. De proposito perco-me nos bairros de povo; é uma *sexta feira*, *treze* de fevereiro, com escaramuças de carnaval já pelas ruas, e vendedores de castanhas, cujos cestos envoltos em farrapos, me dão a suspeita d'occultarem fetos humanos, ainda fumegantes das entranhas criminaes que os alijaram.

Ha muitos bebedos—é n'uma rua em que os transeuntes formilham, indo e vindo, sem parecer que algum d'elles tenha rumo certo —e subito reparo, que bebado ou são, velho ou creança, nenhum dos que passam por mim marcha direito. Quasi todos levam na corcova das costas, na queda das nadegas, na claudicação rythimada das pernas, no desparellelismo dos hombros, evidentes signaes da cyphose profissional que lhes comprometteu, de pequenos, o arcabouço.

A sua miseria tem uma alegria pintada, que vae de baiuca em baiuca, n'um livre cambio de facecias canalhas. Ha dentes podres no riso, o riso surdo das guellas syphliticas, que parece que põe placas mucosas nos ouvidos. E d'essa barafunda da torpeza humana, con-

fluindo, um nojo ferve, e inunda-me de desgosto.

— O meu pobre Manoel, aos vinte e tres annos!...

Quero retroceder, cortar a rua, afim de tomar um passadiço lateral: *pum! pum!* Volto a cabeça, garotos a apupar gatos pingados d'um enterro, onde o triste caixão não gasta cobertura — o padre vae a cabecear de somno — e em tipoias que levaram na vespera hespanholas ao Dafundo, os amigos do morto riem, como n'uma corrida para os toiros.

Vou-me a comprar cigarros n'uma loja, e no grupo da porta, apenas entro, diz uma vóz que o Simões lá deu entrada em Rilhafólles. — O Simões?! — Conhecia-o? — Ah sim! o nome do meu amigo é Manoel...

Por onde quer que vou, não vejo senão pennas espalhadas, como se uma fatidica invisivel fosse adeante, a marcar com pennas, ferózmente, a minha ròta d'aldeão supersticioso. Uma cervejinha! Beber distrahe. Mas inda o moço do café não tem desrolhado a botija, já um rapazóla enfia pela casa, esbaforido.

— Então?

—Morreu agora mesmo.

Santo Deus! Mas é que a cidade inteira tornou em esféra de ressonancia da minha propria ideia fixa. Não ha fugir a vêr reflectirem-se por toda a parte, os dolorosissimos transes do pressentimento atróz que me domina,— é evidente, é evidente que elle vae morrer! De dentro das casas, por traz das cortinas, na lama das ruas, nos dobres dos sinos, na melopêa dos pregões, nas lettras dos cartazes, evidenceiam-se a meus olhos, coizas que tocam na minha ulcera, e me fazem soffrer como um damnado. Em vêz de me desmemoriar, a aguardente esverdea, cada vêz mais, com laivos de rancor, a minha angustia.

Porque eu bem sei que elle não escapa! As suas carfologias raclantes de ha pouco, são restos talvez d'esse instincto agonico dos pequenos seres, que só restituem a alma depois de terem escavado na terra, as proprias sepulturas.

E desoriento-me, começa a anoitecer, os sinos tocam; e no riso d'essa gente, na palestra em que cada qual vem entretendo o companheiro, não ha som que não contenda comigo, importando-se com o que se passa na mi-

nh'alma, desmascarando a placidez que eu pretendo affectar, na correria estrebuchante em que me esfalfo, e travando em escarneos, o meu desespero inutil, e a minha energia esfacelada. Mesmo um momento, eu delibero agredir o primeiro que ouse fitar-me nas pupillas — porque emfim, que tenho eu hoje, pr'a toda a gente me encarár d'esta maneira?

Inda uma estação n'uma taberna: eh lá, genebra! Nos dois homens que se encostam ao balcão, decilitrando, aos bordos, um velho caso de facadas, julgo reconhecer os gatos pingados de inda ha pouco; e sem os olhar, porque os olhos d'elles ler-me-hiam no sentido, pergunto-lhes em vóz baixa, anciosissimo, se por casualidade o defuncto era já velho. Não respondem (ou não ouviria eu o que disseram) e offereço-lhes do meu copo, enternecido — seus bebedos!

— Vocês, quando levam algum a enterrar, não reparam primeiro se o estupor estará bem morto?

E sem esperar resposta, assento uma bofetada na focinheira do mais novo.

Onde estou eu? Tudo agora é tenebroso e côr de tinta, com pequenos pontos de pyrilampo que põem no cerebro da noite, como um lampejo d'ideia, repentino — deixo de vêr os vultos, de perceber se fallam, de sentir atraz de mim finalmente, essa obsessão de turba-multa, perseguindo-me — e n'um calvario que eu trépo, indefinidamente, com furiosos esqueletos d'arvores nas barreiras, o uivar d'um cão invisivel dá-me a impressão d'um chóro, que eu bem sei que é meu, e que ao mesmo tempo alguem está a chorar fóra de mim.

Ser enterrado vivo! eis o avantesma maximo da tortura, com que se vinga no homem, a terra bruta, ciumenta da corda d'alma que em nós vibra. O maldicto cão, que se não cala!... Ora, da posição de centenas d'esqueletos, sahe a certeza, de que mesmo apezar de rigorosos exames clinicos, milhares de creaturas teem ido perfeitamente vivas, para a cova. Avança a sciencia, mas a linha differencial entre vida e morte, cada vêz é mais diffusa e incognoscivel. Onde esta confusão entre os dois estados, mais incomprehensivelmente póde dar-se, é sem duvida alguma nas doenças nervosas — oh Deus! Deus! — que attenuam e sup-

primem mesmo, certas funcções, sem abolirem a vida. Na minha aldeia amanheceu morta na cama, uma mulher possessa do demonio, e eu mesmo pude constatar que o corpo d'ella estava podre, vinte e quatro horas depois de trespassado. Ai! os uivos d'este cão fazem-me frio! — Succede que os coveiros, revolvendo ha quinze dias a terra do cardal, acharam o esqueleto da endemoninhada, de bruços, e com evidentes signaes de lucta, sob a terra. Passos na estrada — olá, amigo! Não haveria meio de pôr nas sepulturas, um tubo de ferro?

— Um tubo de ferro... nas sepulturas... an?

— Para se accudir aos gritos dos que você tiver enterrado, por engano.

— An?

— E' que eu tenho um amigo, que elles querem enterrar, e que por modos não está morto... As covas no cemiterio agora são mais fundas: vocês calcam-nas horas e horas, a pés juntos... Como saber então quando elle soffra?

— ...?!

— Porque, reflicta você, não ha nada mais pavorosamente concebido p'ra nos endoide-

cer, como esta ideia da possibilidade de se estar n'um caixão, amarrado, debaixo da terra, as vestes molhadas, o verme roedor que se adevinha, a negrura da noite absoluta, um silencio de fundo de mar, a nos pôr glu-glus de diluvio nos ouvidos. . . —Hein? falta-lhe o ar: é a asphixia ascendente do sepulchro...—ponha na sua ideia agora, as exhalações da terra humida, da terra egoista, da terra devorante, da terra deboxada, da terra que nos lambe e que nos palpa, chorando sobre nós o regelo das suas larvas invasoras—você quer-se mexer, percebe? soltar um grito, cheio d'ideias d'ar livre, de sol, d'egrejas, de relvas, de horisontes, e a passarem-lhe por cima da carne, hediondos seres, té que a toupeira das covas comece a lhe pregar dentadas nas palpebras, com ancia, na pata das orelhas, de repente, nas cartilagens das azas do nariz. . . —Ouve este cão, você?

—An?

—Como será que os seus uivos podem exprimir assim uma desventura, que afinal de contas é só minha?. . . Ah, felizes dos cães que ninguem sepulta, e que apodrecem no campo, ao ar, entre os latins dos corvos!

— 14 de Fevereiro.

Entro em casa no dia seguinte, ás oito horas, depois de ter vindo escutar os rumores de dentro, vêzes sem conto, á fechadura. O silencio d'esse pobre interior faz-me cobarde.

E ao passo que o receio me punge, uma curiosidade guia ao fecho da cancella, as minhas mãos. Mas não foi sem reagir profundamente, que me decidi emfim a abrir a porta. Acho Pratas de cama, febril, cheio de sede, e a seu lado, velando, a pobre serviçal que vem pela manhã fazer os quartos. Anciosamente, informo-me do ocorrido. Des'que eu sahi, a agitação de Manoel subira a um extremo ameaçador e ferocissimo; tinha sido necessario encerral-o n'um quarto sem janella, porquanto elle ameaçava precipitar-se, vendo por toda a parte policias a agarrarem-no, e precipicios abertos, formilhando de ratazanas esfaimiadas. N'este comenos entrou Novaes, que não me

achando, foi pelas casas, á procura; dera então volta á chave da prisão de Manoel, desprevenido, o que motivou saltar-lhe o louco de surpreza.

A penumbra da casa não deixou vêr ao pintor, o perigo da cilada. Houve uma lucta. Mas possante como era, Novaes derribou-o, quando já Pratas tinha corrido, ao barulho do corpo no sobrado. Vae, ao agarrar a mão do louco, o indio cortára profundamente o pulso, vendo então que o misero brandia um cutello cirurgico, tirado d'uma caixa d'amputações, por elle escavacada.

Armado ainda, e apenas safo dos poderosos braços que o vergaram, Manoel sahira á rua, com o sangue de Pratas betando-lhe sinistramente a roupa e a carne livida. A visinhança acorrera, e sobrevindo a policia, conseguira-se desarmar o allucinado, que cinco horas depois, n'um collete de forças, era expedido a Rilhafolles.

— Acabou-se tudo. Está perdido!

Expeço ao pae um telegramma breve, contando-lhe, e outro á resignada mulher que tanto lhe quizera, este mais longo, a pedir que o livre dos horrores da sala commum,

pela misericordia d'um estipendio, com que já não podia a dilacerante miseria em que elle nos deixára.

No hospital, aonde corri depois, não m'o deixaram vêr. Sobreviera uma paralysia facial, apóz a furia, e o doente, n'uma especie de coma, accusava uma difficuldade enorme em deglutir.

— N'um periodo incerto, mas curto, accrescentou o clinico de serviço, a morte ha-de ser o desfecho inevitavel.

E foi, mercê de Deus! ao cabo d'uma semana d'extincção benignamente serena, em que se lhe minguou o corpo, por forma a ser restituida á terra apenas, a ossatura, e não lograr em pascigo, a maldicta, nem uma particula só da transcendente substancia que fizera o Manoel semi-deus dos dias sãos. O transporte d'essa carcassa paralytica e viscosa, do Hospital, para a Casa de Saude, n'uma terça-feira d'entrudo, por ordem *d'ella*, foi já um começo d'enterro, enterro de palhaço, atravessando de vagar as ruas novas do Bairro

Estephania, entre os apupos das mascaras, e os tremoços e os gritos da estupidez popular pinchando fóra do sinistro carcere de si propria.

Da carruagem fechada em que o levámos, acocorado entre cochins, como um feto d'escaras vinolentas, nós escutavamos chorando, esses rumores sardonicos de pandega, em que os outros se esqueciam, alli tão perto, e ao mesmo tempo tão longe da espiral malefica do nosso fado.

— Quem sabe se elle ouvirá ainda esta canalha! dizia Pratas phrenetico, puxando a si os trambelhos das portinholas, que as mascaras tentavam abrir por fóra, n'uma algazarra. Ouvir ainda esta canalha? a bôas horas! Havia muito que o unico buxuleio vital de Manoel, era um imperceptivel hausto de narinas; que os seus gemidos não eram gemidos, mas almas de gemidos, e nas suas pupillas inertes, o olhar era o sitio do olhar, e nada mais. Só o seu coração arremettia ás vezes, molosso doido, se a minha mão, sobreposta á gradaria das costellas, interrogava esses restos d'orgão que ia parar virginal, como o d'Enjorlas, e entre cujas fibras jamais imagem de mulher ficará presa.

Lembra-me a sua ultima noite, n'aquelle quarto da casa de saude, estreito, com uma pequena janella sobre os campos. Ao fundo o leito: n'uma etagére, um crucifixo: flores por toda a parte: e as vózes estrebuchantes de duas irmãs da caridade, a psalmejarem, de joelhos, o officio da agonia. Á nossa entrada, o velho duro que está assentado á meza, encara-nos com odio. Mas os nossos olhos evitam-no, indo encontrar mais longe, a caminho do leito onde elle está a expirar, outros olhos terriveis de mulher. Vejo-a então bem; é quazi velha, com um vestido negro, e uma gollilha bordada, em grandes bicos. Sobre as orelhas ha já cabellos brancos, tem a pallidez macerada d'uma santa, as mãos reaes, queixo voluntario... Entanto essa rigidez guarda uma bocca pura de creança, e sahe d'essa magua, uma obra prima de martyrio. Por forma que nos detemos attonitos, cheios de remorsos, deante

d'ella, como se foramos nós os matadores da sua felicidade.

Toco as mãos do agonisante, um marmore molhado. Está a amanhecer lá fóra, e os cinzentos azues d'essa madrugada d'inverno, entram no quarto, com albescencias funereas que me espantam. Pelas quatro horas, Pratas, que lhe sustinha o pulso, dá de repente um grito: é o momento: e o velho erguendo-se, em vez de correr ao filho morto, é contra nós que parece crescer, rigidamente...

Descemos a escada, perseguidos por essa obsessão d'olhar odiento, que nos expulsa, e exprobra, um crime imaginario. E na rua, a accusação do velho segue-nos ainda, até que Pratas reatando um fio raciocinal mysterioso, que elle lá sabe, pergunta se eu acredito na identidade perfeita do espirito, com o corpo. Não lhe retruco, e o indio, com um suspiro desalentado:

—O ideal seria que a alma d'elle não morresse, e nós ainda a encontrassemos, intacta e genial, n'um outro involucro...

Marchamos por muito tempo a par, sem uma palavra, vendo a manhã subir nos cimos das colinas.

—Oh mas não é possivel! diz o indio. Os factos mais banaes dizem que não. Até porque, repara... se o espirito fosse uma entidade separavel do arcabouço, ninguem desviaria assim promptamente o rabo, quando alguem lhe promette um pontapé.

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.° 5—3 de Julho de 1890

SUMMARIO

LISBOA HONESTA — CONCURSO DE BELLEZA NO JARDIM, E DA SUA INFLUENCIA DISSOLVENTE — COMO É QUE O JURY COMPREHENDE ESTA NOÇÃO ABSTRACTA DA BELLEZA — S. BENTO, BOLSIM DE NEGOCIOS, E ROCIO DOS TOLOS — AS COROAS CIVICAS DO *Correio da Manhã* — GALERIA D'IMMORTAES E DISCURSO DE MODAS DO

SNR. VIEIRA D'ANDRADE — O ORADOR ELMANO — DE COMO O CREADOR LOGROU TORNAL-O VALIDO, TIRANDO-O D'UNS ALGUIDARES — DISCURSO E OFFERTA D'UM VIRGO... POLITICO — ELMANO SABIO E ELMANO *pinaud* — PORQUE NÃO TOMA BANHO DEANTE DO CREADO — O SUBSTITUTO DE CAMILLO CASTELLO BRANCO — AS ENCYCLICAS DO SNR. HOMEM DE LETTRAS, RAMALHO ORTIGÃO — CHAGAS E AS SERRAS — D. AGOSTINHO MANOEL, PANEGYRISTA DOS ARTILHEIROS — HABITOS MILITARES DO INFANTE D. AFFONSO — DE COMO DESCASCAR BATATAS É UMA VIRTUDE GUERREIRA — DOS PHOSPHOROS, E SUAS CORRELAÇÕES MYSTICAS CO'A BRAVURA — O *Sabão Moutinho,* EXPLICADOR DOS GRANDES RASGOS.

---

15 de Junho.

Lisboa foi hoje honesta. Saudemol-a, nós que todos os dias lhe censuramos os erros e as tolices. Annunciára o Jardim Zoologico um concurso de belleza para meninas de 10 a 15 annos, com premios d'ouro, e exhibições plasticas, perante um jury de *cavalheiros entendidos.*

Pois ao contrario do que se esperava, só lá appareceram familias possuidoras de meninas fóra de concurso. Ao todo, umas quatro duzias de monstrosinhos, modestos, d'olhos baixos, com caras de gravuras do *Occidente,* e que ao passarem rez-vez do jury, pareciam dizer-lhe angelicamente: — Não, nós não viemos cá ao cheiro dos premios, como muito

bem prova a certidão que os nossos papás nos escreveram na figura.

—Nós viemos, mas foi p'ra ver os *bichos*.

N'esta palavra *bichos*, ironia das feias, ás bonitas, e ironia assim aos membros do jury, que foram toda a tarde os unicos... expostos.

Em termos que o certamen de belleza, sobre não ter dado ao Jardim a enchente cubiçada, inda por cima inverteu os tramites da festa, tornando-a n'um concurso proposital de fealdade.

Oh, é celeste a virtude—é celeste e consola—bello ou geboso o corpinho em que resida!

Toda a pequena burguezia de Lisboa comprehendeu d'intuito, felizmente, o quanto seria odioso expôr as filhas ao som d'uma fanfarra, por dinheiro, como nas feiras, e n'um local onde só é costume haver exposição de phenomenos e de cães. Porque no fim de contas, o que é um concurso de belleza? Uma prostituição sem posse, que ao convergir sobre meninas de 15 annos—edade em que o sexo não hesita mais, e o caracter apprehende, das suggestões exteriores, o substracto das suas

determinantes de toda a vida — muito bem póde tornar-lhes a formosura em ideia fixa, acarretando-lhes, por esse facto, todos os senões de mulher bella por officio, a começar pela vaidade, que as faz tolas, e a dar fim no exhibicionismo, que as faz adulteras.

Desgraçadamente não faltam ás nossas raparigas factores de hereditariedade morbida, d'imitação, de meio, que, impossiveis de varrer ás vèzes da educação da infancia, tão perigosas crises vem a produzir, na adolescencia.

Basta lembrar o viver promiscuo dos grandes predios de Lisbôa, onde dezenas de familias apodrecem sob o mesmo tecto, em casas sem jardim, servidas pelo mesmo gallego e pela mesma porta, despejando os restos no mesmo barril, vigiando-se umas ás outras, subjeitas á alcovitagem das creadas, pela manhã, na escada, ás horas da hortaliça; e não podendo chegar a uma janella, sahir á rua, entrar n'um theatro, ler um cartaz, que logo trinta mil conspurcações lhes não façam pst! á attenção, sollicitando-as, captando-as, resolvendo-as, como outros tantos dissolventes grosseiros do pudor das mães, de alvinitencia das filhas, e do recato austero do interior.

Mercê do clima e do regimen intimo da vida, a raça portugueza é precocissima.

Aos quinze annos, não ha rapaz em Lisbôa que não tenha já um filho — de dezoito.

As meninas ainda ás vezes não teem largado as bonecas, eil-as já nubis, e subitamente roídas pela instinctiva suspeita d'uma funcção em que ninguem lhes falla, e ellas presentem já, no que lhe occultam.

Ponham na confidencia d'estas andorinhas, agora, alguma d'essas creadas de Lisboa, contractadas na agencia, e vindas de todos os *bas-fonds* do vicio eventual. Deem-lhes por escola, em seguida, o pensionato da D. Andreza, n'um terceiro andar da Baixa, que cheira a iodoformio, e é ao mesmo tempo casa de hospedes. Abra-se-lhes a janella, por camarote dos espectaculos da rua. O noticiario dos jornaes por *Bibliotheca de Damas*. A Avenida por logar de folego e de passeio...

— Não é verdade que tudo isto basta, ás impressionaveis, para exasperar n'ellas o sexo, e fazer ferver n'essas doidejantes cabecinhas o desejo do ser — complementar?

Expôl-as ainda por cima, n'um parque,

exaltar deante d'ellas a carne—medeante premios e o exame clinico d'um jury—que é isto, senão assentar cupula infame n'um edificio d'estimulos condemnaveis, que as pobres teem vindo a sentir levantar-se, dentro d'ellas (mercê das causas que atraz puz) e que ás *propensas* dará a noção de que a formosura é uma coisa que publicamente toma o passo á virtude, e que ter bonitos olhos é muito mais rendoso, do que possuir bonitas qualidades?

D'ahi, sob que aspectos estheticos ia o jury encarar, no concurso do Jardim Zoologico, esta noção abstracta da belleza? Que defenido typo, e que modelo, invocaria elle, para proclamar a belleza da menina Amelia, superior á belleza da menina Octavia? A que exames estava resolvido a proceder? Contentar-se-hia com as exterioridades simples, nada illucidantes, ou exigiria provas mais experimentaes? Como termos de comparação para chegar a um veredictum, o exame do jury limitava-se ao rosto, e seus annexos, ou premeditava... descer? E em qualquer dos casos ainda, os tra-

mites d'esse exame eram simples actos de visão, ou exercer-se-hia o testemunho d'outros sentidos?

Os cavalheiros *entendidos* que o digam! Porque ha trinta meios de apreciar a belleza. A menina Dorothea pode ter um rostinho de deusa, e ser coxa. A menina Claudia pode ter beiços de preta, e uma dentadura deslumbrante. Respondam os membros do jury: no caso de terem de se decidir por alguma das duas meninas, far-lhes-hiam abrir a bocca? revistar-lhes-hiam as regiões locomotoras — com oculos, sem oculos?—avaliando da finura de pelle, por meio de festinhas corridas á flôr das regiões apreciadas, e do estado de firmeza dos tecidos, por via de beliscões e cocegas exercidas nos plexos sensiveis d'essas regiões?

Porque tudo isto são factores d'apreciação, que era indispensavel interviessem conjunctamente no voto final de s. ex.as Fallem pois com franqueza! Não se constitue um tribunal d'essa supremacia artistica, sem primeiro accordar n'um typo ideal de referencia, e n'um plano d'indagações, destinado a aferir todas as examinandas pela mesma bitóla.

Podem s. ex.as, os membros do jury, dizer-me ao menos — que bitóla era essa?

Porque emfim, elle ha milhares de modelos, milhares de typos. Ha a belleza loira, ha a belleza morena, a belleza gorda, a belleza magra, a belleza pallida, a belleza rosea, a belleza sanguinea—fundada na sympathia (premio de consolação para as que nem são bonitas, nem feias) — fundada na intelligencia (especie de refrigerio das horrorosas) — fundada sobre a carne, e que espessando-se, como s. ex.as muito bem sabem, chega ás vezes a identificar as meninas co'as vaccas,—peço desculpa — parideiras. Ora, o jury dos cavalheiros *entendidos* não aclarou sufficientemente estes detalhes: e d'ahi talvez a retracção das familias possuidoras de meninas — nos casos.

Supponhamos agora que os cavalheiros do jury são papás (com certeza não são) e teem todos, ou alguns, lá por casa, umas rapariguitas vivas, de 10 a 15 annos, mimosamente educadas no recato domestico, entre pudores familiaes, com o escrupulo e a auste-

ridade de quem prepara, n'esses implumes seres, noivas ideaes, mães de familia immaculadas, idolos do lar, emfim, futuros e divinos. Tanto os cavalheiros, como suas respeitaveis consortes, andam constantemente ao de redor d'essas adolescencias de filhas, vendo-as crescer e desabrochar, com o religioso orgulho de progenitores enternecidos da sua obra. Não ha palavra dubia que lhes não evitem, suspeita d'ideia má que lhes não poupem: são por toda a parte exames demorados, escrupulos sisudos, a respeito da escolha do collegio, da escolha das amisades, da escolha dos vestidos. Esta creada não traz a carta limpa? Recusa-se, não vá ella suggerir algum mau exemplo á nossa filha. Na casa das Lopes consente-se ás noites o gargarejo d'um sargento aspirante? Evite-se immediatamente a intimidade d'essas impuras donzellas com a nossa.

E um dia, voltam os cavalheiros da repartição, e dão subitamente de cara com os cartazes do Jardim Zoologico, annunciando que um grupo de mariolas, constituido em dictadura artistica, resolveu convidar as filhas de v. ex.as, a uma especie de bazar, onde as po-

bres pequenas figuram de prendas, e haverão que subjeitar-se a uma prova publica (qual seja, importa pouco) que só costumam soffrer as escravas, nos mercados devassos do Oriente, e as prostitutas somenos, nas praias e estações d'aguas francezas, onde vão divertir-se os deboxados ricos de todo o mundo.

É de prevêr que v. ex.as entrem então em casa furiosos, e com um desejo violento de tres coisas: prohibir á familia a visita ao Jardim Zoologico: reclamar da policia dos costumes o immediato arrancamento dos cartazes: e finalmente, ir ter com os membros do jury do tal concurso, e...

16 de Junho.

Gosto do parlamento como gosto dos toiros, para me estontear um instante na mancha ondeante das cabeças, nos borborinhos d'entrada e de sahida, e finalmente, no investir do primeiro bicho.

Mas vae que dez minutos volvidos, já todo o espectaculo se me tem repintado nitido, na

retina; e destruida a illusão panoramica da scena, o que resta são tristes figurinhas quasi gebas, garbosas sem nobreza, audazes por simples dever profissional, e tão rheumaticas, tão nullas, que, mesmo sob costumes de gala, se me afiguram votadas a uma vala de desdem precoce, e de misericordioso esquecimento.

Pasma-se com effeito da chusma d'idiotas, que lá em baixo grasnam, á mistura com velhos sacripantas, com velhos aborrecidos, com estadistas mancos; e quasi faz pena vêr agitarem-se inutilmente, entre o rir d'uns, os apartes d'outros, a sahida d'estes, e as costas voltadas d'aquelles, duas figuras ou tres, de revoltados. A fatalidade quer que o meu paiz, ao approximar-se a hora derradeira, tenha a assistil-o a communidade do peor que as gerações têem produzido. Não ha escriptor falhado, não ha filho de conselheiro hydrocephalo, não ha ricaço pandego, traficante odiento, cynico velho, bacharel vadio, amanuense inutil, que ao fazer a autopsia de si mesmo, reconhecendo-se falho, não tenha appellado para este hospicio de S. Bento, onde o não ter cabeça rende tres mil réis por dia, sobre as vantagens de se não ir preso, e de se poder arranjar, ás

tensas da eleição, para o resto da vida, uma chuchadeira burocratica. Oh, santo Deus, que typos! Antigamente mettiam-se os microcephalos nos asylos. Os conselheiros, que tinham filhos cretinos, recluiam-nos no interior das suas casas, ou enviavam-nos aos hospitaes, quando elles se tornavam perigosos. Agora, os partidos monarchicos recrutam as suas turmas n'essa gafaria d'irresponsaveis; a politica traz do fundo das regressões organicas das castas esses destroços de seres sem prestimo, nem tino; e o Estado galardôa a estupidez por forma a impol-a como um talento, e a exalçal-a como virtude civica rarissima.

As novas acquisições politicas de S. Bento tornaram esse pobre barracão n'uma especie d'albergaria *d'innocentes*.

Tinhamos já o parlamento, bolsim de negocios: a recente legislatura acaba de fazer d'elle, tambem, o Rocio — dos tolos.

Os meus afazeres negaram-me a fortuna d'assistir, nas semanas anteriores, ao debute d'uns tres ou quatro talentaços, de que os

jornaes teem dito coisas assombrosas. Parece effectivamente que houve um Luciano Monteiro, prodigioso, e um Gabriel de Freitas, unico, e que tudo se prepara para termos, n'alguma das proximas sessões, um Vieira d'Andrade innarravel. Ao *Correio da Manhã* não escapam prognosticos opiparos, sempre que um d'esses caganeirosos genios cacareja. O nobre Chagas inaugurou agora, na imprensa politica, o systhema de corôas votivas, que já tivéra por costume doar, a quando mestre, nos certamens da imprensa litteraria. De cada vèz que um novo palra, eis o grande homem a prevêr-lhe futuros immortaes, e a acenar-lhe com pastas, que pela profusão, é impossivel não tenham a forma de golpelhas. Genio em debute, lá tem o seu lunch de palha, no *Correio*, e a hospitalidade d'esta folha é tal, que ella se tornou para os deputados novos, n'uma especie d'estalagem dos Camillos. Já digo. Eu não quero mal a este systhema de cooperativa, applicado ao fomento da banalidade. Que ha-de essa pobre gente fazer, p'ra resistir, senão juntar-se?

No dia em que eu fui a S. Bento, essa magnifica pleiade de novos, podia dizer-se, estava ao *grand-complet;* e vou registrar as minhas impressões d'espectador, não com intuitos de mera galhofa, mas por julgar que a caricatura auxilie um pouco a visionar a psychologia interior do parlamento. Ahi temos nós o cranco calvo do *dr. Raposas,* muito estreito nas temporas, dilatado no occiput, e que visto d'alto, é tal e qual um ourinol de cautechouc. Bello cabouco de homem — e que pena não ter miolos dentro! — que um destino industrial lhe dava eu: pois serrado ao meio, esse cranco, com o feitio que tem, fazia dois bidés. Em face d'este, mui bem trajada de sobrecasacas pretas, e ferraduras de joias nas gravatas, uma das mais formosas constellações mentaes da legislatura: tres jovens deputados, que, por seus talentos e traças, ingratidão seria que Chagas os não metesse á carreira, para os conselhos da corôa. Já nomeei, sem querer, o moço de Restello, o elegante Costa, e o esperançoso orador Cau da dita — os tres sombreados pelo surprehendente legislador Mendes da Silva, especie de parodia ao *Fradique Mendes,* e que está hoje com o raio do talento!

Lá vem agora *Albino de Figueiredo,* um d'Arganil, vencedor do grande Silva Mattos.

Sequinho e pallido, á espera de que o mandem cobrir-se e estar a seu gosto, este mancebo é a allegoria da modestia, em chocolate. Encarando-o, vê-se o portador d'uma convicção, que consistiria em ser melhor elle ir p'ra terra.

Eduardo da Costa Moraes: cara de guarda fiscal, o ar feijoento, sem passado politico, e, muito provavelmente, sem futuro.

Adolpho Pimentel, o da cabeçorra pendulante, constantemente a mecher, como se tivesse um relogio a trabalhar nos intestinos.—Oh lá, amigo, faça aos seus collegas o favor de não dar horas!

Almeida e Brito: regente agricola da estrumeira encephalica do snr. José Luciano, o preclaro que tem a especialidade dos esclarecimentos — Snr. presidente, pedi a palavra para uns esclarecimentos...—não queria deixar encerrar a sessão, sem que uns esclarecimentos...

Alberto Pimentel: cara de limão sem sumo, e não obstante—espremido. Esperou vinte an-

nos á *porta do paraizo,* a vèr quem sahia, a apanhando o porteiro descuidado, entrou.

Mas quem salva a coisa é o *Vieira d'Andrade:*

« — Oh Paçò! você não se admire da minha estreia. Que me diz a este collete? Olhe que eu ha vinte annos que fallo a bombeiros, no Porto. Muito tirocinio da palavra! Este chapeu... duas libras, no Augusto Ribeiro... A sua estreia, ó Paçò, se não é aquelle incidente, tinha sido quasi tão brilhante com'a minha. E estas piugas, homem? Sobre corôas esgotei a materia, ó Paçò. Tão bòa ella foi, a minha estreia, que fui ao Hintze pedir uma embaixada. Você vem cá na segunda feira? Hade vèr a sobrecasaca que eu trago.

E grandes syntheses que tive, ó Paçò? Nem o Chagas! Olhe p'ra estas luvas...»

Pede a palavra o snr. Elmano da Cunha, especie de trovador forense, com quarenta annos de Bòa Hora, e duzentos de theatro do Salitre. E' um cavalheiro do melhor mundo, possuidor da estranha prenda de dar aos mem-

bros (no decorrer dos transes oratorios) extensões tão inverosimis, que logo se vê serem os braços e pernas de s. ex.ª feitos, como os oculos d'alcance, de canudos metallicos imbricados. Esguio, de negro, com sapatos de bico e grandes laços, esta especie de maestro de Hoffman deve ao Altissimo, a par d'attenções pouco vulgares, desleixos que ia a dizer imperdoaveis.

Explico-o como uma prova de granel, das varias tentativas que Deus houvesse feito, antes de levar a cabo a figura ratona de D. Quixote.

Tinha o Creador, suppomos, n'um alguidar, varios narizes, boccas, olhos, cabelleiras postiças e crepes para barbas. E n'outro, pés e mãos, de varios tamanhos. Braços e pernas, n'outro: e além, umbigos, troncos, figadeiras, e todas as complementares miudezas de fressura. Distrahidamente, o Altissimo começou então uma estatueta de phantasia, com os primeiros accessorios que lhe vieram á mão, nos alguidares. Prompta a figura, o Creador sorriu-se—*Está pandega!*—pôz-lhe um bigode e pera velhas do snr. conde de S. Januario, deu-lhe um nariz em que el-rei D. Fernando

já não fazia gosto, e, com uma palmadinha nas costas, empurrou-a jovialmente para a vida.

— Senhor, falta-me o cerebro.

— Quando sahires da Universidade, diz que te mettam duas aranhas no cabouco; com as teias que ellas fizerem, passarás por homem de talento.

E foi passando. Nos intervallos do fôro, tocava violoncello; arranjou a voz do Pato, a leucorrea tragica da Emilia das Neves, e ahi o temos agora deputado.

É magnifico! Declara trazer ao parlamento a *primicia das suas crenças* (agradeça, Joaquina), e ante uma offerenda tal, mais uma vèz se prova que o virgo é, de nossos dias, o monopolio dos coirões.

Acabára de fallar Eduardo d'Abreu, verberando a dictadura e as subserviencias do governo perante a Gran-Bretanha; e Elmano responde-lhe, *em ironico,* chamando ao antecessor cabeça vulcanica, e pediado boccas d'incendio, p'ra se evitar — juntou — algum caso de combustão expontanea.

É, como se vê, o mais reinadio gato pingado. Na maioria põe um deslumbramento, esta facecia. O proprio Matoso ri de gosto, machucando a sua rigidez de peido cathedratico. O

orador prelecciona então sobre as variedades de dictadura que conhece.

Ha a politica, ha a nacional, e entre as duas, a *mixta*... A meio caminho da classificação, já em vez de dictadura, diz dentadura, e eis se desmascára o profissional, cujas mãos cadaverosas devem brandir por força um alicate. Já Luciano se achega, entremostrando um queixal geographico, cujo arrancamento, de borla, publicamente credite a pericia do novel orador—quando este desembesta dos gorgomillos a voz dos falsetes tragicos, voz de quinto acto, em anathema, e vela de manteiga de cacau—p'ra declarar que vê paralellas com movimento divergente, *n'este estado morbido de coisas a que é preciso acudir, sem mais delongas.*

Prodigioso! Este homem, se lhe racham a a cabeça, inunda o parlamento de baratas. Mas onde tem elle já canudos de folha com que prolongar ainda mais os braços desconformes? A cada sublimidade dita, os apprehensores augmentam-lhe dois palmos; e ha meia hora que elle está a dizer bocados d'oiro! De mais que esses braços já se começam a tornar em instrumentos de castigo. O orador

fal-os girar em razoira, á flôr das testas, e dá cascudos de cego, em correligionarios e em inimigos. E a cada volta de sarilho, que elle lhes imprime, eil-o se aparafuza, pelos bicos dos sapatos, no sobrado. E' um trabalhão dos continuos, para o tirarem do buraco onde se acrava. Um pucha-lhe pelos bigodes, outro pucha-lhe pelas mãos, e todos cahem de cu, despegando-lhe do corpo os appendices a que se tinham agarrado. Elle todavia não perde um instante a solemnidade macabra de *pinaud*. E vae dizendo que depois de lêr cem volumes de direito publico, e outros tantos de direito internacional, chegára á conclusão de que os direitos eleitoraes assentam sobre o pão, a carne, e o vinho. Sempre este gajo sabe muito! Não admira. Pinta o cabello.

—Oh meu senhor! Porque razão é Freixo —d'espada á cinta?

Descendo a apreciar a lei das rolhas, Elmano é pathetico, e faz revelações autobiographicas.

A sua estreia é das que as tabellas dos

cangalheiros classificam *d'enterro pobre, parecendo rico.* Acha a lei d'imprensa admiravel (talvez não saiba que foi feita pelo Emygdio Navarro). Na sua opinião, o jornalista estava-se arrogando todas as impunidades, e lançando suspeição em todos os synhedrios. Necessario açaimal-o! Em vez de moralisar, decompunha. Quanto á lei sobre o jury, tão boa é, que os jurados comem e dormem, sem abandonar um instante a sala da audiencia. Mesmo alguns respondem aos quesitos, em sonhos, o que tira ás respostas todo o caracter emotivo e preconcebido.

Não fallará do theatro, que estava sendo um incentivo de corrupção domestica e de desordem, e que a censura dramatica muito provavelmente vem restabelecer nos contramoldes severos d'uma escola. É dos que ainda vão ás peças, corrigir-se. E ejaculou — n'uma hora, o theatro desmoralisa mais uma menina, do que o podem fazer centenas de romances.

Deve aqui andar bisca ao Luciano Monteiro, que ha dias, em sessão municipal, proscrevia os romances, das bibliotecas publicas.

Como o *Diario de Noticias* busca constantemente ensejo de moralisar os assignantes,

d'aqui lembramos á redacção a vantagem de lhes offerecer, como brinde, um combate de galos, acariando, no salão da Trindade, estes dois typos. Em coizas de moral, Elmano affirma, toda a austeridade é pouca. Não quer decotes em scena. Repelle o carmin e o cold-cream dos accidentes da caracterisação. Tem pécha com as actrizes, por força! E a cada instante, levando as mãos ás algibeiras posteriores da sobrecasaca, um pouco abaixo da espinha, tira de lá mãos cheias d'argumentos, que arroja a esmo, como rebuçados d'ovos, por cima dos pobres diabos que o escutam. Em questão de peças, repelliria todas aquellas em que a innocencia não acabasse por triumphar, no quinto acto. Porque elle, orador, de tão severos principios procede, que affiança á camara nunca ter tomado banho deante do criado. Obtemperando: —*isto não sendo eu innocente!*

Isto não sendo elle innocente! Pois não sendo innocente, uma de duas:—Ou não toma banhos, ou tem cabellos nas pernas.

22 de Junho.

Lastimando a perda de Camillo, um jornal portuense pergunta: quem haverá por ahi, capaz de o substituir. A resposta é simples: o snr. Alberto Braga. Não é de hoje, nem de hontem, que o illustre escriptor condescende a fazer as vèzes de grande homem. Quando Oliveira Martins deixou o *Reporter,* quem o substituiu, foi elle. E mesmo que este tirocinio, já longo, não indigitasse o snr. Alberto Braga ao eminente papel, que a morte do romancista lhe confia, lá traz a historia exemplos com que animar s. ex.ª a requerer a nomeação de solitario de Seide—sem concurso. É sabido que Santo Antonio, estando a prégar, foi avisado por um anjo, de que lhe iam enforcar o pae. Vae, corre a Lisboa, deixando no pulpito um boneco.

24 de Junho.

O imperecivel escriptor Ramalho Ortigão deu hoje conta aos jornaes do seu *incidente*

annual, cumprindo assim o proposito d'elevado alcance critico, que se impoz.

Desde o desapparecimento das *Farpas,* que o nobre reformador (a quem tão conspicuas verdades se devem, sobre as ôlhas) em vez de causticar as mesquinherias e vicios do paiz, por via do pamphleto, variou seu jogo para especies de verrinas annuaes, constantes de missivas aos periodicos, onde, na figuração d'um caso lyrico ou jocoso, elle despeja as syntheses que o seu bestunto gastado haja, durante os doze mezes decorridos.

De sorte que á obra das *Farpas,* representativa da mocidade do escriptor, haveremos que juntar por complemento, no futuro, estas encyclicas, onde ha tres annos se condensa o melhor da encerebração philosophica de Ramalho.

Quem não conhece, por exemplo, a encyclica dos cães vadios, lançada aos fieis, a proposito da familia Cambelles, a infinitamente estimavel? E quem, doze mezes depois, se não abysmou tam pouco na profundeza d'aquell'outra, que sob a designação de *pejorante,* estatuia das hereditariedades etnicas, das idyosincrasias geodesicas, e dos inconvenientes psy-

cho-recreativos de fazer troça ao marechal Deodoro?

A encyclica d'este anno, posto comesinha de forma, comtudo mette hombros a um problema d'alta importancia sociologica: qual a dos males que advem aos povos, quando os empregados de caminhos de ferro indicam mal aos viajantes a posição das carruagens reservadas.

Se é certo que as occupações mundanas de Ramalho lhe não permittiram dar forma, este anno, ás contundentes verdades da sua these, nem por isso esta falha de relevo, communicada por bocca, e vendo luz atravez a prosa chilra dos reporters.

Só uma coisa receamos. É que este papa, que assim entrega os rescriptos, sob a forma de molinas, ás secções noticiosas das gazetas, mais anno, menos anno, venha a acabar corrigindo costumes — nos annuncios.

29 de junho.

O elogio historico que Pinheiro Chagas

traçou sobre Herculano, deu certa voga á classificação dos talentos, por serras. Garrett é a serra de Cintra, Herculano é a serra d'Arrabida, disse o homem. E nós, continuando:

—Capitão Machado é o serra de Monsanto.

—Serpa Pimentel é o serra d'Ossa.

—Gabriel de Freitas é o serra da Gralheira.

—Pinheiro Chagas é o serra da Tourega...

30 de Junho.

Agostinho Manoel, o chronista de D. Duarte de Menezes, resurgiu agora no *Correio da Manhã,* a saudar os heroicos feitos do infante D. Affonso, na especie de passeio militar por este feito, com artilheria 1, do quartel de Lisbôa a Vendas Novas. Mau grado a canicular que vaé, nem por isso a jornada do infante poude dizer-se arriscada, como a do terceiro conde de Vianna, a Ceuta e a Tanger. Á uma, porque em Vendas Novas a moirama escaceia. Á outra, porque em vèz das fomes d'Africa,

chovem lá pela terra as raparigas bôas, e as perdizes.

Em termos que o chronista, prohibido d'estadear panegyricos quanto ao fragor mavortico de S. A. — pois não havendo guerra, o snr. infante não podia andar a espadeirar nos eucalyptos do polygono — condescende a visional-o em proporções relativamente modestas, se bem que nem por isso menos enthusiasticamente esfogueteadas.

«... é um garboso rapaz, cheio de denodo, de vista rapida e penetrante, e que ha de em postos superiores exercer brilhantemente as funcções do commando, fazendo evolucionar com precisão e segurança *grandes massas* de artilheria.»

Aceitemos o prognostico, esperançados no general que D. Agostinho Manoel sob palavra de honra nos promette; e vamos a vêr sobre que signaes assenta o homem as bases da sua previsão acerca do futuro do snr. infante.

«... os habitos militares, escreve o maldicto, são muito agradaveis a Sua alteza. Assim, por exemplo, acendia por suas proprias mãos o lume para se fazer café, migava o pão e descascava batatas para o rancho dos offi-

ciaes no bivaque, e saboreava de uma vez, com excellente appetite, o rancho de bacalhau com batatas, distribuido ás praças. D'outra vez, tendo sède, pediu o cantil a um soldado e pôl-a á bocca fraternalmente...»

Senhores, ha quatro dias que da vida dos guerreiros e da historia das campanhas eu recompilo a summula d'aquelles actos, traças, expedientes, que em bôa analyse repintem e caracterisem o viver do acampamento; mas desde Ruy de Pina até Soriano, por Deus! não vi ainda que descascar batatas deva considerar-se um habito propriamente militar, nem mesmo depois das batatas migadas com bacalhau, n'uma gamella. Caso assim fosse, de ha muito que as cosinheiras teriam entrado nas sortes: e no entanto o Estado isempta-as, parecendo com isto significar o nenhum valor que o descascamento das batatas disfructa, como requisito das hostes combatentes. Assim pois, de duas, uma: Ou o panegyrista do *Correio da Manhã* achincalha, com rancorosa perfidia, o seu biographado, ou no caso contrario, os habitos militares mudaram, de 33 para cá, a ponto da artilheria usar nas guerras, em vèz de balas, batatas descascadas.

No respeitante ao bacalhau, tambem os tratados de balistica e tatica lhe recusam condigno logar nas suas folhas. Tanto come bacalhau um guerreiro endurecido nos acampamentos, como o general Latino Coelho, no dia da abertura das côrtes, ao voltar pr'a casa com os ouvidos cheios d'algodão em rama, por causa dos tiros de polvora secca. E seria bonito chamar um *habito militar*, á desfeita com que o illustre academico se repôe, das suas grandes canceiras parlamentares?

A *pão e queijo*, do **Primo Bazilio**, devem lembrar-se, morria por bacalhau com alho, não constando que por esse facto tivesse algum posto . . pelo menos em artilheria. Convenhamos então que o bacalhau é um fraco geral, jamais um costume soldadesco, e que o snr. infante, comendo-o, não provou por isso grandes sobriedades de cabo de guerra, pois de certo o conhecia já—d'alguma patuscadasinha no Dáfundo.

Vamos agora ao facto do snr. infante acender lume, e haver bebido heroicamente pelo

cantil d'um camarada. É mais grandioso, isto! O facto de se acender fogo para o aquecimento do café presuppõe o acender previo d'um phosphoro. No phosphoro, ha já explosão. (Sigam sempre o meu raciocinio!) Ora, a ideia da explosão vincula o homem ao principio da audacia—que é fundamentalmente o mesmo, quer se tracte d'um fumador que raspa do phosphoro para acender o cachimbo, quer d'um artilheiro que raspa da vela mystica para fazer partir ao longe a canhonada.

Vêem? Já acredito mais nos habitos militares de S. A. Acendeu então lume para o cafésinho. Mas com o mesmo phosphoro podia elle ter promovido a destruição d'uma cidade. E se o não fez, não foi porque lhe faltassem phosphoros: foi porque Vendas Novas não é agora terra a que um general de vista rapida e penetrante deite fogo.

Ahi está, pois, n'esse phosphoro um embryão do fogo sagrado, e na mão patricia, que o segura e approxima do espirito de vinho da machina do café, talvez que uma vergontea da mão de Prometheu, que, no gralhar da fabula, foi arrancar ao Olympo a ignea particula. Ha n'isto umas aparinhas d'epico! E se por

cimad e tudo, ainda o snr. infante bebeu agua pelo cantil d'um impedido, sem lhe limpar primeiro a embocadura — caramba! — é atrever-se. Digo-lhe mais: é sobrelevar os mais lustrosos exemplos d'audacia, que Vendas Novas tem visto.

— . . . ou tomaria V. A., antes de levar o cantil á bocca, gargarejos de sabão Moutinho, preventivos? . . .

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,

D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 6—10 de Julho de 1890

SUMMARIO

INSTRUCÇÃO PUBLICA E BELLAS ARTES — COMO SE RECOLTA O PESSOAL D'UM MINISTERIO — CADASTRO POLITICO E CADASTRO POLICIAL — LUCIANO E AMORIM, REFORMADORES DA INSTRUCÇÃO — FACILIDADES D'UM RAPAZELHO EM SER MINISTRO, E DIFFICULDADES DE QUALQUER DE NÓS EM SER AMANUENSE — OS MUSEUS NACIONAES: RAZZIA AOS CONVENTOS — COSMES DE

MEDICIS LARAPIOS — DE COMO AS JANELLAS VERDES SÃO O BARRIL DO LIXO DAS GALERIAS DA AJUDA E NECESSIDADES — OS GRANDES INSPECTORES, SEU CRITERIO DECORATIVO, SOLLICITUDE E MAIS PARTES — PARA QUE SE FEZ O MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO — VISITA AOS EXAMES DO LYCEU: REGRESSÃO DO ENSINO SECUNDARIO, E MORRINHENTO ASPECTO DA MOCIDADE PORTUGUEZA — DESFILADA DE COLLEGIAES — TENDENCIA DOS PROGENITORES PARA ENGAIOLAREM OS FILHOS — O INTERNATO SOB OS DUPLOS ASPECTOS DA HYGIENE E DA MORAL — QUEM LIVRA O PAIZ DOS DIRECTORES DE COLLEGIO? — HISTORIA D'UM INTERNO CONTADA POR ELLE MESMO — PHYSIONOMIA D'UM CARRASCO — CONCLUSÃO.

4 de Julho.

A escolha do funccionalismo que hade prover as secretarias e dependencias do M. d'instrucção publica e Bellas Artes, está sendo, ha uns poucos de mezes, motivo para guerreias e intrigas que, quer nas secretarias do Terreiro do Paço, quer nos corredores do Parlamento, quer no centro regenerador da Rua do Norte, raro é o dia em que não tenham produzido algum episodio sordido e grotesco. A caça aos grandes logares d'aquelle avulso e desconnexo ministerio, todos os dias põe em relevo a *dedicação intensiva* de muitos patriotas e falladores parlamentares, que ha annos só aguardam, para bem servir o Estado, que o Estado lhes sirva a elles, coito onde

amezendem a pregniça gozoza que os derranca.

A' parte outras virtudes, a politica tem esta de prática: tira os vadios do caminho da cadeia, e pespega com elles no caminho da fortuna. Ha safardanas que estavam hoje de capuz, na Penitenciaria, se S. M. os não tem posto de farda, nos conselhos da corôa. O cadastro dos mesmos crimes dá aos malandros destino antipoda, conforme o edificio publico em que se faz visar:—O governo civil chancella gatunos; S. Bento, homens d'estado. E *plus cela change, plus c'est la même chose.*

De sorte que o ministerio d'instrucção publica e Bellas Artes, sobre não haver sido creado p'ra solvar os innumeros problemas que impendem da educação profissional e geral das classes estudiosas do paiz, sobre ter a sua genése na insufficiencia politica d'um homem, sobre haver desviado de certos cursos e institutos publicos a tutella superior que os fazia fortes, e que o novo regimen tornará absolutamente cahoticos e dissolventes, inda por cima desvenda, d'entre os mysterios da sua creação,

este proposito nefando — o de se ir tornar na albergaria de quarenta ou cincoenta esfomeados, que o impuzeram como condição *sine qua non* de sua fidelidade partidaria, e n'elle vão installar, como n'um almargem d'engorda, a sua contagiosidade de rèzes tinhosas e matreiras.

A instrucção ficará assim nas mãos d'um pessoal abstruso e ignaro, descultivado e indifferente, que já tinha o conselheiro Amorim por mitrado antigo, e agora se irá forrando de todas as idiotias laboriosas, que vão do snr. Luciano Cordeiro ao snr. Sergio de Castro, e *tutti quanti*.

Este pessoal, jungido ao do famoso conselho d'instrucção publica, a quem se deve o estado humilhador do ensino actual, exercerá, segundo já por ahi se diz, sobre escolares e professores, uma especie de magistratura de caracter hieratico e inviolavel, reservando-se o direito de legislar sobre o que não conhece, de reformar o que lhe fizer conta, d'impôr ás escolas os livros que muito bem lhe parecer, e de distribuir emfim os castigos e os premios, quer a discipulos, quer a mestres, com solercia e *aplomb* eguaes aos que o fôro privado da

Univerdade deixa exercer aos lentes, mesmo fóra da alçada academica, sobre a desprotegida carneirada d'estudantes.

Eu não quero pensar o que será o corpo docente das nossas escolas, onde, apezar da decadencia do ensino, ainda podem contar-se muitas cabeças d'excepção, mandado pelo snr. Arroyo e pelos *gros-bonnets* do seu ministerio, nem vejo bem por que caminhos mentaes derive a mocidade portugueza, seguindo planos d'estudo onde haja paragraphos do conselheiro Amorim, corrigidos pelo Luciano Cordeiro e pelo Alberto Pimentel. Lamento só, com uma philosophia desabusada, que, mercê das poucas vergonhas vistas, me prohibiu de ha muito a indignação, lamento só que nem as materias da sciencia, nem os profundos problemas da educação, escapem ao diluvio do amanuense, que atola tudo, e pergunto a mim mesmo se não é aviltante, irremessivelmente aviltante, para certas corporações superiores, esta loteria politica que põe sabios e antigos servidores, encanecidos nas austeridades da honra e do trabalho, á mercê do primeiro rapazola que o snr. Serpa e o snr. José Luciano se lembrem de fazer ministro, e dos bisborrias

que esse ministro escolha para estado maior dos seus estardalhaços. É d'estes apartamentos, a olho, para as chefaturas supremas, de garotitos esperançosos, e de jovens bachareis bem penteados, com febres de mando, fallaciosos apenas, e ignorantes de toda a sciencia administrativa e de toda a tatica, que deriva a espantosa anarchia dos serviços, a prostituição civica geral, a indisciplina e o irrespeito, desorganisadores de tudo, e que, começando entre os ministros, amuados entre si por ambiciunculas frivolas, vem a acabar nos escripturarios das repartições, e nos continuos.

E assim desgraçadamente chegámos a este circulo funambulesco e vicioso: chasquear quotidianamente a feira de S. Bento, e soffrer em todos os ramos de vida social a voz de commando dos parvalhões e dos billóstres que foram adquirir a essa feira, só n'ella, o azorrague com que nos cingem o espinhaço!

Com o ministerio das Bellas Artes, melhor! Conhecem por certo a rumada de monstros que no palacio das Janellas Verdes dá pelo

nome de museu. Salvo uma peça ou outra, escapa por acaso da rapinancia dos amadores omnipotentes, essa galeria não passa d'um repositorio de miseraveis ferros velhos. Alguns gothicos que tem, são o resquicio infinitesimo da enorme e magnifica revestidura interior das paredes dos nossos conventos e capellas reaes, que pouco a pouco foi resvalando dos sanctuarios ao thezouro artistico dos reis, ás galerias privadas dos ricaços e dos espertalhões a quem o estado commissionava a fiscalisação das obras d'arte nacionaes, para d'ahi rolar mais tarde ás casas de prégo, por mãos d'alquiladores estrangeiros e portuguezes, que pouco a pouco a foram levando, barra fóra, para os mercados de França e d'Inglaterra.

Do mais que tem, apartar-se-ha, quando muito, uma ou duas centenas de peças mediocremente valiosas, recolhidas da liquidação geral dos conventos fechados, sobre o que as madres e os capellães desdenharam de guardar, por não haver procura a taes quinquilharias. Os donativos particulares tambem não forniram grandemente o museu, de preciosidades. A collecção Carvalhido era uma pobre tenda de burguez amador d'obras baratas. E por

outro lado as compras modernas do Estado nullas teem sido, e continuarão a ser, até ao fim.

E todavia o Estado, ainda aqui ha dez ou quinze annos conseguiria realisar, sem dispendio nem ruido, com uma pouca de firmeza e uma pouca d'astucia, um dos mais ricos museus d'arte religiosa do mundo, não sahindo a fronteira, nem desviando do erario o dinheiro subvensor das eleições, e da vida faustosa dos trampolineiros com quem bolca no desperdiçar do que nós pagamos.

Bastar-lhe-hia ter organisado a fiscalisação dos templos e dos claustros, sob um regimen serio e implacavel, de cuja pratica fossem desviados os salafrarios que toda a Lisbòa conhece, e que, mancommunados co'as freiras, desviaram das collecções nacionaes o que acharam de bom, no espolio d'aquellas casas. O resultado da incuria, viu-se. Começaram a apparecer trypticos e cruzes, baixos relevos sacros e paramentos, oratorios e estatuetas, quadros, loiças da China, e vidrarias de caracter cultual, por todos os palacios de Lisbòa, por todos os bric-a-bracs publicos da Baixa, nas mãos de todos os bispos, de todos os mi-

nistros, de todos os governadores civis, de todos os banqueiros, e de todos os archeologos. Só as Janellas Verdes não lograram dar guarida, nas suas vitrines, senão a frangalhos de cazulas e a lavrantarias amolgadas, que os ferros velhos não quizeram! Agora já pouco resta por hi que adquirir ou vigiar. Raros conventos teem madres, e esses que inda teem madres, já não possuem nada de valor.

Por outro lado, a arte nova, reduzida a uma prenda de meninos habilidosos, sem tradição que a escude, nem originalidade alguma que a credite, se é certo ter nos seus plainos altos dois ou tres artistas poderosos, mas isolados e avulsos, na maioria dos casos liquida em industrialismos baratos, em exposiçõesinhas mercieiraes para dar de comer a pinta-monos, e não vale que o Estado desvie p'ra ella os dinheiros que tem recusado sempre aos trabalhadores heroicos d'outras especialidades, desde os auctores de livros até aos auctores de moveis, de louçarias e d'estofos. Quer esta arenga provar que a creação d'um ministerio especial de Bellas-Artes é um luxo superfluo, cuja historia de maneira nenhuma deve ter raizes nas sollicitudes do governo

pela esthetica indigena, senão explicar-se pela theoria reles d'umas tantas boccas importunas, que só ladram a favor de quem lhes paga. O governo, quando alugou o palacio de S. Roque, para ahi installar o novo ministerio, tanto se importou elle que a instrucção publica florisse, de parceria com as artes, como se importa com o que a esta hora se está passando entre Sallisbury e o formidavel Barjona, entre Azevedo Coutinho e os agentes escocezes do Nyassa. Quiz contentar apenas um orador fogoso, que desilludido da vida do mar, sossobraria p'ra sempre, com todos os seus predicados d'*enfant-prodige*, á vista do Porto, caso o sur. Serpa o apeasse do coupé ministerial, e lhe fizesse despir na escada do ministerio da marinha essa farda de castellos, que tão bem diz á sua barba diuretica, em pão de bico. E como no gabinete não havia vagas onde pôl-o a concertar a sua inepcia, creou-se-lhe um ministerio-dobradiça, e nas suas repartições cadeiras cruzes, onde installar os invalidos somenos do partido.

Esta judiaria, porém, mau grado os bornaes do ministerio d'instrucção serem profusos,

sobrexcedeu além da espectativa, por sorte que houve mister juntar a esse ministerio novo, outro novissimo, em cuja bagaceira pôr os javardos cuspidos do primeiro. E ahi temos nós n'um paiz sem artes, nem museus, com meia duzia de monumentos a vistoriar, e nenhuma esperança de ressurreição esthetica futura, campeando um ministerio de Bellas-Artes, que pagará realmente a um inspector ou director supremo, que vae dividir (resmungam) as bellas-artes do paiz em nada menos que tres zonas, cada qual com seu inspector de conto e quinhentos, e estas zonas ainda em zoniculas e zoniunculas, em cuja inspectoria, manutenção, reparação, e o diabo, o paiz gastará contos e contos, que melhor aproveitavam pagando-se um pequeno pessoal *honesto e laborioso,* recrutado fóra dos morpheticos de S. Bento, e revertendo o resto, *sem desvio de ceitil por mãos intermediarias,* a avolumar as collecções, e a instituir premios de concurso para artistas d'algum merito.

Não quero dizer aqui dos nomes indigitados já para as grandes funcções da inspectoria artistica do reino. O publico que troçar quando a chancella real expedir os novos inspecto-

res para os seus poizos, bem melhor faria chorando já sobre os desastres que de futuro hão-de soffrer a arte e os museus nacionaes.

Nunca entre nós os *entendidos* n'este ramo excederam grandemente a craveira d'erudição em que as bilhas d'Estremoz passam por boiões da China, nos catalogos pôr elles redigidos — especialmente quando é o Estado quem corre com as differenças de custo d'estes *qui-pro-quos*.

Demonstra a experiencia que, em Portugal, todos os familiares d'arte decorativa e curiosidade, são collecionadores, ou começam a sel-o, des'que o governo os invista de missões de confiança adstrictas ás Bellas-Artes nacionaes. Observa-se geralmente com estes funccionarios, aliaz desvelados e probos, que acabam todos com museus em casa, emquanto o das Janellas Verdes lá continua parado nos seus gessos classicos, e nos seus monos de casa de penhores.

Isto pelo que respeita aos eruditos.

Agora o que os ignorantes farão, saber-se-ha dentro de pouco.

E entretanto, o dever de quem quiz pôr os seus amigos de guarda aos thezouros artistico do paiz seria, em primeiro logar, apontar quaes esses thezouros fossem, e em segundo delimitar-lhe as fronteiras d'uma vez, trazendo a lume se o museu das Janellas Verdes é realmente museu, ou trapeira, onde a galeria da Ajuda e das Necessidades só deixam ficar a trapalhada velha que não presta. Uma tal limitação de zonas, tão imprescindivel hoje na reorganisação das nossas Bellas Artes, como na das nossas colonias, computaria de vez o que é do publico, protegendo-o contra futuros Cosmes de Medicis larapios, recolhendo aos museus nacionaes o que anda disperso pelos palacios dos reis e pelas collecções dos doutores bric-á-braquistas, e servindo-se mesmo enviar Barjonas aos potentados rapinantes, com o fim de revindicar para o paiz collecções que, como a de D. Fernando, é ao paiz que pertencem, peça por peça. Repito:—A primeira ideia do governo, antes de nos presentear c'um ministerio de Bellas Artes, seria arranjar Bellas Artes—antigas, quando mais não fosse.

E onde estão ellas? Se o gabinete tivesse firmeza e probidade para reunir aos tarécos

do museu nacional as ourivesarias e quadros preciosos, que a monarchia desviou para seu uso — sem ir mais longe, a custodia dos Jeronymos —; se elle entrasse de vez no systema d'entregar aos tribunaes, com provas na mão, que as tem, o caso da herança de D. Fernando, e das usurpações feitas por particulares a objectos artisticos, por esses conventos, capellanias, misericordias e velhos edificios abandonados; se elle fôsse a S. Vicente vistoriar do que ha por lá d'a mais que o permittido ás sumptuosidades da prelasia, que a religião manda desguarnecer de mundanas pompas; se elle urdisse um plano de conservacão, restauração vagarosa, e sollicitude verdadeiramente intelligente, pelo pouco que ainda nos resta em monumentos, então applaudiriamos todos a reorganisação que elle promove, não sobre desperdicios occos, mas em bases serias, simples, e honradas — honradinhas, sobretudo. Mas pôr entre mãos d'avulsos, inteiramente rebeldes á esthesia d'arte, e desinteressados de todo e qualquer progresso que lhes não contenda c'os succos gasticos, a missão de zelar por pedras gothicas que elles prostituiriam, mijando-lhes em cima.

se não fôssem as posturas; a missão de recolher pacientemente os destroços dos nossos claustros, d'enfileirar quadros, descriminando-os por escolas e estylos, pezando-lhes o valor com segurança, e distinguindo-os das copias e das imitações, n'um golpe de vista; a missão de procurar por esses leilões e escaninhos do paiz os objectos que conviria adquirir, por preços justos; a missão de resistir á corruptella dos negociadores e dos intrujões, de presidir á interferencia da arte no ensino officinal, de salvar, n'uma palavra, a arte futura das *degringolades* do presente — investir d'esta escabrosa missão, homens já seccos, sem cultura, sem sensibilidade moral, sem enthusiasmo e talvez sem escrupulos, é um d'estes crimes tão negros, um d'estes cynismos tão nefandos, que eu não hesito em dizer ao povo: — cautella, que vão roubar-te por dois lados! Pelo dinheiro que te pedem para subvenção de funccionarios incapazes, e pelas fraudes de que vaes ser victima, soffrendo na mentorica do ensino dos teus filhos, creaturas que o destino impellia antes para caixeiros de tenda, ou carregadores d'alfandega.

9 de Julho.

Fui-me ha dias ao lyceu de Lisboa, vêr os exames. Havia dez ou doze annos que me desacostumára d'aquelle espectaculo da infancia e da adolescencia, repetindo automaticamente:

—O que era um tropo;

—como se dizia, *ora cebo!* em latim;

—quaes os motivos porque em *bôa logica,* illustração se devia escrever com *2 ll*...

—porque é que um rio era só composto d'agua;

—O que entendia o sr. alumno por consciencia, senso intimo, ou percepção interna, etc., etc.

Uma simples inspecção de meia hora, por aquellas salas d'exames, cuspinhentas, lugubres, me fez vêr que o programma d'estudos secundarios de 1890, e seus respectivos processos de ensino—ao fim de 6 ou 7 reformas pensadas e repensadas em bestuntos de pedagogos e archi-auctorisados conselhos d'instrucção publica—em nada differiam dos programmas e systemas d'ensino do meu tempo, quando o padre Amado era a grande mina plumbifera dos collegiaes que se ataranta-

vam, e quando o Alvares Pereira surgia nos pezadellos dos paes de familia, como o espectro de Laplace, encadernado na figura terrifica de Samsão, o carrasco.

Por essa visita de meia hora facil me foi reconhecer que a instrucção secundaria do meu paiz, propondo-se mobilar o espirito dos rapazes com uma serie de noções geraes sobre todas as coizas d'este mundo — (linguas mortas e linguas vivas, historia das guerras punicas e campanhas de Napoleão, machinas electricas e leis, equações e desenho de figura) — lá continua a proporcionar-lhes martyrio identico aos inolvidaveis que eu soffri, e cansaços d'encephalo, que mais tarde nos faziam entrar na escola superior, cabisbaixos e desinteressados das questões, olhando as rutilancias da sciencia atravez o prisma da estopada, e o bello espectaculo da vida atravez d'uma nostalgia divergente, allucinatoria por vezes, dentro da qual turbilhonavam já bacterias de muitas futuras doenças incuraveis.

Como ha dez ou doze annos, os educadores da mocidade portugueza vão perscrevendo a instrucção secundaria, não como um methodo, mas como uma encyclopedia; não co-

mo uma preparação, mas como um fim; não como uma gymnastica ensaiadora das vitalidades elasticas do espirito, porém como uma definitiva batalha — de cujas escaramuças muitos sahem derreados e invalidos para o resto dos seus dias.

Esquecem-se elles, como no meu tempo, os pobres homens, de que n'este proporcionar de primeiras luzes intellectivas, o estudante apenas deveria absorver com parcimonia, ao tractar-se d'um ramo de sciencia, os simplissimos detalhes e leis destinadas a lhe fazerem comprehender o espirito d'ella; e de que o ensino secundario, como diz Lavisse, por isso mesmo que é uma gymnastica, deveria attentar, primeiro que tudo, nas aptidões especiaes de cada estudante, visto como o espirito não é uma abstracção, mas um ser vivo — e submettel-os todos a um regimen uniforme de cultura, *preparatorio* muito embora, é fazer violencia á natureza.

Não curarei, porém, agora d'este problema do ensino secundario, que é longo, e está sen-

do debatido por escriptores mais lapidares. Quero só voltar a attenção para outra chaga adstricta á educação da adolescencia, e bem mais perigosa do que aquella, pois ameaça anniquilar nas origens mais puras da vida as futuras gerações, a quem competirá por herança o guiar, dentro em alguns annos, a já combalida e gafada sociedade portugueza.

Esta chaga é a evidente fraqueza physica, o esgotamento apathico, a *courbature*, a tristeza, o ar espectral, quasi idiota, que eu vi transparecer em mais de metade dos estudantes que erravam hontem pelos corredores do lyceu de Lisboa, a pequenos grupos, cabis-baixos e lividos, o ar escorraçado de quem espera uma sentença de morte — ou mais compostos e myopes—de collarinhos altos, hombros cahidos, mãos humidas, inermes pulsos (eram evidentemente os mais estudiosos e bem comportados das suas classes e collegios), andando nas pontas dos pés para não fazerem bulha, fallando baixo, e, detalhe secante! detendo-se a lêr as pautas dos exames, com aquella seccura de procuradores, aquella subserviencia de capellães, aquella enfase conselheiral que tinha Acacio a lêr a pauta dos ju-

rados, no guardavento dos Martyres, emquanto Luiza o evitava, com a instinctiva repugnancia da femea pelos *hommes de bois* da civilisação.

Pela escadaria, no pateo, de quando em quando, findos os exames d'esta ou d'aquella cadeira, pequenos destacamentos tropegos desciam, a dois de fundo, guardados por um prefeito sargentão, e lá marchavam caminho dos seus collegios, sobraçando os compendios cebaceos, os linguados d'almaço com a cabulasinha dos themas e das equações resolvidas: e elles hirtos, inermes, sem uma palavra alta, nem um riso liberrimo, nem um gesto independente, nada mais do que a tristeza dos seus lares estrellejada em melancholias nos olhos, e o dorso curvo, como o d'um escravo, ás reprimendas dos guias e directores das suas prisões.

Um ou outro diabrete vermelho e impetuoso, de calção curto e boina de marujo, ainda se aventurava, n'aquella necropole, a parecer lucido, a esguichar um dichote, a correr atraz d'um camarada, com um murro d'athleta no punho crispado: mas o continuo vinha logo fazer queixa, o prefeito do collegio

dava-lhe um safanão no braço, com auctoritarismos de cabo-chefe; lá de dentro, os examinadores, d'oculos e camisa de riscado, gritavam *shut!* — e os que liam as pautas voltavam-se, de cara rapada, o ar padreca e vicioso. 16 e 18 annos ainda, e já velhos, como o *frère* Hillarion do *Charlot s'amuse*... — fuzilando uma colera jesuitica pelos oculos, contra a creança que ousára fazer estourar a granada turbida da rizota, ter um rompante de vida animal, entre aquella procissão de sombras alquebradas, e no meio d'aquella especie de seminario-maladouro das futuras forças intelligentes do paiz.

—Mais de metade, disse-lhes eu.

E a essa metade d'examinandos era facilimo assignar a proveniencia da educação, o processo de vida physica e quotidiana, a enclausura glacida, armada em receita para domesticar ferocidades de temperamento, demasiado turbulentos, na liberdade da casa paterna. Essa metade era composta de todos os internos e semi-internos dos collegios de Lis-

boa, que as familias da provincia degredam dos seus lares, por não poderem fazel-os seguir os exames d'outra forma, e de que as familias da capital se despojam, mediante esportula fixa, afim d'evitarem phrenesis que envelhecem as mamãs, perturbam o socego dos visinhos, e mesmo muitas vezes chegam a enodoar de peccadilhos a consciencia virginea das creadas.

Se a minha voz fosse escutada, eu pediria aos encarregados de vigiar em Portugal a educação dos nossos rapazes, se reunissem todos n'uma especie de permanente congresso de vigilancia, que chamasse a conselho os avisos dos homens de sciencia especial, os hygienistas, os medicos, os professores das disciplinas secundarias, os proprios collegiaes mesmo, para se assentar d'uma vez, com sinceridade e largueza—longe da pelintragem de se proteger o collegio d'este, e de se adoptar o compendio d'aquelle—no systema d'educação que conviria dar á mocidade, á luz da sciencia, conhecidas agora, como estão, as consequencias nefastas da *surmenage* (rezultado dos pezadissimos programmas secundarios), da *mal-ménage*, do sedentarismo (fructo do inter-

nato), em termos que a cultura do espirito marchasse a par do desenvolvimento do corpo—que é sagrado, e não devera jamais sacrificar-se a qualquer outra necessidade, por mais imperiosa que ella fosse—evitando-se n'uma palavra, todos os defeitos, todos os vicios, todos os erros que nos compromettem o futuro da raça, e actualmente *estão rebaixando o nivel intellectual* a um extremo horripilante.

Quizera eu mais que esse congresso, formado pela collaboração de todas as vontades serias e honradas do paiz, depois d'assentar n'um projecto, entrasse em commissão de vistoria por todos esses estabelecimentosinhos d'educação masculina e feminina, que os jornaes estupidamente reclamam, e a policia dos costumes tolera, e os fechasse a todos, desde o primeiro até ao ultimo, e isto orgulhoso de haver prestado um serviço a toda a gente. Porque esses internatos, nas condições em que entre nós se consentem, são uma permanente agencia d'assassinios (eu conheço os argumentos a adduzir em contrario, frescos argumentos!), de degenerações physicas, de perversões moraes, de definhamentos de toda a

ordem, d'onde, ao fim de 5 ou 6 annos, se sahe com preparatorios e dyspepsia, distincção em mathematica e neurasthenia, desenho de figura e falta de hombridade. E se os mais robustos resistem, quasi sempre os *hereditarios* afocinham; sendo certo que nenhum individuo educado em internato deixa de sahir de lá com um defeito, pequeno ou grande, intermittente ou permanente, na saude ou no caracter, na linguagem ou na solidez do raciocinio, no sabugo das unhas ruidas, ou n'essa altivez divina, que individualisa o homem como ser superior, e o ajuda a resistir, pela simples consciencia da sua força, contra a *degringolade* d'interesses, patifarias e cynismos, a que o mundo pomposamente chama alli — a lucta pela existencia.

No meu tempo de collegial (o collegio onde eu apodreci durante 6 annos, era um dos melhores e mais bem conceituados de Lisboa) a vida no internato era a seguinte. Erguiamonos da cama ás 5 horas, verão e inverno, estudavamos até ás 8, hora regulamentar do

almoço (uma chavena de café ou chá, e pão com manteiga. D'este pão, com esta manteiga, é que a minha musculatura tirou a quasi valetudinaria flacidez de que hoje gosa) depois do que, entravamos novamente nas salas d'estudo, onde nos amezendavamos até ás 4 da tarde.

Quatro horas dadas, calligraphia durante hora e meia, e ia-se jantar.

O jantar era uma sopa feita do pão que sobrava do almoço, uma fatia de carne cosida em agua, duas colheres d'arroz secco, alguns talos de repolho, pão, e uma fructa do tempo, ordinariamente verde, ou apodrecida no chão do pomar. Aos domingos, este *menu* enriquecia-se com um prato de meio, cuja sustancia variava entre a isca de figado e a dobrada com ervilhas, e um calice de carrascão, parcimonioso, de cujo sarro nos serviamos para, em horas macabras, garatujar as caricaturas dos prefeitos nas entrefolhas dos cadernos de significados.

Esta alimentação monotona, desleixada, insufficiente, repetia-se sem alternativas, durante mezes e annos do nosso pensionato, Seguia-se ao jantar uma folga de duas horas, que durante os mezes d'inverno decorria

nas salas d'estudo, hermeticamente fechadas, para na primavera e no verão se expandir n'um quintalorio de trinta metros quadrados (eramos uns 120 ou 140, entre internos e semi-internos), plantado d'arvores rachiticas, e sem jogos, nem diversões d'especie alguma.

Os prefeitos, a quem de todo estava confiada a vigilancia dos rapazes, a sua educação moral, a sua compostura, além d'alimento e quarto, recebiam por mez de 12 a 15$000 réis. Imagine-se que genero d'educadores elles seriam, vindos dos regimentos da guarnição de Lisboa, ou recrutados entre os continuos e os porteiros d'escriptorio despedidos! Aos domingos, levavam-nos a passear durante quatro ou cinco horas, pelas ruas da cidade, aos jardins publicos, ou pelas estradas da circumvalação, poeirosas, entaladas entre muros lezardentos,—e n'este percurso iamos nós sempre formados, a dois de fundo, a'uma grande bicha negra e morrinhenta, que coleava ao longo dos caminhos, em meio da troça dos garotos, que davam vivas ao *batalhão da bateta*.

Durante as 11 horas diarias d'estudo que nos impunham, os alumnos sentavam-se em bancos de pinho, presos ao chão por gatos de

ferro, sem encosto, duros, suppliciaes, e alinhados ao longo de enormes carteiras crivadas de gavetas. Na sala d'estudos secundarios (aula geral) cerca de 80 a 100 estudantes, de 10 a 16 annos, passavam a vida amarrados nos seus logares d'ordem — 11 horas por dia! — com imposição de não bolirem dos seus logares, de não estudarem nem conversarem alto, de não sahirem mais de duas vezes em cada periodo d'estudo, sob pena de castigos, orçantes entre uma duzia de palmatoadas, algumas horas de joelhos, ou uma penitencia longa, em calabouço.

Pela manhãsinha cedo, era o director quem presidia aos nossos trabalhos. Desgraçado do pequeno que se encostasse á carteira, desviasse os olhos dos livros, ou fosse apanhado a cabecear de somno! Este director fôra sargento na sua mocidade. Era um hercules bexigoso e d'uma terrivel subtileza na invenção dos martyrios com que espicaçava os seus subordinados. Deante das familias, beijava as creanças.

A sós comnosco, era um positivo facinora.

Ha no atlas do *Uomo Delinquente,* de Lombroso, a photographia d'um pavoroso bandido da Lombardia, singularmente parecido com elle. Este homem teve uns poucos de processos por maltratar collegiaes, a ponto de deixar um d'elles quasi morto, tanta pancada lhe deu, por não sei que infracção, quasi insignificante. O terror que elle despertava era tal, que algumas vezes eu vi cahirem em deliquio, alagadas d'excretos, creanças da minha edade, bem delicadas, franzinas, sobre quem o director ia a crescer, n'alguma d'aquellas suas asphixias de furor.

Nas aulas, quasi sempre fechadas, sem respiradouros, nem capacidade aerea, nem tiragem, havia constantemente um fetido morno a leite azedo, dos venenos epidermicos e pulmonares em exhalação. Os dormitorios eram no andar de cima d'um predio velho, grosseiramente adaptado á moradia de tamanha tropa d'individuos: e em corredores estreitos, em pequenos quartos de tectos baixos, em escaninhos de toda a ordem, alumiados a petroleo, as camas dos internos alinhavam-se, apenas separadas umas das outras por intervallos de meio metro.

Os banhos, rarissimos. Aos domingos de manhã, meia hora de gymnastica em argollas e barras, não obrigatoria, mas á vontade das familias, que ainda n'esse tempo, as da provincia sobretudo, consideravam a gymnastica como um exercicio de pallaços.

Quanto ao mais, desleixo absoluto! Nem exames medicos aos alumnos, de tempos a tempos, como preventivo contra os agentes depressores que de todos os lados estão cercando as creanças, na pocilga insalubre dos pensionatos; nem vigilancia na educação moral; nem cuidados de *toilette*, de conversações, de convivencia; nem jogos d'espirito, de destreza ou bellas-artes. Acostumados ás brusquerias dos prefeitos, ás suas palavradas, ás suas torpezas, os rapazes eram uns teixugosinhos bisonhos, acanhados, hypocritas, idiotas, que perdiam a falla deante de senhoras, e sorviam pelos pratos o molho da comida, como gallegos. Todos os livros de leitura amena nos eram sequestrados, os mais conformes á cultura do espirito adolescente — a mim roubou-me o director alguns volumes de Garret e de Herculano, que meu pae me tinha dado, quando eu me queixei do tedio mortal de que era

victima, durante as recreações, nas salas d'estudo.

Ora, comquanto nos internatos do paiz, actualmente, a vida do collegial haja melhorado um pouco (muito menos do que se pensa) é certo que os vicios fundamentaes do systema hão-de subsistir em quanto os internatos durarem.

Continuará a enclaustração, na edade em que os organismos tenros, como as plantas, mais carecem de luz e d'ar para se desenvolver.

Continuará a alimentação insufficiente, pouco variada, e mais ou menos insalubre, arruinando as gerações pela dyspepsia e pela inanição.

Continuarão os defeitos da vida promiscua de cazerna, em cujos episodios conflagram a toda a hora os temperamentos e os caracteres mais antipodaes: os maus contagiando os bons, os efeminados amollecendo os impetuosos. Continuarão os desmazellos da educação moral, a falta d'exercicios physicos, contraba-

lançadores da *surmenage* intellectual, e agentes da alegria, balanceiros da belleza e da força juvenis, por exemplo—: o jogo d'armas, o canto, a natação, os officios manuaes, as violentas correrias sob as arvores, em pleno campo, á exposição do sol e ás intemperies...

Sòmmem-se agora as depressões causadas pelo internato com as que já possam vir derivadas da hereditariedade, e concluam depois se será pueril recapitular: —*que a vida dos collegios seja ao mesmo tempo causa predisponente, e determinante, da cachexia organica e mental da nossa raça culta, tão assustadoramente evidenciada em todos os actos da vida portugueza;* e se ella não deve ser cotada entre os primeiros factores de propulsão das doenças d'esgotamento: a tuberculose, o typho, a anemia, as affecções cerebro-espinhaes, etc., e enfim, se não será dever nosso fazel-a riscar da tolerancia publica, quebral-a em estilhas, como uma coisa maldicta, que Deus confunda no inferno, por todos os seculos dos seculos...

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,

D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 7—17 de Julho de 1890

SUMMARIO

O DISCURSO DE GUERRA JUNQUEIRO, SEU VALOR COMO SATYRA E COMO PROTESTO — POLICIAS SECRETAS NA MAIORIA E NA MINORIA — TRAGI-COMEDIA DOS BASTIDORES DA CAMARA — PALAVRAS CONDEMNATORIAS DO «DIA» — A FALCATRUA DOS CRUZADORES E DO MONOPOLIO DOS TABACOS — COMO OS DEPUTADOS COMPREHENDEM A SUA MISSÃO — OS FANTOCHES DE CON-

DORCET: PROPOMOS SUBSTITUIR OS DEPUTADOS, POR BONECOS — NUNCA VISTA MATHEMATICA DO CONSELHEIRO CARRILHO — PESQUIZA D'UMA NOVA LINGUA FALLADA PELO SR. D. CARLOS, COM BOCCA DIURNA E NOCTURNA — OLIVEIRA DE FRADES PROGRESSIVA, E PENAFIEL DEVASSA — INCOMPATIBILIDADES DO CAPITÃO MACHADO — O CONCURSO DO MINISTERIO DOS ESTRANGEIROS; PASTA POR UM PRATO DE REFOGADO Á VALENCIANA — CROQUIS PARLAMENTARES: LAGRIMA AO LITRO, E HOROSCOPIO DE DOIS HOMENS D'ESTADO — CARTA A S. M., PEDINDO UM CONDADO PARA O MEU GALLEGO — RECEITA PARA FAZER ARGENTARIOS — PROPHECIA NOTAVEL, PARA FECHAR.

10 de Julho.

Guerra Junqueiro praticou terça-feira ultima, no amphitheatro dos deputados, uma grande operação cirurgica, consistindo em abrir o ventre ao constitucionalismo portuguez, e tirar-lhe de dentro, sob uma chuva de phenol, todos os cancros e sanias purulentas, que ha cincoenta annos fazem d'elle uma especie de monstro afflictivo, contagiador dos que se lhe approximam.

Essa grande talha autopsial d'um organismo cadaver desde o berço, galvanisado entretanto pela pululação dos vermes que lhe roem as entranhas, nem por um instante quiz ser um luxo d'escalpello, com visos d'enaltecer a pericia do cirurgião operador. Foi simplesmente a procura summaria e inalteravelmente scien-

tifica das causas da enfermidade congenita do nosso organismo politico, e a exhibição formal das podridões por ella recosidas, nas grandes visceras d'esse empestante morto-vivo.

Porque a oratoria em que o cirurgião expôz o seu problema tergiversasse da verborrhea mesquinha em que o snr. Arouca costuma expôr os seus planos, o snr. Marcial Macheco as suas finuras, o snr. Emygdio Navarro os seus escrupulos, e o snr. Pinheiro Chagas as suas folhetinices—a camara, que difficilmente supporta o peso d'uma individualidade sobrelevante ao mediocrismo fluente de que se fez escola e capitolio, logo começou a mostrar impaciencia, ás primeiras palavras do orador. E esta impaciencia fez-se despeito, malevolencia, e chufa, quando, por entre os periodos convulsivos do discurso de Junqueiro, o ferro em braza veio apontar aqui e alem, no cadaver escorchado, os pontos d'infecção.

Não se tratava d'um discurso propriamente d'analyse ás propostas fazendarias do snr. Franco Castello Branco, technico e estatistico como os dos snrs. Fuschini e Oliveira Martins, nem d'um discurso almanakico como os do snr. Capitão Machado, nem d'um discurso

hystero-epileptico, com impulsões, como o do snr. Paçô Vieira — com soldados de chumbo e pedaços dos *Dois Renegados*, como o do snr. Elmano — com margarina, como os do snr. José d'Azevedo e Teixeira de Vasconcellos, e com talão para o bodo, como os d'uns tantos, que eu não quero agora aqui citar.

A apostrophe do deputado por Quilimane, sem interferir na especialidade das complexas questões que se fingem discutir no parlamento, era todavia uma synthese escandente das derrocadas que a politica tem produzido no caracter nacional; das miserias que a inania e a cupidez dos partidos teem feito grassar nas populações inferiores que abrém a bolsa, submissas e humildes, para que os *outros* gozem á barba longa; dos auctoritarismos sob que os gabinetes quotidianamente açovacam a voz das victimas que fazem, e finalmente de todas as multiplices vergonhas, falcatruas, desperdicios, de que o parlamento é syndicato, conforme se póde saber escutando o que os deputados dizem entre si, nos sitios onde vão, muito embora em sessão publica desmintam e asphixiem a corajosa voz que ouze trazer a lume estas verdades.

Vinha pr'o caso, essa apostrophe, e urgia tanto ou mais que todos os discursos technicos ou humoristicos que S. Bento escuta, des'que a legislatura foi aberta. Porque desde a lei das rolhas, que manda encarcerar os jornalistas, e invadir com bayonetas as salas dos comicios, a unica tribuna d'onde ainda se podia denunciar ao paiz os traficantes era o parlamento, inviolavel. Mas começa-se a vêr que lá, onde a guarda não entra para arrastar ao *Africa* os justiceiros, nem por isso os esbirros faltam, brandindo, em vêz do chanfalho, o apupo, e defendendo a *Estimavel* dos partidos monarchicos, pelas mesmas *ordes* que precipitam o general Moreira, á frente dos seus janizaros, para o Rocio, e o commissario Sarmento, á frente dos seus judeus do Bom Jesus, para os *meetings* do Colyseu e da Torrinha.

Ha policias secretas na maioria e na minoria das duas camaras, a quem a monarchia paga esse serviço aviltante d'arruaças e denuncias, porque só tenha curso aquillo que ao throno convem que o paiz oiça. Junqueiro estava pois entre um circulo d'antipathias invenciveis, de caninas dentuças, a começar pela do presidente da camara, que lhe exigiu

a truncatura do discurso, e a dar fim nas dos oradores de recados, que fulminavam cá fóra, discurso findo, a intemerata audacia do orador.

Comprehende-se então o facciosissimo desdem com que todos affectaram de sopesar a importancia politica de Junqueiro, negar-lhe auctoridade para uma execução collectiva d'aquella firmeza; e quasi se perdôa misericordiosamente a aviltação de muitos, que até como artista, desde esse instante, o começaram a achar desconchavado. É vingança d'escaravelhos, esta picada, quando o cavador vae remover a montureira em que elles se ingurgitam.

Porque afinal concordam todos em que Junqueiro disse a verdade. E acrescentam, em segredo: *ainda a não disse toda!* Em linguagem mais ou menos subentendida e entrelinhada, não ha orador d'opposição, jornalista insigne, conferente illustre, ou ministro d'estado intransigente, cujos discursos, parlendas, artigos, não tenham sido phonographo ou echo d'esta mesma chronica d'esphacello, que é a bio-

graphia politica do Portugal dos ultimos cincoenta annos, e que Junqueiro condensou, por vezes com uma rara fortuna, no pessimismo rude do seu discurso: discurso que é o seu necrologio politico, sabemos, mas que ha-de ficar tambem como a oração d'agonia d'um paiz condemnado á *equarissage*.

Mas vão os senhores lêr os discursos do snr. João Arroyo e do snr. Franco Castello Branco, os artigos do snr. Serpa e do snr. Navarro, as conferencias do snr. José Julio, ou façam-se convidar para os cavacos dos vencidos da vida, na redacção do *Tempo*. Em todos estes as conclusões finaes são identicas; só ellas teem a azumar-lhe a justiça, ao contrario do discurso de Junqueiro, historietas *precisas* de ciumes partidarios, contravenções de pactos mysteriosos, ou quem sabe lá! outras explicações bem mais escusas.

Ha quatro dias ainda, escreveu Antonio Ennes, no *Dia*, estas palavras «*as nossas côrtes estão sendo um fóco d'infecção social. Do seu tablado, e ainda mais dos seus bastidores, evolam-se miasmas de todas as desmoralisações e de todas as indisciplinas.*»

Pois muito bem. O orador que em S. Ben-

to se proponha desenvolver o thema supra, reproduzirá forçosamente o discurso de Junqueiro.

De feito, é pavoroso o que por aquelles corredores e galerias se conta. É em voz baixa, mas todos ouvem, e quando os estranhos não percebem, a historia repete-se, com seu illucidario de nomes e de datas. É já corriqueiro o boato de que a defeza do paiz, recentemente votada, pelos caminhos que toma, dará palacio e carruagem a muito patriota. A ballada dos cruzadores, nunca a ouviram?

Edificante! Eu lh'a rezumo.

O governo progressista dicidira ha tempos a compra de quatro grandes cruzadores, e n'este proposito enviou aos estaleiros europeus as suas condições. Ora! organisou-se logo uma especie de... syndicato, *com gente de todos os partidos,* pr'a se interpôr ao gabinete e a casa preferida, calculando que na passagem do dinheiro lhe ficasse entre mãos um grosso premio. Entre as propostas das casas constructoras, uma, italiana, que conseguira haver-se c'os giraldinhos medianeiros, incluia já no preço dos navios as luvas dos gatunos: o que, sabido por um membro da

commissão d'estudos, revoltou este, sossobrando a marósca sob a ameaça d'uma denuncia immediata. Cahe o governo: os serpas succedem-lhe: nova proposta dos constructores; e d'esta vèz a casa italiana envia planos, onde o preço por cruzador apaziguára de cifras, abatido das luvas incluidas na primeira licitação. *(a)* Parece porém que a intriga (chama-se agora assim, no dizer das *Novidades)* segue, porque ainda ha poucos dias o snr. deputado Ferreira d'Almeida exigiu na camara a publicação de todos os documentos referentes á compra dos navios, accrescentando que desejava livrar-se de responsabilidades.

A *régie* dos tabacos, que um projecto de lei, desde hontem começado a discutir nos deputados, quer transformar em monopolio particular, tambem por seu lado constitue uma

---

(a) As *Novidades* de 10 do corrente: « . . . aqui aconselhámos o governo a que se pozesse em guarda contra as facilidades da licitação d'um pseudo-concurso *que serve unicamente para as intrigas dos agentes de negocios, com tanto prejuizo para a bôa construcção, como para o credito das repartições publicas, fatalmente envolvidas nos meandros d'aquellas intrigas.* »

das bem combinadas operações, ácerca de cuja estructura interna os corredores da camara inpam d'informas.

Supponho a questão sabida, e como tal alludo a ella, de passagem. O governo, que ha tres annos combatera como immoral o monopolio, inscreve-o hoje entre as suas propostas fazendarias, e põe os tabacos no prégo, como de certo premedita fazer ao mais, té haver dilatado o estomago do seu ultimo compadre. A proposta do snr. Franco estatuia a venda em bases desastrosas, mas podia explicar-se como uma esgana das libras de que havia mister o thesouro, para esportular obras na Pena, na torre d'Outão e no palacio de Belem, ter o snr. Barjona nas aguas ferreas de Londres, e o snr. Arroyo no chafariz d'instrucção publica.

De feito, bastaria que o governo regularisasse com zelo os serviços da *régie*, dotando-a com uma administração sagaz e experimentada, e com uma fiscalisação aduaneira escrupulosa; para em poucos annos a tornar n'uma fonte de receita inexhaurivel. Calculam os jornaes que o snr. Burnay (concessionario inevitavel do monopolio, que ha mezes não repousa, e suggeriria, suppõe-se, á commissão de

fazenda, as emendas por esta introduzidas na primitiva proposta do ministro) venha a ganhar com a tractada, ao fim dos 16 annos que ella dure, e depois de pagos todos os encargos do Estado, do pessoal operario, e sua respectiva caixa economica, para mais talvez de 16:400 contos de réis — uma bagatella, exclama o *Dia*, de fazer morrer d'inveja o proprio Rotschild! E esta riqueza aliena-se, defrauda-se o paiz d'esta maquia, e atira-se com ella ao regaço d'um judeu garancioso, só porque não ha quem empreste ao Estado 7:200 contos, para uma precisão!

Ora, todos estes factos aceites, e as fustigações que elles provocam admittidas — de duas, uma. Ou os deputados, que os propalam e trazem aos jornaes, exprimem por elles um estado real de devassidão, que a politica abroquella, e instiga, e determina; ou em caso contrario, mentem. Se são verdadeiros, o deputado que, sabedor das tramoias de que o parlamento é feira, não pede a palavra para as fulminar, é um infame receptario de fraudes que lesam directamente o paiz que o elegeu. Se são calumniosos, a infamia subsiste, porque esse homem deshonra com as suas

objurgatorias o sanctuario das leis, e cava traiçoeiramente a ruina d'uma instituição, a que jurou fidelidade. Em qualquer dos casos, o discurso de Junqueiro foi uma obra meritoria, e tergiversante da hypocrisia a que um aparte do snr. Teixeira de Vasconcellos chamou patriotismo. É inglez quem diz a verdade ao parlamento? Ingloria maneira de chamar patriota ao snr. Hintze Ribeiro, que nada nos quer dizer sobre a Inglaterra!

Condorcet diz n'um opusculo que se compromette a fabricar um excellente rei constitucional, com familia real, e toda a còrte, por 10:000 libras, tudo em fantoches, e tão completos, que nem parlamentos, nem povo, alguma vèz darão pela *pastiche*. Já que protestar é crime, já que pòr a consciencia n'um discurso é felonia, proponho fornecer aos snrs. Lopo Vaz e Emygdio Navarro, pelo processo Condorcet, uma bonecage automatica e falladora, como a que os dois illustres contratadores de carneiros estão fazendo manobrar no parlamento. Aceitem S. Ex.as os meus bonecos.

Escusa o paiz de gastar quinhentos mil reis diarios — com os seus.

12 de Julho.

O conselheiro Carrilho, da estatistica, ao fim de calculos, e ordenadões annuaes, de muitas libras, publicou no *Diario* um estudo, em que se prova que um homem de cincoenta annos tem gasto exactamente trez da sua vida a abotoar o collarinho.

Porém, tendo o collarinho apenas um botão, e as calças a seis, segue-se que, na hypothese do homem, abotoar a camisa tantas vezes como as calças gastará n'esta ultima tarefa—desoito annos.

Entretanto, a hypothese é inadmissivel. O homem—está provado!—aperta-se e desaperta-se mais da cintura p'ra baixo, do que da cintura p'ra cima.

Calculemos seis vezes mais.

Teremos pois, seguindo sempre os calculos do conselheiro Carilho, que todo o cidadão que attinge os cincoenta annos, gastou a abotoar a berguilha, cento e oito.

—Aqui se vè, senhores, o que é a mathematica!

— O *Correio da Manhã,* nas suas indiscrições da vida de palacio. Hontem era a festa do nuncio, a quem S. M. impôz, na capella da Ajuda, o chapeu cardinalicio.

Descrevendo os episodios d'esta tocante cerimonia, o *Correio da Manhã* tinge de viva admiração quantos o lerem, pelo que insinua da polyglotia do snr. D. Carlos, que a ser como diz, é na verdade um puro assombro.

Assim, por exemplo, na capella, apenas o ablegado, Mgr. Tonti, leu o breve do papa, cardinalisando o nuncio Vanutelli, el-rei, sobre o throno, desfechou-lhe uma allocução em latim de grande folego, da qual, diz o *Correio,* pareceu compenetrado, tanto os seus gestos de braços e de pernas sublinhavam opiniosamente as coisas que dizia. Seguidamente, ajoelhou o nuncio aos pés do throno, o rei pôz-lhe o chapeu, e ahi se reenviam os dois blandicias italianas! Vão vendo. Voltam todos á sala das recepções, e S. M. (affirma ainda o *Correio da Manhã)* depois de mandar cobrir a côrte, e da côrte fazer menção de se cobrir, falla com os ministros estrangeiros em inglez, francez e allemão, do melhor accento: té que,

annunciado o lunch, a conversação se generalisou alfim — ao nosso formoso idioma.

Aqui se escagarrinha todo o *Correio,* como é programma, pela excellente educação que os nossos principes recebem, concluindo por dizer que, para felicidade d'estes reinos, o snr. D. Carlos até falla tantas linguas como o senhor seu pae.

Ha erro, collega. Olhe que este rei falla mais uma lingua do que o outro. Ora informe-se! Falla a lingua... com cebollinhas.

— Historia da civilisação.

No intuito d'approximar Oliveira de Frades das grandes capitaes, quanto possivel, deliberou o senado crismar algumas ruas da terra, d'este modo: *bêcco do Monête, Bairro Alto, viela da Neta,* etc.

É já bonito! Mas o progresso provincial não pára aqui. Refere o *Seculo* que Penafiel tem já a sua *Estimarei*, com regulamento e propositos analogos aos da sua homonyma tripeira, tergiversando porém d'ella no respeitante ao genero de prazeres que a socieda-

de se propõe vulgarisar. Estes prazeres são de tal ordem, que os socios, ao mencionar o titulo *Estimarei*, quasi todos subentendem — *que ao fazer d'esta...*

— Serpa Pinto vae agora ao parlamento, de claro: veston curto, cabello em poupas, manta escarlate, e ramo na lapella. Ar domingueiro, que apaga a ideia do heroe, e impregna o homem de guerra d'uma pronunciada saburra de valsista.

Quem atravessa a Africa não põe gardenias. Gardenias põe, quem atravessa a Avenida. E se ainda fosse tempo, como o *Seculo* abriu peditorio para uma espada de honra, ao explorador, proporiamos graciosamente a substituição da espada, por um chapeu de chuva.

15 de Julho.

No dia de se votar a creação do ministerio d'instrucção publica e Bellas-Artes, propôz o

capitão Machado que aos deputados se vedasse provisão nos logares do supradito ministerio, que todos seriam providos por concurso, desde o mais alto, até ao mais somenos. Tinha isto por fim defender a nova instituição da matrulha famelica dos homens de ganhar, que ha quatro mèzes farejam a carteira do snr. Arroyo, invocando a sua lealdade partidaria como senha d'entrada para o bodo, e amachucando-se em intrigas, de que os corredores da camara transudam as vaias deshonestas, reveladoras do quanto os processos de *struggle* dos homens finos corre parelhas ás vezes com os dos pilharetes das prizões. O modo porque a maioria recebeu a proposta do capitão é contraprova moral do que já n'outro ponto escrevi sobre os intuitos com que foi creado o ministerio d'instrucção e Bellas-Artes. Não houve um deputado só disposto a aceitar, em principio sequer, a proposta do rude deputado, e a camara até pareceu magoada com ella, como d'uma suspeita que insolitamente lhe menoscabasse os brios incircumcisos. Ora, a audacia d'um tal pudor põe-me d'alarme, se estabeleço o contraste que ella faz co'as deslavadas revelações que os *briosos*, lá de dentro,

vem fazer depois cá fóra, em voz alta, a toda a gente. A camara não quer que se duvide um momento das intenções patrioticas sob que foi creado o ministerio d'instrucção — e não o quer, quando reunida em sessão publica. Mas desde que o presidente põe o chapeu na cabeça, e o curro se abre, não ha patifaria occulta, historia subterranea, intriga odiosa, que todos esses paes da patria não refiram a quem passa, envaidecidos talvez da impunidade com que a lei escóra os vergonhosos crimes de lesa nação, de que metade d'elles parece cumplice, e a outra metade, reu. Dir-se-hia que o estado de homem politico presuppõe o escrupulo — só d'um lado. Devia-se escrever então á porta do parlamento, como nas jaulas — *cautella com estes animaes!* — muito embora tivessemos que fardar o capitão Machado, de domador.

O provimento dos logares d'instrucção publica e Bellas-Artes, á escolha do ministro, era já na verdade, uma pouca vergonha catita. Mas ahi está a **Patria** a nos referir coisa melhor. Nos estrangeiros está-se realisando agora um

concurso para segundos officiaes, consules, e secretarios d'embaixada; e precisa a lei que os attestados de competencia litteraria dos candidatos possam suprir-se por quaesquer publicações importantes, *dos mesmos,* sobre economia politica, ou direito internacional. O titulo *d'importantes,* só póde ser referendado para aquelles escriptos por auctoridades na materia, das quaes a menor será a Academia Real das Sciencias. Acontece que entre os concorrentes aos logares dos estrangeiros figuram alguns jovens janotas e toureiros, que se fizeram leccionar a materia dos pontos por certo lente da Universidade, á rasão de 100$000 réis mensaes por candidato. Esse lente, não só prometteu arranjar aos explicandos os pontos das provas praticas, mercè de maroscas fraudulentas, como tambem redigiu, para os mais generosos, opusculos de sciencia economica, de que o jury aceitou os manuscriptos, illudindo com elles o paragrapho da lei que manda que a obra seja *importante,* sanccionada por um tribunal de critica superior, e—talvez eu me engane—original.

Todos os individuos pois que foram de bôa fé ao concurso do ministerio dos estrangeiros,

e a quem o acto custou por certo grandes empates d'estudo e de trabalho, lá serão sacrificados vellhacamente aos leccionandos do melro, cuja elegante vadiagem o Estado não podia deixar d'aquirir, para opulentar com ella as suas *ménageries* do Terreiro do Paço.

Em face d'isto, hemos de confessar que o parlamento foi coherente, abafando a proposta do capitão Machado. Para que selecções documentadas, na promoção dos mangas de lustrina? Os concursos são isto. Mal por mal, antes a pouca-vergonha ás escancaras, do que este simulacro de justiça, por traz do qual carantonha o mais desaforado compadrio. Irrisorio exigir provas publicas a escreventes de ministerio, quando é gratuita, como está sendo, a provisão até do alto professorado.

O rei D. Luiz foi uma vez a Traz-os-Montes, e tendo comido o refogado á valenciana d'um marmiton que estivera ao meu serviço, tão picante o achou, que fez ministro o refogador. Tempos depois, pára um correio de cavallo á minha porta, e concita-me a ir vêr o meu antigo cosinheiro, á sua nova installação.

Apenas entro:

—Como você tem o curso de medicina, e

está vago um logar d'escrivão na sua aldeia, offereço-lh'o. Quatro libras por mez. Hein?

Eu, furioso!

—Meu caro, replica S. Ex.ª E' quanto hoje em dia se póde ganhar, com as habilitações que você tem.

16 de Julho.

A eloquencia do capitão Machado, sobre doar ao arsenal dos trucs parlamentares uma formula original d'obstruccionismo, fez melhor, o outro dia—destruiu pela base o criterio empregado até'gora no computo da sensibilidade lyrica e emotiva, e generalisou á lagrima (como ha muito o estavam reclamando os povos) o systema decimal de pesos e medidas.

—Na semana anterior á da minha eleição, snr. presidente, exclamou o nobre Fradesso da Silveira do chôro, havia no circulo de Peniche mais de 4.000 relaxes de decimas... tostão, dois tostões por contribuinte, snr. presidente... e sabe V. Ex.ª lá, os litros de lagri-

mas que o pagamento d'essas contribuições fez derramar?...

Theophilo Braga haverá que registrar no seu livro esta nova solução positiva da politica portugueza: a lagrima ao litro. E' equitativo! Afinal estava-se roubando muito no peso dos idyllios que mettem choradeira.

D'ora em diante, dirão os Romeos ás Julietas:

—Hontem, depois do desdem que me mostraste no baile das Cancellas, oh! minha amada! chorei por ti, dois decilitros.

—Brancos? interromperá ella. E logo, ciosa: prova-me então, Alfredo, que os teus dois estavam aferidos.

Entre casados. Elle, expulso do thalamo, estreito de mais p'ra tres pessoas:

—As lagrimas que a senhora me tem feito chorar, não teem conta.

—Farofias! Já não estamos no tempo da lagrima aos quarteirões. Hoje, a minima esportula glandular, que os olhos haverão de pagar ao amor sincero, nunca póde ser inferior a quatro—em dois.

Maravilhosa applicação! Ditoso invento! Quem lhe não prestará seu culto afervorado? Mas preparemo-nos, com força d'argumentos,

que este systema novo d'avaliar o folego amantetico por certo ha-de encontrar taquenhos maldizentes. Thomaz Ribeiro achal-o-ha prosaico...

E' que actualmente até a philosophia dos affectos tomou um curso pratico. E se S. Ex.ª quizer que d'ora avante tenhamos fé nas suas lagrimas rimadas — tenha paciencia — mas hade pôr a cada canto d'olho, um contador.

— José Luciano é o unico estadista de nariz vegetante, até hoje tolerado na Europa. Tudo n'elle conduz á inferioridade dos grandes semianos de poupas aparladas ao meio, venta esmurrada, e pés prehensis. Como pensador, uma especie de marco postal, em cujo ventre tres ou quatro ratões deitam conselhos, que elle escangalha, a quando ministro, sob a fórma de decretos. Feliciano das séges da bolea progressista...

—Marçal Pacheco:
deputado sem discursos,
jornalista sem artigos,
advogado sem causas,
gracioso sem ditos,

Do que rezulta acharem-no todos um genio. Como politico, grandes calculos! mas tem a mania de os desfazer, com aguas mineraes.

17 de Julho.

Senhor.

De boa fonte sei que V. M., assarapantado pela guerra sem treguas que lhe môvo, perguntára outro dia qual a maneira d'arreatar o meu jacobinismo á manjedoura em que esfocinham os numerosos beija-cús da monarchia.

E pois que me affiançam que V. M. guardará o segredo da minha conversão ao seu pontificado, vou-lhe explicar, meu senhor, que graça espero, em cambio da dedicação formal que trazer-lhe venho.

Eu desejo que V. M. faça titular o meu creado. E não só por elle, que é na verdade um impeccavel gentilhomem, como provarei mais longe, mas pela nobreza assim, que cada vez precisa mais de sangue novo.

Muita vez, emquanto este authentico mariola me roubava nas compras, me vestia as camisas, e me bebia o Porto reservado aos jantares d'annos, substituindo por chá de tilia, nas botelhas, a porção de nectar que sorvia, eu cogitei no destino social com que brindal-o, mercê das suas incontestaveis aptidões. E outras tantas, equiparando-o ao grosso do armorial recemcreado por V. M. e por seu fallecido pae, vagamente ousei desejar, para o expedito rapaz, um bello titulo.

V. M. ha-de fazer-me este favor. Eu não morreria tranquillo se não cotasse o meu sucio entre os *barões assignalados* d'este tempo. E para V. M. vêr como eu tenho rasão na mercê porque lhe negoceio a minha sympathia, aqui lhe vou traçar a historia do rapaz.

Começou filho de paes incognitos. É um começo d'arromba. Já porque assim fica margem á suspeita de que o homem possa ter nas veias sangue de cruzado; já porque, não

ter paes conhecidos, é preferivel a tel-os, conhecidos de mais. Ahi começa o menino a esfoçar na teta das marrãs que a Santa Casa faz leiteiras, enviando as suas pupillas nubis, a creadas de servir, pela cidade, e expondo-as depois, nas epochas do cio, á cubrição da guarda municipal.

Mal engatinhando, e com as pontas das fraldas humidas ainda dos semi-cupios fecaes com que é uso regalar-se a infancia desvalida, lá auctorisa a mãe o meu heroe, a provêr elle mesmo á sua educação. Quatro annos volvidos, havia V. M. vêr que bacharel em sciencias naturaes o moço estava! Elle mettia as mãos nas algibeiras dos outros, sem o proprietario d'ellas dar por isso (o que no M. d'instrucção publica passará naturalmente agora a chamar-se **Physica**); elle doseava os metaes amoedados, (**Chimica**) nada mais que pelos reagentes das unhas, seguidos d'uma rapida evaporação, do cadinho das bolsas dos papalvos para os cannos das suas proprias botifarras. O tirocinio da taberna ensinou-lhe a fallar as linguas dos bairros... commerciaes. Pelos muros frescos dos predios, aprendeu a escrever os seus primeiros pensamentos poe-

ticos. E quando adregou tocar tres lustres, estava tão apurado e culto para a vida, como se a bem dizer fosse doutor de capello, ou engenheiro de pontes e calçadas. Para brunir-lhe o typo, e tornar-lhe o merito accessivel aos logares de confiança, só lhe faltava agora *toilette,* uma conversa de pontos scintillantes, e um poucochinho d'iniciação tambem nos grandes passes: accessorios que facil lhe foi ganhar, entrando para creado d'um restaurant de noite e pondo-se a escutar, á fechadura, as palestras dos deputados e dos jornalistas.

O habito de vêr viver os outros, ensinou-o por seu turno a considerar o mundo como um arraial onde é facil comer á barba longa, des'que se evite d'entrar nas barracas pela porta de deante, onde a policia ronda e ha varapaus, e se dê ás coizas que figuram no codigo como instigadores de castigos, os nomes e aspectos d'aquell'outras, a que o supradito outorga premios. Viu elle banqueiros a escamotearem o Estado, sob pretexto d'esmolas á pobreza devastada pela epidemia. Viu ministros

promulgando leis sobre os costumes, restringindo com severas penas o exame da imprensa, e a palavra dos precursores, sem que ninguem por isso os exaltasse, ou n'essas rolhas visse outra moral a mais que uma guarda de corpo, ás proprias culpas. Viu a justiça substituida pela audacia, o valor conspurcado em face ao compadrio, e de casaca malandros, que esfarrapados dariam preza á guilhotina. A primeira vèz que entrou no Limoeiro (questão d'um relogio que a policia lhe descobriu no rego perineal, p'ra onde traiçoeiramente lh'o atirara o verdadeiro larapio, coisas do mundo!) veio á sala commum visital-o um rico industrial, tambem detido alli, por se lhe imputarem duas mortes, é claro, injustamente. Este cavalheiro informou-se, com o maior interesse, da sua historia, examinou-lhe as mãos, deu-lhe um charuto, e terminou desejando saber se o amavel interlocutor sabia trabalhar... em massa de tomates. Não sabia.

—Isso aprende, redarguiu logo o cavalheiro; e offereceu-lhe seis vintens diarios, na fabrica.

A fabrica? Era mesmo situada dentro da cadeia, e funccionava não por conta do Esta-

do, mas por conta do cavalheiro, por uma graça especial do regulamento.

— E se precisar d'alguns avanços... que aqui sou eu o rei! (e accrescentou) hontem emprestei eu 3:000$000 de réis a s. ex.ª o ministro da justiça: foi o snr. director até, quem m'o affiançou.

V. M. ri-se? Eu fallo serio.

Aqui ha vinte annos, o Limoeiro era um dos clubs mais bem frequentados de Lisboa; ia alli tudo o que hoje ha de melhor nas classes preponderantes; por fórma que não houve carta d'apresentação melhor pr'o meu biographado do que esse relogio que lhe acharam a trabalhar, na região jacente ás hemerroides. Alli se familiarisou o rapaz co's grandes personagens, e houve confidencia n'uma serie de segredos financeiros e politicos, que se o ministerio não cahe, tinham que erguel-o ás cumiadas onde os ministros vão recoltar directores geraes e plenipotenciarios, e os monarchas distinguir com o seu veto, ás vèzes, grandes philantropos. Infelizmente a sorte, que ta-

manhos haustos deu a outros contemporaneos, insistiu em conservar este grande homem n'um posto absolutamente subalterno.

É a rasão porque venho a vossos pés, senhor, implorar para a obscuridade d'elle a condolencia dos vossos galardões.

De feito, no meu protegido ha tudo o que póde fazer d'um homem orgulho e esteio das instituições que felizmente nos regem. É instruido e audaz como os actuaes reformadores, agil e expedito como os prestamistas actuaes do erario publico; em palavras, uma biblia, em intenções, um scellerado: capaz de sahir à estrada a um paiz, mas capaz tambem d'ir pelas ruas, puxado a quatro, pedir esmola para a viuva e para o orphão.

Artista, é supremo; o caso é ter dinheiro. Adjudique-lhe V. M. um emprestimo, verá que entrudo elle arranja, a beneficio dos pobres, na Avenida. E olhe que apezar de ter conhecido a miseria, é devéras distincto, o meu alma do diâbo! N'uma equipagem rica, facilmente são principes os mais inabordaveis maltrapilhos. Ai meu senhor, que conde se talhava na pelle d'este intrujão! E d'aqui por annos, quando á força d'elegancias e de festas, a ninguem

fôr licito lembrar a origem d'este nobre, uma noite, depois d'uma kermesse que renda trinta contos para o Albergue dos meninos sem testiculos, V. M. que é bom, completará talvez a graça feita — indo cear com elle...

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,

D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 8—24 de Julho de 1890

SUMMARIO

PROROGAÇÃO INDEFINIDA DAS CÔRTES — EM QUE S. BENTO APROVEITA O TEMPO — OS DISCURSADORES D'EPISODIOS — FERNANDO PALHA, PROTECTOR DA CAÇA AOS POMBOS — METEMPSYCHOSE DO POMBO VADIO — OS FRASQUINHOS DO SNR. DEPUTADO JOSÉ JULIO, E SUA ERUDITA PRELECÇÃO SOBRE OS AZEITES — S. EX.ª Á PEDRA —GASPACHINHO DA SUBSCRIPÇÃO, NO CRANEO DO

SNR. SERGIO DE CASTRO — DE COMO GRITOS DE MORIBUNDOS LOGRAM PROVOCAR O ELOGIO HISTORICO D'UM PETROLEO — A SUBSCRIPÇÃO NACIONAL, OS DEPUTADOS, E OS RECLUSOS DA PENITENCIARIA — NOS TOUROS DE CINTRA — A *Sociedade Pharmaceutica* E OS DROGUISTAS — AQUI D'EL-REI CONTRA OS PREPARADOS SECRETOS! — REMEDIOS PARA EXPORTAR, E XAROPES PEITORAES DE VARIOS INTRUJÕES — CHARLATÃES DE TIPOIA E CHARLATÃES DE POSTO MEDICO — A HESPANHOLA DAS CONSULTAS — PRIMEIROS DEBUTES NA VIDA CLINICA — CURANDEIROS, BRUXAS, MEDICOS ESPECIALISTAS, E BOTICARIOS *entendidos* — OS GRANDES BENEMERITOS DA SCIENCIA — CONCLUSÃO.

---

18 de Julho.

Mais uma vèz as côrtes vão a soffrer nova prorogração, a pretexto da legislatura normal ser curta p'rá solução dos innumeros problemas que o parlamento inda tem a discutir.

D'esses problemas, todos quantos haveriam mister—como o monopolio dos tabacos, o addicional de 6 por cento, e a questão da companhia vinicola—d'uma controversia serena, e d'uma estudiosa e prudente conducção, estão naturalmente inhibidos d'isso, visto como, á uma, a votação final é sempre a que o governo quer que seja, e á outra, os tramites da polemica, é o presidente da camara quem os guia, de combinação c'o ministerio, inscrevendo oradores que não pedem a palavra, e esquecendo-se de a dar, por outro lado, a varios que seria nocivo escutar, sobre a materia.

Pareceria, com o furor de legislar que o parlamento mostra, ao approximar-se o terminus da epocha, que todos os seus mezes activos, desde a abertura até hoje, houvessem sido gastos em profundas e sabias discussões, em proficuas analyses d'administração e d'economia, por forma a recolher aos codigos, sob a forma de leis, toda a cagalhoeira que os paes da patria filtram das bolas, em cada cinco dias validos da semana. Vae, compulsando a resenha das sessões parlamentares da epocha presente, logo essa presupposição d'actividade valida se apaga, trocada pelo asco que infunde o parlatorio nacional, tornado em proscenio d'advogados sornas, e em loja de descontos e loterias politicas. Tres mezes levou o parlamento a absolver o governo das tranquibernias da dictadura, não havendo durante esse tempo papagaio novo ou pêga velha, que se não julgasse obrigado a exhibir solércias discursivas, *affirmações de principios,* chochices de passatempo emfim, que tornaram as sessões em outros tantos saraus de litteratura manhosa, para estreia dos bachareis vindos de fresco.

N'estas oratorias, sempre que opposição e

maioria se serviram d'alludir aos movimentos de Janeiro, deram a estes pratrioticos impulsos o picaresco nome d'*arruaças*—os do governo, por a multidão haver atirado pedras ao consulado inglez—os da opposição, por haver sido apedrejado o jornal do snr. Emygdio Julio.

Ainda mal absolvida a dictadura dos seus crimes, propostas de fazenda do snr. Castello Branco, extorsionarias todas, mas para as quaes antecipadamente a sancção parlamentar estava dada, sendo inutil portanto o discutil-as; e antes da ordem, interpellações diversas, sobre cuja trama (no intuito de mostrar a feição episodica e patusca que o parlamento toma) eu desejaria chamar a attenção dos meus leitores.

Primeira interpellação, do snr. Fernando Palha. Leu nos jornaes como a policia surprehendera um caixeiro a dar caça aos pombos do arco da Rua Augusta, vibrando-lhes aos peitos sortes de papel, desferidas d'uma aljava de vime, que havia por arco um elastico, a modos de selvagem. Vae, não estatuin-

do a lei prohibitiva da caça intra-muros disposição alguma que abranja a arma usada p'lo Guarani do Terreiro do Paço, elle discursante, grande acatador da liberdade individual, desejava saber porque razão fôra o caixeiro preso, averiguado como estava não terem os pombos dono, e gostar o rapaz immenso d'elles, com ervilhas.

Ora, eu não especifico aqui com que alboroto contraveio o parlamento na indignação manifestada pelo orador. Simplesmente pergunto ao snr. Fernando Palha: S. Ex.ª gostava que lhe atirassem — se fosse pombo? Responda com urgencia. Não gostava? Devia verberar então a liberdade da caça, no circuito do Terreiro do Paço, muito embora os caçadores furtivos empreguem sortes, em vez de balas, e S. Ex.ª não pertença (fechado o Avenida) á especie arrulhadora.

Que! pois o snr. Fernando Palha não comprehende? É todavia elementar — olhe o botão das calças — e senão considere o illustre deputado attentamente n'esse pobre pombo Sergio, para cujo exterminio ousa implorar a acquiescencia de S. Bento. Certo, é um animal fugido do pombal em que nasceu e o educa-

ram, um vencido da vida patriarchal dos seus irmãos da provincia, que migrou para o Terreiro do Paço, tal qual o amanuense, vindo alojar a sua mandria n'um edificio do Estado, para viver ahi uma vida de parasita e de mariola. Quando tem fome, é do milho dos outros que elle se alimenta: baixa então o vôo ao nivel dos mais pombos, como os deputados em vesperas d'eleição: e eis que pilhando-se farto, abala para o alto, o biltre, d'onde passa a vida a encher de cagadellas os chapeus dos que lhe ficam inferiores. Olhe o snr. Fernando Palha bem para esse pombo, observe-lhe a impunidade e os habitos egoistas, a madraceira gorda em que se espapa, o ar d'aguia real com que elle nos intruja, e diga-me depois se já viu allegoria mais nitida do espirito burocrata, e mais desdenhosa synthese da empregomania em que os governos derretem as receitas publicas, e paralysam todas as forças vivas da nação.

Com a queda do Espirito Santo, o pombo ficou vago entre os symbolos da mithologia christã, e adquiriu-o em segunda mão agora a sociedade dos empregados publicos, para symbolisar por elle o amanuensado. Quem por con-

sequencia atira aos pombos do Arco da Rua Augusta—saiba o snr. Fernando Palha—incorre nas penalidades crueis da lei das rolhas, visto como attenta contra o funccionalismo em globo, e desacata as instituições, que teem o amanuense por escóra, quer esse amanuense seja o Luiz d'Araujo, que nunca vae á repartição, quer S. M. el-rei, que todos os dias vae... ao exercicio de brigada. Absolver o caçador, quando ainda ha pouco os tribunaes condemnaram o Pusich, por attentar contra a existencia do Carrilho—nunca! E' dissolvente. Lá que o snr. Manoel d'Arriaga peça ao parlamento auctorisação p'rá caça aos pombos, explica-se. È um demolidor do velha-couto monarchico. Mas o snr. Fernando Palha—o snr. Fernando Palha!—antigo funccionario, partidario do constitucionalismo, amigo do throno, homem de farda... Só se s. ex.ª, achando o tiro d'aljava, com sortes de papel, um sport chic, medita ir exercitar-se n'elle, com o seu amigo Moser, para o Terreiro do Paço.

Interpellação segunda. Palavra ao snr. José Julio Rodrigues, professor e orador de nomeada. Falsificação d'azeites, o assumpto. E o deputado, depois de reclamar serias providencias para a contravenção d'um genero, que a industria agricola do paiz tenta aperfeiçoar e estender por bastos pontos, subito, colea das generalidades concernentes á falsificação a que os azeites são subjeitos para especiosas e detalhadas prelecções, sobre a natureza intima d'aquellas mixorfádas. Aqui define os azeites, por physica e por chimica, ensinando como se fazem, dizendo a que cheiram e a que sabem, e das comidas para que servem, e das engrenagens a que prestam lubricidade. Vae depois aos oleos que servem para imitar o azeite puro, e a respeito d'estes, identica sabbatina, que d'esta vez empolga a camara, quando o orador, sanhudo por crear entre os deputados o corpo de peritos azeiteiros, que não possue talvez no Terreiro do Trigo, saca do casaco uns frasquinhos de drogas, com seus devidos rotulos, e outros tantos embrulhos, que, cuidadosamente abertos, deram supremo pasmo a todas as bancadas.

No meio d'um silencio glacido e profundo,

o snr. José Julio ergueu então um dos frasquinhos á altura dos seus oculos professoraes, examinou-o um instante com olhos de chimico, de physico e de director de mercado, e passando-o ao deputado que lhe ficava á direita, como faria na Polytechnica, a um alumno: «... aqui se vê, senhores, o puro azeite d'oliva. É examinar! É examinar! *(estende a mão aberta ao presidente)*. Não ha malicia. É examinar! *(levanta entre o pollegar e o dedo medio o outro frasco, e mostra-o ao auditorio)*. Isto agora, senhores, é oleo de gergelim, que serve ás fraudes do azeite d'oliveira. É examinar! Tem cheiro differente, còr menos verde, e é quatorze vezes mais barato *(passa o frasquinho á esquerda)* Outro! Outro! Outro! *(abrindo o embrulho)*. Aqui se vê, senhores, a bella azeitoninha, a vinte e cinco o salamin—póde o freguez provar!—d'onde se tira o azeite d'oliveira *(mostra outro embrulho)* e sementes de gergelim por ultimo... Vèr e examinar! Vèr e examinar! uma creança destrinçaria as duas sementes, gergelim e caroço d'azeitona: mas só o sabio é capaz de historiar as especies botanicas de que as supraditas sementes fazem parte. *(sermão sobre a oliveira e o*

gergelim, seguido de copiosas informações quanto ao cultivo d'estas plantas, fructificação, passagem do fructo a semente, propriedades physicas, reacções caracteristicas, o todo seguido d'uma receita do auctor para tirar o amargo ás azeitonas, e fazer paus d'alfeloa, ao fim da qual o orador reata) Porém, senhores, já não é tão facil descriminar entre si os oleos das substancias vegetaes que mencionei, e cujas formulas passo a escrever na pedra *(sacca d'um giz, e detalha as atomicidades do azeite e do oleo de gergelim, na careca do snr. José Elias Garcia)* Conseguintemente fica, demonstrado de como urge proteger da fraude a industria do azeite, cuja historia acabo de fazer *em meia duzia de palavras,* e assim dos perigos que a cerceam, e para a attenuação dos quaes proponho se vote um credito de cem contos... ao laboratorio da Escola Polytechnica.»

Applausos, vivas, sendo o orador muito cumprimentado por si proprio, em meio do borborinho da camara, que este episodio dos comestiveis desviára, attento o adeantado da hora, para um extravagante proposito de picnic.

Fôra o caso d'Adriano Monteiro, o agricola, tomar das azeitonas e do azeite, propondo aos collegas um brodio, de que elle mesmo se offereceu confeccionar os pratos de sustancia, sem fugir, já se vê, á culinaria typica da sua terra. A proposta agradou, vieram todos, e já alguns se preparavam para ajudar, de marmitons, s. ex.ª, arregaçando as mangas da camisa, e expondo a tatuagem dos braços, confirmativa das douctrinas de Lombroso.

Contando pelos dedos, o snr. Adriano Monteiro deu o *menu*.

—Constará a colação d'um gaspacho á moda d'Evora, com azeitonas, vinhaça...

O Luna achava a ideia opipara, emquanto José Julio proseguia a gisar series de carburetos na moleira d'Elias, mudo e quedo.

Approvado o projecto, procedeu-se á confecção da petisqueira, declarando o snr. Adriano Monteiro que era necessario uma tijella, das grandes. A maior que havia era o craneo do Sergio.

Trouxeram-lh'o.—Esta vasilha a quem pertence?

Explicaram-lhe que era uma tigella da Casa.

—Agora pão *(veio o snr. Vieira d'Andrade)* e

agora alho *(veio o snr. Carlos Valbom)* e depois sal *(foi a vez de lhe trazerem Eduardo d'Abreu)* Bom! disse o snr. Adriano Monteiro. Misturem á parte, o sal, c'o alho.

— Incompativeis, espirrou uma voz.

— Miguem pão na tigella *(os marmitons dilaceraram o Vieira d'Andrade)*. Agora vinagre! *(entornaram Eduardo Coelho p'ra dentro da cabouqueira do Sergio)*. A que sabe?

— A azedo.

— Sabe ao que deve. Salta o azeite *(entregaram-lhe o frasco de José Julio, e Adriano transfigurado)* De todos os temperos do nosso gaspacho, amigos, é este o unico em que verdadeiramente podemos ter confiança. Abroquella-o a sciencia, serve-lhe d'attestado o discurso d'um professor. De feito, quem nos diz a nós que o pão não tenha gesso, que o alho não seja porro, e que o vinagre não passe d'agua raz? Só este azeite é puro, chimicamente puro, um sabio e antigo droguista nol-o affiança *(lança o conteudo do frasco na gamella)* Ha uma colher? *(avança o snr. Arroyo, brandindo a queixada do snr. Luciano)*.

Vozes prudentes: olá, Samsão! duro com duro...

O snr. ministro da fazenda: o conde Burnay encarrega-me d'offerecer talheres para a merenda, dignando-se esperar que o parlamento, agradecido, lhe vóte o monopolio *(procede-se á distribuição dos talheres. O snr. Navarro affecta não querer nenhum, mas vae mettendo sempre quatro n'algibeira. Alguns deputados fazem provisão de garfos e facas, para os filhos)*. Ha talheres para todos?

Vozes progressistas: eu não tenho! eu não tenho!

—Comerão n'esse caso c'os dedos, se lh'os deixarem metter na gamella, o que eu duvido. De resto, a culpa d'essa falta não é minha. Foi o snr. Pedro Victor quem trouxe os talheres da Junqueira, e como de costume, s. ex.ª enganou-se nos calculos.

O snr. Adriano Monteiro *(para os marmitons)*: Mecheram isso?

—Até ás fêses.

—Queiram provar.

—Psch! sabe a petroleo.

—É impossivel. Snr. Arroyo, distribua as rações *(o ministro accede graciosamente, e começa a espargir queixadas de gaspacho aos circumstantes.)*

O snr. Fuschini: tudo a comer! Parece já o ministerio d'instrucção publica.

—Até pela coincidencia de serem burros os animaes que teem a parte dos leões.

Gritos na sala: estamos envenenados! O azeite do droguista era petroleo. Ah, miseravel! Lucrecio Borgio d'uma figa! *(tumulto indiscriptivel: deputados afflictos pedem vomitorios, outros fazem-se applicar clysteres, pelos continuos, e nas galerias guinchum senhoras com faniquitos.)*

O snr. José Julio: *(esfregando as mãos de contentamento)* É petroleo, é. Como souberam?

Vozes estrebuchantes: o gosto, o cheiro, as colicas...

—Colicas, isso nunca! O petroleo é refinado por mim com especial disvello, e asseguro-lhes ser absoluta e completamente inoffensivo *(em sincero)* Que querem? Não tinha outro meio de chamar a attenção das familias para o meu invento maravilhoso... aproveitei-me então das inviolabilidades parlamentares, para fazer ao vivo uma experiencia. Exito incomparavel! Depositos da empreza, Praça de Camões... O meu petroleo não mata. Precioso illuminante para casas onde

haja sopeiras romanescas. Latas e meias latas. Anti-suicida sem rival, unico usado pela rainha d'Inglaterra, e pelo shah da Persia... *(para as galerias, com enthusiasmo)* Vêr e experimentar! Vèr e experimentar! Calculei que os senhores deputados, como todas as creanças mal educadas, não deixariam de provar dos meus frasquinhos: não me enganei, e o reclame está feito! Senhores, o meu petroleo é o mais puro e o mais barato de todos os petroleos até hoje conhecidos. Engulido, constitue um purgante suave para senhoras dureiras e para meninas lombriguentas. Grande desconto aos revendedores! — Cura o rheumatismo, allumia, tinge o cabello, dá cabo das baratas... Podem-se beber litros. O melhor de todos os oleos de bacalhau... Depositos da empreza, Praça de Camões. Occasião incomparavel! Petroleo superior! Vèr e examinar. etc., etc.

Relendo o que escripto fica, um receio me salteia, e vou dizel-o. N'este meu boletim parlamentar, verá o publico apenas intuitos de gracejo? Cuidará o snr. José Julio que eu te-

nha visto com maus olhos a sua distribuição tão conscenciosa de frasquinhos? Por Deus, façam justiça ás intenções d'um pobre informador! Os pechosos dirão talvez que a sabbatina oleosa do snr. José Julio melhor diria na camara syndical do Terreiro do Trigo, do que propriamente na dos deputados, onde os discursos mais fundo calam, quanto menos exhibicionistas.

Diga-se entretanto a beneficio do illustre chimico, a quem todas as questões são familiares: o discurso que S. Bento lhe ouviu sobre os azeites era uma lição, que elle, por falta, não tivera occasião de fazer na E. Polytechnica. Em compensação, no dia sequente ao de haver ministrado ao parlamento os santos oleos, preleccionou o snr. José Julio sobre o *bill,* nas quatro ou cinco aulas de chimica de que é lente; e mais se conta que fizera obstruccionismo, de manhã, sobre o adicional, no mercado geral dos cereaes. E nas aulas, como no mercado, ao contrario do que em S. Bento acontecera, s. ex.ª — ajuntam as minhas informações — não mostrou nada...

19 de Julho.

Em 15 de Janeiro de 1890, deliberou o parlamento portuguez (por proposta do deputado Ignacio do Casal, de todos os lados coberta d'applausos delirantes) concorrer em massa á subscripção nacional, inscrevendo-se cada deputado com um ou mais dias de vencimento, á semelhança dos outros funcionarios publicos, e do que nas fabricas, escriptorios, e humildes officinas, logo de começo fizeram, e estão fazendo, os mais pobres e modestos operarios.

N'esse tempo, a effervescencia patriotica das ruas de Lisboa, que deu de si a queda do progressismo, e conseguiu galvanisar o paiz, de sul a norte, era tractada nas camaras, *de ressurreição patriotica d'um povo conscio dos seus brios, e todo fervente de colera pelas injurias recebidas:* e assim a encaravam tambem, nos seus jornaes, os chefes politicos, quer d'um quer d'outro lado do parlamento.

Correm semanas, e sabem o que acontece? Dissolvidas as côrtes, não houve um deputado só a fazer-se descontar na thesouraria a esmola promettida á defeza do reino, reparando-se então que todos elles, a relembrar d'alli

por deante as agitações populares, de que a subscripcão nacional é filha unica, já não tinham por ellas as primitivas ternuras, senão lhe davam todos cathegoricamente o termo d'arruaças. Ora, na legislatura presente ha deputados, da outra.

A sessão vae encerrar-se, e nem novos, nem velhos (Eduardo d'Abreu e Junqueiro excepto) deixam nada. S Bento acrescenta pois ao despejo, a pelintrice. É uma vergonha que vale bem duzentos ultimatums. E esta sociedade a alardear patriotismo! Mas ha compensações consoladoras. Contam os jornaes da manhã que os presos da penitenciaria tocados, no fundo da sua miseria, por um d'esses desinteresses heroicos, que a emaciação dos carceres não mata, resolveram por consenso expontaneo, adherir á subscripção nacional, na medida das suas posses, e sem discrepancia d'um unico enclaustrado. É symptomatico, hein? A degradação que espia, a dar lições de nobreza á outra, que espoia.

*

—Na tourada de Cintra, domingo, a chegada do rei demoveu inda assim a saudação de seis pessoas. A do snr. marquez do Fayal, que estava á esquerda da tribuna; mais tres janotas, cujas familias o paço subvenciona; a do snr. Sergio de Castro, que estava á direita, e levantou meio rabo do banco, e da cabeça, meio chapeu; e finalmente a do homem de matacães que presidia ao espectaculo, e que aproveitou a deslocação de tripas, determinada p'la mudança de postura, para se pôr a arrotar pyrothecnicamente.

S. M. esteve dez minutos de pé, descoberto e sorrindo, como quem agradece uma ovação imaginaria. E babujando-se dos cobres da phylarmonica, o Hymno da Carta tinha o ar d'apresentar o rei ao povo, e d'ir abafando a voz do povo, que teimava em dizer ao rei—Hum! já te conheço de vista ha muito tempo!

22 de Julho.

A **Sociedade Pharmaceutica** acaba de pedir ao governo que ponha em vigor o seu novo

regimento de preços, e estenda a acção d'elle, de pharmaceuticos a droguistas, no intento principal de pôr cobro aos abusos d'estes ultimos, que não só vendem com propositos medicinaes, drogas e remedios de todas as qualidades, senão adulteram a pureza das substancias, para poderem fazer concorrencia ás pharmacias, vendendo mais barato.

É uma deliberação por certo firme, esta da **Sociedade Pharmaceutica**, mas não basta. E a par das medidas policiaes reclamadas para enfrear droguistas sem escrupulos, devera ella exigil-as assim para o commercio e preparo de medicamentos secretos, a que se entrega, com manifesto prejuizo publico, grande numero de pharmaceuticos e importadores sem probidade. Tal impudor ganhou esse commercio, e tão deslavada ousadia asselvaja actualmente os fabricantes de panaceas, estrangeiros e nacionaes, que o paiz se tornou n'uma especie de grande collector de berundangas, para onde escorrem, de todas as boticas do mundo, mésinhas que são o desespero dos doentes parvos, e o descanço dos medicos empiriricos e pouco escrupulosos.

Não se calcula, por exemplo, o que os fran-

cezes nos mandam d'aguas mineraes, xaropes contra a tisica, elixires contra a gonhorrea, leites de cutis e pomadas para fazer nascer o cabello. E os ferros dyalisados, as capsulas d'aquillo e d'isto, emulsões e semicupios para toda a especie de queixas suspeitaveis — fraquezas de peito, males secretos, fistulas, descamações, ou simples pruridos mais ou menos molierescos... Artigos que sommados, dão ao estrangeiro centenas e centenas de contos annuaes, e ao paiz um ascenso de males, fabricados pela absorpção das drogas, sobre a exacerbação que as mesmas produzem n'aquellas doenças, a cuja cura mais especialmente se destinam. Porque fixemos a especie de credito, que aos ingenuos devam merecer os preparados secretos, quer nacionaes, quer extrangeiros, bastará contar o que ha annos succedeu com um *inventor* de xaropadas. Chamava-se á bebida por elle lançada no commercio, penso eu, *xarope de rabano-iodado,* coisa excellente, dizia o prospecto do frasco, para dar força aos combalidos, fazer engordar mulheres paridas, curar tisicos, brighiticos, diabeticos e nevroticos, tirar dores de dentes e dores de barriga; mas sobretudo efficaz no cres-

cimento dos meninos debeis, a quem por tal forma enchia de melhoras, que os meninos, á primeira colhér do lambedor, entravam logo a chamar nomes ás creadas, bem muito antes de saberem balbuciar o Padre Nosso.

Em Lisboa, o lambedor fez tanto barulho, pelo menos, como está fazendo agora o monopolio. Eu tomei litros! Gervasio, que era fino como um espargo, deve a espantosa nutrição, de que hoje gosa, a uma garrafinha, mais não! do tal xarope. Não havia já medico que o não mandasse dar aos seus clientes, botica que o não tivesse exposto na montra, chefe de familia e directora de collegio que não brindasse com elle o anniversario natalicio dos seus meninos. Em face a semelhante adversario, o conde de Restello suava em bica, aterrado pelo futuro da sua *Peitoral Ferruginosa,* a qual (sempre no dizer dos prospectos) d'alli por diante exalçava d'est'árte as suas proezas therapeuticas — *cura tudo quanto o xarope de rabano cura, e mais aquillo que elle se esqueceu de curar*. Desde mui novo, foi Restello um homem de remoques, elle epigrammista fino, e por egual disciplinado no manejo da espatula, como no florejar do epigramma: o que

de resto se prova pelo testemunho de praticantes seus, e basto povo d'Ajuda e Cazal dos Ossos.

Quando certa manhã chega de França uma noticia d'escandalo graúdo, qual a de haver sido processado o auctor do xarope de rabano, sendo-lhe fechada a botica, *Boulevard des Capucines,* com um letreiro d'infamia na porta, em que a policia explicava á cidade a tranquibernia do miseravel pharmacoco. Porquanto, interrogado na sala d'audiencia, sobre o fabrico da mixordia, o boticario pintara o seu xarope como uma coisa inoffensiva, d'assucar, d'agua, iodeto de potassio, e uma tintura a dar còr ao preparado. De resto, não illudia a França, em que nascera — declarou — e á qual vendia simplesmente as drogas que os medicos lhe mandavam. O chamado xarope de rabano *era um artigo para exportação, principalmente destinado a Portugal, onde a mais reles mixordia franceza dava uma fortuna, em pouco tempo, ao exportador.*

O mal alastra-se porèm cada vez mais, e achando a terra adubada para a luxuriante cultura da intrujice, eil-o dimana, em ramarias frondentes, por todas as officinas de pharmacia, com sua fructificação de caixinhas de pillulas, injecções de sandalo, e vinhos nutritivos de carne. Hoje não ha em Portugal pharmacia alguma, cujo dono não permedite ficar na historia, a lettras d'ouro, por alguma invenção d'aquellas, sublimada. E não só a imaginação dos boticarios explue n'aquelles dons opiparos, *secundum artem,* senão que barbeiros e medicos desatam a architectar *Prompto-Allivios*, para a cura de todas as especies de maleitas. Verdadeiros medicos põem o seu nome na estampa de preparados que inventam, prostituindo em vulgarissimas *chantages,* a nobilissima missão de que a sciencia os investiu.

Dentistas em carros, apregoam na praça os seus remedios. Curandeiros e bruxas põem taboleta nas barbas da policia, para que o publico besta, a quem deslumbra sempre a voz dos intrujões, corra a offertar a pobre carcaça ás experiencias d'aquelles descarados.

Mas vae que os remedios secretos são nada,

perante outra chaga mais podre, em que os poderes publicos não querem fincar o cauterio de ha muito reclamado. Fallo da tolerancia concedida aos charlatães de profissão.

Desde a rua luxuosa de Lisboa, até á mais pórca viela da Bairrada, o curandeiro tripudia, com um desplante d'ave rara, rebelde ás leis, ás responsabilidades e aos impostos que d'ordinario pezam nos hombros dos medicos e dos cirurgiões de profissão.

Em Lisbòa, não contando já os medicos extrangeiros que abrem consultorio e clinicam, sem o mais pequeno sobresalto da policia, uma turba-multa d'aventureiros e aventureiras, auscultam, diagnosticam, receitam, com uma segurança de vistas, com um *aplomb* de faculdade a fazer o assombro das gentes medianamente tolerantes. Ha cinco ou seis mezes ainda, uma hespanhola de Murcia—e magnifica, c'os diabos! — dava consultas na rua dos Calafates, da 1 ás 4, sobre molestias de... figado.

Iam lá brazileiros seguir no consultorio o tratamento da medica, depois do que sahiam a convalescer para o Algarve—tão escalavrados alguns do tratamento, que mais parecia terem contrahido doença nova.

Conceituados medicos mesmo, afixam, nas taboletas e jornaes, reclames de pompa, citando a rua a experimental-os n'alguma sutilosa especialidade clinica, pouco vista—e que ha n'aquelles reclames afinal, a mais que um resquicio secreto d'impostura? Ao fim d'um curso medico, seguido n'alguma escola do paiz, qualquer rapaz entra na clinica lisbonense, tão desamparado de clientes, como ás vezes de convicções profissionaes.

D'um lado, a guerra atrocissima dos collegas, que esbarafundam na cidade, á caça d'enfermo endinheirado, tapa-lhe o caminho com todas as sortes de intrigasitas cordeaes.

Restar-lhe-hia a clinica do povo, barata, humilhante, para o exercicio das primeiras armas, e para a redação das primeiras certidões d'obito, tão terriveis de passar aos debutantes. Nem isso! Lá está o curandeiro, a bruxa, o medico hespanhol, e o *boticario entendido,* que barram em chusma á porta do cliente, arremetendo ao medico, com todas as navalhas dos seus dentes esfaimados, todas as suas caixas de pilulas secretas, e toda a sorte de basofias e intrigas peçonhentas.

Poucos teem coragem para ferir honestamente esta ingloriosa Batalha dos Atoleiros.

Como reagir, portanto?

Ha dois caminhos.

Aceitar sem reacção o partido medico de Farinha Podre, 400$000 réis e pulso livre, ou então ir a Paris, *estudar uma especialidade*. Estudar uma especialidade em Paris, significa desapparecer da circulação dois annos, para no fim d'elles voltar frisado, com duas machinas electricas no bolso, e um esguicho d'agua fria debaixo do braço, lamentando muito isto por cá, *moucher*... o atrazo dos lentes, a inepcia do publico, e sobretudo o não haver um industrial intelligente, para montar com o especialista um estabelecimento modelo... de constipações.

Ai quantos, quantos sabios obscuros, resignados, eu conheço, passando a vida a assistir ao desabrochar das grotescas summidades que o reclame afixa em grandes lettras, e isto sem que uma palavra amarga jámais venha

murchar na sua bocca a frescura impolluta do caracter!

Homens que encheram de brilho os annaes da faculdade, e longos annos, todos os dias, durante dez e doze horas vieram sentar-se, com o mesmo enternecido interesse, á banca d'estudo, no gabinete pobre, onde nenhuma dôr de banqueiro lhes vem pedir allivio. E envoltos no mesmo *pardessus* coçado, invernos sobre invernos, elles sentiram rolar na rua os magnificos coupés levando á Opera os nababos da clinica, medicos de luxo, cuja panacea se estanca em lapis aromaticos para a *migraine* da duqueza, injecções de morfina, e vinho da Madeira em chá de boi.

A sua resignação de santos me estonteia, quando, n'aquellas conflagrações da sua miseria com a riqueza dos collegas, eu vejo a pupilla d'elles arder n'uma tranquilla chamma de bondade, que, forrando o sabio, faz refulgir na idéa, ao mesmo tempo, a estatura moral de que se fez a lenda de Jesus. Assim morrem alguns como viveram, desconhecidos no seu canto humilde d'operarios, preoccupados com as botas que lhe escarnecem a insulsa probidade, e até á derradeira hora erguendo

o espirito ás cogitações altissimas da sciencia, essa egreja catholica moderna, que á medida que escreve os seus Evangelhos, nos distancia o céu, cada vez mais.

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,

D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.° 9—31 de Julho de 1890

SUMMARIO

LEILÃO DO INFANTE D. AUGUSTO: AR DE DE QUITANDA E D'ESPOLIO DE *cocotte* — A MÃO-SINHA, TALISMAN DE S. A., E SUAS ATTITUDES NOS BROCHES, CHICOTES, E BOTÕES DE PUNHOS DO PRINCIPE — D. AUGUSTO, GUARDA FISCAL — DE COMO SE COÇAVA, E NÃO DORMIA COM FIDALGAS — O MYSTERIO DO COFRE — QUATROCENTAS LIBRAS DE CAMISAS — A WALSA DOS SUICIDAS — LISBOA SEM COMMODIDADES PARA OS QUE SE MATAM — DOIS SITIOS PARA ONDE NÃO HA CAMINHOS DE FERRO — CASINO DE SUICIDIO, POR CONTA DO ESTADO — O SNR. BARÃO MERK RE-

SOLVE MATAR-SE, E VISITA DE S. EX.ª A *Suicide-House* — A GALERIA DOS VENENOS, E PROPOSTA D'UMA INJECÇÃO Á BROWN-SEQUARD — CLASSIFICAÇÃO METHODICA DOS SUICIDIOS — A NAVALHA DE BARBA, A FORCA E A LEPRA — O SUICIDIO POR ACCIDENTE, POR NAUFRAGIO E POR FOGAREIRO ACCESO — ELEGANTE COMPREHENSÃO DO SUICIDIO MODERNO — A GALERIA DE TIRO, A GALERIA DOS VENENOS E A GALERIA DA ASPHIXIA — SUICIDIO POR ESPOSTEJAMENTO E POR GUILHOTINA — RUFANDO TAMBORES, AJUSTE ÁPARTE — OS SUICIDIOS EXOTICOS: ANTI-ENTOXICAÇÃO, CONGESTÃO, TEDIO E LONGEVIDADE — SYNDICATO PARA EXPLORAR *Suicide-House* — AS PONTAS NA SUECIA: CONSELHOS AO *Turf-Club*.

---

25 de Julho.

Por motivo de partilhas, fôram postas em leilão, na Boa Hora, joias pertencentes ao espolio do fallecido infante D. Augusto. Agradecemos á corôa o egualitario sentimento que lhe dictou esse bazar de prendas principescas, n'um local onde só é costume haver liquidações forçadas de farrapos, e mais uma vez nos seja permittido altisonar o magnanimo espirito d'uma realeza, que a escolher entre reliquias de familia, e bago, prefere o ultimo, que rende, á caricata herança dos chicotes, dos grilhões de peito, e dos alfinetes de pedras, d'um tropego e limitado official de cavallaria. Tambem, valha a verdade que sob o ponto de vista do luxo e do bom gosto, o espolio do infante

era uma pobre quitanda d'amanuense *á bonnes fortunes*, e de *cocotte* pobre, tão modesta, quanto chata, e singularmente enriquecida d'objectos que por sua heterogenidade de destinos, muito tempo me pozeram cogitante sobre a vida intima das reaes vergonteas. Assim, por exemplo, o abuso que o snr. D. Augusto fazia das mãosinhas, como objectos d'adorno, é uma coisa que eu me não explico em termos nitidos, dada a organisação, o sexo, e o posto hipico, do inerme general. A mãosinha foi para S. A., sob os pontos de vista do alfinete de manta, do castão de bengala, dos botões de punho e dos anneis, uma obsessão semelhante á que está sendo, entre os marialvas do *Turf-Club*, a ferradura.

Poucos principes inda levantaram a mãosinha a mais delicados mimos de decoração pessoal, e menos ainda lhe deram applicações mais caseiramente prosaicas e reinadias.

O seculo XVIII teve a cabeça de carneiro como pezadello dos seus coroamentos architectonicos, e espalhou chavelhos torcidos a esmo, por todos os grandes e pequenos edificios que deixou. O talisman do infante era a mãosinha, aberta, com dedos afuzados e dedos

cheios de bossas, vista de costas e de palma, fechada em murro, arqueada em adeusinho, ou enclavinhando para a cocega, ou estendendo o dedo medio em peça d'artilharia, entre o annular e o indicador, flectidos ambos...—umas vèzes com o pollegar arqueado p'ra fóra, n'um gesto piteireiro, como a dizer do dono—*já cá canta meio litro!*—outras invectivando ao ar, o fura-bolos hirto, como quem sublinha as coplas da *Mascotte*:

Ha um remedio só,
um só!...

apontando, como as dos letreiros das tascas: *hoje ha dobrada!*—fazendo sombrinhas brejeiras, manguitando o observador expressivamente, mostrando um az de copas, ou dando *shake-hands* n'outra, em geito terno. Oh, pobre principe bom homem! como faz pena este vivissimo culto da mão, orgão typico do ser intelligente, por banda d'uma creatura que a bem dizer só teve pés!

E emquanto o leiloeiro grita sobre o estrado, em meio de trinta ou quarenta ourives e amadores que farejam, entreolhando-se, n'essa hasta publica de principe, uma boa fortuna excepcional, deligenceio eu restaurar, sobre o que resta d'esse luxo *baroque*, a essencia typica do que haveria sido em vida o irmão d'um rei, e o filho d'um collecionador delicado e finamente artista. Em boa escolha, e áparte um pequeno cofre de prata que me tenta, n'um Luiz XVI d'estylo puro, não ha n'essa feira realmente coisa em que, sem resvalo ao ridiculo, uma pessoa gaste um pouco d'extasi. Dos objectos d'adorno, pobres todos, e com a mãosinha por thema d'obrigação, salta a suspeita de nenhum alto personagem jamais ter feito caso de S. A., presenteando-o condignamente á sua estirpe, e quazi se jura serem todos esses alfinetes e anneis de meia libra lembranças de sopeiras, agraciando o seu guarda fiscal, pelas noites d'amor roncadas em commum, n'uma guarita fóra das barreiras.

E isto condiz com o que sabemos todos, da alteza, que foi em quarenta e cinco annos o mais desdenhado dos principes, e o mais

pacifico e obscuro dos condestaveis. Não vem agora estatuir das causas d'um tal obscurismo, que estudado se tornaria, de comico, em nobre, e de parrana, em sympathicamente proposital; e derivemos da subalternidade do infante, como figura politica, a visionar, sobre essas joias á venda, os seus habitos de simples cidadão.

Entre as bugigangas expostas, as que mais se repetem, depois dos alfinetes de gravata e dos anneis, são as coçadeiras de costas, e os chicotes, — que o mesmo é dizer, coçadeiras de costas—para os outros. Das primeiras contei quarenta, feitios e metaes differentes, e com a mãosinha que lhe adaptou, tão pictorescamente, o pentieiro da rua Nova do Almada; porém o numero dos chicotes é que se me afigurou na realidade inverosimil.

Grande porção condizente, já digo, ao officio militar; entanto o resto, por uma reminiscencia dymnastica, tinha exclusivamente a *griffe* do principe mandante, que solérte ou pacifico, deposto ou coroado, constitucional ou absoluto, bebe c'o leite a noção de ser o chicote, em mãos de reis, ao mesmo tempo sceptro, e coçadeira de povos.

O certo é que o infante coçava-se com alma. Furunculoso talvez, Deus lhe perdôe! E subito vejo a minha hypothese corroborada pela completa ausencia d'abotoaduras de ceroulas, em prata ou ouro, na pequena vitrine do leilão. Quer dizer: o infante abotoava as ceroulas, com osso, ou madreperola. Logo, nem se despia muito, nem tampouco tinha por habito fazel-o em alcovas de femeas luxuosas. Cultivaria a *cocotte* baixa, o *demi-monde* a preços resumidos, quem sabe mesmo se o fanico. E isto harmonisa com as aventuras d'actrizes que se lhe conhecem, e com as mãosinhas que exornam os brindes achados no seu espolio.

Pobre rapaz! até n'isto despretencioso e primitivo...

—Cofre Luiz XVI, prata batida, annuncia o leiloeiro já rouco de gritar. E levanta o *bibelot* por sobre a multidão, mostra-o por todos os lados, dizendo o trabalho d'arte, a perfeita conservação de todos os relevos, a assignatura do lavrante: e tudo por desoito libras, meus senhores!

—Devo prevenir que o cofre está fechado, e que não foi possivel dar com a chave, por mais que se buscasse, nas gavetas dos aposentos particulares de S. A.

—O quê! fechado?... É por todas as boccas um *oh* de curiosidade. Quem não desejará possuir o cofre a todo o preço, a vêr se lhe descobre dentro um rastro d'aventura? E o *entrain* desperta. Esse leilão tão falho d'interesse, sem romance ou legenda a doiral-o, instantes antes, attinge alfim a nota enthusiasta, vibra d'intriga, escarva de paixão—Trinta libras; ha quem mais lance? Trinta! Trinta! —e a pilha sterlina avoluma-se, cada qual junta uma libra á quantia que o pregoeiro vae articulando: ha movimentos de hombros freneticos, mãos que se crispam d'angustia, em torno ao cofre—Trinta e cinco libras, quarenta, cincoenta...—Cem! diz uma voz tragica de ricaço, e é a vez dos lenços enxugarem com syncope as camarinhas de suor das frontes latejantes—Cento e cincoenta libras! —Duzentas—Trezentas—Começam os desfallecimentos, os mais cobardes retiram: e désde esse instante a batalha, restricta a dois ou tres, epileptisa em duellos de morte, cada

vèz com mais ancia, os seus grandes repoupos de dinheiro.—Quatrocentas, emfim!

É uma loucura que vae custar ao vencedor, maniaco pobre, mèzes de privações e economias. Mas o cofre pertence-lhe! A sua collecção será citada nos catalogos, por aquella historica boceta, guardadora, quem sabe? dos segredos d'uma dymnastia. É todo o mundo então a cumprimentar o felizardo, e a supplicar-lhe que alli mesmo escancare o escrinio regio, ao que elle accede, por se fazer perdoar a victoria obtida: e a tampa estala.

O que continha o cofre? Eh! Eh! Um hespanhol diria assim:

—*Camisolines del niño Dios.*

...foi tambem a unica vèz que o infante teve espirito.

26 de Julho.

A estatistica dos trinta dias ultimos, sem já metter em conta o dia de hoje, registrou para Lisboa, com feliz successo, sessenta e quatro casos de suicido, diversos typos, to-

dos elles mais ou menos bem fundamentados.

D'essas sessenta e quatro mortes, apenas oito foram devidas a causas irreparaveis, como doenças sem cura, deshonra, e impulsão monomaniaca, podendo a critica sopezar as restantes cincoenta e seis entre os meros accidentes da tolice — um argumento como outro qualquer, a favor da morte voluntaria.

Prégue o snr. Alves Mendes muito embora o que quizer, contra o suicidio, chame-lhe cobardia ou chame-lhe damnação, que nem por isso eu deixarei d'applaudir os que se matam.

A vida é uma peça, e quem a acha má tem dois recursos; pateal-a, é o meu caso: ou ir-se embora, o que é o caso dos suicidas. Supportar a farça toda, lá porque a maioria gosta d'ella, um disparate! Os que se matam pagaram tambem o seu bilhete, e muito é que não reclamem o preço á sahida, nem incommodem os que se ficam a rir, na platea. Sómente, como progride tudo, e o suicidio entrou de vëz nos habitos lisboetas, quizera eu que o proteccionismo do Estado, desviando a sua exclusiva sollicitude de sobre os que só querem viver, organisasse tambem o serviço da

morte voluntaria, em termos de se proporcionar ao suicida um certo confortavel.

Hoje, com systemas de viação tão celeres e luxuosos, Lisboa vae commodamente a toda a parte. Chega um forasteiro ao Rocio, e duas horas depois póde apear em Cintra, na esquadra, ou nos conselhos da corôa. E' admiravel! Só d'este frenetico progresso o paiz isemptou *dois* dos seus sitios mais frequentados.

Ora, é absolutamente necessario fazer obras.

—Interessantes cavalheiros se estão queixando de, por falta de commodidades, não poderem dar cabo dos canastros.

—E ha vultos da galeria politica que dizem por ahi á bocca cheia: como hemos nós d'ir, sem vehiculo, áquella parte?

Estes clamores repetem-se incessantes, e o Estado haverá que provêr sem delonga ás necessidades que elles denunciam. Razão porque eu, deixando por agora aos Ripperts a arguicia d'umas carreiras baratas, para o segundo dos aprasiveis pontos que citei, delibero facilitar por mim as viagens para o primeiro, offerecendo ao M. das Obras Publicas o plano d'um casino modelo para suicidios, que proponho seja installado no centro da ci-

dade, entre tribunaes, hospitaes, casas de negocio, casas de mulheres, e casas de penhores.

Será uma construcção de ferro e vidro, elegante, alada e luxuosa, com um portico bem alto, entre flexuosos columnellos, e um perystillo em cuja decoração se allie graciosamente a vida á morte, nos mais artisticos pormenores que a inventiva possa extrahir d'objectos simultaneamente attinentes ao *ser* e ao *não ser*. Ahi se verão, por exemplo, em tropheus, as armas, cordas, restos de venenos e navalhas de barba, que hajam servido a dar a morte a gentes celebres, e em maravilhosas vitrines, catalogados por ordem, objectos ou recordações d'objectos que possam dar ou ter dado causa a suicidios, taes como ulceras syphiliticas, bolsas vasias, retratos de mulheres formosas, lettras falsas, etc. Na escada, uma gradaria feita de humerus e tibias, entrelaçadas de tochas e bengalas de castões cinzelados, bonnets de jockey e ferraduras, chaves de cutés, e paus do ar. Haverá pelas paredes e pelo tecto, pinturas representando algumas origens

mais lapidares do suicidio, como scenas de quebras fraudulentas, de miseria subita, ou d'adulterio em flagrante. Á porta, nas banquetas da escada, pelos corredores e galerias, um numeroso pessoal de homens esqueletos, escrupulosamente empoados, e de casaca, informará a clientella, guiando-a, de fouce ao hombro e ampulhetas bordadas nas costuras, ás differentes secções do estabelecimento, que ella deseje visitar e percorrer.

Assim, supponhamos nós que o barão de Merk, cogumello argentario d'este inverno, por uma interrupção qualquer nas suas esperanças, deliberava eliminar-se do cavallo inglez em que se passeia aos domingos, na Avenida, para ir fundar uma casa de banco, por exemplo, em casa do diabo; e que s. ex.ª, espirito progressivo, olho minaz, homem d'acção, em logar de se fazer saltar os miolos no quarto (o que lhe macularia os estofos, inutilisando-os para um leilão picado) ia antes ao *Suicide-House* expedir-se, tomando sobre a lista do dia um genero de morte absolutamente original.

E' natural que desejasse vêr primeiro a installação, a reconhecer se seria bem empre-

gado o premio imposto por s. ex.ª á sua propria cabeça. Ao enfiar pois na sala d'espera, perguntaria desdenhosamente ao gerente:—que suicidios, para hoje?

O funccionario iria debitando:

—Tiro nos miolos, cabeça fóra, tripas cortadas, asphixia com e sem fogareiro, mergulho...

—Muito banal! Traga-me a lista.

Ser-lhe-hia apresentado então o grande album da casa, surprehendente in-folio ornado d'aguarellas e vinhetas, onde, por ordem alphabetica viriam especificados todos os generos de morte voluntaria, dos banaes aos exoticos, com a respectiva tabella de preços á margem, e a nota das *nuances* susceptiveis de dar ainda a qualquer d'elles.

Como o snr. barão fosse um pouco moroso em decidir-se, o homem lançaria no ar um

—Ha tambem suicidios de mesa redonda, das 6 ás 8...

Quasi indolente; té que vendo a perplexão seguir, deligenciaria cortar-lh'a, d'esta feita:

—Faz v. ex.ª a honra de me dizer por que motivos pretende espatifar-se?

A pergunta divertir-lhe-hia talvez a curio-

sidade, e s. ex.ª dignar-se-hia responder ao funccionario—que advinhasse.

—Na edade de v. ex.ª... eu sei!... talvez uma paixão por senhora casada... Temos para isso o suicidio *à la belle jardinière*, pag. 45, columna segunda, ao alto; muito em voga na bôa sociedade. Condições de preço absolutamente excepcionaes! Este elegante genero de morte é provocado, como v. ex.ª sabe, pela absorpção de perfumes ou succos de plantas tuberosas... a casa recebeu agora um sortimento da America, raro. Secção botanica, primeiro corredor, gabinete n.º 6, á esquerda... Não tem que errar!

—A asphixia entre flores... dirá cogitante o snr. barão. Não é decididamente o genero de morte que convém a um banqueiro. Dê-me alguma coiza de mais grave, de mais *posé*.

Impassivel, o gerente fará então soar um timbre; ao som do qual sahirá detraz d'um reposteiro, um lacaio esqueleto.

—Acompanhe este senhor á visita de todas as dependencias da casa.

O servo guial-o-ha por um grande corredor clara-boiado de *vitraux* de grande preço, onde estarão representadas as allucinações.

—É a galeria dos venenos. Á esquerda, os venenos vegetaes; á direita, os venenos mineraes. Gabinetes particulares d'um e outro lado, sala commum ao fundo, e laboratorio, que passo a mostrar a v. ex.ª

N'um recinto oblongo, um pouco frio, alinhar-se-hão vitrines claras, com toda a sorte de liquidos e substancias toxicas conhecidas. Ao balcão, preparadores confeccionando a morte, em copos fasciados. A cada instante, empregados que chegam com pedidos:

—Uma de strychinina para o n.º 4!—Uma de cabeças de phosphoros para o n.º 7—Curara para dois, ao numero 9!—Uma actividade, uma febre; mas nada de precipitado, nada d'irreflectido. Não, que aqui é mais serio do que nas boticas. O freguez podia escapar, e que descredito para o estabelecimento!

—Que veneno prefere? perguntará então o director do laboratorio, approximando-se. Receberam-se os ultimos figurinos. Aqui temos nós o *stylophoron diphyllum*, deliciosa papaveracea, de grande pujança mortifera: a *parthenium hysterophorus*, oriunda das Indias d'oeste, com allucinações excessivamente pictorescas; a *scopolia carniolica*, admiravel pela

violencia, duzentas vêzes superior á belladona... *(gesto vago do visitante)* A menos que v. ex.ª não prefira um venenosinho organico, bem moderno, bem *c'lan*, o sumo de testiculo, de Brown-Secquard... Temos ahi uma dóse prompta, do snr. marquez de X, que a recusou, por estar fria... Aquece-se, lá isso, e basta uma injecção ou duas, pelo recto...

Nos gabinetes, todo um luxo sobrio de bom gosto, estatelado em moveis amplos, espessas alcatifas, quadros e *tentures* muraes condizentes aos tramites finaes da operação. E o creado lhe mostra de vagar cada detalhe; a um canto, a cama aberta, uma ottomana perto da janella; sobre a secretária, papel sellado para disposições testamentarias, a certidão d'obito em branco, e emfim o recibo da casa, com o preço da tabella escripto já. Ergue seguidamente um reposteiro; ha uma machina photographica prestes, para surprehender ao agonisante a ultima careta, o que constitue um brinde proprio para amigos, credores, ou quaesquer pessoas de familia inconsolaveis.

Caso o cliente, romanesco, tenha o apêgo do lar, sem ter familia, a casa aluga-lhe tudo, mulher e filhos, sogros e cunhados, condignamente afflictos, já se vê, e trajando todos com uma elegancia a fazer honra á posição social do trespassado.

—Demos agora que o suicida seja um funccionario publico...

—Medeante ajuste á parte, poderiam vir meninos, estorcendo as mãosinhas, chamar ao cadaver:—papá!—e marchar em seguida para Belem, convenientemente ensaiados, a pedir ao rei uma pensão.

D'esta vez o fleugma teutão do snr. banqueiro, boquiabrirá n'um *oh* de puro assombro, mal a seu grado; mas para pouco mais terá tempo, porque o creado sem duvida prosegue a lhe chamar a attenção, de canto em canto.

Todos os gabinetes são dotados d'uma pequenina bibliotheca d'obras tristes, com Schopenhauer, a *Imitação,* Leopardi, e Alberto Pimentel, nos logares de honra. Seguem romances que acabam por tiros e facadas, e logo sermonarios de padres e Santos, que ensinem a bem morrer. Entre dois armarios, o tele-

phone, para pedir qualquer objecto que o cliente deseje, emquanto se não decide; e mais longe, n'uma pequena banca de tartaruga e madre-perola, o phonographo, indispensavel para agonisantes celebres, afim de se lhes não perder a *ultima palavra*.

—Galeria do tiro, dirá o guia; e os dois cortarão á esquerda, bruscamente. A mesma symetrica disposição nos gabinetes; ao fundo um arsenal d'armas de fogo, peças d'artilharia minusculas, espingardas antigas e modernas, rewolvers, pistolas; e como accessorio, pequenas montras com polvora e bala, em bruto, ou encartuchada, e toda a sorte de pequenas brochuras sobre a arte de dar tiros e de fabricar rapidamente os explosivos. Entram n'uma das camaras funebres. Maravilhoso! Um bello caixão de cedro, aberto, aguarda o victimado, e sahe-lhe de dentro um lençol dobrado em leque, em fórma de guardanapo, com duas pistolas em cruz, por cima, á laia de talher.

—Não tenha cuidado nenhum! estão carregadas, dirá o guia, vendo o visitante estender para o cabo d'uma a mão enclavinhada. Esta travessa aqui, é para receber os miolos,

dado que o tiro seja na cabeça: caixa d'esponjas para limpar o sangue immediatamente... De resto, tudo aqui se passa com uma discrição absoluta. As paredes são almofadadas, para não incommodar quem nos outros quartos se mata, muito socegado da sua vida. A operação é instantanea, fulgurante. Nem uma gotta de sangue no tapete. Ora experimente!

Gesto interdicto do snr. barão, que se digna dizer:

—Mas sahindo sangue da ferida, e não estando ninguem mais n'este aposento, como impedir que o liquido espirre pelos moveis, e se derrame no chão, pelas paredes?...

Sorriso do guia—É simples, meu senhor. Apenas o tiro explua, um systhema de correntes electricas desloca em dois qualquer dos moveis em que o cavalheiro tenha cahido: e da chanfradura aberta patenteia-se uma especie de tina, que lhe recebe o corpo... Quer vêr?

—Por ora, não. E diga-me: N'este estabelecimento, montado, segundo vejo, com o mais stricto rigor scientifico, a distribuição das galerias de suicidio obedece acaso a alguma classificação... spenceriana?

—A casa estabeleceu nos variados generos de morte, de que vive, principalmente duas grandes divisões. A saber: mortes antigas, e mortes modernas.

—A vêr a secção das mortes antigas. Não se poupe. O que haja de melhor.

—Se v. ex.ª fosse um aeronauta, individado pelas tentativas de dar governo a um balão de seu invento, não lhe aconselharia outro suicidio senão o precipicio. Não sei se estou na presença do snr. Major Cypriano Jardim; se estou, dir-lhe-hei que ha doze mêzes o aguarda o *plateau* superior da nossa torre de cem metros. S. ex.ª, se é entendido, não deve almejar destino differente do de cahir d'alli abaixo.

—Vamos ás outras.

—Temos o suicido por accidente, preferido em geral por individuos de trabalho, e viajantes. Esta secção acha-se installada no parque: uma locomotiva que passa, e corta em dois: uma barreira que soterra, atropellamentos por vehiculos de luxo ou carros de mudanças... Tractamos d'installar tambem o suicidio por naufragio, por tremor de terra, e por predio desmoronado. São installações caras, se bem que a offerta não falte; sobretudo o naufragio,

é-nos muito pedido por cavalheiros embarcadiços. Depois do suicidio por accidente, temos o brazeiro, a navalha de barba, o banho Marat, a forca, a fome, e emfim, algumas doenças contagiosas de typo archeologico, taes como a peste, a lepra, etc. Para qualquer d'estes serviços, julgo ter dito a v. ex.ª que ha meza redonda e gabinetes...—É dito por todos que em mortes lentas a nossa casa é a primeira do universo! Mas entrevejo que o snr. conde está, vae não vae, a dicidir-se pela lepra...

O snr. barão de Merk cofia as suissas.

—Realmente sinto que estou a prolongar de mais a minha hesitação. E como não cahirá em terreno ingrato o seu trabalho, já agora faça-me desfilar a lista do suicidio moderno. Ha-de ter coisas absolutamente *comme il faut.*

—Oh, sem duvida! Só em doenças contagiosas, é um nunca terminar d'exoticidades.

Por exemplo, a nossa collecção de virus não tem preço. Em hydrophobia, imagine, doze variedades!

Tisica galopante, vinte e seis; e o nosso microbiologista acaba de inventar um tuberculo que mata em seis horas, dando origem a essa doença inverosimil, *hors concours,* que se cha-

ma a tisica—a toda a brida. Não lh'a aconselho, porque, além de cára, destinamol-a particularmente a pessoas que façam falta. E em garrotilhos, que mundo! Mas não se deteem aqui nossos esforços. A casa actualmente occupa-se a estudar combinações de meningites com febres tiphoides. Será no mez proximo, entre os suicidas, a novidade de sensação. V. Ex.ª veria que successo, se fosse vivo!

—Este correder aonde leva?

—Ah, é a secção d'asphixia. Queira entrar. A asphixia é ainda hoje um dos suicidios de maior actualidade. Temol-as para todos os gostos: fogareiro, gaz d'illuminação, vaporês chlorhydricos, iode... A menos que, sendo v. ex.ª de seu natural artista, e um pouco poeta, não prefira envenenar-se com o aroma de flôres desconhecidas. Ha agora uma combinação de nenuphares de Java com flôres de Takeoka, que extingue, evocando rondas de deidades, todas nuas, maravilhosas de lascivia, as quaes beijam na bocca o—porque assim lh'o chamemos—padecente. É imprevisto, hein? Ora sente-se o snr. duque n'este *fauteuil*: vou-lhe fazer um principiosinho d'experiencia... Ha-de gostar! Nada receie: a por-

ta assim calafetada—como vê, todo o recinto tem uma couraça impermeavel ao ar exterior —agora abre-se aqui esta torneira. Attenção! Deseja V. Ex.ª fazer, antes de partir, disposições testamentarias? Quer confiar ao phonographo a sua phrase celebre? Se não trouxe phrase, a casa fornece. Ha em mimoso, em desesperado, em philosophico...

—Decididamente a asphixia massa-me. Que mais tem?

—O banho raro, aquella galeria, ao nascente. Muito catita! Banheiras de marmore, banheiras de bronze e banheiras de prata. Um sem numero de liquidos, á escolha. Ha por exemplo o banho tepido, dentro do qual se cortam as arterias. Especialidade para jacobinos, pois foi inventado pela celebre Carlota Corday, para regalo directo de Marat. A agua tepida póde ser substituida por agua de Vidago (herpeticos), por agua das Caldas (rheumaticos), ou por agua das Pedras Salgadas.

Ha quem se tenha suicidado, em canja; é burguez! Temos ainda o banho de cognac, dentro do qual póde ourinar o freguez que quanto mais conheça os homens, mais goste dos cães, na certeza do banho lhe ser vendi-

do, *post mortem,* aos botequins frequentados pelas pessoas das suas relações. Ha o banho de leite aromatico, tripla essencia de sensualidade, muito gostada por horisontaes d'ambos os sexos; o banho de vinho do Porto, d'agua a ferver...

—D'onde o cadaver sae cosido.

—E' certo, mas tem-se o cuidado d'adiccionar alguns temperos, e serve-se depois o caldo aos pobres da freguezia.

—Oh, a beneficencia!

—Espanta-se? Antes de tudo, *Suicide-House* é uma instituição humanitaria. *Mata-te antes que te matem,* eis a sua divisa. E póde haver nada mais christão?

—Vamos ao resto.

—Suicidio por espostejamento. .

O cavalheiro entrega os tornozellos e os pulsos a quatro manilhas d'iman, symetricamente cravadas no solo, ou na parede. Apenas se estatelou, as manilhas afastam-se com violencia, medeante um systhema electrico complicado, e S. Ex.ª é instantaneamente feito em quatro.

Como esta operação se ultima em dois segundos, démos-lhe o nome de *rapid.*

— E' muito original!

— Agora o suicidio por guilhotina. Conhece. Ha com carrasco, e com pilha electrica. A casa dá padres, uma tumba dos condemnados á morte, authentica, crucifixo, irmandade da Paz, e destacamentos de tropa para defender o patibulo contra as vaias d'uma turba-multa imaginaria.

Para os casos especiaes do freguez, demasiado lido, querer reproduzir em si alguma execução historica terrivel, como a de Luiz XVI, rufam-se tambores quando elle faça menção d'ir fallar ao povo.

— E' talvez o genero que melhor me convém. Muito caro?

— Conto e quinhentos. Mas os vestuarios são maravilhosos, e dada a auctorisação do suppliciado, vende-se-lhe o sangue ás salchicharias, para chouriços.

— E' uma vantagem.

— Por certo. Assim o freguez, que deixa a vida pela porta dos Prazeres, entra logo n'ella pela porta das mercearias.

— Mas isso é a transformação do heroe no porco.

O creado, curvando-se:

— Meu senhor, todos os destinos sociaes findam assim.

Cada vez mais perplexo, e (diga-se tudo) menos resolvido, pelo sem numero de fins que lhe propõem, a dar-se um, decisivo, que evidentemente não seria ainda scientificamente perfeito, visto haver tantos, o ex-futuro suicida sacca do bolso uma pequenina chapa d'oiro, meia libra talvez, dando-a ao creado. E a desculpar-se:

— A verdade é que eu não acho nada que me tente. Meu Deus, como os processos d'espichar estão atrazados! Genero antigo, genero moderno, tudo é banal e fastidioso. Porque n'uma palavra, se eu me suicidar como toda a gente, ninguem fallará de mim. E isto não presta! *(bruscamente)*. Ainda se na casa houvesse *hors d'œuvre*...

— *Hors d'œuvre?*

— Algum genero de morte bem exotico, bem raro; não faria questão de preço!

— Não vejo, meu senhor... Porque emfim, v. ex.ª não ha-de querer matar-se de tedio,

lendo durante nove mèzes os *Luziadas,* fazendo-se servir ao almoço e jantar a mesma costelleta, ouvindo a toda a hora a mesma musica, e dialogando, dias seguidos, a mesma conversa.

—Não, isso não.

—Tão pouco quererá morrer de riso, fazendo-se cocegar na barriga, até á syncope, ou respirando algumas horas o gaz hillariante. E se digo *não quererá,* é porque este genero de suicidio se destina especialmente a gentes tristes, e v. ex.ª me parece um grande reinadio.

—Bem observado.

—Desdenha por certo tambem a morte por congestão, e por coisa alguma do mundo aturaria que o dependurassem pelos pés, d'um tecto alto...

—Seria estupido.

—Para a auto-intoxicação tambem, não tem recursos. Este fim particular, só pode havel-o, por exemplo, um escriptor prohibido d'escrever, ou um critico que por descuido morda a propria lingua. Restaria, pois, a V. Ex.ª o offertar-se á galeria das experiencias, e soffrer as tropelias que lá lhe quizessem fazer os cha-

mados medicos experimentadores. É um destino nobre, e tem sido tambem o ultimo recurso d'alguns clientes requintados.

—E diga-me, suicidios por... longevidade?

—Ai, meu senhor! são os unicos a que esta casa não dá curso.

—Bem, voltarei outra vèz. Vinha buscar a morte, e cuido que levo uma fortuna... *(para si)* certo, o estabelecimento é bem montado, a clientella escolhida e numerosa... No fim de contas, quem me impedirá d'especular c'o suicidio? Hum! Vou já d'aqui organisar um syndicato.

27 de Julho.

O *Diario de Noticias:*

«Fundou-se na Suecia uma associação de rapazes da melhor roda, que vão pelas ruas apanhar as pontas de cigarro que os fumadores atiram, enviando-as depois, convenientemente empacotadas, a uma commissão de funccionarios e grandes damas, a que preside a rainha. O tabaco das pontas aproveita-se então n'uma officina, servindo em cigarros e charutos novos, que a sociedade vende, re-

vertendo o producto ao sustento annual de 500 creancinhas.»

Ora, eis um nucleo de sport, que o *Turf-Club* nacionalisaria bem melhor que o das corridas.

Entre apanhar pontas de cigarro, e pés de burro, nenhum gentleman portuguez deve hesitar — que apanhe pontas! As nossas altas classes teem geralmente o sentimento da ponta. *Donc*, que os que as atiram se harmonisem, alfim, com os que as apanhem. Quem apanha pontas de cigarro, póde por este meio não só soccorrer o orphão e a viuva, o velho sacerdote e o inundado, senão collaborar tambem no explendor da religião — sabido como é, que as pontas de cigarro teem entre nós o nome generico de beatas.

D'ahi as inapreciaveis vantagens de hygiene e segurança, que iriam resultar para a cidade, quando por essas ruas começassem a ser pegadas todas as pontas disponiveis! Com tal medida, iam cessar muitas enxaquecas chronicas; livrar-se-hiam cidadãos de grande pezo: e os pictorescos, os imprevistos!... — só o snr. conde de Franco, á sua parte, mettia de cada vez na bocca duas ou tres duzias de cigarros!

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,

D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 10—7 de Agosto de 1890

SUMMARIO

NAVEGAÇÃO PORTUGUEZA NAS DUAS AFRICAS—TRES PROCESSOS D'ASSEGURAR O DOMINIO PORTUGUEZ NO ULTRAMAR—*Empreza Nacional e Mala Real Portugueza:* OS SUBSIDIOS QUE RECEBEM, E SERVIÇOS QUE SÃO CHAMADAS A PRESTAR—*Mala* VASIA POR OBRIGAÇÃO DE DOBRAR O CABO DAS TORMENTAS—QUER MAIS SUBSIDIO, E DO QUE EM BASTIDORES SE DIZ A SEU RESPEITO—O PROJECTO DO SNR. JULIO DE VILHENA, OU O APOLOGO DOS LOBOS CONTRA O CORDEIRO—DISCURSOS DE FERNANDO PALHA E DE FUSCHINI—OS MARIOLÕES DE S. BENTO—

ACONSELHA-SE A *Mala* A CASAR RICA—PERSEGUIÇÕES DA POLICIA ÁS MAGANAS, E IMPOSSIBILIDADE DE AS FAZER REZIDIR NO PALACIO DA AJUDA—PROPÕE-SE AO SNR. FRANCO CASTELLO BRANCO UMA *Régie* DO AMOR BARATO — MIL E QUINHENTOS CASOS DE HYDROPHOBIA, E IMMUNIDADES SOCIAES DO CÃO — CÃES RICOS E PARENTES POBRES — QUEM É AFINAL O REI DOS ANIMAES? — OS TRES AMORES DA SOLTEIRONA — LYRICA DO CÃO, SEGUIDA DO CASO DA RUA DOS RETROZEIROS — A CAMARA MUNICIPAL E OS HOMENS CELEBRES — AS ANTIGAS RUAS, E AS RUAS NOVAS — BECCO LUCIANO CORDEIRO, CHAFARIZ AROUCA, E OURINOL MELICIO — A IMPERATRIZ VICTORIA, CALLIGRAPHA, E A EDUCAÇÃO DO NOSSO ASPIRANTADO — INVERSÃO SEXUAL D'UM ASPIRANTE, E DIAGNOSTICO DE PRENHEZ POR VIA D'UMA CARTA DE NAMORO—EM QUE SE CONCLUE ACONSELHANDO AO OFFICIAL O MATRIMONIO, E UM EPITAPHIO AO IMPEDIDO. CAE O PANNO!

---

1 d'Agosto.

Da discussão havida ha quatro dias na camara dos deputados, respeitante aos premios a conceder á navegação portugueza—com o fim d'animal-a a nacionalisar o commercio havido entre as nossas possessões africanas das duas costas, e a metropole—sahiram discrepancias e alvitres, que dado o curto praso de sessões parlamentares que ainda restam, nem poderão accordar-se n'um ponto, nem habilitar o governo a qualquer medida salvadora do pouco iniciado a beneficio d'aquella navegação.

Concordam todos, gregos e troianos, azues e brancos, pretos e vermelhos, que chegou o instante de se mostrar pelas colonias um zelo serio, e de fazer por ellas sacrificios, que se

não reduzam a arremessar dinheiro, sem recibo nem plano, por onde quer que a phantasia dos governadores do ultramar insista em esperdiçal-o.

Concordam todos em que, do pouquissimo commercio que se entretem pela Africa portugueza, só uma parte minuscula é nacional, estando o grosso em mãos d'estrangeiros, pertencentes ás duas raças invasoras que mais cupidamente teem retalhado e absorvido n'Africa os pingues territorios do imperio portuguez. E emfim todos concluem, que a intentar-se a regeneração colonial nos termos d'um proposito energico, e não d'um capricho avulso, a primeira coisa a fazer n'essas terras que, muitas, só teem de portuguez o titulo, seria povoal-as de nacionaes, e fazer convergir para lá, em par e passo, milhões que nada devam aos traficantes inglezes e allemães que por lá vão minando, dia a dia, o nosso senhorio.

Os governos careceriam pois — agora que expedições scientificas mais ou menos uteis, cruzaram, sob o signo official, o solo negro — d'assegurar o dominio portuguez por tres maneiras. Pela occupação militar, que só seria poderosa, trespassando-se o exercito, segundo

os tramites da hygiene tropical, que não vem para o caso, do continente para as possessões, e impondo ás officialidades, estações coloniaes semelhantes ás do official francez, que quasi todo vae fazer na Argelia, no Senegal e no Tonkin, as suas provas. Pela occupação colonisante, que só seria proficua entrando o Estado n'um systema d'engajamento annual, semelhante ao que as republicas americanas lançam pela Europa, com transporte em navios seus, e offerta de ferramentas e de terras, a descontos minimos, para cada colono. Finalmente, pela occupação commercial, que por agora só poderá ser tenteada subsidiando o Estado, conforme intenta fazer, algumas grandes companhias francamente nossas, e nunca vendidas á nacionalidade incerta dos agentes de vapores da Rua do Alecrim e do Caes Sodré.

Este ponto do fomento commercial portuguez por via maritima, ligando as colonias oceanicas com Lisboa, inspirou os governos a outorgar subsidios ou premios a companhias portuguezes de navegação, impondo-lhes, alem

de condições attinentes ao transporte das malas e de funccionarios publicos, outras mais particulares, d'itinerario, tendo por fim o estreitamento de relações entre todas as terras cobertas pela nossa bandeira. Assim, á *Empreza Nacional,* fundada em 1881, concedeu o Estado o subsidio annual de 30 contos, e o exclusivo do transporte de todas as suas mercadorias, porque ella lançasse carreiras entre Lisboa, Açores, Cabo Verde, e colonias d'Africa occidental.

São passados nove annos sobre a fundação, e conforme leio n'uma declaração dos directores, a *Empreza* prospera. Em 1887, organisou-se a *Mala Real Portugueza,* capital 900 contos, dos quaes, declarou o snr. Fuschini no parlamento, só 250 realisados, falhando as emissões tentadas em Lisboa e Porto, por duas ou tres occasiões. A *Mala* aceitou do governo o subsidio annual de 98 contos, obrigando-se por elle a ligar as duas Africas portuguezas, por via de carreiras tocando uma infinidade de pontos, desde Loanda até Moçambique, e vendo-se forçada por isso a seguir o velho roteiro do Cabo Tormentoso, o que lhe demora consideravelmente as travessias, e retira de

bordo dos seus vapores passageiros e carga, que teem nas linhas inglezas mais rapido curso, e facilidades de viagem representadas em cerca de quinze dias d'avanço, entre Lisboa e Moçambique.

A consequencia d'isto, é partirem e chegarem vapores da *Mala Real* completamente ás moscas, sem passageiros nem carga, e dispender a companhia, na derrota que o governo portuguez impòz aos seus vapores, contos de reis que annualmente se cotam por um valor triplo ou quadruplo do subsidio official. Isto lhe tem creado gravissimos estorvos, trazendo as — ao que parece — boas intenções dos homens que a fundaram, a uma eminencia de bancarota, que explodirá de vèz n'um periodo breve, caso o governo lhe não queira escutar a afflicta supplica. Comprehende-se que não foi com os 250 contos emittidos, que a *Mala Real* adquiriu os magnificos barcos com que gira, o peor dos quaes excederá talvez do dobro, aquella somma; e por certo se tem, por outro lado, que as perdas constantes das viagens frustradas que tem feito, só estão servindo para lhe agravar o *deficit* horroroso, que, por isso mesmo que a companhia não tem

fundos, naturalmente reverte a prejuizo da fortuna particular de quem lh'os avançou — tanto monta dizer, do anonymo Y do discurso Fuschini.

Então, vendo-se a braços com a morte, apellou a *Mala Real* para a munificencia do governo, que diga-se de passagem, fòra dos primeiros a recusar-lhe clientella, embarcando os seus emissarios e soldados em paquetes inglezes, a pretexto de ter pressa em fazel-os chegar ao seu destino. Expòz minuciosamente os seus apuros, disse as suas esperanças, opinando que só poderia viver desafogada, modificando o Estado as condições do contracto sob que ella funcciona, em termos de se extremarem as carreiras d'Africa em duas series, a da Africa oriental, feita pelo estreito de Suez, a da occidental, pelo caminho seguido até alli; e ponderando afinal de como no Brazil — ainda hoje a nossa mais rica e preponderante colonia — fòra succedida a primeira viagem d'um dos seus barcos, que prestes voltou carregado de mercadorias e viajantes. N'estas alturas pois, tendo em vista futuras prosperidades, e a lembrança do quanto seria impossivel tornar a interessar dinheiro por-

tuguez em emprezas nauticas, caso a *Mala Real* fosse obrigada a suspender, começou a imprensa um trabalho de propaganda a favor d'aquella, parte expontaneo, parte suggerido, e todo elle accordando em ser patriotico sustar a ruina da *Mala,* e urgente adoçar-lhe as clausulas do contracto primitivo.

Entre bastidores, esta propaganda da imprensa forrava-se, seja dito, d'outras informações mais acirrantes, que todas foram exhibidas ha quatro dias em sessão parlamentar, e por isso as descrevo, a traços largos. Diziam uns que a *Mala Real*, forçada a fazer com a *Empreza Nacional* carreiras paralellas, se tornára inimiga odienta d'esta ultima, não podendo soffrer-lhe a tranquilla fortuna sem cogitar nos meios de pôr entrave aos seus progredimentos. Diziam outros que estava eminente a fusão das duas companhias, por via d'um syndicato poderoso e subrepticio, *recoltado entre gente da politica e gente da finança;* e que a *Empreza Nacional,* cujos titulos são de 500$000 réis, impuzera á *Mala*, por escriptura nupcial, o

valerem esses titulos 1:000$000, a contar do dia em que se unissem, assim como o trazer a *Mala*, na sua *corbeille* de noiva, consideravelmente augmentada a sua pensão de menina infeliz. Finalmente, os mais decididos contavam a coiza n'estes termos:

—Não ha cá navegação nem meia navegação! O que ha é uns amigalhaços do Y., a pedir ao governo que não arruine o homem, e o indemnise do dinheiro que elle abonou á companhia. É o que é!

Produzido na camara o projecto de lei concernente á navegação para a Africa, todos os *pour-parlers* que acima disse foram arvorados em mola d'argumentos, n'outros tantos discursos, da melhor intenção exterior, é certo, mas da peor natureza tambem para se chegar a uma resolução consoladora.

Á uma pois, haverá que se precaver o ministro contra as tranquibernias dos *maitres-chanteurs* que advogam junto d'elle, com demasiado patriotismo, a protecção incondicional do Estado ás companhias portuguezas, que, empenhadas em nacionalisar o commercio d'Africa, mirem fazel-o á custa d'extorsões sobre o thesouro, servindo-se para isso d'uns miseraveis

que ha em S. Bento, e cujas pegádas são certas de roda de todos os negocios duvidosos. Á outra, cumpre-lhe desviar a navegação d'entre o continente negro e a metropole, do systema de concursos, té'gora havido, e que pondo nas mãos dos inglezes ou dos allemães aquellas carreiras, distanciariam cada vez mais a Africa de nós, sobre arruinarem uma empreza, que, visto estar creada, melhor seria que fosse prosperando, apesar dos *homens d'Ambaca* que a alcovitam.

O projecto apresentado pelo snr. Julio de Vilhena á camara resolvia por concurso o problema da navegação que acima expuz, insistindo na ligação da costa occidental d'Africa, com a oriental, por meio de carreiras de vapores que continuassem a dobrar o Cabo, e pagando o Estado por essas condições (alvitre da commissão d'officiaes de marinha nomeada pelo ministro) 500 contos de réis annuaes. Mais o snr. Julio de Vilhena declarou que desejaria ampla discussão sobre a materia, aceitando da opposição todos os conselhos que podessem tornar o contracto meritorio para ambas as partes contractantes. N'estas alturas, era certo o perigo de vir a cahir a adju-

dicação, nas redes das emprezas estrangeiras: e logo oradores como o snr. Navarro (que em questões de melhoramentos nacionaes é d'uma austeridade acima de toda a suspeita) se ergueram, para aconselhar sem rebuço ao ministro, pozesse o concurso de banda, e entregasse francamente á *Mala Real* o subsidio dos 500 contos, por ella reclamados. N'este conselho abundaram jornaes de todas as facções, tornando-se admiravel a lizura do *Portuguez*, de que é director o snr. Marçal Pacheco, pessoa fina como todos sabem, e estranha á prosperidade de qualquer *Mala*—que não seja a sua.

Pareceria pois que tendo o snr. Julio de Vilhena empenho em vêr medrar uma empreza nossa, e offerecendo-se-lhe ensejo de o conseguir, sem laivos de suspeita, attentos os conselhos da opposição, todas as difficuldades estivessem cerceadas. O governo, dando 500 contos á *Mala Real*, recebia em troca um serviço de travessias maritimas, reticulado por modo a prender entre si todos os pontos mais prosperos da nossa Africa e da nossa India. Conseguia assegurar assim o inicio d'uma marinha mercante, de que o paiz tanto carece, e dar por ella energico auxilio ás colonias, tão

preguiçosas em acordar da sua barbaria originaria.

Nada cristallino como isto, pois não acham? Bem. Mas se isto é cristallino, porque foi então que o snr. ministro da marinha, certo de que todos prestam venia ao seu caracter, logo na factura primeira do seu projecto, em vèz d'optar francamente pela *Mala Real*, pòz o concurso, apezar de o ter por um completo anniquilador da navegação nacional? Homem de bem, s. ex.ª desconfiava acaso da parceria nautica, que tem o *Portuguez* por camaroeiro?

Porque foi tambem que o snr. Fernando Palha, de cujas intenções briosas não é licito duvidar, intelligente como é, e dedicado ás questões nacionaes, apenas o snr. Navarro fallou em dar os 500 contos á *Mala Real*, se levantou, branco de indignação, para dizer que o Estado não podia estar a dar esmolas a capitalistas compromettidos, e que reputava indigno do parlamento o acobertar, sob pretextos patrioticos, favoritismos que enxovalham a reputação de quem nos faz? Não foram, por cer-

to os simples factos de dar alento á marinha mercante, e desenvolver o commercio d'Africa, que mereceram da bocca aliaz primorosa do snr. Fernando Palha, as invectivas damnadas que lhe ouvimos.

—Logo, dirá o espectador, ha por de traz da *Mala* alguem, que lhe põe méla.

É o que o snr. Fuschini explica á camara, com um desassombro que eu nunca lhe agradecerei bastantemente. Tamanho escandalo este orador farejou no subsidio á *Mala Real,* que resolvido a illuminar-lhe em cheio os lobregos mysterios, não duvidou desmascaral-a frente a frente, embora valendo-se para isso d'uma denuncia anonyma, que diz ter recebido, explicando o estado financeiro da parceria—denuncia segundo parece exacta em pormenores, mau grado os desmentidos officiaes do dia seguinte.

Assim, o discurso do snr. Fuschini sanccionou as informações que demos atraz, sobre o passivo e o activo da *Mala Real*, a sua difficuldade de trocar titulos, por ouro, as grandes perdas constantemente agravadas pelo insuccesso das suas travessias, e finalmente a sua vida agonica, *au jour le jour,* que certo argen-

tario vae entretendo, em riscos de sossobrar, mais dia, menos dia.

Para salvar o homem da ruina, acorreram então de todos os cantos da politica, amigos de Peniche — do governo e do homem — que tendo o patriotismo por mascara, parece tentam coagir o ministro a dar protecção á *Mala Real,* cuidando d'incorporar-se com ella n'algum syndicato onde todos tenham fauteuil e mèza franca. Infere-se portanto que dos conselhos que a opposição tem dado ao snr. Julio de Vilhena, sobre o adjudicar á parceria da *Mala,* o contracto da navegação portugueza d'Africa, parte são gafos, e occultam latrocinios, sob exteriores d'extreme rigidez.

As declarações do *leader* Navarro, entregando a votação do projecto aos rezultados do alvedrio pessoal de cada deputado, a apparente limpidez da questão, cujas mansissimas aguas parecem reflectir a alma angelical dos propulsores da marinha mercante, nada d'isto tem conseguido calmar a agitação de certas alas da hoste progressista, que na reunião de hontem juraram guerrear o projecto, a toda a ancia. Cuidarão agora que a maioria honesta veja de melhor rosto, a rapinancia?

Não vê por certo. Essa maioria soffre, com o snr. ministro da mârinha, da inania horrivel de certas corporações de caracter disciplinar, que sabem conter em si agentes corruptores, e não os podem sacudir: que diagnosticam pelo certo a infamia de certos manejos, a que publicamente teem de render preito: e que finalmente, postas entre os prós e os contras d'uma medida, como esta da navegação, d'ambos os lados se sentem ameaçadas: se fazem concurso, o inimigo inglez empolga a prea: se cedem á parceria, os amigos de Peniche empolgam-na tambem.

Recapitula-se pois, que áparte os affectos, por motivos extra-parlamentares, a algum dos factores X Y e Z, que o snr. Fuschini citou no seu discurso, ninguem no parlamento se presta a advogar o subsidio dos 500 contos á *Mala Real,* posto todos desejassem do coração vel-a prosperrima, e desviada dos caminhos escusos, que a politica só inventou para transformar *voyous,* em millionarios. Este caso de resto, é a metastase d'um fundo diathe-

sico irremediavel, que a monarchia entretem no nosso organismo politico, e que só uma especie de 93 fará cessar. Comparado com a Salamancada, com o porto de Lisboa, com o monopolio dos tabacos, com as 28:000 libras, com os 40 contos, com a outra metade, e com o projectado monopolio dos alcools, etc. o subsidio da *Mala Real* não traz a lume nenhum agente novo de corrupção. É a mesma gangrena, a produzir embolia n'outro sitio. Não se poderia evitar como incidente, como se não evitará nenhum dos que hão-de vir. Poderia entretanto retardar-se, e a beneficio do seu nome sem macula, atire o snr. Julio de Vilhena ao cesto dos papeis esse projecto, buscando á navegação africana, outra sahida. Pelo que respeita á *Mala,* se está mal de fundos, siga o exemplo do snr. Marçal Pacheco—case rica.

3 d'Agosto.

—A policia tem andado a remover das ruas concorridas, todas as casas de amor onde não

tem provavelmente *houri* marcada. Foram já mandadas sahir da Rua do Arsenal, todas as pègas do vicio que alli chamavam os transeuntes; mandadas fechar as capoeiras da Rua Augusta e da Rua da Prata... e como até'gora as auctoridades não hajam fixado bairro ás cidadãs, estamos sem saber onde irão ellas parar com os costados.

Concordaremos que não seja excessivamente commoda, para as pudibundas gentes, a visinhança d'aquellas aves migradoras, que sobre pedirem *medio-beef* a quem passa, teem ás vezes, com as janellas fronteiras ás suas taboinhas, singulares e nunca assaz pictorescas liberdades.

Entretanto, relegar d'uma rua p'ra outra os lupanares, a pretexto de que os costumes perigam n'aquella, e não perigam n'esta, é uma parvoice official de todo o ponto incoherente — des'que não ha uma ilha Cythera exclusivamente consagrada aos sacrificios da volupia, com portas e guarda fiscal, direitos de barreira e restaurants d'estylo typico, o todo harmonisante ao culto das onze mil virgens e do deus mercurio, professado alli.

De resto, sem nos querermos intrometter

de modo algum nas deliberações que a policia e o conselho de hygiene haverão tomado, em questão de tal guiza, vamos dizer aqui baixinho, a nossa opinião. Evidentemente, a policia não tem cidadella ainda em que fechar as irregulares que por ahi andavam desgarradas. Ella não póde, em boas razões, mettel-as por exemplo, no palacio da Ajuda, nem nos cazarões do Patriarcha, nem nas secretarias d'Estado, nem aboletal-as tam pouco, cuido eu, por alguns d'esses populosos quarteis da guarnição.

Era em parte violar o prestigio de certos d'esses edificios-catacumbas, erguer a reputação d'outros, e estabelecer nos restantes um terrivel assalto de concorrencia. Mettel-as nos conventos de freiras, hoje ás moscas — Deus nos acuda! — seria a continuação das ordens religiosas, sob os mesmos codigos de moral *odivellense,* que lhes outorgou D. João V — e ainda n'este caso a concorrencia iria cavar-lhes rivalidades, por banda do beaterio das sachristias, S. Luiz incluido.

Ora, sendo certo, por outro lado, que todas as nossas pequenas industrias bastardeam, faltas d'alento, e que em todos os cyclos d'a-

ctividade industrial reina a tendencia monopolisante, dir-nos-hão os senhores:

— Seria asneira explorar esta industria do amor, por meio d'um syndicato... — ou não querendo o snr. Burnay ficar com elle, não nos poderia o snr. Franco Castello Branco (agora que os tabacos vão deixar a gerencia do Estado) organisar a *régie* das hetairas, com uma zona de protecção por toda a raia, e a administração geral do snr. Sergio de Castro?

Sómente deveria o governo ser menos liberal com os empregados d'esta, do que o foi com os da outra, que todos tinham tabaco, de borla. N'esta *régie* do amor, assentariamos n'isto, pitadas — pagas.

5 d'Agosto.

O numero de pessoas mordidas em Portugal por cães hydrophobos, attingiu, no primeiro semestre do corrente anno, a cifra de mil e quinhentos, havendo trinta e tantas mortes.

Esta estatistica consta dos jornaes, e obtida por informações avulsas, de certo avolu-

maria do dobro, se fosse possivel recolher pelas terras distantes os numerosos casos de mordedura que não tiveram publicidade. É horroroso! e o cogitarmos só nos perigos que advem ao homem, do cão doente, nos faria pôr de banda a pieguice que nos faz victimas do cão, e que de resto nunca quizémos ter por outros animaes nocivos, ou susceptiveis de o ser, em dadas circumstancias.

Bem pezados, d'um lado os serviços que o cão nos presta, do outro as agonias que elle póde inocular-nos, fica sempre um saldo d'exterminio contra o cão, que aconselha o fazermos-lhe guerra sem tregoas, pelos jornaes e pela strychinina, acabando d'uma vez co'a lenda de fidelidade que elle merece pouco, e supprimindo-lhe o titulo d'amigo do homem, de que elle, vamos com Deus, vae abusando. Sei que a cruzada é difficil, e que o prégal-a pouco mais me trará que malquerenças. Portugal tem de seculos, o fetichismo do cachorro. O càchorro é o desdobramento, em mudo, de nós outros. Moldámol-o ao nosso caracter e aos nossos habitos, tornámol-o cumplice dos nossos desmazellos e dos nossos vicios. Os cobardes defendem-se com elle. Flanam

os ociosos em sua companhia. Aproveitam-lhe os mendigos a astucia, e os timidos a loquella; e quando d'uma descomponenda a dar, prevêmos que nos resultaria costella partida, biquinho calado — e é o cão quem vae tomar satisfações.

Certo, o cachorro fez-se no lar, pessoa intima, e parente pobre, com quem partilhamos as sobras da nossa mèza. Nos *ménages* sem filhos, é elle o primogenito: para os sem familia, uma familia: ás beatas serve d'acolyto para ladainhas e terços, e com algumas se amanceba, quando já não ha coadjuctor que as esfocinhe. De testamentos de velhas tem resultado cães ficarem ricos, emquanto sobrinhos ficam desherdados. Em verdade vos digo que depois do snr. D. Miguel, a unica paixão romantica da matrona luzitana, é o fraldiqueiro. *Falta-lhe só fallar,* e d'isso vive.

A tradicção escuda-o, a influencia social aguenta-o contra os canelões; e se o perseguimos, por que elle nos roubou, ladrou, mordeu, por onde quer que corramos, lá está a coscovilhice da *Protectora,* em lettras brancas «*O homem é rei dos animaes, e não deve ser o seu tyranno!*»

Rei dos animaes! Mas rei dos animaes não somos nós; é elle. Viu-se uma pouca vergonha maior?

De todos estes escandalosos privilegios e de toda esta domesticidade viciada, que noblificaram o cão, sem previo exame dos seus defeitos d'origem, resulta não ser possivel, sem renhida batalha, desalojar este temeroso despota, das regalias em que multi-secularmente o enthronisámos. No dia em que uma lei fizesse decapitar em massa a canzoada, saltariam á rua familias inteiras, prestes a dar a vida dos seus filhos, pela cabeça dos seus cães. A idolatria então de Lisboa pelo fraldiqueiro, é furiosa. Toda a mulher alfacinha que não casa, reparte o seu coração por tres amores irregulares; até aos quarenta annos é do cão e d'um sargento: d'ahi por deante é do cão, e do Senhor dos Passos. Dos tres amores, um só inamovivel e physico, o do lambe-fraldas. O cão acompanha a dama, da pia baptismal ao cemiterio. Digam-me pois como seja possivel extirpal-o, dado o poderio das suas protectoras?

De balde os jornaes vociferam contra a canzoada que lazarona pelas ruas, o pello hirsuto, a lingua pendente, entrando pelas lojas, esfoçando os buracos, bebendo nas sargetas... Debalde a hydrophobia dizimará os homens por centenas, e governo e municipios se arruinarão a pagar viagens a Paris, aos escaldados.

Mau grado reclamações, contagios, gastos, o cão lá continuará a viver na antiga *nonchalance*, certo de que a sensitividade publica não deixará d'animal-o, de cada vêz que a carroça municipal, achando que elle passeia de mais, o queira recolher. Oh, lá isso, a sensitividade publica não transige. O lyrismo do cão é o seu truc.

Ha quatro dias, como um canzoeiro municipal tomassse pelas pernas o cachorrinho d'uma dama, afim de o encarroçar, como a lei manda, tal reboliço se armou nos Retrozeiros, que vieram a gatanhos povo com policia, indo presos uns poucos de logistas, e sendo desacatada e batida a auctoridade.

Escusado ajuntar que o canzoeiro fizera o seu dever. O cachorrito solto, e desaçaimado, embora tendo o açaimo pendente do

pescoço, era um cão vadio como os demais, sobre a agravante d'ameaçar a segurança publica, com seu genio bulhão e mordedor de canellas abstrusas. Pois senhores! não houve indignação que não explosisse alli contra a policia, apupo e colera que se lhe não verberasse á prepotencia de haver consentido o embarque do fraldiqueiro, na carroça.

Um homem injustamente prezo, deixaria a rua indifferente; o cachorro porém sobrexcitou-a a ponto, que mais parecia um caso de familia.

—Coitadinho! diziam as mulheres, na flôr da vida, e já *martyl!...*

E um cortador que eu conheço, que bate na mulher, explicava n'um grupo o sequestro dos cães, por falta de coração. Ao dia seguinte, a ladainha da rua veio toda nos jornaes, sem criterio anterior, ou indagação minuciosa, acontecendo que por exemplo a *Gazeta de Portugal,* que na primeira pagina pedia o sequestro dos cães vadios, verberava na segunda os pobres homens que surprehendera a lhe satisfazer esse desejo.

Por mim sou contra o cão. Ou eu não fosse gato! Applaudo a camara que os exter-

mine até ao ultimo, e incito a policia com todas as minhas forças a fazer seguir á risca a apanha da carroça. Não incorramos o risco de nos damnarmos—só porque Lisboa é tola.

6 de Agosto.

A camara municipal tracta de fazer das ruas uma especie d'appendice ao diccionario dos homens celebres, pintando na cantaria das esquinas, nomes de vivos e de mortos, em que tenha podido respigar notoriedade.

Do estudo comparativo feito entre o valor das ruas, e o dos nomes chamados a crismal-as, resulta dizermos que nem todas sejam de folego a supportar a invocação de todos os nomes, assim como haja nomes que desphisionomisam e achincalham certas ruas.

Assim por exemplo umas, burguezas, apegadas ao rameirrão bairrista desde seculos, como que calçam sapatos d'ourello á memoria dos guerreiros e poetas que modernamente lhes servem de sobrescripto—*Rua Vasco da Gama, Rua Luiz de Camões,* por exemplo... Emquan-

to outras, demasiado vivas, estão n'uma perpetua revolta contra a alcunha mazorra que lhes foi dada. *Rua do conselheiro Monteverde, Rua do Barão de Santo Ambrozio*...

Oh, os nomes antigos, que apagado perfume d'uma vida dispersa elles não davam! Becco do *Falla Só*, todo um poema! Rua da *Triste Feia*, hein? que sentidissima e melancholica dolora!

Para refundir todo este florilegio poetico, que tão impressiva nostalgia esparge nos velhos bairros de Lisboa, não basta, senhores vereadores, uma relação mais ou menos viçosa de nomes de conselheiros, de rustilhada com exploradores e com marchantes. É necessario que a Camara Municipal, antes de com os nomes dos homens, fazer reclame ás ruas, e de com a publicidade das ruas, fazer reclame aos homens, afincadamente estude se nos dois factores ha proporção, não vamos ter ahi alguma rotunda baptisada com o nome do snr. Hintze Ribeiro. Faça-se um curso de historia, com bilhetes de visita, bem altos nos cunhaes das casas, ensinamento e lição, já que assim querem; mas classificando as immortalidades por cathegorias d'esquinas, segundo a impor-

tancia de cada uma, e sem jamais tergiversar da justiça, que deve ser criterio de todas.

—Becco *Luciano Cordeiro;*

a isto chamo eu propriedade! Sobretudo havendo um burro, e um ferro velho. Mais! Celebreiras, que por minusculas não podessem estampilhar condignamente os sitios de passagem, nem por isso eu as deixaria no limbo, se fosse Camara, senão que as aproveitaria tambem para o baptismo de certos pequenos monumentos e caixas d'expulsão.

—*Chafariz Arouca,* á Ribeira Velha... pois não diz bem? E nas occorrencias dos jornaes: «hontem no ourinol Melicio, á Pampulha, seriam sete horas, quando uma detonação...»

—Baixou da rainha ingleza um decreto, em que se manda interromper os estudos aos aspirantes do exercito, des'que estes não tenham calligraphia apresentavel. O decreto não reza uma palavra a respeito da orthographia e da grammatica, parecendo insinuar que a officialidade britannica, se por um lado até

qui escrevia gatafunhos illegiveis, era por outro correctissima no tocante aos *ll* dobrados, aos *cc* com cedilha, e aos minuciosos segredos da concordancia e da syntaxe.

Verdade seja que escrevendo os officiaes com uma lettra imcomprehensivel, impossivel saber-se se escreviam certo, ou asneado. Transpondo porém a coisa a Portugal, e presuppondo que S. M. o rei se decidia a intervir na educação dos jovens aspirantes do nosso exercito, iamos jurar que não havia de ser pela calligraphia que as reprimendas reaes começariam — a julgar pela carta de namoro que vamos transcrever do *Illustrado:*

«*4 de Agosto* — Aspirante.

«Anjo querido eu te saudo por bem estar, çei que tens çofrido muito, tomarei o teu çoffrimento, estibe de cama um mèz e doze dias, não pences que me esqueci de Ti, cada vèz lembro maes. Aleim da minha doença, tenho passado martyrios, peço-te qui me não acabes com o amor, pois eu sou feliz porque tenho isperado que venha uma corôa paro os nossos dous corações. Não tem esplicações as soidades que tenho de te ver, vi as tuas cartas

n'uma neve de poeira, estou desesperado com uma dôre que me vem de ti. Soidades.»

O leitor está perscrutando a situação physiologica e moral d'este aspirante que—elle o declara com a maior sinceridade—tomou o çofrimento do anjo querido, e depois de o tomar esteve de cama um mez e doze dias, passando martyrios, até vèr as cartas do anjo n'uma neve de poeira, e vir a cahir com dôres, que para cumulo lhe vinham do anjo supradito...

É contra todas as imposições da anatomia humana, e das briosas tradicções militares de Portugal, que nós diganosticaremos, pela missiva supra, um caso unico e anormal em ventre de homem.

Mas de duas, uma. Ou o senhor aspirante, signatario da missiva, no dia 4 d'agosto estava tolo, ou em caso contrario estava... gravido. As suas declarações são cathegoricas, e d'uma precisão scientifica, que o estylo poetico nem por instantes consegue disfarçar.

Se ainda fosse tempo, aconselhavamos nós ao lamuriento homem-phenomeno, voltasse ao bom caminho, procurando no matrimonio a

rehabilitação da sua escorregadella, e fechando a bocca ao mundo, pela sagração dos laços religiosos. Tudo quanto é bom acaba bem.— Casa-te, menino! E quando, general reformado, desceres á tumba, em meio das descargas da tropa, permitta Deus que o impedido se não esqueça de te fazer gravar na lousa estes dizeres: —*Aqui jaz F, que foi guerreiro eximio, e mãe de familia exemplar. P. N. A. M...*

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,

D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 11—14 de Agosto de 1890

SUMMARIO

O PORTO *fin de siècle*—A ELEIÇÃO DA *mais formosa*—O QUE SEJAM OS CONCURSOS DE BELLEZA—CONCURSO DE *cocottes* EM 1864, SOB O PATROCINIO DE NAPOLEÃO III—A FESTA DAS TULHERIAS, COM BEIJOS A 200 FRANCOS—DE COMO FIGURA NA LISTA DAS BELLAS PORTUENSES UM CHARUTO DE PATACO—A D. BRANCA DO *Diario do Commercio*, E OPINIÕES E MUNDANISMO D'ESTA DONA, E DO SEU PAGEM—PORTO DEVASSO—AS Patti DO *ai agora!*—EM CINTRA, VISITA AO *chalet* SASSETTI—A ENTRADA, O PARQUE, A ESTUFA—PAYSAGEM DE S. PE-

DRO, ATÉ AOS MONTES — LUIZ D'ARAUJO, *bel-esprit* DO *chalet*, E DA SUA FELICIDADE EM IMITAR OS ANIMAES — O *chalet* POR FÓRA E O *chalet* POR DENTRO — BUGIGANGAS DO VESTIBULO, E BUGIGANGAS DO SALÃO — A SUMPTUOSIDADE DE CERTAS APPARENCIAS D'UMA MASCARA DE DESCONFORTO — TENDENCIAS DISSOLVENTES DO LUXO MODERNO — O LIVRO DE HOUGTON, SOBRE A INFLUENCIA DOS MILLIONARIOS NA RUINA DO MUNDO — O LUXO PELINTRA: EM PORTUGAL TODOS QUEREM PARECER AQUILLO QUE NÃO SÃO — O OPERARIO AO DOMINGO, A MULHERINHA DA RUA, O PEQUENO INDUSTRIAL, E O PEQUENO EMPREGADO — A MISERIA INTERNA DAS FAMILIAS, E EXIGENCIAS SUMPTUARIAS DA CONVIVENCIA E DO *rang* — TEIXEIRA DE VASCONCELLOS, MARQUEZ, E ANDRADE CORVO, AUCTOR DOS *Luziadas* — FAMILIAS NOBRES QUE EMPENHAM FOGÕES DE COSINHA, PARA COMPRAR VESTIDOS — DE COMO O BRIC-Á-BRACQUISMO É UMA EXPRESSÃO CHINFRIM DA SUMPTUOSIDADE — INFLUENCIA DA CASA NO HABITANTE, E PROSTITUIÇÃO LENTA DO CARACTER, POR VIA DO *bibelot* — *Bric-á-brac,* PREAMBULO DE LOUCURA — A SALPÊTRIÈRE REGORGITA D'ANTIGOS COLLECCIONADORES!

8 d'Agosto.

Houve um concurso de belleza, n'um dos ultimos dias, no Palacio de cristal do Porto, uma coiza que fica a oitenta leguas de Lisboa, e a paredes meias da civilisação. O Porto atravessa agora uma preoccupação de vida galante, que nem por figurinada das correspondencias de Monaco e Trouville, para o *Gil Blas* e para o *Echo de Paris,* empresta menos á terra classica da meia de linha um ar de pouca vergonha sadica, eminentemente *fin de siècle.* Até hoje, os certamens de belleza não passavam, como as exposições de ferros de lavoura e de chapeus de palha, d'um artificio commercial, tendo por fim metter á cara do transeunte artigos de negocio, e ir estimu-

lando pela concorrencia os productores, ensinando-lhes a regra pratica de, para vender mais, fabricarem melhor e mais barato.

Vae, generalisado á formosura feminina, nem por isso o truc do certamen tergiversa d'intuitos, commercialmente identicos, quaes sejam: metter as bellezas á cara de quem passa, e estimular os progenitores a produzir melhor e mais barato — para venderem mais.

Emquanto a coiza se passa nos dominios da belleza mercenaria, o certamen é logico, e mesmo interessante.

Mulher que faz restaurant da sua gentileza, e serve os encantos por lista, haverá que expôr-se e ganhar premios, por se fazer d'estarte uma roda de freguezes. No anno de 1864, houve no *passeio dos inglezes,* em Nice, uma eleição da mais formoza, a que foram *cocottes* de quazi toda a Europa, muitas das quaes distribuiam cartões com a sua photographia, nome, morada, e *un petit mot* de sollicitação ao voto dos forasteiros, que as mais desenvoltas promettiam premiar, no caso d'eleitas, em não sei que festa pagã, onde o *toilette* (insinuavam) consistiria todo nas graças... naturaes.

Depois d'este concurso de belleza, que ficou celebre pela rosa de diamantes que Napoleão III offereceu em publico a Georgette Hugard, dando assim sancção official á ovante prostituição do segundo imperio, outras festas eguaes tiveram curso, citando-se uma nas Tulherias, onde, a pretexto d'esmolar pobres, as mais bonitas actrizes e grandes damas de Paris venderam beijos a quem lh'os quiz pagar, de duzentos francos para cima, segundo os millimetros de lingua interessados na capciosa operação.

Áparte estes desmandos, filhos da excepcional satyriase d'uma monarchia dissoluta, liquidando em orgias, não consta, por mais que folheemos a chronica da galantaria e da caridade, que em canto algum da terra homens de bem se lembrassem d'enxovalhar senhoras honestas, interessando-lhes os nomes em loterias amorosas, n'um logar publico, a tanto por espectador, e com licença aos jornaes para estamparem os nomes e appellidos d'essas senhoras, involuntariamente incursas no certamen, e inteira liberdade ás boccas soezes para interferir no recato das familias, com todas as sortes de ribaldarias furrielescas.

O que eu venho de lêr nos jornaes portuenses, sobre *a eleição da mais formosa* do Palacio, é na realidade extravagante!

Nos cartazes collados em todas as esquinas, e reproduzidos nas secções d'espectaculo de todos os periodicos, logo após a invocação philantropica da festa, e do fogo de vistas *magnifico e extraordinario, expressamente composto pelo afamadissimo Decesas*, podia lêr-se em lettras de palmo

«CONCURSO DE BELLEZA

(ELEIÇÃO DA MAIS FORMOSA)

ENTRE AS DAMAS PORTUENSES

(O primeiro que se realisa em Portugal)»

acrescentando que S. M. a rainha dava um prémio, exactamente como em 1864 havia feito ao *demi-monde* de Nice o seu parente Napoleão. *(a)*

(a) *Os Debates* informaram que S. M., tendo primeiro accedido a proteger a festa do Palacio, com um brinde qualquer, conforme lhe fôra pedido, o não enviára á ultima hora, no que fez bem.

A estranheza da scena levára ao Porto, das provincias do norte, immensa gente, da mesma que offerece cyrios ao Senhor de Mattosinhos, e faz romarias de verdasco a N. S. do Sameiro: e assim forasteiros como naturaes, á meia noite d'esse domingo celebre de 20 de Julho, poderam assegurar-se do rezultado dos *bótos,* lendo n'um transparente o nome da candidata triumphante, e logrando assim resolver de prompto—nas horas d'estalar—as apostas pendentes da derrota ou da victoria da sua bella, ou fosse a *dama irreprehensivel* (para não citar aqui nomes das mais illustres senhoras do Porto, como os jornaes fizeram, com todas as lettras, e em typo gigantesco) ou fosse a *Léo* mysteriosa, ou emfim *la Regina,* que eu, pelos *a vuela pluma* do *Diario do Commercio,* não sei bem se é a snr.ª D. Amelia, se um charuto de pataco.

De roda ao concurso de belleza, projecto ainda, muitas edições de jornaes portuenses se consumiram a lhe exaltar a altura esthetica, e a fina mundaneidade que por elle se pre-

tendia instillar nos pacatissimos habitos da... sempre leal cidade. Os mais elegantes, promulgando o exotismo artistico do certamen, apodavam de *garrulagem cigarrenta* os que insistiam em lhe achar seu travo duvidoso. No *Diario do Commercio,* uma D. Branca de Macedo, passarinhando com doidejantes facecias sobre o caso, informava o chronista dos arrancos que a belleza tripeira dava aos dentes, por se apresentar na parada limpamente.

«... Uma pequena, minha conhecida, ouvindo discretear ácerca do concurso de belleza, e julgando que teria de mostrar os *incisivos* e os *caninos* para ser votada, anda ha mais de vinte dias a fazer barrela aos dentes com pasta de cereja, com magnesia purpurada, com pós dentrificos de proveniencia duvidósa, com elixir dos benedictinos, com carvão de não sei quê, com cinza de charuto, até!...»

concluindo *do seu furor pelo natural,* ou como quem dissesse, pelos dentes sujos. E o chronista bréjeiro, de lhe retrucar «que Deus o livrasse a elle de pensar que o amor de

Branca de Macedo pelo natural — angelito! — a levasse um dia a offerecer na praça de D. Pedro, em trajos d'uma naturalidade tocante... tocante até para o coração de bronze do immortal Dador.»

Sem ser de sobejo explicito sobre o que a dama poderia offerecer na praça de D. Pedro, o jornalista illucida comtudo o sufficiente p'ra se adivinhar que é prato fino, uma vez que até as estatuas tremelicariam nos soclos, de o cheirar.

E n'esta ordem d'ideias e anhelitos, numeros e numeros do *Diario do Commercio* vão, n'uma guerra de rosas, entre o chronista e a sua donzella Theodora, a ponto da gente se reportar á galantaria das côrtes d'amor, e de se persuadir, depois de muito lêr as cartas da D. Branca, que ella, pelos despejos da lingua, e janotices caixeiraes que patentea, nem seja uma princeza alada e musical, como a *D. Branca* d'Alfredo Keil, nem tam pouco uma abstracção de candidez virginea, pendente á lavradeira, como a Senhora a Branca, de Braga.

O verosimil é que esta donairosissima fidalga seja um cabo, a julgar pelo seu *tu cá, tu lá*, com os cosmeticos de barbeiro pobre.

Tam pouco das folhas portuenses, e de varias informações particulares, por nós havidas, colhemos que, durante ou depois do concurso, cavalheiro algum do Porto, parente ou defensor das damas enxovalhadas, sahisse a estadulhar publicamente os distribuidores de pomos á mais bella, coagindo-os a só renderem elogios a Helenas que lh'os peçam, e a intrometter a decencia em todas as remodelações do *flirt,* que de futuro viessem a tentar.

Paes e irmãos das meninas incursas na loteria, todos pareceram acquiescer, ao contrario do que se esperava, ao regabofe lascivo do Palacio, e dar concurso á arrematação dos encantos femininos de suas casas, com o bom humor de quem se gaba de ter na familia — d'aquella loiça.

É indecente! Com um bocadinho mais de tolerancia, chefes de familia portuenses haveriam consentido na festa a acção presencial das jovens senhoras, que periodicos como o *Diario do Commercio* arrebanharam por lista de dous physicos; e ainda com outro bocadinho mais, aos eleitores da mais formosa se concederia verificar por seu proprio palpar, antes do voto, a authenticidade d'encantos da sua da-

ma predilecta, seguindo talvez aquelle processo que o conselheiro Chamiço usava, para encontrar os rebuçados que fingia perder nas decotes das coristas da Trindade.

... e assim se vae o Porto dando a illusão d'um centro de delicias, com o seu Palacio de cristal e o seu afamadissimo Devesas, cantando missa nos altares das suas lavradeirinhas rubicundas, filhas do presunto e da nevoa, Adelinas Patti do *ai agora!*...

Brava gente.

Verdade seja tambem, que o concurso de belleza no Palacio fôra antecedido por uns toiros, na Serra do Pilar, e que, entre as apotheoses á belleza, e as toiradas, de ha muito grassa uma affinidade mythica, ideal. Sem duvida, é dizendo blandicias ás meninas cazadoiras, que se prepara na sombra o futuro maleficio cornigero dos maridos.

Desmorona-se o lar, mas deixem lá! ha que fazer nas fabricas de botões. Portanto, ó Porto, queres tu continuar a dar-te a illusão d'um centro de delicias, com o teu Palacio de cristal e o teu afamadissimo Devesas? Então canta, patife, vae cantando missa nos altares das tuas lavradeirinhas rubicundas, filhas do

presunto e da nevoa, Adelinas Patti do *ai agora!...*

9 d'Agosto.

No dia d'eu chegar a Cintra, havia pelas esquinas da villa e dos logarejos proximos uma multidão de cartazes vermelhos e amarellos, annunciando o leilão do chalet Sassetti, *com mobilia e todos os pertences d'uma casa de luxo,* que tudo seria adjudicado, convindo a offerta, á pessoa que offerecesse maior licitação.

O chalet Sassetti fica por detraz dos arvoredos da quinta que foi do marquez de Vianna, n'um regaço da serra de Santa Eufemia, fronteira a S. Pedro: e pela sua postura risonha entre as verduras, clarea na paysagem como um refugio de poeta sybarita, dando a miragem d'uma d'essas felicidades estudiosas e tranquillas, com que os artistas sonham, da primavera fóra até ao outono, para a gestação d'um livro delicado. Sem ar d'opulencia, nem accessorios tendentes a deslumbrar quem vae

na estrada, o seu aspecto é comtudo melhor que o d'um palacio, e o seu recato nas folhas cheira de longe a amor e a gostos raros.

Com esta illusão, pois, me metti, ao fim d'almoço, pelos caminhos ingremes que vão de Cintra ás rochas de S. Pedro, conseguindo topar, não sem trabalho, o pedregoso carreiro que leva aos cancellos do chalet. Cingindo a propriedade, vae um muro de pedras bojudas, ligadas a cimento, acompanhando as corcovas do caminho exterior, com os altos e baixos d'uma muralha de castello, por entre cujos crenels as trepadeiras penduram baldequinos.

A porta está patente, feita d'uma pernada de castanheiro que se crucifica, por grossos cravos de cabeças ponteagudas, sobre um esqueleto de hastes de ferro leves, e fazendo valer aqui e além o caprichoso enfibramento espiral de certos nós. Em frente, um *ting-ling* de fonte emboscada entre begonias; depois, coleando a rampa da plataforma sobre que assenta a casa, vejo-me n'um taboleiro de jardim, longo d'uns metros, transposto o qual, penetro no chalet. Como ainda é cedo, ha apenas tres ou quatro visitantes: razão porque o

guarda me diz, atirando ao semi-leque de penedia jacente á casa o braço arregaçado:

— Talvez v. queira vêr primeiro o parque...

Digo que sim, e elle, largando a bomba de regar, segue comigo por uns carreiritos de dois palmos, entre accumulados de pedras redondas, sotopostas em pilhas, como centos d'ovos, e entre cujos intersticios medram arbustos exoticos, plantas de folhagem de coral, pequenas arvores de compostura gracil, e á sombra d'estas, na terra negra dos microscopicos canteiros, todas as fragilidades da floricultura de salão, que odeia a luz, e só se ingurgita em humus escolhidos.

Giramos assim tres minutos de roda da mesma pyramide de calhaus, por todos os labyrintos do mesmo carreirito espiral, onde a areia estala sob os pés, vermelha, ardente, varrida a primor, sem uma folha, e d'uma e outra banda bordada com florinhas rasteiras d'alcatifa.

Aqui e alem, uma charca da vastidão d'uma bacia de barba tem dentro alguma planta marinha de folhagem macillenta, peixes pequeninos como agulhas, conchas e busios babosos de salsugem: ou é, n'um recanto de muro, um

caramanchel vestido de martyrios, rozeiras de toucar, vinha selvagem, a mirar, sobre a vereda exterior conduzente á serra, os transeuntes raros que seguem por alli. Em jardineiras de ferro, á sombra de boscagens d'acacias, mimosas, platanos anões, ha pyramides de vasos, cujas cabelleiras verdes fazem leques, orchideas, fetos, coleos, avencas, crysanthemos... depois, circumtornando a casa, pelo reverso que afronta os primeiros contrafortes da serra, entra-se de subito na estufa, que é longa, de vidros baixos, uma grande mèza ao centro, e ornada de fayanças, trepadeiras suspensas, pequenos moveis d'acaso, misulas com terracotas rebuscadas, quasi todas nuas e lascivas, a resahir, como outros tantos santos patronos do logar, d'entre verdadeiros nichos de folhagem tropical.

O ar d'essa estufa, sob o calor d'agosto, é verdadeiramente asphixiante, e com as emanações das plantas — como tudo é calafetado — erra ainda um bafor da antiga vida do chalet, feito de charutos queimados, licores da

Cartucha, pó d'arroz, noitadas de petroleo, e o quer que seja d'uma offegação d'alcova e jogatina.

Muito rogado, lá accede o guarda a abrir dois ou tres caixilhos de vidraça, porque se renove o ar n'um banho d'elegantes fedores, que peturbam a imaginação de não sei que reminiscencias dissolutas: quando subitamente, pela aberta das lucarnas, o meu olhar abarca o panorama do valle, desde a cazaria de S. Pedro até ao engaste das cordilheiras de Mafra e de Monsanto, no ceu d'ardosia clara d'um meio dia estival, de cuja sequiosa febre a cigarra marca o rythmo do pulso.

Por todos os detalhes do campo, é um socego! Toda a natureza á luz se queda em syncope, da sêde d'agua que ninguem lhe põe á bocca. Recolheram-se os passaros ás tocas, asphixiados de calor, nas ramarias em braza das terras baixas: o fumo das chaminés sóbe direito: o vento foi-se, ao rez da encosta esboroenta: sombras de nuvens perpassam de vagar, na luz fulva das terras, como wagons de lastro a caminho d'uma obra gigantesca; e da banda dos calvarios de Santa Eufemia, picados de pinheiros sem ramaria, como lanças

tendo na ponta esponjas, o *qual! qual!* dos corvos leva a minha attenção somnambula para as vitualhas d'algum repasto funebre, nos bosques.

Ser bello e forte como as arvores, e insensivel á dôr como os rochedos! Collaborar na grande obra, sem responsabilidades nem maguas assassinas! E em meio da minha absorpção, o guarda aponta, sem que eu o escute, no alpestre amphitheatro, algum pormenor digno de vèr.

Pela esquerda, lá longe, os terrenos alteam-se n'um tumulto dorsal de monstro azorragado, onde os torreões de Mafra riscam, como dois traços a lapis, n'um *gris perle* de ceu já sem frescura; os logarejos depois no valle e por sua ordem, a Igreja Nova, Chelleiros, Montelavar, Lourel e Granja, alvejantes na fimbria d'arvores d'um campo, sobre um outeiro, á beira d'um regato; e após, moinhos, quintas e malhadas; mais perto, á esquerda, um bocado de Cintra que a projecção da serra não devora; té que afinal, no primeiro plano, assenta a casaria de S. Pedro, com os chalets sem gosto, as ocres dos muros, o lezardento dos taludes resvalando ao sorvedoiro de des-

penhadeiros adivinhaveis, por aqui por além a derrocada magnifica das velhas quintas senhoriaes, ponteagudas de cedros e araucarias, entestadas de cancellos com brazões, a melhor das quaes, a do marquez de Vallada, pousa a sua mancha d'arvores, n'um mysterio de floresta impenetravel.

Attento o meu mutismo, e porque não consiga adivinhar nos bolsos da minha flanella branca a grossa carteira recheada d'um comprador ricaço, o guarda tudo é provocar comigo uma palestra d'acaso, por onde a sua esperteza de saloio infira dos meus teres. E vendo-me um livro na mão — o truc do livro, de todos os litteraticos em villegiatura — tenta dizer, para me ajudar, que o snr. Luiz d'Araujo vinha jantar a casa do patrão, todos os dias.

— Sim, era o poeta da casa. E estava bem. Nem todos os sybaritas de Cintra podem escripturar assim Catullos de mór folego. Quando se janta de borla, a poesia deve rastejar pelo ideal poetico de quem paga.

— Era meio pandego! O patrão não podia passar sem elle. O bem que aquillo imitava, com sua licença, os *alimaes*...

—Hereditariedade.

—Agora ao certo, v. ex.ª vem para comprar?

—Podéra não. Esta estufa servia sem duvida ao proprietario, de casa do jantar...

—Servia de tudo. De dia, refeitorio e sala de leitura, jogatina de noite, e mesmo, sala de concerto.

—Tocava-se aqui muito?

—Hum! o bastante para fazer gozar os amadores. Vamos á casa.

O chalet tem quatro frentes, tres de tijollo, em listas transversaes d'azul, vermelho e branco. Dois pavimentos apenas, o terreo, e um superior, cujas janellas parte interceptam, em especies de mansardas ponteagudas, a inclinatura pronunciada do telhado. No pavimento terreo, aos lados d'um pequenino vestibulo, fica da banda esquerda um escriptoriosito d'alguns palmos, e da direita uma sala, com janellas para duas faces da residencia, e saluda á estufa, por via d'um guarda-vento redondo de vidraça, cujo coroamento se

prende aos relevos do balcão de pedra da janella sobranceira.

Na decoração exterior, detalhes baratos, mas pictorescos: persianas miudas nas janellas do rez do chão, pinturas d'arabesco branco na bandeira das vidraças, rendas de madeira e estuque nas mansardas, e por toda a parte esse ar *coquet*, leviano, vaporoso de mysterio, que põe n'uma aguarella glauca um rodopio de tinta hilariante. A entrada no vestibulo dá uma impressão d'oratorio e casa de penhores; mas é galante, com rebuscados d'arte um pouco Pexe, curiosissima *quand même*, e quasi apotheotica da extravagante religião de que aquella casa parece haver sido o sanctuario. Paredes e tecto são d'um verniz luzente, em salmão pallido, com *baguettes* de troncos que fazem o circuito dos *panneaux*, n'um enlaçado em relevo, verde d'agua, que lhe conserva os nós e os remoinhos. Esta guarnição ligeira, ao chegar por cima das portas, complica-se, formando-lhe não só o coroamento, como tambem a galeria dos reposteiros que toucam os portaes, em apanhados de theatro, e toda a sorte de franjas, morangos e borlas de côr viva. Ha um fogão no fundo, guarne-

cido com talha de capella, um *écran* japonez com algas e caniços, n'um setim ceu de luar, onde cegonhas meditam, como deusas: e de cada banda, os ferros proprios, uma tenaz de cabo cinzelado, a pá de lançar carvão, toda arrendada de monstros e guerreiros, e o guarda cinza emfim, de cuja bordadura esturge o evohé d'uma ronda de guapos caçadores. Sobre o fogão, um relogio de bronze com duas figuras de jaspe: serpentinas dos lados; e d'ahi para cima, vestindo paredes, enchendo misulas, debordando dos pequenos consoles e jardineiras de pés salomonicos, toda uma collecção de *bibelots* disparatados, authenticos e falsos, ricos e réles, taças da China, pires de Sévres, estatuetas, esmaltes, em estojos de velludo, em cavalletes de metal, em bandejas, molduras, maquinetas — decoração cancerosa de bazar de commissões, bric-á-brac de casa sem governo, que faz guarda loiça da antecamara, e alastra pelas peças intimas uma exotia polychroma de pormenores que lhe promovam ressurreições nos nervos lassos.

De toda esta extravagancia, de certo luxo, nos ninhos que pretendem restituir jactancio-

samente o temperamento artistico do passaro rezidente, um detalhe me attrahe, pela estranheza: é um lustre feito d'uma figurinha de santa, sem duvida colhida n'algum altar d'igreja profanada, de cujas roupas sahe, por detraz, uma armação de gamo, onde os galhos teem bobeches cheios de velas. Aquillo cahe do tecto, com o seu *pied-de-nez* d'entre cornifero e beato, canalha e pomposo, interceptando as *œillades* que se fazem dois ratões de bigode, photographados em paredes fronteiras, com umas caras vagas de poetas d'album e de moços de barbeiro, circumdados ambos de pires e chavenas, como na vitrine das casas de chá e d'objectos de xarão.

Pela direita, a sala é uma boceta asphixiante de calor, de perfumes antigos, de flores murchas, em cujo ambito como que arrotam reminiscencias de coisas inexplicaveis e inquietantes, e cujos moveis teem, não sei porquê, de nitidos e frescos, um ar de quebreira languida que obriga a espreguiçar quem por li entra.

As cadeiras são baixas, exoticas, com marcenarias grossas onde os detalhes jungem o *épatant* ao *beau marché*. Ha uma *tenture* de

persa nas paredes, còr de sangue de boi, que a penumbra resvala á còr da lingua dos typhicos, e arabescada d'ornatos pequeninos. Por baixo, o rodapé tem retabulos de carvalho, a dois tons de verniz, sombrio tambem, e com filetes doirados na orla de sulcos finos, os quaes fazem sahir a esquadria do oiro n'uma agilidade doce de valores. Nenhuma observancia d'estylos, na generalidade ornamental da residencia. É por toda a parte uma salgalhada d'objectos afinados segundo as raridades clownicas da pupilla que alli os pòz, uma aravia de formas cutilantes, d'ornatos nevroticos, qual mais tendente a acirrar a loucura do *bibelot dans les prix doux*. E nas misulas dos muros, as mesmas estatuetasinhas rechonchudas, os mesmos quadros de marinhas e de montanhas loiras e diaphanas — a meio palmo — as enormes majolicas falsas em estojos de cedro trabalhado, os mesmos tremós de linhas ethicas e elegantes, engrinaldados de rosas e folhagens, pousando os pés de cabra com mimo, na alcatifa, cheios de verdadeiras feiras de bonequinhos de Sévres, de relogios de Saxe, serpentinas Imperio, *bonbonniéres* e tabaqueiras.

Passa-se da sala á casa de jantar por uma portaria interior, vedada de sanefas. Duas janellas sobre o... *parque*, em vidros de côres, mettidos em caixilhos de chumbo. O encerado a xadrez, de restaurant vulgar, está recomido em torno da meza p'los sapatorros grossos dos creados: aparadores vulgares, guarda-pratas peores; e está n'um canto uma magnifica fonte do Rato, de mascarões e golfinhos, aurillammados d'azues e amarellos suaves, mas em cuja concha poisa uma hedionda pucara de 5 reis. Do outro lado, á esquerda do vestibulo, escriptorio e cosinhas; e por cima de tudo, a casa de banho, e dois quartos de dormir. A decoração não muda nunca.

No pavimento de baixo, que os convidados praticam, a sumptuosidade asexual que vimos no salão, e que tanto caracterisa actualmente os interiores dos burguezes ricos, como as *chaumières* dos artistas pobres, sendo por isso commoda ás illusões sumptuarias de todos os *parvenus* de meia tijella. No pavimento de cima, uma completa ausencia de luxo e de conforto, uma despida geral da *maquillage* scenica com que se deslumbra as visitas, na sala de recepção. E' á vista d'estes aposentos re-

servados que o observador deve historiar o lisboeta; ahi que moram os penates do desgoverno, do mau gosto e da falta de roupa branca, da mór parte das familias, cujos grandes senhores gastam trez contos, tendo apenas um de rendimento. Os habitos sociaes, que tudo sacrificam hoje á representação, desguarneceram a vida do solido bem estar que outr'ora virilisava a nossa raça: a familia, como o Estado, vive de calotes, sendo vulgar que os fidalgos de sangue, por vasarem na rua a sumptuosidade das equipagens, falsifiquem assignaturas como *escrocs*, e levem ao Montepio os *trousseaux* das filhas noivas, e os faqueiros de prata com que os soberanos lhes haviam presenteado os bisavós.

Porque, detenhamo'-nos um instante n'este ponto. A caça ao oiro, pelos processos illicitos que grassam no mundo actualmente sob a egide politica dos partidos, não representa só a extorsão implacavel d'uns certos, sobre o trabalho da grande massa, senão que destroe no espirito d'esta os liames que prendiam a

familia á tradicção de simplicidade e da honra antiga. Nada mais dissolvente do que formidaveis capitaes em poucas mãos, e nada odioso como o espectaculo dos prazeres dos grandes, no espirito d'uma multidão votada a labutar para comer.

Não é de hoje nem de hontem que a opinião publica se inquieta d'esses milhões escorregados do patrimonio dos povos, para o erario dos grandes argentarios. A republica e a ordem social correm perigo perante a cupidez de certos syndicatos poderosos, manejando a seu talante os jornaes e os ministerios, dirigidos por *escrocs* tão lucidos na arte do ganho, como impudentes na de corromper e d'opprimir. No livro de Hougton *Certain dangerous tendencies in American life,* publicado em Boston, o anno passado, formula-se com uma vingativa nitidez o libello accusatorio d'estes miseraveis reis do oiro, polvos horriveis, cujos tentaculos se abraçam ao tronco das nações, espremendo-as do succo aurifero das suas industrias e terras, e batendo moeda sem escrupulo, sobre todas as situações e sobre todas as crises. Com as provas na mão, Hougton desvenda a maçonaria infame em

que esses ricos se ordenam, para a escravidão perpetua do homem. Sejam elles judeus ou sejam christãos, vivam longe ou vivam perto, todos, por uma telegraphia despotica que tem por alphabeto as cotações de fundos de todas as praças do mundo, combinam entre si cerco ás gentes, com um fracasso de machinas que amanhã dão bancarota a este Estado, no outro dia cobrem o emprestimo d'aquelle, depois fazem mover chancellarias, e logo conflagrar exercitos, destruir industrias, sociedades, tradicções, mundos inteiros... E vehemente, o pamphletario, ao resumir as aspirações actuaes da classe obreira, reclama a suppressão dos syndicatos financeiros, o estabelecimento d'uma taxa progressiva sobre o rendimento, e limitativa quanto á cifra da fortuna, a interdicção á posse de terras, e finalmente a cohibição severa do luxo «como attentatorio da dignidade do pobre, e suggestivo e impulsor de todas as sortes de resválos e descaminhos.»

Entre nós, seja dito, não ha perigo de que o luxo vá esbofetear a magestade das classes soffredoras. As doutrinas dos socialistas allemães, que se exasperaram no solo yankee, em

Portugal apenas servem no palavrear vadio dos enterros civis e dos comicios. Os argentarios são poucos, e as fortunas subitas e mysteriosas, só agora começam. De sorte que a ostentação reduz-se a casos esporadicos, e não exacerba classes onde a falta d'inquerito se allia e casa bem co'a falta d'odio. Nós temos a miseria fatalista, e não costumamos pedir contas d'ella senão a N. Senhor. Nunca em Lisbôa succedeu, por exemplo, que o agente de negocios d'um governo tivesse os vidros da carruagem em estilhaços, no dia em que os jornaes provaram ao povo que esse agente de negocios era um gatuno. E contentamo'-nos com tudo! O ministro, que tendo extorquido ao paiz quinhentos contos nas luvas d'uma contracta, veste trinta creanças de riscadinho da fabrica Daupias, no seu jardim, faz-nos positivamente chorar d'enternecimento. Que bella alma! diremos todos na esteira do malandro.

Contradicção inexplicavel! Quanto mais a egualdade se faz na lei, e se esparge nas instituições a democracia, tanto mais os homens procuram exceder as condições do seu nivel, e sotopôr a modestia real da sua existencia a uma illusão de grandezas e a uma aristocra-

cia fingida de porte, que é o mais grotesco caracteristico dos costumes contemporaneos.

Ascende-se na escala, e cada vez mais vivas as desproporções entre as leis de familia e as leis da convivencia, entre as exigencias da sumptuaria exterior e os desmazellos intimos de vida, entre os recursos e os gastos, o *haver* e o *deve*. A mercieira da esquina aspira a fazer de sua filha uma madama. O lavrador do campo, em vez d'educar os filhos no fetichismo da charrua, desadora os encantos da sua dymnastia agricola, e cil-o preparando engenheiros pessimos, e burocratas enfézados.

Pelo que respeita á imitação, o caso é outro, e do operario ao monarcha, o catitismo é a propendencia natural.

Nas ruas, por exemplo, o operario, envergonhando-se da blusa, procura imitar o patrão nos modos e no vestuario.

Somos o unico paiz do mundo onde o servente de pedreiro se passeia ao domingo, em chapeu alto, e a filha do escripturario, de 240$000 réis, se offerece o primor de saias de setim. Simples engommadeiras e mulheres de pequenos empregados, abandonam o percale dos vestidinhos baratos, e apparecem nas

lojas embonecadas como senhoras, entre pregas d'estofos que a industria falsifica de côres que o sol devora, e de padrões que macaqueam a estampagem preciosa das sedas e dos velludos. Dêem uma vista d'olhos pelas residencias do operario e do pequeno empregado de Lisbôa. Uma porcaria ignobil nos quartos, as arcas sem roupa, o pé de meia sem economias. Intimamente, as familias comem carapau, usam piugas rotas, deixam a pequenada lazar d'escrofula e d'immundicie. Mas quasi todos tem *a sua sala,* e andainas da moda com que disfarçar em publico a sua condição modestissima de vida.

Especialmente nas cidades, o trem de vida complicou-se d'exigencias ruinosas.

Só a casa d'aluguel, n'uma rua nova, leva metade das rendas annuaes de moradores como sejam: o chefe de repartição, o pequeno industrial e o pequeno proprietario. Os mais leves serviços domesticos desdobram-se por uma quantidade de funccionarios especiaes: é a ama de leite e a ama secca, a cosinheira e o creado de meza, a mulher dos quartos, a costureira, a cavallariça, o cocheiro, e d'ahi para cima, todo o superfluo luxo de pessoal

inherente á educação dos filhos, e ao desgoverno apathico das esposas, desde a dama de companhia, até á mestra de harpa e á professora estrangeira polyglotta. Acrescente-se a isto as contas da modista, a verba dos theatros, dos bailes, das subscripções e das festas de caridade, todos os crescendos de despeza resultantes da emulação feminina, do desejo de cazar os filhos, de fazer figura em sociedade—e venha-se a concluir alfim, que por não haver numerario em cofre, com que provêr pinguememente a tanta coisa, algumas precisões de menos evidencia hajam que sacrificar-se a outras de simples arruido facticio e espalhafato.

Poucos teem o orgulho do seu logar e do seu nome, e quasi todos fazem por se attribuir as prerogativas do posto immediato, e de irem macaqueando em publico os superiores. Teixeira de Vasconcellos, homem de talento, espirito positivo e reflectido, sempre que lhe acontecia ir ao estrangeiro em missão do governo, fazia-se passar por lá como um antiquissimo fidalgo: e eu sei do ourives que lhe punha nas carteiras monogrammas encimados por uma corôa de marquez! An-

drade Corvo, a quando ministro nosso em Paris, assignava *Corvo de Camoens,* o que, dada a ignorancia franceza pelas coizas de fóra, alguma vez promoveu a auctor dos *Luziadas* o anodyno fabulista d'*Um anno na côrte.*

Por occasião de casar o snr. D. Carlos, grande numero de familias da côrte foram obrigadas a enviar ao prégo mobilias e talheres, por acudir á sua propria representação decoral na cerimonia; e detalhe horrivel! cinco casas illustres empenharam mesmo os fogões de cosinha, o que deixa suppôr que todas vivessem, n'esses dias de caudas e de plumas, do menu de bacalhau com grelos da taberna proxima.

Porém, não é só pelos lados da economia e da moral que esta superfectação do luxo é deleteria.

Alguns imbecis a mais na penuria, alguns caloteiros a mais na falcatrua, tudo isto seria, no golpe de vista geral da vida portugueza, simplesmente um detalhe dramatico, mais pictoresco do que lastimavel. Mas é que nos paizes pobres e imaginativos, o phrenesi de

brilhar leva o consummidor e o productor á sophisticação de tudo. E isto é medonho! Não me occuparei já das fraudes havidas por banda do productor, taes como a falsificação de moveis d'arte, onde o pinho de Flandres procura dar-se a *coupure* da ebenesteria dos grandes seculos: taes como a falsificação d'estofos, onde o cretone e a juta copiam o padrão dos densos e caros tecidos dos moveis capitonados e dos reposteiros de luxo: taes como a falsificação da lavrantaria d'arte, onde o cristofle arremeda a baixella de Germain, e os talheres de Cheret e Joubert, ourives de *Sa majesté la reine*—e tudo isto para que o consummidor logre intrujar-nos com umas apparencias de vida sumptuaria, para a qual lhe não chega o dinheiro nem tam pouco a educação. Quero apenas frizar as fraudes do gosto, a especie d'ataxia esthetica que essa paixão do luxo traz ao proprietario, achinfrinada pela falta de dinheiro, e da qual nasceu para as residencias mediocres a preoccupação da bugiganga como motivo ornamental, de que o chalet Sassetti é entre nós o Trianon modelo.

A elegancia, que nos verdadeiros palacios consta d'adornos serios, moveis d'estylo puro,

quadros authenticos—coizas nobremente suggestivas e bellas, de cujo convivio brota essa obra d'intelligencia e de graça que se chama o homem do mundo, e de que a Europa offerece ainda alguns modelos—ao amesquinhar-se na copia, ao reduzir o pé direito das salas, o ambito das galerias, a materia prima dos objectos, a sobriedade sabia dos conjunctos, descamba na *garçonnière,* onde tudo é cartonagem, no delirio do cáco pintado, onde tudo é feira da ladra e chinezice. O que é afinal de contas o *bric-á-brac?* O decadismo na arte da casa, a armadilha ao gozo da pupilla, por via do *exquis* de contrabando, que tira ao espirito a possibilidade do interesse pela obra d'arte sã, e pela obra prima absoluta. Imaginem o sermão do dandysmo, prégado por um falso mundano, d'uma cadeira gothica imitada pelo Barreira! Com o seu ar sem nexo, de bocadinho, e de peça inacabada, o *bric-á-brac* é a imagem das hesitações e das desfallencias que sahem á estrada do homem moderno, castrando-o para todas as sexualidades viris da vida forte. Mercê d'esses accumulados de formas macabras, d'esses microcosmos de polychromia dubia e de factura *preciosa,* que in-

vadiram a habitação moderna, desde a cosinha até á cama, a vida d'interior deixou de ser um calmante contra as excitações de fóra, e tende ao exaspero continuo das sensações que desarranjam a medulla, e vão feminilisando o homem até aos limites d'uma liquidação formal da energia physica e da intelligencia.

A casa fez-se assim sitio suspeito, tendente ao cuté da comborça, e ao beatismo fraste da capella jesuitica. Impossivel ter ideias lucidas, raciocinios serenos, funcções masculas, e tendencias honestas! A alcova onde o ar asphixia de perfumes, onde tudo são rendas e colchas móllemente esparsas, onde o sobreceu do leito é uma pintura obscena, e todos os moveis provocam posturas anti-naturaes, nunca poderá vêr gestar amores honestos, nascerem creanças robustas, e insensivelmente eil-a descamba n'um logar de prostituição e de debóxe. O gabinete d'estudo, onde chavenas partidas se alternam com monstros japonezes, e ventarolas de plumas coroam tropheus d'academias d'actrizes e d'espadas velhas, fechado ao sol por *vitraux* de gelatina, atabafado de reposteiros e d'alcatifas, com falsas pelles, Bou-

les falsos, *fauteuils* estofados com dorsos de cazulas e capas d'asperges — em vez de levar os problemas da leitura á percepção cristallographica, em vez de fazer convergir a ideia aos bicos da penna, limpida e facil, em vez de ser a cela d'um espirito contra o diluvio crescente da tolice humana, bem ao contrario, é um logar de pezadello, um camarim de suggestão malsinante, convidando aos *agapes* mornos da preguiça, e talvez extinguido, n'um periodo indefenido, o angelus de honra, pela continua acção das suas turporosas influencias.

Por cada seis bric-á-bracquistas profissionaes, um só tem saude: o resto dyspepticos, impulsivos, e castrados.

Não raras vezes a paixão do *bibelot* é um aviso de liquidação de raça, e um primeiro alarme de loucura. Já o dr. Charcot tinha dito:

— A Salpêtrière regorgita d'antigos collecionadores.

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,

D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 12—21 de Agosto de 1890

SUMMARIO

O CHOLERA EM HESPANHA, E BARAFUNDA DE LAZARETOS E DE TROPAS NA FRONTEIRA — PARA QUE HA UMA ADMINISTRAÇÃO MILITAR?— A HESPANHA ALIMENTANDO O CORDÃO SANITARIO — SALVO-CONDUCTOS A OITO TOSTÕES, E CONTRABANDO — COMO O NOSSO GOVERNO INTERPRETA A THEORIA DOS CONTAGIOS — DOIS CONDES IMMUNES, E PROVIDENCIAS A TOMAR — A TRAGEDIA DE SETIAES E SENSIBILIDADE INDIGENA PARA OS DESASTRES RICOS — CARPIDEIRAS DE RUA E DE JORNAES — DESASTRE DE CAMPOLIDE, E MORTE DE TRES HOMENS,

EM PLENA INDIFFERENÇA DA POLICIA, DA MEDICINA E DA OPINIÃO — ENTRE O FRANZINO HERMAN E O CAVADOR D'ENXADA — PERFIL D'UM PARIA, HONESTIDADE INSOLITA, E DOZE HORAS DE TRABALHO POR UM CRUZADO — VIDA POBRE, E DE COMO A SOCIEDADE EXPLORA OS ESFAIMADOS — COMEDIA ELEGANTE AO DE REDOR DE QUATRO PERNAS PARTIDAS — PHRASE DA RAINHA PARA VIR PUBLICADA NOS JORNAES — A DESGRAÇA DOS MOSERS, A CORAGEM DOS MOSERS, A AFFLICÇÃO DOS MOSERS, OS CARROS DOS MOSERS, OS JANTARES DOS MOSERS, E OS CONTOS DE REIS DOS MOSERS! — CADAVERES AO SOL, E DIFFICULDADES DE LHES FAZER CHEGAR UMA MACA, UM MEDICO, E UM POLICIA — CONSTERNAÇÃO DE CERTO CAVALHEIRO, SEGUIDA DE DESCOMPOSTURA, E PHRASES BIBLICAS — Sueltos A QUATRO GROTESCOS — A PROPOSTA DO SNR. ANTONIO DE SERPA SOBRE OS FONTES — SIGNIFICAÇÃO DA ESTATUA, NOS ARRAIAES REGENERADORES — AUTOPSIA D'UM ESTADISTA: FONTES PARLAMENTAR, HOMEM D'ESTADO, E FINANCEIRO — DA INFLUENCIA DO SEU PROCESSO NA SOCIEDADE E NA POLITICA.

15 d'Agosto,

Attenta a marcha vertiginosa do cholera hespanhol, direito a nós, cuidou a junta de saude fazer-lhe face, pondo na fronteira uma linha d'atiradores d'arma engatilhada e lingua fóra—precisamente o que a junta de guerra teria feito, nos casos d'uma invasão estrangeira, á mão armada.

N'este proposito pois, foram deslocados dos quarteis todos os regimentos d'infanteria do paiz, e se mandou prover á construcção de lazaretos e campos militares, onde os viajantes sejam retidos, e onde bivaque a soldadesca, em quanto o cholera lhe não péga nas tripas, e se não serve d'ella como d'um rastilho, para contaminar as populações portugue-

zas da raia, e vir depois, n'um vagalhão de diarrhea e gomito, por cima de cadaveres e de dobres de sinos, até ao mar.

A organisação d'aquelles serviços preventivos, lazaretos e cordão sanitario, dispendiosa de muitas centenas de contos, e d'uma efficacia que meia medicina se tem recusado sempre a admittir, achava-se pouco mais ou menos nos seguintes transes, trinta dias depois de decretada. No lazareto d'Elvas faltavam completamente os desinfectantes e os fumigadores. O de Castello de Vide não estava ainda concluido. Os mais não existiam. Pelo que respeita ao cordão, quem seguisse a linha fronteiriça, encontrava-lhe soluções de continuidade a cada instante: e além do kilometro tal, a raia aberta e consentindo todas as especies d'invasões, o que invalidava por completo os trabalhos de defeza anterior.

Como a administração militar não estivesse para massadas, no respeitante á alimentação da tropa incursa no serviço sanitario, distribuira-se por ordem superior uma diaria de 300 réis, a cada praça—cifra enorme e esperdiçante!—com permissão aos galuchos d'arranjarem comida onde muito bem lhes pare-

cesse. Ora, como no *interland* da fronteira portugueza escaceiam totalmente as provisões (pois salvo alguns pontos, tudo é restolho e charneca, do Guadiana á Beira Baixa) e como tam pouco alguem, até aquella data, aventasse a ideia d'uma cooperativa de bivac, que permittisse ás tropas a compra de provisões por companhias, acontecia que as praças, atazanadas pela fome, eram a cada momento distrahidas do serviço, para descer aos povos de Hespanha á cata de papança. Manhãs e tardes, sabendo da penuria em que estavam, vinham dos povoados hespanhoes verdadeiros ranchos de vendilhões e vendilhonas, contrabandistas, ciganos, a mercandejar co'a soldadesca, com quem privavam horas e horas, té lhe haverem impingido a mercadoria, fechado os olhos para a passagem do contrabando, ou arrancado, a razão de 800 réis por cabeça, o salvo-conducto que permitte aos fugitivos de procedencia cholerica, o passarem lestamente para o nosso lado. De modo que a ser verdade o decimo do *que se cuenta*, cordão sanitario e lazaretos não passam d'uma formalidade apenas exterior de prevenção, que sobre o horror de nos ir a custar milhares de contos, inda

por cima tende a apressar a chegada da epidemia, visto o demorado contacto, quotidianamente havido entre os nossos e os de Castella, como expuz; e isto tudo economicamente agravado pelas percas consideraveis da fazenda publica, mercê do contrabando infrene que os soldados do cordão deixam fazer.

Perguntaremos agora: o governo tem por acaso alguma fé nas medidas preventivas que decretou? É pelos lazaretos, ou é contra? Entende que o *bacillus* virgula se debelle a tiro, como as narcejas, ou recusa-se a acreditar na eficacia da pontaria ao microbio, com espingardas Kropashek? Queira escolher! Mas sendo contra, para que se resolveu então a adoptar o plano prevensor da junta de saude? E sendo a favor, para que fez violar estupidamente a policia do cordão, consentindo na entrada do snr. conde Burnay e do snr. conde Magalhães — a despeito da retensão de vintenas e vintenas d'outros viajantes — e mandando que estes dois nobres, e suas bagagens, transpozessem a guita sanitaria, sem mais quarentena ou fumigação previa do que a simples ordem ministerial?

Porque enfim, o snr. Burnay está mais preparado do que ninguem, a se ingurgitar de

bacillus virgulas. Por duas razões. Primeira, por ser o topa a tudo. Segunda, por nunca ter trazido a este paiz nada de bom. Não será muito pois que os delegados de saude tratem d'isolal-o. No Limoeiro...

16 d'Agosto.

Na manhã do dia em que os fidalgos *de* Moser se escangalhavam por uma barreira de Cintra, mercê da falta de mão de redea (que como disse o picador do conde, só póde ter, quem andou de carruagem na barriga da mãe) aconteceu desabar para os sitios de Campolide uma barreira, sob cujo salão ficaram tres trabalhadores, todos com filhos e mulher, corajosos, honestos, e ignorados — dois logo mortos, e o ultimo deslocado por forma a não poder dar mais um passo, sem muletas.

A nova do desastre do caminho de Seteais — que ameaçou podar do armorial do reino uma das suas genealogias mais illustres — levou de Lisbôa a Cintra centenas de condolencias, estas pessoaes, com bilhetes d'ida e volta, con-

stantes aquellas de telegrammas e bilhetes de visita, que todas sommadas ás das villegiaturas de Cintra, Cascaes, immediações do Porto, e d'outros remotos pontos, lograram interpôr, no hospital de sangue em que subitamente se transformara o palacio dos condes Moser, um pouco d'esse allivio moral, que traz á dôr, a vaidade humana satisfeita. Todos os pormenores de que uma catastrophe é susceptivel para conquistar a emoção d'intimos e estranhos, parece que o destino accumulou de roda do *mail-coach* Moser, em termos de d'alguma forma haver querido metamorphosear a angustia dos feridos, em prestes apotheose de convalescentes.

Não era só a estimabilidade da familia fracturada no caminho de Cintra, a abundancia dos seus jantares, a natureza mundana das suas relações, a desinvolta rapidez da sua fortuna, que concorriam a dramatisar passionalmente o interesse de todos, ao redor de tamanha desgraça. É certo ter-se observado que, quer se tracte de pobres, quer de ricos, em geral é-se muito mais sympathico com uma perna partida, do que com uma perna inteira, e que o interesse acresce universalmen-

te, se em vez d'uma, a pessoa tem a felicidade rara de partir—as duas. Mas quando a affectividade publica se eleva ao cumulo, é assentando em pessoa d'evidencia o desastre que a motiva; porque então, ao côro de lastimas que os amigos e os intimos entoam, vem ajuntar-se os da grossa massa sem fim dos especuladores de noticias, dos syndicateiros de relações, dos papa-jantares e dos *badauds*. Ha por toda a parte uns *parvenus* sem relações, constantemente á espreita d'um lucto celebre, p'ra insinuarem o seu pezame na antecamara das familias anojadas, na mira d'um agradecimento, que lhes traga em paga, um principio de convivio. Ha por toda a parte janotas sem carro, gastronomos sem cosinheiro, e grandes damas sem salão, que nunca desaproveitam a primeira occasião de subirem, por via da lisonja, ás almofadas d'um *landeau* bem posto, de se fazerem convidar ás delicias d'um jantar ou d'um pic-nic, e d'arranjarem fauteuil enfim n'um *five-ó-clock*, em casa d'argentarios. Excentrico a este circulo, outros mais comicos ainda, e mais pelintras, avolumando a jeremiada. É o *emotivo* de rua, que vive em geral a vida dos outros, e que todos os desas-

tres ricos boquiabrem, comtanto que isso lhe dê popularidade, na mercearia ou no barbeiro. É o reporter das pequenas folhas, especie de bolastreira que vem entrevistar á escada a creadagem, e recoltar no fundo dos bispótes, o *fait-divers* que lhe dê côr local ao noticiario. É finalmente o povinho, ingenuo sempre, insensivel ás miserias da sua classe, e não querendo vêr nas desgraças de cima, a especie de satisfação que a Providencia lhe dá, razoirando á sua vista ricos e pobres, por egualisal-os todos ao mesmo nivel das suas cégas reprezalias.

Apeados de todas as consagrações da riqueza e da elegancia, sem carros de luxo monogrammados de lettras com corôas, sem esposas vestidas de sêda e cobertas de renda, sem mestras estrangeiras para as filhas, sem casas confortaveis, sem mezas de jantar convidativas, os tres miseraveis de Campolide faliam de todas as prendas que attrahem sobre nós o olhar do publico, e lá pereceram como bestas, sem ninguem lhe aspergir a cóva d'uma pouca d'essa condolencia lyrica que é uso ati-

rar, mesmo desfibrada d'interesse—ás desgraças que não valem esmola de mór folego. O mais velho contava trinta e seis annos — casado e pae de sete filhos — e encontraram-no debaixo da barreira, n'um estado horroroso de pintar: fracturas multiplas nos ossos do craneo, as articulações dos femures deslocadas, a bocca cheia de terra, as carnes rotas e sangrentas em bastos sitios dos membros e do tronco, e ambas as mãos enclavinhadas na ancia asphixica dos ultimos instantes, n'uma attitude demoniaca d'exaspero, impossivel d'olhar sem calafrios.

Informando-me pelos companheiros de trabalho, da sua biographia, achei este homem infinitamente mais interessante do que o franzino Herman—o que no dizer dos jornaes, abocou a corneta do *mail-coach*. É engeitado, e logo aos dez annos, morta a mulher que lhe servira de mãe, ahi ficou sem casa nem carinho, a passar a noite nas pedreiras, a pisar a terra descalço, a comer pão secco, e a não ter quem lhe arremendasse a camisola. Tudo quanto na terra, o egoismo dos homens e das coisas inventa para agredir a infancia abandonada, tudo elle soffreu! Aos dezaseis annos,

enrijado por uma existencia rude, d'ar livre, trabalho, e vida pura, fulvo do sol, encoirado na pelle pelo convivio dos misteres brutaes da besta de carga, não devendo á sociedade uma dentada de pão que não tivesse pago, e sem amigos, nem bens, nem casa de morar, tendo passado a adolescencia entre maltas d'enxada, migradoras d'obra em obra, apenas cupidas no ganho, e chammejantes d'um só desejo, o oiro, embora d'outrem, o meu rapazolla encontrou uma vez sobre uma pilha de taboas do Aterro, um pequeno sacco de dinheiro, que se verificou depois serem libras e notas esquecidas por um cobrador da companhia do Gaz, n'aquelle ponto. É natural que o achado, n'aquelle sitio, sem testemunhas nem móres perigos d'inquerito ao passaro d'arribação que lhe lançasse as unhas, fosse de guiza a puir a honestidade d'um banqueiro, mal fizera a d'um paria affeito aos maus exemplos, e debatendo-se, na edade em que o homem é garrido por indole, no desconsolo supremo de nunca haver sido senhor d'um fato novo. O pobre diabo entretanto, depois de vacillar se não seria crime pôr mãos nas bosseladuras d'aquelle thesouro, aventurou-se a to-

car-lhe, levando-o com terror, nas duas mãos muito affastadas do tronco, ao posto alfandegario do caes... e supplicava a tremer, que o revistessem, não se cuidasse depois elle tinha roubado alguma coisa!

O seu officio consistia em cavar terra e britar pedra, porque em razão de não poder pagar os dois annos d'aprendizagem, nenhum carpinteiro ou pedreiro quizera tomal-o por ajudante. Até aos 14 annos, deram-lhe os empreiteiros dois tostões, por cada dez ou doze horas de trabalho. D'ahi para cima, quatrocentos réis, até aos 20: e foi só na força maxima da vida que o pobre diabo conseguiu topar cinco tostões! Todos conhecem o viver do trabalhador do campo e das cidades. Como durante o inverno o trabalho afalcòa, por causa das chuvas que espapaçam as terras, e das obras de construcção que os empreiteiros todos reservam, salvo casos especiaes, para o tempo secco, acontece que o cavador, grande parte d'esses mezes não trabalha, e haverá que rilhar, nas suas desguarnecidas mansardas, a codea por acaso forrada aos mezes fartos. Validos e fecundos quasi todos (porque a carcaça é o unico capital de que dispõem)

á volta do trabalho, apagada a luz na alcova frigida, a sua unica distracção é a mulher. Os filhos são o imposto que oneram então o miseravel, d'essa pequena delicia permittida á sua penuria, e eil-os brotando-lhe em ninhadas, do leito, com outras tantas boccas que mais agravam a fome, já dolorosa de soffrer n'um estomago só. Das suas relações com a sociedade, aufere elle apenas uma exploração continua e feroz da sua bolsa e do seu trabalho, a beneficio das classes preponderantes.

É o padre a vender-lhe as aguas do baptismo, a benção de noivado, a sagrada particula, e os responsos na cova derradeira. É o proprietario a diminuir-lhe os salarios quanto póde, o preguista a emprestar-lhe dinheiro com juro duplo, o mercieiro e o padeiro a envenenarem-no, o administrador do concelho a monteal-o com destino á recruta, o agente eleitoral a embail-o, e o ministro e o rei a sanccionarem todas estas extorsões miserrimas, com o manietarem-lhe as mãos, na hora do ajuste de contas, com o imergirem-lhe a rasão cada vez mais, nas trevas da ignorancia, e o sobrecarregarem-nos d'impostos, que a ladroagem politica usufroe cynicamente em todas as

especies d'orgias, refoçilada na infamia até aos gorgomillos!

Comparo agora a gracilidade franzina do joven Herman, e a tão fallada coragem risonha do joven Carlos: os toilettes de seda da mãe e da filha, e a dentadura postiça da preceptora: o desespero por certo nobre do conde, e a offegação d'interesse do snr. Fernando Palha, a receber as visitas, *eploré,* como uma governante antiga e dedicada: as coscovilhices dos reporters, a pompa thronicia do *mail-coach,* e finalmente o semi-circulo de marquezas e de princezas, que o photographo Rocchini foi chamado a estampar, fazendo fios para os feridos, na antecamara do palacio *de* Moser (fios que logo por desgraça não eram proprios d'aquelles pensos) comparo todos estes accidentes da elegante cachexia de pessoas ricas, da desolação sincera, e do madamismo escamoteador de successos romanticos — com a validez herculea dos meus dois mortos, os seus farrapos sangrentos, os seus craneos rudemente quebrados — com a simplicidade he-

roica do sobrevivente, a sorrir á familia, n'uma immensa resignação christanissima, que faria chorar, se olhos tivessem, as duas pernas que os cirurgiães lhe acabavam d'amputar pela virilha, e que alli estavam ainda, n'um taboleiro de sala do hospital — comparo ainda aquellas maguas *miévres,* quazi antipathicas á custa de fazerem trabalhar o telegrapho e d'invadirem os jornaes com lettras gigantescas, a esta furiosa e irreparavel dòr das vinte e nove pessoas que compunham a familia dos meus tres operarios, mulheres e creanças, farrapos e pés descalços, cabellos nos olhos e gemidos, prostituição e miseria no horisonte, a expulsão da casa ao findar do semestre, a fome e o abandono, e nem Fernando Palha á porta, nem jornaes, nem *badauds,* nem subscripções, nem fios, nem bòas palavras! Por mais que eu faça então para gemer com a cidade, as dòres dos Mosers, e achar sublime a palavra da snr.ª D. Amelia, que anda agora escripturada para dizer phrases de 5.º acto por casa das visinhas, Deus me perdòe, mas falseia-me a paciencia, e mesmo prestando culto aos que soffrem, não posso deixar de dizer que n'essa tragedia de Cintra, a parte nobre evolou-se,

mercê das escamoteações em que os *snobs* a espremeram.

Certo, eu já disse, quem quebra as pernas é muito mais captivante á platea, do quem as não quebra. Mas não é uma razão para cães e gatos produzirem as victimas em publico, como phenomenos, e apotheotisarem os Carlos como Nelsons, e os Hermans como senhores sacramentados. Mesmo admittida a sua estimabilidade, as suas relações, a sua riqueza, esses cavalheiros não passam afinal d'umas ociosidades com meias de seda, d'uns carneiritos brancos de luxo, syntheticos de nenhum principio, e symbolisantes de nenhuma actividade. Á familia real impressionou mais este lance, do que a morte de S. M. o rei D. Luiz. A imprensa, com estas escoriações de queixos e fracturas de tibias, clangorou duzentas vezes mais panegyricos, do que os despendidos ainda ha mez e meio em seguir á tumba os restos do mais illustre escriptor portuguez do nosso tempo.

Quer isto dizer que os jornaes sejam inspirados antes pelos Mosers do que pelos Camillos, e que os guarda-portões costumem em geral ser cortezes, na proporção da gorgeta que

recebem. Oh, ter dinheiro! Medicos e amigos, lagrimas e pensos, missas votivas e congratulações de toda a parte, nada ha que não concorra a nos suavisar os descarrilamentos: de sorte que até faz gosto escangalhar-se uma pessoa, só para a pechincha das manifestações estridulas, e dos carinhos eventuaes.

O snr. conde Moser, que ouço ser uma pessoa intelligente, retrograde vinte annos da sua vida, e recomponha, se lh'o consente o orgulho, o que haveria sido a parte decorativa do seu desastre, n'um periodo em que s. ex.ª, pedestre, e não tendo ainda offerecido ao snr. Marianno de Carvalho o famoso lunch do claustro da Batalha, em pouco mais sobreexcedia a importancia social dos meus tres operarios de Campolide.

... Casualmente adreguei de passar pela saibreira esmoronada, á hora de lhe tirarem de baixo o ultimo cadaver. Fôra uma estopada medonha para achar cavadores que accedessem a vir arrancar dos escombros as tres victimas, a sobrevivente das quaes esteve tres horas aos gritos, com as pernas esmagadas sob uns pedregulhos, primeiro que alguma alma compassiva adviesse.

Expostos os corpos, outras tres horas para encontrar maca onde conduzir o vivo ao hospital, e cerca de nove para vêr chegar enfim o pessoal de justiça e de saude, sem que não poderiam remover-se os mortos para o seu destino. Pelas 4 ou 5 da tarde, hora em que já o telegrapho innundára Lisboa da noticia das cinco pernas Moser fracturadas, com outras tantas costellas e queixaes, passou pela estrada jacente á saibreira um carro descoberto, dentro de cuja concha esbofava um cavalheiro, pallido e convulso, que sabendo-me periodista parou p'ra me dar conta da afflicção que o esbodegava. Se eu já sabia da catastrophe? Disse que sim, e o homem muito surprezo da minha placidez, ia-me contar da impressão que a nova lhe fizera.

—Imagine você, conhecidos de pequenos... Eu nem jantei! e vou-me a Cintra acompanhar aquella infeliz familia... Em que jornal escreve agora?

Sem retrucar, levei-o ao covão onde os dois mortos inchavam ao calor do sol, com ampolas d'espuma crepitante na bocca e ventas, furiosamente mordidas de varejeiras.

—Aquelle maior tem sete filhos, e nove o

atarracado, e o terceiro que se foi n'uma maca, com os ossos das pernas em razuras, estava egualmente carregado de familia. Setenta annos de trabalho sem lucro, e de subalternidade sem revolta, eis ahi a biographia d'estes pulhas!

Ha oito horas que estamos aqui á espera d'um delegado de saude e d'um policia. Para estes não ha telegrapho, nem fios, nem comboios expressos. Os jornaes não terão espaço amanhã, para contar a Lisboa o seu divino terminus: serão columnas e columnas de Mosers, com a descripção do carro e da trombeta, a lista das visitas, e a côr do pús dos paxes retirados.

E o cavalheiro:—se isto são umas bestas! Quem é que se põe agora a cavar debaixo das barreiras?

—Se lá estavam os cinco tostões de que cada um necessitava para matar a fome, e pagar as luvas das contractas com que se compram palacios e *mail-coach!* No desastre de Cintra ha algum perigo de vida immediato?

—Não, bom Deus, espero que não.

—E v. ex.ª era ao menos parente, intimo amigo, ou relação sequer dos victimados?

—Sim, um pouco; cumprimentavamo'-nos...

—Conclua então que a sua magua por Cintra é torpissima, expluindo paralellamente á sua indifferenca, por Campolide.

—Valha-me Deus! mas reflicta você, isto são homens ordinarios.

—Extraordinarissimos, perdão. Elles representam na familia humana os irmãos maldictos, e tendo por seu lado a força, que podia e devia insurgir-se contra a expoliação de quem nos desherda, o mais que fazem é usar ainda d'ella a beneficio dos seus irmãos algozes. A biblia é synthetica, e Cain quando escorchou Abel, lá tinha as suas razões. Ah ricos! até quebrais as pernas para roubar aos filhos da fome o necrologio a que o martyrio tem direito!...

17 d'Agosto.

O Commercio de Chaves:

«... no trajecto de Vidago para Chaves, os homens que andavam nas malhadas appro-

ximavam-se da estrada em ceroulas e camisa, conforme andavam, para vèr o snr. ministro da justiça. Na povoação de Bobeda, um d'estes serviçaes, logo que deparou com o cortejo dos carros, ajoelhou e esteve de mãos postas...»

Commentario: com as ceroulas abotoadas?

—Por um lapso telegraphico, confundiu a Europa um instante o rei de Hespanha, com uma cadella. Que descredito—para a cadella!

—Conde, o snr. Henrique de Macedo. O governo deu-lhe o titulo, mas foi o snr. Ferreira d'Almeida quem forneceu o brazão.

—Luiz Filippe Egualdade.

A semana passada, estando os reis em Cintra, necessitou o pintor Sousa Pinto d'ir ao palacio de Belem, tocar os accessorios do retrato real que está fazendo, para a sala do municipio do Porto. Como um d'aquelles accessorios fosse a corôa, pediu o artista que lhe trouxessem o original. Procuraram a corôa.

Impossivel d'encontrar a corôa! Quando o

particular de serviço teve a ideia de a ir procurar á *nursery* do paço. Mas voltava d'alli a nada, atrapalhado, a dizer ao pintor que tornasse ao outro dia.

—Porquanto a corôa não se achava por agora, em estado de servir.

—Se é por ter as pedras preciosas no prégo, lá isso, pinto-as de côr, allegava bondosamente o retratista. E o particular, cada vez mais confuso:

—É que S. A. o principe real, apanhando-se á solta, conseguiu emborcar a corôa de seu augusto pae, entre dois banquinhos de pés, como um vaso de noite, e fui dar com elle a... despejar-se-lhe dentro.

19 de Agosto.

N'uma das ultimas sessões dos deputados, apresentou o snr. Antonio de Serpa á camara um projecto de lei, subscripto por correligionarios e amigos seus, no qual se pedia veto para duas poucas vergonhas meritissimas — saccar dos cofres 15 contos de reis para uma

estatua ao Fontes, e pensionar com 1:200$000 reis uma senhora marqueza, irmã do fallecido. Para fulminar a cedencia dos 15 contos para a estatua, além da inferiorissima estofa politica do estatuado, concorreriam mais o atrazo em que está o paiz no saldar de dividas similares a heroes portuguezes e grandes cidadãos—o esgotamento completo do thesouro, que paga 20.000:000$000 de reis de juros annuaes, e nem sequer dispõe de quatro libras para pagar em dia aos boletineiros do telegrapho—e finalmente o facto de Fontes ter já na estação central seu monumento, escavado em pedra tão facilmente delivel como a sua memoria.

Quanto á pensão annual do conto e duzentos, desculpavel seria pedil-a o snr. Antonio de Serpa para uma senhora em difficeis tramites de passadio, e que para manter a inteireza do nome illustre que assigna, carecesse absolutamente d'esmolar—caso este que se não dá, attento o facto de ser a dama mãe d'um opulentissimo cavalheiro, que só conseguiu ser rico á sombra do tio, tanto cabe dizer, pela benevolencia da nação.

Ignoro ainda se S. Bento acquiesceu no desperdicio metallico que se lhe pretendia ex-

torquir, e que as mesmas cinzas de Fontes haveriam recusado, se fallar podessem; mas como veja nos jornaes uma subscripção aberta para a levantadura do bronze regenerador —que é antes reclame ao partido, do que homenagem ao estadista morto—folhearei um pouco a historia, a vêr se o homem vale a estatua, mesmo mal feita, e se será possivel extrahir d'este alquilador de bachareis verbosos, quando mais não seja o espirito d'um—vice-immortal. Bem sei que a estatua não faz galvanisar do pó reputações immerecidas, e que um boneco a mais ou um boneco a menos, não deterá os Herodotos futuros nos seus autos de fé de todos os mediocres içados á gloria, em burlescas viagens d'ida e volta. Se me detenho pois a considerar o proposito dos regeneradores, é simplesmente pelo meu muito amor aos 15 contos, e pelo receio de que bronzeado o Fontes hoje, saiam ámanhã propostas novas p'ra se coroarem chafarizes e comúas publicas, cóm as efigies do Lopo Vaz e do Hintze, do Barjona e do Arroyo, e por hi fóra, descendo, até á patacaria somenos do partido...

Ora, sendo os regeneradores um partido de corrupção e veniaga, como todos os que fazem andar a atafona monarchica, não dóe suppôr que elles, pondo o Fontes em bronze, cuidem fazer a apotheose da sua propria igreja, e tentem forçar pelo reclame da estatua, a repugnancia da opinião que os trucida a cada passo. Tal chefe morto é bem o santo patrono de tal grupo, entre cujos adeptos a memoria d'elle logico é que seja veneranda, e careça d'um altar na praça publica. Mas deve o paiz genuflectir por esse facto, ante a figura rigida e banal do D. Magnifico? É sopezar-lhe a biographia politica, desde a sua trazida á mão por D. Maria Kruz, no salão da Rua Formosa, desde o seu discipulado com Rodrigo (o desprezo revestindo a forma cynica do escarneo) até aos debutes praticos do seu san-simonismo economico, na primeira pasta da fazenda que geriu.

Com a sua cara de cavallo angulosa, energica sem belleza, impassivel sem profundidade: com a sua eloquencia redonda e phraseada, que só pretendia chocar pelo calor da dicção, e persuadir pelo inspirativo da apostrophe, ás vezes prudhommesca, raro estu-

diosa e analytica, do assumpto — Fontes, o primeiro da geração mandante que succedeu á de Rodrigo, e teve por aguias litteratos falhos como Antonio de Serpa, e Corvo, jurisconsultos rabulas como Martens Ferrão, e mercieiros prudentes como o duque d'Avila, não deveu a chefatura senão a qualidades exteriores. Em 56, exaltando os caminhos de ferro, expôz uma vez ao parlamento, este projecto «... snr. presidente, se fosse possivel passar uma lei para que a nação portugueza viajasse tres mezes, estavamos salvos!» o qual, applicado em panacea depois, aos inimigos incommodos, e aos correligionarios descontentes, todos sabem em quantos milhares de contos tem defraudado o paiz, nos ultimos trinta annos. D'uma chateza pomposa, deveu triumphos politicos, primeiro ao medalhão correcto, como o duque de Loulé, e em seguida ao mutismo impassivel, que nas occasiões solemnes impingia por grandeza de vistas, como o snr. Hintze Ribeiro, o que realmente não passava d'ignorancia manhosa, e consciente mediocridade. Oliveira Martins chama-lhe o Antony da viação a vapor. E bem merece a phrase, quem tinha d'estas «acima

do cavallo da deligencia está o tramway, acima d'este a locomotiva, e acima de tudo... o progresso!» Ha resquicios d'este conceito, na obra parlamentar de todos os partidarios que elle deixou. Chagas deriva d'elle, como jornalista de combate; Hintze colheu d'elle o melhor da sua sophistica, p'ra negociar com o *Foreign-Office* as nossas complicações coloniaes: Arroyo deve-lhe toda a sua tonitroante eloquencia! Esta oratoria á Simões d'Almeida e á Luiz de Judicibus podia entretanto conter uma obra d'intenção e de reforma, posta a premissa de serem os estadistas d'acção, por via de regra, uns oradores bastante contestaveis. Mas não conteve! Economicamente, devemos-lhe um terrivel principio.

Foi Fontes quem fixou entre nós a douctrina que de a divida publica se não paga, e de que os Estados são tanto mais ricos, quanto maiores dividas teem. D'esta administração assim ponto-vistada sahiu o stygma infame que hoje nos peza, — o paiz do calote — e que ainda ha tres mezes os correctores francezes (ou portuguezes) do emprestimo D. Miguel, passearam nos boulevards de Paris, em letreiros colossaes, aos hombros de *voyous* d'azul

e branco, tendo pintado no peito o brazão de Portugal. Desde a sua entrada no governo, o paiz que Silva Carvalho (especie de percursor do Marianno, na arte de fazer dinheiro de tudo) afizera ao emprestimo, em vèz d'um, começou a negociar por anno, dois, promulgando que a terra maninha, a industria cachetica, e a educação e a politica mendicantes, só poderiam reviver sob uma chuva de libras sterlinas. Essa chuva uma vèz começada, prestes degenerou em diluvio, e hypotecando-nos tudo ás mãos do agio britannico, colonias, metropole, industrias, terras, futuro e vidas, pôz-nos de rastros a beber supplicantes as féses do Tamisa, que o saxão nos esguicha á cara, em premio do aviltamento em que nos traz.

Ponha-se a cifra dos milhões esparsos, de 57 até agora, a par dos melhoramentos p'ra que elles foram negociados, e ver-se-ha que só um decimo d'aquelle oiro convergiu a obras uteis e visiveis, ficando sepulto o resto em orgias e corruptellas de côrte e de partido. Calcula um jornalista illustre da imprensa republicana, que os emprestimos dos primeiros vinte annos do regimen fontista, houvessem deixado para mais de cento e oitenta mil con-

tos entre mãos de ministros e d'especuladores, afóra o mais em que a permanencia nefasta do systhema tem sangrado a nação, té nossos dias. Foi pessoalmente honesto, *mas consentia;* e se morreu em cama de mogno, deixa a parentella em moveis de brocado. Da sua influencia moral, não se discute. E' o papá Abrahão de todos os modernos canalhas portuguezes, porque os funestissimos principios que applicou á vida de governo, vieram resvalando, escudados pela sua influencia, ovantes de crapula, ao sanctuario de cada alma, e ao moradio privado de cada cidadão.

Foi elle que inventou a phrase—*mas que quer elle?*—especie de gazúa destinada a abrir os fundos falsos de todos os puritanismos ruidosos, e que a maruja de longe ao cynismo perverso de Rodrigo da Fonseca, seu mestre. Devem-se-lhe estradas e caminhos de ferro, mas que arruinaram o paiz, esperdiçando milhões por mãos manchadas. Deve-se-lhe o decreto de 52, que abolindo o principio da amortisação, substitue a renda ao systhema d'emprestimos temporarios, o que sendo uma medida sabia, prestes tergiversou a maldicta, pelo delirio de gastos que trouxe aos governantes.

Na sua obra tudo é transitorio, ephemero quazi, e tres annos volvidos sobre a sua morte, o bem não lembra, tão passageiro foi, e só subsistem na sociedade portugueza dois cancros, pegados d'elle: os seus discipulos, e os seus exemplos. Querem agora levantar-lhe uma estatua. Se a estatua pretende ser uma apothese em nome da nação, alto lá! Fontes não a merece, e o parlamento não póde canonisar com dinheiros do povo, um falso immortal que não fez senão precipitar-lhe a decadencia.

Se a estatua é uma apotheose em familia, recuse-lhe ainda a Camara Municipal um poiso em via publica, e os regeneradores que se cotisam para se darem o prazer d'um Fontes bronzeo, adquiram paralellamente um quintal onde exhibir em boneco, o seu heroe. Escrevam-lhe no pedestal a legenda que Oliveira Martins lhe consagrou no *Portugal Contemporaneo*.«subiu levantado n'um castello de palavras, mantem-se n'um trapesio d'embustes» unica que lhe serve; e assim facultando ao publico o monumento, nos dias de grande gala do partido, confirmareis, senhores fontistas, a definição d'estatua que vos deixo:

—Ourinol de cães, e pasmaceira de vadios.

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,

D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 13—30 de Agosto de 1890

SUMMARIO

O TRATADO ANGLO-LUSO, E DELIMITAÇÃO DO NOVO MOÇAMBIQUE—O QUE NOS LEVAM E O QUE NOS FICA—CORDÃO UMBILICAL INGLEZ PARA LIGAR ENTRE SI, D'EMPRESTIMO, AS DUAS AFRICAS—460:000 KILOMETROS QUADRADOS DE TERRA CEDIDOS AOS INGLEZES!—ENFEUDAÇÃO DE TODA A AFRICA PORTUGUEZA Á INGLATERRA—IRONIAS FADISTAS DO SNR. BARJONA DE FREITAS, CAVALLEIRO DO BANHO—A ARBITRAGEM [illegible]TUDO—ABDICAR EM AFRICA É MORRER—A [illegible]OCHA MONARCHICA E SEU PAPEL DO NOSSO ENVILECIMENTO—O SNR. HINTZE RIBEI-

RO, CIGANO E MAU LADRÃO — PATRIOTAS QUE PÔEM E TIRAM CRÉPES — O QUE NA REDEMPÇÃO DOS POVOS SEJA A BERRATA DAS RUAS — PORTUGAL AFRICANISTA, DE COMO NEM OS MINISTROS SABEM DE QUE SE TRACTA — A LIVRARIA AFRICANISTA DE PORTUGAL, E IMPOSSIBILIDADE DE TORNAR INTERESSANTES, QUESTÕES QUE SE NÃO CONHECEM — O QUE OS GOVERNOS TEEM FEITO PELAS COLONIAS — EDUCAÇÃO COLONIAL: AS ESCOLAS, O ESPIRITO GERAL, A OPINIÃO — COMO SE COMMENTA O TRATADO ANGLO-LUSO — EXPRESSÃO RETHORICA DO PATRIOTISMO, E NECESSIDADE DE PÔR COBRO A ARLEQUINADAS — OS CRÉPES NA ESTATUA DE CAMÕES, E PATRIOTISMO DO POETA — ABRAM OS GUARDA-CHUVAS, MEUS SENHORES!

23 d'Agosto.

Com o tratado anglo-luso, que o snr. Hintze levou seis mezes a negociar com Salisbury, por intermedio do *diestro* Barjona, o dominio portuguez na Africa Oriental fica restricto a uma facha de terra, com approximadamente a configuração d'uma bota de mosqueteiro, que tivesse por cano os districtos de Cabo Delgado, de Moçambique, d'Angóche e de Quilimane; por *talon rouge,* dois pequenos restos dos vastissimos districtos de Tete e Zumbo; por calcanhar o districto de Manica; por peito e gaspea o districto d'Inhambane e o de Sofála; e finalmente por biqueira, Lourenço Marques. A opulentissima possessão onde por mais de tres seculos gastámos dinheiro e vidas, esforços, viagens, sangue, heroicidades—

que a audacia d'antigos e modernos capitães portuguezes encheu de legendas guerreiras — e que os nossos governadores crivaram de padrões, desde o litoral, até aos areaes do Kalahari, e aos vales auriferos da Matabellia e de Kitungula — a opulentissima possessão encolhe pois, por esse tratado de 20 d'agosto, a metade d'aquillo que o direito historico e a recente occupação militar e civil devera garantir-nos, e a talvez menos d'um terço d'aquelle incommensuravel imperio, que uma hora de sonho ambicioso nos fizera antever, de costa a costa, no chamado *mappa côr de rosa*. A Inglaterra, que ao centro d'Africa pouco tinha, e d'esse pouco, menos ainda provido da occupação e da colonisação que Portugal espalhou trezentos annos, desde a bahia de Tungue até ao reino de Maputo, trezentas ou quatrocentas leguas abaixo; a Inglaterra interferindo na nossa vida interna de potencia, constituiu-se em especie de suzerana despotica de todo o continente negro, e descascando as terras ferteis do interior, dos baldios pantanosos da costa, deixou-nos estes, arrecadando para si o resto, sem outros titulos a mais que o seu egoismo e o seu descáro.

Circumscrevendo então sobre o mappa o que da antiga possessão moçambicana nos fica, e traçando a linha fronteiriça que do interior extrema, contra o mar, os territorios que a Inglaterra houve por bem deixar-nos, veremos aquella linha metter para dentro das nossas possessões toda a região do Cabo Delgado, desde a foz do Rovuma, ao norte (limite que já os allemães nos tinham concedido) até ao Nyassa; dar-nos a porção de margem oriental do lago, que vae da ilha de Chasamala, approximadamente, ao paralello 13,30 (ponto onde começam as estações britannicas marginaes do Nyassa, até M'ponda, na margem sul); divergir d'ahi ao lago Chinta, seguir a cordilheira perto, ao Chirua, a cuja margem oriental se cola, levando-nos de Quilimane os campos de Blantyre, isto é, toda a riquissima zona que vae entre M'ponda, Blantyre, um confluente oriental do Ruo, e para occidente, os montes Chirombi, Gutambo e Salumbidua.

Da confluencia do Ruo com o rio Chire, a linha fronteiriça descreve para o interior uma especie de parabola, seguindo a margem sul do Zambeze, até dar de roda de Zumbo

uma volta de dez milhas de raio, ao fim do que volta de novo obliquamente á intercepção do districto de Tete com Manica, aonde pouco mais ou menos o paralello 16 encontra o meridiano 31. Esta parabola, que faz o tacão da bota que lhes disse, tem por fim os seguintes latrocinios: deixar-nos, desde a povoação de Tete, á de Zumbo, apenas a margem sul do Zambeze, ficando toda a margem norte britannica—cortar o nosso antigo districto de Tete, quasi do tamanho da Hespanha, em tres porções, deixando-nos a central apenas (um cincoenta-ávos da extensão total) a menos rica e a menos fertil, reservando á Inglaterra todos os vales uberrimos, todos os jazigos auriferos, todos os oasis e todas as florestas, d'esse prodigioso e magico paiz—e finalmente *inglezar* o Zumbo todo, uma região maior que Tete, milhares e milhares de kilometros, com sub-solos auriferos, cursos d'agua magnificos, terras sem par, deixando aos portuguezes, os descobridores, os colonisadores, os occupadores militares e civis do districto, a ironia d'um dominiosito, constante d'uma dezena de leguas quadradas, apenas.

Do meridiano 31, a linha fronteiriça desce

até ao ponto em que o rio Mazôe corta o meridiano 33, perto da povoação de Manica, e das ruinas d'um nosso antigo forte. D'aqui resvala, obliquando-se, até ao paralello 18,30, latitude sul, seguindo este ao Machette, affuente do rio Save, e d'este á sua confluencia c'o Lunde, e d'ahi á ponta nordeste de Lourenço Marques, onde passa o Bembe, ou rio dos Crocodillos. Esta porção de fronteira é por egual extorcionaria, como a anterior, pois entrega á Inglaterra um terço do nosso florentissimo districto de Manica, metade do districto de Sofala, e toda a Machonia, causa do *ultimatum* de janeiro. Tocando a fronteira de Lourenço Marques, acompanha-a (melhor fôra que levasse tambem este bocado!) doando-nos além um filetesinho da porção do paiz dos Amatongas que a arbitragem de Mac-Mahon deixára ao protectorado inglez, e que ha poucos mezes ainda enviou a Lisboa uma embaixada, pedindo inclusão nos estados de Portugal. Nas possessões orientaes, as espheras d'influencia ingleza e portugueza limitam-se pelos talwegs do Zambeze e do Kabompo. Entretanto o tratado não prefixa, por velhacaria ingleza, ás nossas possessões d'Africa occiden-

tal, limite algum para o interior, nem faz um esforço—como premio de consolação do muito em que nos defrauda—para nos assegurar o protectorado do Muatayanvo, territorio vasto que faz o *interland* d'Angola e de Benguella, sobre que ha annos exercemos protectorado, que segundo a douctrina anglo-allemã do *interland* nos pertence de direito, que apparece em todos os livros e em todos os mappas, como nosso, mas que a Belgica cubiça, de parceria co'a Allemanha, nossa visinha ao sul de Mossamedes, e ella mesma paredes meias c'o poderoso regulo, nosso protegido!

Mais. Para ligar entre si as duas Africas portuguezas, os inglezes concedem-nos, a titulo de graça, uma fita de vinte milhas ao norte do Zambeze, em *territorio inglez,* p'ra vias ferreas, estradas e telegraphos, isto em precurso que os entendidos declaram impossivel para o fim; mas exigem-nos em troca a concessão d'uma fita ao sul do rio, onde construir um caminho de ferro inglez, em territorio nosso, e que partido da confluencia do Cobe, vá terminar em Tete, para vasar ou receber no Zambeze, as suas mercadorias.

De 1.200:000 kilometros quadrados que antes de 11 de janeiro contava (para não citar senão territorios onde a soberania portugueza jamais levantou duvidas) a provincia de Moçambique fica pois reduzida a 740:000, escolhidos entre os mais magros e os menos populosos.

Nos 460:000 kilometros quadrados de terras que os inglezes nos roubam — cinco vèzes a area de Portugal—escolhidas a dedo por engenheiros e eruditissimos viajantes, desde muito lançados pelo governo de Londres, á sondagem do novo imperio inglez do centro d'Africa, vão incluidos dominios com occupação portugueza secular, e tão sollicita quanto o permittiram a distancia, e a turbulenta vida das tribus que os habitavam. Entram no roubo muitos dos prezos da corôa que o marquez de Pombal estatuiu com leis especiaes, tendentes a europeanisar a colonisação d'aquelles pontos, districtos ou pedaços de districtos, como o de Manica, que ha muitos annos teem organisação civil e militar bem estabelecida, feitorias e campos que negociantes e agricultores

portuguezes fundaram e arrotearam a preço de sacrificios; e ossuarios de soldados e heroes portuguezes, que por simples gloria, ou por cubiça, bateram na funesta terra negra, as tribus barbaras, tanto monta escocezas como indigenas, pondo a bandeira da patria a tremular nas pirogas dos rios, da crista das montanhas, e nos tectos de colmo das aringas.

Entretanto a expoliação material seria o menos, se a terra que nos fica fosse livre e só nossa, e nós d'ella senhores para n'ella mandar sem prestar contas. Mas por infamia, nem isso! O tratado que parte ao meio a provincia de Moçambique, dando á Inglaterra o quinhão gordo, deixa o restante a abeberar para que o inglez mais tarde o apanhe, quando Portugal se tenha arruinado a lhe abrir estradas e telegraphos, a lhe navegabilisar os rios, a lhe enxugar os pantanos, e a lhe amollecer as tribus mais ferozes. É ver as clausulas que n'esse horrivel documento estabelecem a chamada *reciprocidade de concessões,* p'ra se advir na conclusão de que melhor teria sido entregar tudo.

Ahi tudo é armadilhado a fazer de prompto a prosperidade do colono inglez, á cus-

ta d'uma vertiginosa derrocada portugueza em Moçambique. É o inglez quem góza, nós quem pagamos. Navegação por lagos e canaes, rios e portos, inteiramente livre ás duas nações. Commercio livre, sem taxas differenciaes ou quaesquer onus que vão além d'uma esportula exiguissima, *que a Inglaterra julgue bastante* ao costeio do pessoal administrativo, e á suppressão da escravatura.

O imposto de transito sobre importação ou exportação ingleza, do littoral á fronteira, nunca excedente a 3 %. Livre ao commercio de todo o mundo, Zambeze, Chire, e seus afluentes. Nenhum tratamento differencial para mercadorias inglezas, embarcações, ou quaesquer vehiculos inglezes que possam percorrer o Zambeze, afluentes, canaes, e bem assim todas as estradas, caminhos, vias ferreas, etc., que nós construamos para facilitar a circulação dos nossos dedicados cooperadores, e sobre os quaes nunca poderemos cobrar taxas, nem portagens, nem direitos de transito, além do que fôr conveniente, e *que a Inglaterra fixará, pela arbitragem—caso Portugal exorbite.*

Entretanto o estendal das concessões não pára aqui, e a prosa do snr. Barjona empres-

ta sublinhados fadistas a algumas, por fórma a ellas inda por cima soarem escarninhamente aos nossos ouvidos. «*A pedido do governo de S. M. britannica,* concederá o governo de S. M. fidelissima, a uma companhia ingleza, o arrendamento de dez acres de terra, na embocadura do Chinde (um confluente da foz do Zambeze) por cem annos, simplesmente para... trasbordos commerciaes.» Isto é nada menos do que um porto franco inglez destinado a arruinar Quilimane, por cujo rio se faz hoje todo o trafego da Zambezia. «... *no interesse das duas potencias,* concederá Portugal as faculdades necessarias para o melhoramento das vias de communicação entre a esphera d'influencia ingleza, e a bahia de Pungue, mandando proceder aos estudos para a construcção d'um caminho de ferro, de Pungue á fronteira ingleza. (Trezentos e tantos kilometros de linha, ou sejam 6:000 contos de réis de dispendio). Estes estudos começarão quatro mezes além do convenio approvado, e Portugal fará a construcção, apenas o traçado lhe seja presente.» De contrario, a Inglaterra tomar-ihe-ha contas «... de contrario fica estipulado que se formará uma companhia mixta, com dire-

ctores portuguezes e inglezes, etc., etc.» E por ultimo esta «em todos os territorios africanos d'uma e d'outra potencia, liberdade religiosa de culto e ensino.»

Para quaesquer casos de duvida ou de litigio, a arbitragem lá está á espreita, ensaiada na sombra pela intriga ingleza, permanente, odiosa, com o seu stygma de denuncia e de castigo, para nos obrigar a pagar as indemnisações que a Inglaterra quizer, a arredondar as cedencias que ella inda não tenha julgado bastantes, e para permittir que ella possa dar enfim ás suas injurias, a fórma de sentença condemnatoria, a que só se retruca odedecendo, obedecendo, obedecendo!

Comprehendem o intuito de toda esta trama traiçoeira e deprimente?

A Inglaterra, senhora da melhor zona mineira e vegetal do centro d'Africa, e da mais poderosa industria commercial do centro da Europa; a Inglaterra a mais rica, a mais nautica, a mais expansiva e a mais ardilosa belfurinheira de todo o mundo — ella que até dos seus missionarios faz contrabandistas de polvora e d'aguardente, e *commis-voyageurs* d'algodões dos seus doutores Livingstone — a Ingla-

terra circula de graça nas nossas terras, fixa ella mesma o que nos quer pagar por se servir dos nossos portos, dos nossos caminhos de ferro, dos nossos canaes; e contando com a nossa pobreza, com a nossa expansão colonial vagarosissima, com a inferioridade dos nossos productos, e com a falta de numerario e a falta d'iniciativa dos nossos commerciantes, assegura-se pelo tratado o monopolio de toda a futura actividade africana, do Egypto ao Cabo, d'Angola a Moçambique, forçando-nos assim a presencear-lhe os triumphos, em terras onde nós pômos a meza, e ella se ceva, e onde sob a dureza do seu egoismo, estaremos prestes, d'enxada ao hombro, manilhados á arbitragem, á espera de que ella queira um canal novo, de que ella declare um caminho de ferro mal construido, uma taxa d'imposto alta, uma fiscalisação aduaneira abusiva, pr'a lhe vasarmos da metropole o oiro que iremos pedir d'emprestimo, e que assim reverterá a obras de que nem sequer seremos usufructuarios!

Teremos por consequencia a Africa oriental portugueza defraudada em metade da sua area, segundo uma fronteira que recorta para dentro da terra ingleza, jazigos auriferos, florestas e terras ferteis, e que fragmenta estados de proposito p'ra bem mostrar aos chefes, em pouco tempo, a desproporção de riqueza e d'actividade das duas potencias occupantes— o que necessariamente nos porá em cheque, ante os indigenas. E quanto á porção de terra que nos fica, cerceal-nol-a-hão não só nos lucros, como tambem no livre exercicio da nossa soberania. Com o porto franco do Chinde, o Zambeze livre, e o caminho de ferro inglez além de Tete, todas as mercadorias inglezas transitarão sem taxa d'especie alguma: e por que o transcurso seja extenso, e a fiscalisação aduaneira impossivel, o contrabando inglez ao longo da nossa margem, será inevitavel—coisa tambem a dar-se co'as mercadorias que tomem a via ferrea de Pungue. Mas á socapa ou ás escancaras, sem pagar direitos ou pagando-os insignificantes, o certo é que o novo regimen commercial de Moçambique arruinará completamente a iniciativa portugueza, e que todos os caminhos abertos, todos os encargos

cumpridos, não ficará a Portugal nem cinco réis das suas rendas da metropole, que elle haverá gasto a aplanar caminho aos fanqueiros de Manchester, e ás fundições e forjas de Ginby.

— O novo regimen commercial de Moçambique, dizia eu, devendo antes accrescentar: de toda a nossa Africa. Porque esse tratado impõe a liberdade de commercio ás duas possessões, e a nivelação dos respectivos impostos, quaesquer sejam, á mesma percentagem magra que dissémos. Angola, que sob o ponto de vista d'esse convenio, nada tinha a vêr com Moçambique, Angola, colonia florente e riquissima, quazi um imperio, *(a)* onde a industria por-

---

(a) «..... Sob o ponto de vista economico, em relação com a metropole, a provincia de Angola sobrecarrega o orçamento do Estado com a verba de réis 1.250:615$320; as suas receitas elevam-se a 887:497$000 réis, do que resulta um *deficit* de 363:118$320 réis. As receitas são impostos directos 79:216$000 réis, indirectos 750:449$000 réis, rendimentos proprios e diversos réis 33:002$000, rendimentos com applicação especial réis 24.830$000.

Para se apreciar a importancia commercial d'esta provincia, basta dizer que na verba de impostos directos in-

tugueza campeava, e por toda a banda começavam a prosperar mercados e povoações de caracter exclusivamente nosso, tambem ella será invadida de todas as bandas pelo commercio livre, e inglezada a galope pelo missionario escocez, que é ao mesmo tempo padre, intrigante politico, e caixeiro viajante. *(b)* Por-

---

clue-se o rendimento da alfandega, com a cifra de réis 740:370$000.

Com relação á provincia de Moçambique as despezas elevam-se a 1.267:258$801 réis, as receitas a 607:996$000 réis, o *deficit* é de 659:262$801 réis.

As receitas provéem de: impostos directos 67:873$000 réis, indirectos 358:495$000 réis, rendimentos proprios e diversos 106:452$000 réis, com a applicação especial réis 75:176$000. A importancia commercial d'esta provincia aprecia-se pelo rendimento aduaneiro, que é de réis 353:606$000.

Por aqui se vê que o encargo para a metropole, proveniente d'estas duas provincias é de 1.022:381$120 rs.»

(O Seculo, 25 d'agosto.)

(b) «..... Para a Angola voltavam muitos as esperanças futuras da industria portugueza, contando que desde o dia em que houvesse tino e espirito practico na administração, a nossa Africa occidental poderia ir tornando-se o que foi até ao primeiro quartel d'este seculo, o Brazil.

Pois essas esperanças hão-de abandonal-as todos, des-

tugal ficará assim de braços atados deante d'essa espoliação monstruosissima, filha da imbecilidade e da má fé, adiccional de Methuwen armado em escriptura de doação das nossas ultimas courellas d'alem-mar. Lá onde o producto inglez entrar, e o agente escocez armar pulpito ou escola, teremos a industria nacio-

---

de que o tratado franqueia aos inglezes o commercio e a navegação do interior de Angola, em paridade inalteravel com os nacionaes; e desde que Angola confina com a bacia commercial do Zaire, onde, pelo tratado de Berlim, o commercio é franco.

Alfandegas interiores não as podemos estabelecer. E por essa fórma as mercadorias inglezas, subindo o Zaire em franquia, irão entrar em Angola por Malange, sem pagarem direitos, e tornando impossivel a concorrencia da importação por Loanda. O caminho de ferro de Ambaca, em vez de descer productos agricolas sertanejos, descerá fardos de algodão, agoardente, e ferragens.

Era uma vez o rendimento das alfandegas de Angola! E era uma vez o desenvolvimento industrial da provincia!»

(*O snr. O. Martins*, no *Tempo*, 23 d'agosto.)

«..... Já previamos que o artigo 8.º do tratado anglo-allemão, havia de ser invocado para defender o condominio estabelecido em toda a Africa portugueza.

Os jornaes governamentaes escondem que as clausulas do artigo 8.º, só se applicam, porém, aos *territorios incluidos na bacia commercial do Zaire*, a que o tratado de

nal em derrota, e em absoluto risco de morte o nosso prestigio e o nosso credito. Não poderemos beneficiar com um direito proteccionista, este ou aquelle districto, este ou aquelle artigo. Porque apezar d'estarmos em nossa casa, o inglez não deixa! Não poderemos crear mercados nossos, vulgarisar productos nossos,

---

Berlim antecipadamente garantira o regimen de livre exploração internacional. Dos nossos dominios na Africa occidental, o districto do Zaire e uma pequena parte na antiga provincia de Angola, estão n'esse caso.

Portanto, o famoso artigo 8.º apenas consagra um direito anterior, para mais clara resalva de que nas suas proprias colonias, fóra d'esses territorios, cada qual, tanto inglezes como allemães, ficam com o direito de fazer o que quizerem.

Pois é esse direito que nós cedemos a beneficio da Inglaterra, patenteando Angola á propaganda religiosa e á concorrencia commercial dos inglezes; passando uma esponja por sobre os esforços por vezes heroicos dos nossos missionarios, e decretando a ruina do commercio de Lisboa, no proprio momento em que acabamos de votar o encargo annual de 500 contos para subsidio da navegação da Africa oriental, que mais valera ter-se abandonado, e da Africa occidental, agora exposta ás causas que produziram a ruina de Moçambique!

Depois como se concilia a obrigação de não estabelecer privilegios nem protecções na navegação dos lagos,

dar vazante a coizas da nossa industria. O inglez não deixa! Hemos de construir a viação por aquelle traçado, e não por este, porque o inglez não deixa! Hemos d'educar a nossa mocidade fóra da religião que o Estado se adopta na metropole, soffrer que em nossa casa o protestante nos infame á vista de nossos filhos; e que o estrangeiro nos explore as necessidades, nos sobrecarregue co'as despezas, nos mine a terra, nos amachuque o orgulho, e nos emporcolle a tradicção! *(c)* E tudo isto porque o inglez não deixa, e sempre porque o inglez não deixa!

---

portos e rios, com a vigencia da concessão de 18 de outubro de 1876, que deu ao banco Ultramarino o exclusivo da navegação do Quanza? Vamos ter novas indemnisações que liquidar?...»

(O mesmo, no *Tempo,* 24 d'agosto.)

(c) Um negociante longo tempo exilado nas margens do Nyassa, me referiu que as missões escocezas teem todas funccionarios que fallam portuguez correctamente, visto ser esta a lingua que os negros consideram branca, e a unica em que os nossos inimigos podem desacreditar-nos, em termos de serem cridos. Em cada missão, escola, ou posto de propaganda anglicana, o miseravel encarregado do papel de carrasco, o que põe anjinhos, dá vergastadas, algema, mata, tem o nome generico d'*o portuguez*.

Tal é o tratado anglo-luso de 20 d'agosto, nas suas grandes linhas diffusas, estas escolhidas ainda assim entre as que o governo julgou mais favoraveis á captação da sympathia publica. O que seja nos seus detalhes esta incondicional abdicação da nossa soberania em Africa, este testamento do que foi o primeiro paiz colonial do mundo, breve os leitores verão a toda a luz. E por mais que se houvesse previsto o desastre, por mais que tivessemos a recear da astucia ingleza, enfreando ao seu despotico egoismo a imbecilidade provada d'um ministro, e a ignorancia geographica d'um embaixador, nunca a cachexia portugueza fez conta com tamanho roubo, nunca o nosso abatido orgulho esperou tão grande coice! O rebaixamento a que uma viciada educação levou a intelligencia portugueza, incapacitando as massas de reagir, e entregando o poder ás mãos da pedanteria irresponsavel, leva a nossa fortuna a esta fallencia, compromette-nos o futuro por esta villanagem. Na parte que tomassemos na obra de civilisar os povos vir-

gens, estaria, todos o sabem, a garantia unica da nossa futura independencia, porque o mundo olharia para nós enternecido pelo desinteresse da nossa cruzada, e cercaria de respeito este nobilissimo povo, que embora pequeno e perseguido, ha quatro seculos não faz senão continuar por longinquas regiões, uma obra de civilisação pacifica e humanitaria. Agora tudo se foi. A herança historica, liquida-a no meio da indifferença geral, d'antemão preparada á força de leis repressivas e d'exemplos cynicos, um estupido furriel da diplomacia indigena, um banalissimo e grotesco charlatão da arlequinada monarchica, reles como a instituição d'onde procede, infimo como o apostolado politico que o investiu da áuctoridade. A audacia dos seus avisos anteriores no parlamento, deixava vèr de resto, pela estulta farofia, o nenhum folego cerebral que elle trazia appenso ás responsabilidades d'uma tal negociata. Não trepidou um instante este homem, a quando interpellado sobre a marcha das negociações: tudo era nos prometter magnificas regalias coloniaes, delimitações de fronteiras jámais ambicionadas, e affirmar *que a menos que lhe não pedissem a lua,* os mais in-

transigentes, tratado findo, viriam a seus pés render-lhe preito. O miseravel! Vende o seu paiz como um cigano, compromette territorios estranhos á pendencia, algema de pés e mãos toda a iniciativa, fecha a porta a quaesquer negociações que tergiversem das bases humilhantes em que as suas poisam; e d'uma assentada escravisa-nos, prevendo que nenhum de nós ousará pendural-o por um baraço, ao lampeão da esquina proxima! Ah o tratado passa, Portugal enfeuda-se todo, na Africa como na India, á Gran-Bretanha: mas é necessario fazer pagar cára esta bambocha, abrir aos negociadores uma sepultura d'infamia, cobrindo-a com todo o esterco dos esgotos, e escarrando-lhe em cima as vaias de todas as obscenidades e de todas as afrontas. Impudente canalha, o mundo é vosso! Quem podera instillar-vos em martyrio physico, gotta a gotta, a pavorosa avalanche dos males que causaes!

27 d'Agosto.

Sob o titulo de *manifestação patriotica,* noticia o **Seculo** que alguns cavalheiros, em signal do seu grande pezar pelo tratado, tinham ido pedir licença para cobrirem de crépe a estatua de Camões.—A parodia réles que começa!

Ora no governo civil recusaram licença aos cavalheiros, que juntando então ao seu desgosto, a colera de o não poderem manifestar publicamente, resolveram recolher com o rabo entre as pernas, e a mais nobre grandeza d'animo, aos seus tugurios.

Estes cavalheiros todavia merecem-me, antes que se recolham, uma pequena moção de chufa e d'assobio, não por elles, que devem ser uns tristes bonifrates, mas pelo grupo numeroso que os envia, n'uma hora d'irreparavel angustia, a especular c'os bronzes gloriosos. Estes cavalheiros, que em boa justiça não passam d'uns merdas, acephalos na sua chochice romantica, grotescos na sua preoccupação *d'epatant,* representam nada menos do que o estado circulatorio e nervoso de Portugal, perante questões que lhe põem em risco

os mais sagrados interesses, sem conseguirem por isso forçal-o á comprehensão dos deveres correlativos.

O rasgo theatral que levou Eduardo d'Abreu a revestir de preto o homem dos *Luziadas* e todo o circuito de hervas que lhe guarda o monumento, e que a 13 de Janeiro podia talvez valer como explosão da patria portugueza, ameaçada pelos carrascos ruivos do Tamisa, macaqueado em Agosto, por uma tropa de chalreadores ignaros e inoffensivos, quando a expoliação africana se consumma, e a ameaça se converteu em reprezalia de facto, apenas lograria acirrar desprezo, no espirito dos que alguma vêz quizeram illudir-se, chamando ressurreição á berraria das ruas, e nobre povo á canalha cobarde que vae ladrando e fugindo, como os cães. Porque a verdade é esta: tirante uma dezena de pessoas, ninguem seguiu do conflicto senão a parte... policial. Classes cultas e classes ignorantes, passaram todas pela questão sem curiosidade estudiosa, criterio armado, ou effervescencia filha d'um tumulto de sangue generoso.

Ao rebentar o conflicto, no proprio ministerio, apenas o ministro dos estrangeiros co-

nhecia a posição dos terrenos litigiados. A ignorancia do parlamento era pelo menos o dobro da do publico, havendo deputados que punham o Chire na India, e antigos páres do reino que localisavam a Mashona, approximadamente na peninsula de Macau. Para estudar a questão, lá dentro, como cá fóra, a mesma impossibilidade anarchica e fatigante. A nossa biblioteca colonial está toda por fazer, nos relatorios dos governadores do ultramar, que ninguem lê, e no archivo do ministerio da marinha, impossivel de consultar por falta de guia e falta de catalogo. Sonhámos offerecer á civilisação um grande imperio negro, que á semelhança do Brazil fallasse a nossa lingua, e honrasse o nosso orgulho; mas ahi está o plano colonisante a sonegar a seriedade do nosso intento, e a fazer rir o estrangeiro da nossa puerilidade. Algumas travessias africanas de caracter platonico, algumas concessões de terreno a companhias formadas p'ra fazer *chantage* c'os previlegios obtidos, governadores tirados d'entre os officiaes cheios de dividas, secretarios geraes feitos d'antigos vagabundos da Arcada e da Havaneza, obras ephemeras, caminhos de ferro ao acaso, e eis ahi tudo

quanto o famoso *imperio colonial* tem inspirado até hoje aos nossos ministros da marinha!

Tam pouco na educação do espirito publico, alguma vez se sentiu o proposito de qualquer preparo attinente a desviar d'elle a ideia de se ter a Africa feito só para degredados, e a convencel-o, por numeros e por factos, de que as colonias além de constituirem para os filhos da nação colonisante, uma segunda patria, são para os paizes pobres, se geridas com tacto, uma fonte perenne de riqueza, um balanceiro da vida laboriosa, e um fiador seguro da autonomia.

Pugnar por ellas, estudal-as, *entendel-as*, devia ser entre nós uma preoccupação de todos os instantes. Para as colonias deviam convergir todos os nossos luxos militares, para as colonias o nosso melhor pessoal administrativo. As obras publicas, o systhema de viação maritima e terrestre, as instituições de credito agricola, as companhias concessionarias de terras, o aproveitamento da tradicção migradora de certos portos do continente e

das ilhas, tudo isto devera ser estudado e debatido entre sociedades sabias e financeiras, entrar no programma das escolas, arcabouçado segundo as vistas d'um plano geral e practico, simples e forte, que uma vez posto a limpo, ministro algum deveria interromper nem falsear. E ha entre nós um nucleo sequer de trabalhos n'este sentido? É vêr o que se passa. Os ministros da marinha recrutados por via de regra entre os falladores microcephalos dos partidos. Um desapego absoluto por territorios que a Europa inteira nos cobiça. Ignorancia geral das riquezas minereas e florestaes das nossas colonias. Nenhuns estudos regulares de problemas que directamente poderiam interessar a colonisação. Nas escolas, nem uma cadeira de colonias.

O estudo da Geographia e da historia geral, enchendo a mioleira dos rapazes com mezes e mezes de vida romana e grega, guerras punicas e considerações sobre Mahomet, e insistindo sempre em lhes conservar fechada a geographia e a historia d'Africa, unicas que n'este momento deveriam merecer a attenção da nossa mocidade. As raras publicações africanistas que temos, são ephemeras coizinhas

sem criterio propagandista, nem sciencia séria, nem observação digna de credito. Basta ver, as narrações dos exploradores: salvo um ou outro, é a basofia pessoal dando o braço á ignorancia phantasista. O resultado d'esta miseria é flagrantissimo. O tratado anglo-luso que rouba a Portugal metade dos territorios por elle descobertos e mantidos, desde seculos, enfeudando o resto infamemente á cupidez do saxão pratico, apenas logra inspirar aos jornaes, discussões pallidas, politiquices baixas, esterco. O *Jornal do Commercio* e o *Economista* defendem-no d'est'arte: o tratado é bom, porque podia ser muito peor. Chagas, a poupa desrabada das espiritualidades folhetinescas, escaramuça por elle com o seu conhecido humor jovial de menino gatoso *(enfant gaté)* á guiza de concluir que quem tem a culpa é o snr. Barros Gomes. E a turba-multa de Janeiro, que nas ruas dizia em voz alta — *nós queremos!* — entre morras á Inglaterra e vivas á republica; a turba-multa que se intitulava a si propria o *Portugal d'ámanhã,* fingindo enthusiasmos que não tinha, bravuras que pedira á digestão, e odios que só serviam para lhe dar ares — essa turba feita d'escólas e

d'officinas, de populares e de sòldados, fermento de revolta, primavera de patriotismo, aurora d'um dia novo, essa turba onde é que pára? Dispersou-se aos apitos da policia e aos pontapés da guarda municipal, tem medo do *Africa,* e deixa os comicios p'ra quando a rolha do Lopo Vaz tenha mais póros. E como tudo lhe seja indifferente, a Inglaterra e a Africa, o futuro do paiz e o tratado, a republica e o rei—quem tudo isto defenda ou quem tudo isto vergaste—e como á suadeira de fazer a revolução com um tempo d'estes, acresça o perigo de se perder o anno ou de se perder o logar, tóca a fazer as coizas com prudencia, por modos que os jornaes nos chamem patriotas sem os policias nos levarem catrafilados. Eis o motivo porque firmada hoje a expoliação d'Africa, que em simples projecto tanto fizera pinchar a mocidade, não ha effervencia d'espiritos, nem delirantes tumultos nas ruas, nem caça aos inglezes retardados. O amor da patria aguou-se de reflexão encanecida, e as *commissões patrioticas* quando querem arvorar nas estatuas o crépe do protesto, e esfuriar por elle a revindicta do povo, vão primeiro de chapeu na mão, pedir licença à

auctoridade. Por consequencia ainda bem que o Paço d'Arcos se recusou a servir a macacaria projectada.

O acto era tão réles, que a propria estatua babujaria escarneo contra os cobardes que ousassem revestil-a de novo. E quem sabe se a ouviriamos dizer com voz troante, afrontando da sua peanha altiva, o batalhão dos tropegos manifestantes:

—Eh patriotas de lama, abri os guardas-chuvas! Quero mostrar-vos, cafila, como é que o meu patriotismo... entende o vosso!

LPor
F438g

153064

Author Filho D'Almeida, José Valentin

Title Os gatos, No. 2, Março a Junho de 1890.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
Under Pat. "Ref. Index File"
Made by LIBRARY BUREAU